

HENRY  
H. NEFF

A Tapeçaria



ACADEMIA  
DE ROWAN



PRUMO

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Henry H. Neff

# A Tapeçaria

ACADEMIA  
DE ROWAN



ESCRITO E ILUSTRADO POR - HENRY H. NEFF

Tradução  
Angela Milin

PRUMO



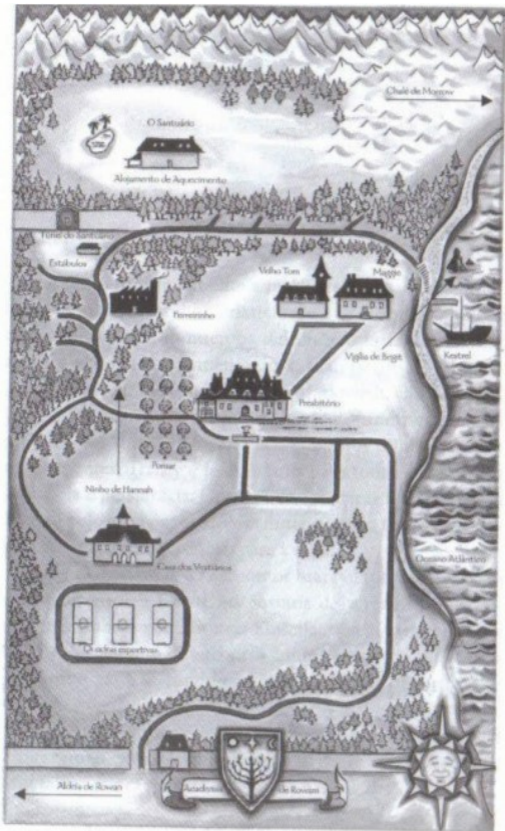




## SUMÁRIO

1. O Menino, o Trem e a Tapeçaria
  2. Três Suaves Batidas
  3. Hora de Escolher
  4. O Voo para Rowan
  5. Velhos e Novos Males
  6. O Último Ly mirill
  7. Casa Cheia
  8. Novo e Estranho
  9. Uma Maçã Dourada no Pomar
  10. A Corrida
  11. Halloween
  12. Prisões Secretas
  13. Um Violino
  14. Conhecendo as Vyes
  15. Visitantes Inesperados
  16. Novo Residente em Rowan
  17. O Sabujo de Ulster
  18. Contrabandistas no Atlântico Norte
  19. A Cripta de Marley Augur
  20. Pai e Filho
- Agradecimentos

## MAPA DA ACADEMIA DE ROWAN







\*~\* 1 \*~\*

### **O MENINO, O TREM E A TAPEÇARIA**

Max McDaniels encostou a testa na janela do trem e acompanhou algumas nuvens de tempestade a correr pelo céu amarelo. Com uma batida suave, a chuva começou a listrar o vidro, e o céu escureceu como uma escoriação. Enfumaçando a janela, Max piscou para o próprio reflexo aquoso no vidro. Este lhe piscou de volta: um menino de olhos escuros e cabelo preto, com as maçãs do rosto ossudas de sua mãe.

A voz do pai retumbou a seu lado; Max virou-se no assento. - De qual você gosta mais? - perguntou o pai, com um sorriso

entusiasmado.

Segurava um par de anúncios lustrosos com os dedos grossos olhou as propagandas, a vista pousando na imagem de uma mulher elegante à pia de uma cozinha, com a cabeça voltada para trás, animada.

- Não desse - disse ele. - É seboso demais.

O rosto largo e sorridente do sr. McDaniels murchou. Grande como um urso, o pai de Max tinha olhos azul-claros e um queixo fundo que formava uma covinha.

- Não é seboso - protestou, olhando de esguelha para o anúncio e alisando o topete de cabelo castanho, que ia ficando ralo. - O que ele tem de seboso? - Ninguém fica tão feliz lavando prato - disse Max, apontando a mulher radiante com os braços na espuma até os cotovelos. - E ninguém lava prato de vestido chique...

- Essa é a questão - interrompeu o pai, sacudindo o panfleto. - Ambrosia é o primeiro supersabão para louça. Uma espuma celestial, tão macia que pode ser usada na banheira, mas forte o bastante para... Max enrubesceu.

- Pai...

O sr. McDaniels fez uma pausa longa o suficiente para ver os outros passageiros olhando-os, curiosos. Com um muxoxo, tornou a enfiar os anúncios na capa de chuva, enquanto o trem fazia uma parada temporária na periferia da cidade.

- Não está tão ruim - disse Max, confortando-o. - Talvez diminuindo a quantidade de dentes do sorriso dela...

O sr. McDaniels riu e deslizou seu traseiro amplo pelo assento para apertar o filho. Max recuou, enquanto mais gente subia no trem, sacudindo os guarda-chuvas e os cabelos molhados dos olhos.

Um trovão sacudiu o vagão, e o trem tornou a se mover. Os passageiros deram gritos e risadas quando a cabine ficou escura. Max apertou o braço do pai, e as luzes amarelas do trem piscaram, voltando lentamente à vida. A chuva caía com mais força agora que se aproximavam do centro de Chicago. Um horizonte de aço e tijolo despontava em nítido relevo contra a tempestade de verão.

Max ainda ria quando viu o homem.

Estava sentado do outro lado do corredor, na fileira atrás da deles, pálido e desganhado, com o cabelo preto curto ainda molhado da chuva. Parecia exausto, e as pálpebras tremiam. Cabisbaixo, dentro do casaco sujo, articulava palavras sem som, de encontro à janela.

Max se virou um instante, querendo ver melhor. Prendeu a respiração.

O homem olhava para ele.

Imóvel, mirava Max com um par de olhos surpreendentemente descombinados. Enquanto um olho era verde, o outro luzia úmido e branco como um ovo cozido. Max tornou a olhá-lo, hipnotizado. Dava a impressão de uma coisa cega, morta - coisa de pesadelo.

De algum modo, porém, Max sabia que aquele olho não era cego nem estava morto. Sabia que estava sendo estudado por ele - avaliado da mesma maneira como sua mãe costumava examinar uma taça de vinho ou uma fotografia antiga. Captando o olhar de Max, o homem soltou a cabeça do vidro e vagarosamente a virou na direção do corredor. O trem entrou num túnel, e o vagão ficou escuro. Um calafrio de medo tomou Max. Ele enterrou o rosto no casaco quente do pai. O sr. McDaniels se queixou, deixando cair no chão vários folhetos de produtos. O trem desacelerou numa parada e Max ouviu a voz do pai.

- Está dormindo em cima de mim, Max? Junte as suas coisas. Chegamos, garoto.

Max ergueu os olhos e viu que o vagão estava iluminado e os passageiros dirigiam-se a passos curtos até as portas. Seus olhos dardejaram de cara em cara. Não se via o homem estranho em lugar algum. Enrubescido, Max apanhou seu guarda-chuva e o caderno de desenho e correu atrás do pai.

Na estação, uma multidão fervilhava indo e vindo das plataformas. Vozes saíam de alto-falantes; consumidores de fim de semana zanzavam por ali com sacolas e filas de crianças. O sr. McDaniels conduziu Max escada rolante abaixo, rumo à saída. A chuva tinha parado, mas o céu continuava ameaçador, e jornais passavam em redemoinho pela rua em surtos repentinos de voo. Chegando a uma fileira de táxis amarelos, o sr. McDaniels abriu a porta de um e se pôs de lado para Max poder entrar e deslizar pelo longo assento de vinil. - Instituto de Arte, por favor - disse o pai.

Max esticou o pescoço, no esforço de avistar o topo dos arranha-céus enquanto o táxi se dirigia para leste, rumo ao lago. - Pai - falou Max -, você viu

aquele homem no trem? - Que homem?

- Ele estava sentado do outro lado do corredor, na fileira atrás de nós - respondeu Max, estremecendo.

- Não, acho que não - disse o pai, tirando uns fiapos da capa de chuva. - O que tinha ele?

- Eu não sei. Ele dava medo e ficou olhando para mim. Parecia que ia dizer alguma coisa ou chegar perto antes de entrarmos no túnel. - Bem, se ele ficou olhando para você, provavelmente foi porque você estava olhando para ele - disse o sr. McDaniels. - Você vai ver tipos diferentes de pessoas na cidade, Max.

- Eu sei, pai, mas...

- Não se pode julgar um livro por sua capa, você sabe. - Eu sei, pai, mas...

- Aquele cara do meu escritório, por exemplo. Um garoto novo, ainda cheirando a leite... Pois no meu primeiro dia de trabalho vejo esse garoto na máquina de café com o olho pintado, um harpão enfiado no nariz e música aos berros saindo pelos fones de ouvido...

Max olhava para fora da janela do táxi enquanto o pai tornava a contar uma história familiar. Finalmente, Max entreviu o que procurava: dois altos leões de bronze, orgulhosos, ladeando a entrada do museu. - Pai, o Instituto de Arte.

- Isso mesmo. Ah, antes que eu me esqueça - disse o sr. McDaniels, virando-se para Max com um sorriso triste no rosto largo -, obrigado por ter vindo comigo hoje, Max. Fico satisfeito. A sua mãe, também.

Max concordou solenemente e deu um forte aperto na mão do pai. Os McDaniels sempre celebravam o aniversário de Bryn McDaniels com uma visita ao museu favorito dela. Apesar do desaparecimento de sua mãe, há mais de dois anos, Max e o pai mantinham a tradição.

Dentro do instituto, perguntaram a uma jovem de crachá onde poderiam encontrar alguns dos artistas favoritos de Bryn McDaniels. Max ouviu o pai disparar nomes, num pedaço de papel: Picasso, Matisse e Van Gogh saíram com facilidade, mas ele fez uma pausa quando chegou ao último.

- Gal..gin? - perguntou, contorcendo a cara e interrogando o papel. - Gaguin. É um artista maravilhoso. Acho que vão apreciar, trabalho dele

- disse a mulher, abrindo um sorriso e os encaminhando a uma grande

escadaria de mármore que levava ao segundo andar.

- A sua mãe com certeza conhece todos os nomes. Eu não tenho cabeça para isso, não importa quantas vezes eu venha aqui...

O sr. McDaniels riu e bateu com o mapa do instituto no ombro de Max. As galerias do andar de cima eram cheias de cor: grandes rolos de tinta em

grossas camadas sobre telas e cartão. O sr. McDaniels apontou para uma grande pintura de pedestres numa rua chuvosa de Paris. - Aquele se parece um pouco com hoje, hein? - A chuva, sim, mas para parecer ele você teria que acrescentar um bigode e um chapéu - brincou Max, indicando com os olhos uma figura na frente. - Eu, hein... Eu costumava usar bigode. A sua mãe me obrigou a raspá-lo quando começamos a namorar.

Algumas imagens dominavam paredes inteiras, enquanto outras se aninhavam em pequenas molduras douradas. Eles passaram cerca de uma hora indo de uma pintura a outra, com o cuidado de passar mais tempo diante das favoritas da sra. McDaniels. Max gostou em particular de um Picasso em que um velho curtido segurava uma guitarra. Estudava a pintura quando ouviu o pai exclamar, atrás:

- Bob? Bob Lukens! Como você vai?

Max se virou e deparou com o pai bombeando o braço de um homem magro de meia-idade num suéter preto. Uma mulher o acompanhava, e os dois sorriam hesitantes enquanto o sr. McDaniels os cercava. - Oi, Scott. Que bom vê-lo - disse o homem, com educação. - Querida, este é Scott McDaniels. Ele trabalha na conta da Irmãos Bedford.

- Ah, que surpresa. É um prazer conhecê-lo, Scott. - Eles mudam a sua opinião a respeito de sopa! - trovejou o sr. McDaniels,

disparando um dedo na direção do teto.

A sra. Lukens deu um pulo e deixou cair a bolsa. - Imagine um dia de inverno - continuou o sr. McDaniels, abaixando-se

para recuperar suas coisas, enquanto ela recuava um passo, postando-se atrás do marido. - Seu nariz está escorrendo, o vento sopra, e tudo o que você tem na despensa para lhe aquecer o estômago é aquela velha sopa enlatada, sem gosto. Pois bem, sopa nenhuma é sem gosto na Irmãos Bedford! Tarecos crocantes para comer com sopa! O formato redondo e —crocância!

inigualável fazem a sopa sair dançando jazz, e as suas papilas gustativas agradecem!

O sr. McDaniels levou a mão à testa e bateu continência. 'Iis teve vontade de voltar para casa.

O sr. Lukens sorriu.

- Cheguei a dizer que o Scott é um fanático, querida? A sra. Lukens aventurou um sorriso enquanto o sr. McDaniels lhe apertava a mão. Este, depois, voltou-se para Max.

- Max, eu gostaria de lhe apresentar o sr. e a sra. Lukens. O sr. Lukens é o diretor da minha agência. O chefão. O Max e eu estamos aqui para tomar uma injeção de cultura, não é? Max sorriu com nervosismo e estendeu a mão para o sr. Lukens, que a apertou calorosamente.

- Prazer em conhecê-lo, Max. É bom ver um jovem deixar de lado os jogos eletrônicos e a MTV! Viu alguma coisa que tenha gostado?

- Gosto deste Picasso - respondeu Max.

- Eu também sempre gostei dele. Você tem bom olho... O sr. Lukens lhe deu um tapinha no ombro e voltou a se virar para o sr.

McDaniels.

- Eu ia pedir ao seu filho que comparasse o Picasso com um dos meus quadros favoritos, mas ele desapareceu, infelizmente. - Com o assim? - perguntou o sr. McDaniels. - Era uma das três pinturas roubadas daqui na semana passada - disse o sr. Lukens, franzindo as sobrancelhas. - Os jornais dizem que mais duas foram roubadas do Prado esta noite.

- Oh! - exclamou o sr. McDaniels. - Que terrível! - É terrível mesmo - disse o sr. Lukens, em tom conclusivo, novamente olhando para Max. - Traga o Max ao escritório qualquer dia desses, Scott. Eu tenho uma cópia impressa da minha favorita que sumiu. Vamos ver se Rembrandt é capaz de falar mais alto que Picasso! - Vamos sim, vamos sim - disse o sr. McDaniels, rindo e ajoelhando-se, para ficar da altura de Max.

- Ei, companheiro - disse ele, com uma piscadela. - O papai tem que falar um pouco de negócios, e não quero fazê-lo chorar de tédio. Que tal ir fazer uns esboços daquelas armaduras de lata que você e a sua mãe costumavam

desenhar? Encontro você lá embaixo, na livraria, daqui a meia hora. Tudo bem?

Max fez que sim e se despediu dos Lukens, que de imediato encolheram diante do vulto de Scott McDaniels, a gesticular de forma selvagem. Agarrado ao caderno de desenho e ao lápis, Max desceu o saguão, silenciosamente agitado pelo fato de o pai nunca deixar passar uma oportunidade de falar de negócios, nem mesmo no dia especial de sua mãe.

A galeria das armaduras estava mais escura que as outras. Os artefatos cintilavam suavemente atrás dos vidros limpos. Havia menos gente, e Max ficou feliz ao constatar que poderia fazer os desenhos em relativa paz e silêncio. Andava devagar seguindo uma corda de veludo, parando para examinar um arco aqui, um cálice ali. Nas paredes havia todo tipo de arma: clavas de ferro preto, machados com lâminas largas e longas espadas. Parou diante de um mostruário de cetros cerimoniais, quando avistou exatamente o objeto certo para esboçar.

A armadura era enorme. Deixava as vizinhas de cada lado parecendo anãs. A prata brilhava no interior da larga vitrina. Max se deslocou para o outro lado, inclinando a cabeça a fim de obter uma visão melhor do capacete no alto. Vários minutos depois, tinha feito um esboço da figura na página.

Enquanto Max lutava para desenhar a elaborada placa peitoral da armadura, uma movimentação no extremo do salão lhe chamou a atenção. Max espiou através da vitrina e quase ficou sem respiração.

O homem do trem estava ali.

Agachando-se, Max observou o homem - era mais alto que o guarda - na entrada da galeria. Ele fazia gestos rápidos, de cortar, com a mão. Os movimentos aceleravam à medida que aumentava seu tom de voz.

- Desta altura - cuspiu ele, com um sotaque do Leste Europeu. Mantinha a mão espalmada mais ou menos na altura de Max. - Um menino de cabelo preto de uns doze anos, com um caderno de desenho.



O segurança dava as costas para a soleira da porta e olhava o homem

de cima abaixo. Pôs-se a procurar seu rádio. O homem do trem, então, inclinou-se, aproximando-se do guarda, e lhe disse alguma coisa. Max não conseguiu ouvir. Na mesma hora, o segurança assentiu com a cabeça e dobrou o polegar gordo por sobre o ombro, na direção das armaduras, onde Max se escondia.

Apavorado, Max esquadrinhou o ambiente e notou uma entrada escura bem à sua direita. Uma corda de veludo a atravessava, e havia uma placa informando: EM MANUTENÇÃO - FAVOR NÃO ENTRAR.

Ignorando o aviso, Max se abaixou, passou pela corda e sumiu dobrando a esquina. Rígido, encostou-se à parede e esperou que seu esconderijo fosse descoberto. Nada aconteceu. Longos segundos se passaram até Max se dar conta de que deixara o caderno de desenho na outra galeria. Uma onda de pânico se abateu sobre ele; com certeza o homem o veria e adivinharia onde Max estava escondido.

Passou-se um minuto, seguido de outro, e outro. Max ouviu os passos e a conversa casual das pessoas na galeria. Espiou do canto. O homem tinha ido embora - junto com o caderno de desenho de Max. Desanimado, Max imaginou seu nome e seu endereço meticulosamente escritos a lápis na parte de dentro da capa. Levantou a cabeça e lançou um olhar desesperançado pela sala que o havia abrigado.

Era surpreendentemente pequena para uma galeria. O ar estava abafado e havia na sala uma suave luz âmbar. O único objeto ali dentro consistia em uma tapeçaria em farra e suspensa na parede do outro lado. Max piscou. Estranhamente, a luz difusa se desprendia da tapeçaria. Ele se aproximou. A peça devia ser antiga. O sol e os séculos haviam solapado sua cor: tudo o que restava eram faixas manchadas e esmeçadas de ocre. Mas, conforme se aproximava, Max notou sugestões tênues e correntes submersas de cor sob a superfície pesada, áspera.

Seu estômago começou a arder como se tivesse engolido um punhado de abelhas. Os cabelinhos do braço ergueram-se um por um, e Max permaneceu imóvel, respirando com dificuldade.

Um fio irrompeu em ouro brilhante. Max soltou um grito e deu um salto para trás. O fio brilhava como fogo, fino e delicado como seda de aranha.

Vibrava feito corda de harpa, emitindo uma única nota musical que reverberava pela galeria até se apagar no silêncio. Max tornou a olhar para a entrada. Visitantes continuavam a andar por ali, mas pareciam muito distantes e indiferentes a pequena galeria, seu solitário ocupante e sua estranha tapeçaria.

Mais fios tomaram vida, pinçados de seu sono num coro crescente de luz e música. Alguns surgiam individualmente, num repente de luz e som; outros emergiam juntos, harmoniosamente tecendo prata, verde e ouro. Pareceu a Max que, tendo tirado a poeira de um instrumento alienígena, este agora retomava uma estranha canção esquecida. A canção ficou mais rica. Quando o último fio cantou, tomando vida, Max teve um súbito ataque de dor. A dor era mais aguda que a de uma alfinetada e era causada por algo fundo dentro dele.

Esse algo estivera com Max desde sempre. Era uma presença oculta, imensa e selvagem, e Max tinha medo dela. Por toda a sua vida lutara com grande dificuldade para mantê-la emparedada lá dentro. O esforço lhe causava dores de cabeça, inclusive por períodos insuportáveis que duravam dias. Max entendeu que esses dias chegaram ao fim quando sentiu que a presença havia se libertado. Afinal desacorrentada, lentamente atravessou sua consciência, deslizando; depois, soou no fundo de seu ser, remexendo os sedimentos.

A dor se acalmou. Max respirou fundo enquanto lágrimas corriam livres em riachos quentes, descendo por seu rosto. Ele escovou a superfície da tapeçaria com os dedos.

A luz e as cores se deslocaram, formando padrões dourados entrelaçados que emolduraram três estranhas palavras a brilhar no alto:

### TÁIN BÓ CUAILNGE

No centro, abaixo dessas palavras, havia uma imagem lindamente tecida de um touro no pasto, cercado por dúzias de guerreiros adormecidos. Uma hoste de homens armados se aproximava a partir da direita; um trio de pássaros negros girava no céu, acima. De um morro próximo, a silhueta de um homem alto segurando uma lança d o m i n a v a a cena.

Os olhos de Max percorriam a imagem, mas sempre voltavam à figura escura no morro. Lentamente, a luz da tapeçaria ficou mais clara; suas

imagens tremiam e dançavam atrás de ondas de calor. Com cacofonia crescente, a tapeçaria entrou em radiante erupção, de tão quente e vivida. Max teve medo de que ela fosse consumi-lo.

- Max! Max McDaniels!

A sala voltou a ficar escura; a tapeçaria, pendurada na parede - pesada, feia, imóvel. Max recuou, confuso e assustado, e atravessou a corda de veludo, voltando à galeria medieval.

Ele viu a figura imensa do pai entre dois seguranças no extremo da galeria. Max gritou. Ao som da voz de Max, o sr. McDaniels correu para o filho.

- Graças a Deus! Graças a Deus!

O sr. McDaniels enxugava as lágrimas quando se abaixou para abraçar o menino.

- Max, em que lugar do planeta você se meteu? Estou procurando você faz duas horas!

- Desculpe, pai - disse Max, espantado. - Eu estou bem. Eu só estava na outra sala, mas não fiquei longe mais de vinte minutos.

- Do que você está falando? Que outra sala?

A voz do sr. McDaniels tremia enquanto ele espiava por sobre os ombros de Max.

- A que está em manutenção - respondeu Max, virando-se para apontar a placa.

Ele parou, começou a falar, parou de novo. Não havia porta, nem placa, nem corda de veludo.

O sr. McDaniels se voltou para os dois seguranças e deu um firme aperto de mão em cada um. Assim que os guardas se afastaram, o sr. McDaniels se ajoelhou, ficando na altura de Max. Seus olhos arregalados inquiriam. - Max, seja sincero comigo. Onde você esteve nas últimas duas horas?

Max respirou fundo.

- Eu estava numa sala daqui, desta galeria. Pai, eu juro, não fiquei lá tanto tempo.

- E onde fica essa sala? - perguntou o sr. McDaniels, desdobrando o mapa do instituto.

Max sentiu-se mal.

A sala da tapeçaria simplesmente não estava no mapa.

- Max... eu vou lhe perguntar só uma vez. Você está mentindo para mim?

Max olhou firme para os sapatos. Erguendo os olhos, encarou os do pai e ouviu a própria voz, baixa e trêmula:

- Não, pai. Eu não estou mentindo para você...

Antes que pudesse terminar a frase, o pai o empurrou na direção da saída. Várias meninas da idade dele riram e cochicharam, enquanto Max era arrastado, os pés deslizando, a cabeça baixa, pela porta do instituto afora e escada abaixo.

O único ruído que se ouviu durante a ida de táxi à estação de trem foi o do sr. McDaniels folheando rapidamente seus panfletos. Max reparou que alguns estavam de cabeça para baixo ou virados ao contrário. A chuva e o vento recomçavam quando o táxi desacelerou, parando próximo à estação.

- Não se esqueça de pegar as suas coisas - disse o sr. McDaniels num suspiro, saindo pelo outro lado.

A voz do pai soou cansada e triste. Max se sentiu desfalecer; achou melhor não compartilhar o fato de ter também perdido o bloco de desenho. Dentro do trem, os dois depressa se enfiaram numa cabine estofada. O sr. McDaniels entregou seu bilhete de volta ao condutor. Em seguida, recostou-se no assento e fechou os olhos. O condutor se dirigiu a Max.

- O bilhete, por favor.

- Está aqui - murmurou Max, indiferente, procurando pelo papel no bolso. O que encontrou, porém, foi um pequeno envelope. Ao ver seu nome claramente escrito, ficou paralisado.

Confuso, Max encontrou o bilhete no outro bolso e o entregou ao condutor. O garoto deu uma rápida olhada para o pai, a fim de se certificar de que ele continuava descansando, e examinou o envelope. A luz amarela quente, ele parecia amanteigado. As dobras do papel pesado convergiam nos cantos. Ele virou e revirou o envelope e prestou atenção à sedosa caligrafia azul-marinho.

Sr. Max McDaniels

A esta altura, o pai ressonava profundamente, e Max correu o dedo ao longo

da borda do envelope. Dentro, havia uma carta dobrada.

Caro sr. McDaniels,

Nossos arquivos registraram que o senhor se inscreveu como Potencial nesta tarde, às 15H37min, Horário Padrão Central, EUA.

Parabéns, sr. McDaniels. O senhor deve ser um jovem bastante notável, e estamos ansioso para conhecê-lo.

Um de nossos representantes regionais entrará em contato com o senhor em breve. Até lá, agradeceríamos seu absoluto silêncio e total discrição em relação a este assunto.

Com melhores votos,

Gabrielle Richter

Diretora executiva

Max leu o bilhete diversas vezes antes de guardá-lo no bolso. Sentia-se totalmente drenado. Não conseguia entender como a carta viera a estar em sua posse, muito menos o que era um "Potencial" e o que aquilo tudo tinha a ver com ele. Adivinhava que havia alguma ligação com a tapeçaria oculta e a misteriosa presença que agora vagava dentro dele, livre. Max olhou para fora da janela. Flechas brilhantes de luz do sol perseguiram rastros em feixes das nuvens de tempestade pelo céu a oeste. Exausto, encostou-se no pai e caiu no sono, com o misterioso envelope bem preso nos dedos.



\*~\* 2 \*~\*

### TRÊS SUAVES BATIDAS

Na manhã seguinte, Max bocejava, observando o pai meter um par de meias pretas numa pequena bolsa de viagem. Puxando o fecho, seu pai de repente soltou um grunhido e desceu devagar o corredor. Voltou um minuto depois com um punhado de cabos de televisão e controles de jogos eletrônicos.

- Não que eu não confie em você...

A bagunça emaranhada foi enfiada na bolsa, e esta, bem fechada. - O que eu vou fazer o dia inteiro? - gemeu Max. - Ficar no seu elemento é um castigo - resmungou o pai. - É você quem está bocejando. Fique à vontade para dormir o

dia todo. Max teve de admitir que aquilo não soava tão mal assim. Ele passara boa parte da noite espiando pela janela. A idéia de que o homem do olho morto pudesse ter seu nome e seu endereço e aparecer a qualquer momento o mantivera

ocupado até a madrugada. Com a luz do dia, porém, os temores pareciam tolos.

Mesmo assim, quando ouviu a buzina do táxi que chegara, Max sentiu uma necessidade súbita de contar ao pai do homem no instituto, mas engoliu as palavras. Aquela altura, ia parecer apenas que queria evitar o castigo. - Só vou ficar um dia fora - disse o pai, num suspiro.

O sr. Lukens dera ao sr. McDaniels a oportunidade de captar um novo cliente, de modo que estava de partida para um pernoite em Kansas City. - O número dos Raleigh está na geladeira. Eles estão esperando você para jantar, e você pode dormir lá. Comporte-se. Vejo você amanhã à tarde.

E com um peteleco na cabeça lá se foi Scott McDaniels. Max trancou a porta, e a curiosidade o fez voltar ao andar de cima para examinar a carta. Diversas leituras depois, ela continuava sendo um mistério. De pé, olhou pela janela, ouvindo o vento que balançava as árvores altas junto ao forte do quintal que construira com o pai. Quando seu estômago começou a roncar, Max finalmente deixou a carta de lado e desceu para fazer um sanduiche.

Enquanto descia a escada, viu uma sombra se mover por debaixo da porta da frente. Max parou ao ouvir três suaves batidas. Ficou imóvel, parado nos degraus, quando as batidas soaram outra vez.

- Olá? - uma senhora chamou. - Alguém em casa? Má? Max respirou. Não era o homem do instituto. Na ponta dos pés, dirigiu-se a

uma janela lateral e viu uma senhora mais velha, gordinha, segurando uma maleta e olhando o relógio. A bengala da mulher estava encostada na porta. Ao ver Max, ela abriu um sorriso radiante e acenou. - Oi. Você é Max McDaniels? Eu sou a sra. Millen. Acredito que você tenha recebido uma carta avisando que eu viria visitá-lo...

Max sorriu e retribuiu o aceno.

- Eu poderia entrar? - perguntou ela docemente, indicando com a cabeça a porta trancada.

Ele puxou o ferrolho de bronze e abriu a porta. A sra. Millen estava em pé no degrau da entrada, sorrindo e estendendo a mão.

- É um grande prazer conhecê-lo, Max. Eu gostaria de dar uma palavrinha com você a respeito da carta que recebeu.

- Com certeza. Prazer, igualmente.

- Sim, bem, podemos nos sentar e conversar?

Max levou a sra. Millen à sala de jantar. Ela recusou com educação quando ele se ofereceu para carregar a maleta, apoiando-se com força na bengala enquanto a segurava. Com um suspiro agradecido, acomodou-se numa cadeira, soltando um ar de perfume. Sorriu e tirou os óculos, para massagear os olhos vermelhos e lacrimejantes enquanto Max sentava-se do outro lado.

- Bem, antes de começarmos... eu poderia ter o prazer de conhecer os seus pais? Eles estão em casa?

- Meu pai está fora, a trabalho.

- Entendi - disse ela. - E a sua mãe? Max olhou para uma antiga fotografia da família McDaniels recostada sobre o bufê.

- Ela também não está em casa.

- Bem, isso com certeza torna a minha tarefa bem mais fácil - disse ela.

Relaxando os ombros, deu uma piscadela a Max. - O que a senhora quer dizer com isso? - Max franziu as sobrancelhas, recostando-se na cadeira.

Olhou a maleta dela, intrigado com os longos arranhões superficiais na lateral.

- Ah, os pais muitas vezes têm hábitos muito enraizados. Por exemplo, a maioria dos pais não consegue entender acontecimentos estranhos no Instituto de Arte, não é?

Max sorriu.

- Você ontem teve um dia e tanto, não foi, Max? - Sim... quer dizer... tive, sim.

- E, diga-me, o que foi tão especial nesse dia?

- Bem... eu vi um monte de coisas estranhas - disse Max, dando de ombros. - Encontrei uma sala... uma sala que não consegui reencontrar depois. Enquanto estava nessa sala, vi uma tapeçaria.

A sra. Millen assentiu, batendo com o dedo na superfície lisa e brilhante da mesa.

- Era bonita? - perguntou ela. - Era uma tapeçaria bonita? - Não logo de cara.

O dedo se imobilizou no meio da batida.

- Como assim?

- Era feia - sussurrou Max.

Em seguida, porém, fez uma pausa. Sua experiência agora parecia muito pessoal. Hesitava em compartilhá-la com ela.

- Sim? - disse a sra. Millen. - Era feia? Uma tapeçaria velha, uma porcaria? Continue, querido... Eu sei que parece secreto, bobo, mas pode compartilhar comigo. Acredite, Max. Vai se sentir melhor se o fizer.

Ela sorriu e se inclinou à frente, na expectativa. Max de repente sentiu sono.

- Ela começou a brilhar - disse ele, devagar, rastreando o veio da mesa com o dedo. - Apareceram palavras, imagens... música... - E quais eram essas palavras, Max? Diga-me, que imagens você viu?

Ela falava num tom apressado, urgente. Max sentiu o pescoço cocar; fez uma pausa para olhá-la com atenção.

O rosto da sra. Millen era redondo e estranhamente liso. Embora seu sorriso permanecesse fixo, as pupilas começaram a se dilatar. Max ficou fascinado com elas à medida que cresciam. Lembavam-lhe as de um urso polar que vira uma vez no zoológico. Nunca esquecera como seus olhos planos e negros o acompanharam, famintos, do outro lado da grade de proteção.

Max piscou, alarmado.

Ali não havia grade.

- Tenho que ir ao banheiro - murmurou.

- Sim, é claro, mas antes me conte o que você viu na tapeçaria! - Talvez devamos conversar quando o meu pai chegar. Os olhos da sra. Millen se arregalaram de surpresa. A cadeira rangeu sob

seu peso, que se deslocou, e ela de repente espirrou, como se estivesse resfriada. Passaram-se diversos segundos, longos, em que ambos se estudaram. Então um sorriso malicioso atravessou o rosto dela, como se eles tivessem acabado de compartilhar um segredo.

- Ru, ru! - Ela riu. - Você é prudente, Max! Você é um menininho prudente e esperto! Você bem poderia ser aquele que queremos.

O suor brotou na testa de Max; sua garganta cocou. Ao olhar a

bengala dela, deu-se conta de que poderia correr. Ninguém jamais conseguira apanhá-lo quando corria, e a sra. Millen era velha. - Acho que a senhora deve ir agora. Não estou me sentindo bem.

- É claro, meu querido...

A mulher se afastou da mesa.

- ...mas você vem comigo!

O sorriso não deixou seus lábios enquanto, disparando a mão por sobre a mesa, ela agarrou o punho de Max. Max soltou um grito e recuou; contorceu-se, sentindo dor, e se soltou do agarrão espantosamente forte, caindo da cadeira. Ao mesmo tempo, ouviu um barulho no seu quarto, no andar de cima. Pesados passos desciam a escada.

Havia mais alguém na casa.

Colocando-se em pé às pressas, Max zarpou para a porta dos fundos. Com um terrível choque, percebeu que a velha senhora não precisava de bengala, pois dava a volta na mesa e corria atrás dele.

Escapando para o quintal, Max se dirigiu ao grande forte de pinho. Mexeu no trinco enferrujado, empurrou a porta e correu para dentro. Tentava bater a porta no exato momento em que a sra. Millen se agachava para rolar e entrar atrás dele - mas ela conseguiu enfiar o braço lá dentro e o mexia loucamente.

Max empurrou com força a porta com o ombro, e a sra. Millen gritou e retirou o braço. Batendo a porta, ele botou a trava no lugar.

De costas contra a porta, esperou.

- Ru, ru, ru! - ela cacarejou. - Não tão esperto e prudente assim... O nosso pequeno foi rápido, mas fez uma escolha infeliz..

Max ouviu as unhas da sra. Millen arranhando as paredes do forte enquanto ela lentamente contornava seu perímetro. Ela fez uma pausa para bater nas janelas estreitas. Max engoliu o medo e tentou pensar. Poderia gritar por socorro, mas sua casa ficava no final de uma rua tranqüila, e os vizinhos trabalhavam durante o dia. Quando a ouviu perto da parede de trás do forte, Max decidiu correr até ela.

Assim que alcançou o trinco, porém, este se dissolveu numa pilha de cinzas.

- Ru, ru, ru!

A porta se escancarou, e a sra. Millen agarrou Max pela frente da

camisa. Ele deu um berro e meteu um soco no nariz dela. Ela xingou e recuou, soltando-o. Furiosamente, Max retrocedeu, batendo na parede oposta, e começou a subir a pequena escada que levava ao telhado do forte. Max a ouviu resmungar embaixo, a pouca distância dele, enquanto subia. Quando olhou para baixo, viu que ela estava em pé no primeiro degrau. Os dedos dela, fechados em círculo, agarraram-lhe o tornozelo.

- Pare bem aí, Max! Astaroth!

Nesse momento, Max sentiu a perna direita congelar. Com esforço, subiu e atravessou a escotilha; esperou um instante e bateu com força a porta na cabeça da mulher, que subia, desajeitada, atrás dele. Max se arrastou na direção da beira do telhado, a perna quase completamente sem mexer. Olhando para trás, viu a sra. Millen emergir pela escotilha. Espremendo volume para passar, ela veio em seu calçado de quatro, como um animal.

Max fechou os olhos e rolou pela beira do telhado. Caiu no gramado com um ruído duro, abafado. Tonto, abriu os olhos a viu.

Ela o espiava do telhado do forte, a três metros de altura . - Não toque nele! - disse ela, ofegante, olhando na direção da casa. - Esse lutadorzinho é meu!

Max esquadrinhou loucamente a casa e o quintal, mas não viu ninguém. Então, percebeu que a cabeça da sra. Millen tinha desaparecido. Ele ouviu a porta do alçapão bater, fechando-se, quando a mulher começou a descer.

Gemendo, Max se esforçou para se pôr em pé. A perna praticamente não respondia, mas o garoto conseguiu, mancando, alcançar a pista que ia na direção da rua. Virando-se, viu a sra. Millen a galopar atrás dele.

Dobrando a esquina do jardim da frente, Max colidiu com um homem, que soltou um grunhido e largou a maleta. Max gritou, fechou os olhos e começou a socá-lo com força.

- Ei, pare de me bater! - exclamou o homem, segurando com firmeza os braços de Max.

Max se virou, rápido, esperando que a sra. Millen aparecesse, feito um barril, dando a volta na casa. Ela não apareceu.

- Você está bem, filho? - perguntou o homem, com um leve sotaque britânico.

Max sentiu o aperto nos braços relaxar. Virando-se, olhou para cima, para a pessoa à sua frente. Não era o estranho do olho branco do instituto. Alto, impecavelmente vestido num terno azul-marinho, aquele homem tinha cabelo claro, testa grande e óculos com armação de metal. Ele deu um sorriso nervoso e vistoriou os punhos duros, trêmulos, de Max.

- Era com você que ela estava falando? - inquiriu Max. - Desculpe... quem?

Max caiu antes de poder dizer.

Max acordou assustado. Estava no sofá da saleta, a perna já não imobilizada, mas com câibra, como se estivesse adormecida. Olhando para baixo, viu que tinham tirado seus sapatos e os alinhado com cuidado no chão. Ouvia um assobio agradável que se aproximava, do corredor. Max mal conseguira se sentar quando o homem dos óculos de metal entrou carregando um prato de biscoitos e uma caneca de chocolate soltando fumaça. - Oi, Max! Espero que esteja se sentindo um pouco melhor - disse o homem animadamente, colocando o prato e a caneca sobre a mesa de café. - O meu nome é Nigel Bristow, e lamento ter lhe dado um susto tão grande! Espero que não se importe de eu ter mexido um pouco na sua cozinha. Você precisava de um biscoitinho. Para mim, sempre fazem maravilhas.

Max se sentia esgotado demais para protestar ou sentir medo. Esticou-se para apanhar um biscoito, de olho em Nigel, enquanto este se acomodava na poltrona de couro de seu pai. Max mordiscou o biscoito.

- Não foi você quem me assustou - murmurou ele. - Eu estava sendo perseguido.

O sorriso de Nigel virou uma linha reta; os olhos brilhavam, sérios. - O que você está querendo dizer exatamente, Max? Perseguido por quem? - Eu recebi uma carta... uma carta que dizia que eu ia receber uma visita.

Ela veio à minha casa hoje e... - Max interrompeu o que dizia enquanto as lágrimas se acumulavam em seus olhos. Ele cobriu o rosto com o braço, mortificado de se encontrar em tal estado na frente de uma pessoa qualquer, principalmente uma pessoa estranha.

- Sei. A voz de Nigel era calma e simpática.

- Max, quero ajudá-lo. Você acha que pode me contar o que aconteceu?

Max fez que sim e respirou fundo antes de contar a Nigel a história

da visita da sra. Millen. Quando terminou, Nigel arrastou sua cadeira à frente e lhe deu uns tapinhas no ombro.

- Está tudo bem, filho. Quero que você fique aqui. Com base no que me contou, preciso ir ver umas coisas. Não estarei longe.

Nigel desdobrou uma manta que estava por ali e cobriu Max com ela; em seguida, entregou-lhe a caneca de chocolate. Murmurando umas palavras em língua desconhecida, Nigel deixou o quarto, dando batidas nos umbrais das portas e nas janelas à sua passagem.

Para alívio de Max, a cãibra na perna direita foi passando a cada gole de chocolate. Torceu o pé um bom tempo. Depois, ouvindo os passos de Nigel estalando no andar de cima, Max se lembrou de que era esperado na casa dos Raleigh para o jantar. Nigel voltou no instante em que Max pegava o telefone. - Eu não vou machucá-lo, Max. Não há necessidade de chamar a polícia. - Não estou chamando a polícia... Eu sei que você não está aqui para me machucar. Estou telefonando para os amigos do meu pai. Ele está fora da cidade e eu deveria ficar com eles esta noite.

- Entendi. Max, acho que não seria bom você deixar a minha companhia esta noite. Se quiser, posso acertar isso.

- Quem é você? - perguntou Max, inclinando-se à frente. - Eu sou um recrutador - disse Nigel, levantando-se para inspecionar uma fotografia na

estante de livros. - Eu sou a visita que você deveria ter recebido. Só lamento não ter chegado mais cedo.

- Então, quem era aquela mulher, a sra. Millen? Achei que ela ia me matar. Nigel franziu as sobrancelhas.

- Eu ainda não sei quem era ela nem como soube quem você é. Esse assunto é da maior importância, e eu já informei os meus colegas disso. Não sou um grande místico aterrorizador, mas a minha presença deve deter invasores até os nossos especialistas chegarem.

Max não estava certo de querer receber mais visitantes. - Agora - disse Nigel -, vamos preparar mais uma xícara, e eu vou ver se consigo explicar tudo.

Os dois zanzaram pela cozinha. Max colocou a chaleira para ferver enquanto Nigel zumbia agradavelmente, catando mais biscoitos. De dentro do

armário, ele tirou uma caixa de tarcos crocantes para comer com sopa da Irmãos Bedford.

- Isso é bom?

- De acordo com o meu pai, vai salvar a civilização - murmurou Max, olhando embaixo, para esfregar a perna e livrá-la dos resquícios da cãibra.

Um instante depois, ouviu um ruído forte de mordida. Bem, não sei se vai salvar a civilização, mas é bem gostoso!

O recrutador pegou um punhado dos aperitivos e se dirigiu à sala de estar. Escurecia lá fora; ao longe, um trovão rugia. Trazendo da cozinha duas canecas de chocolate, Max encontrou Nigel em pé diante da lareira.

- Parece que vem uma tempestade em nossa direção. Vamos animar as coisas um pouco!

Os dedos de Nigel dançaram como se manipulassem uma marionete. Os troncos frios na lareira de repente assoviaram e pipocaram. Chamas amarelas lambeiram as bordas. Em segundos, um fogo vivo estalava alegremente. - E vamos nós! - Nigel aplaudiu. - Uma tempestade a caminho, combustível no fogo e um gole de chocolate para consolar a alma! Venha até aqui, Max.

Max se admirou com o fogo.

- Como você fez isso?

- Tudo a seu tempo - respondeu Nigel, abrindo a manta sobre o chão duro de madeira, para que os dois pudessem se sentar. - Agora, Max, antes de começarmos, eu preciso que você prometa que não vai contar à Mamãe e ao Bob que eu comi tantos desses sei lá o quê...

- Hum... Tudo bem... - disse Max, confuso.

- Ótimo! - Nigel enfiou um par de tarcos Bedford na boca. - Estas viagens de recrutamento são a única chance que tenho de conseguir provar uma comida gostosa! - Lambeu as migalhas das mãos, antes de continuar. - Max, por mais frustrante que possa ser adiar as suas perguntas, gostaria que você começasse compartilhando comigo um pouco da experiência de ontem.

Enquanto o fogo estalava e a tempestade se aproximava, Max recapitulou com Nigel o dia anterior. Diferentemente da sra. Millen, Nigel apenas ouvia, sem pressionar por detalhes enquanto Max falava. - Eu não sei o que tudo isso significa - disse Max, ao concluir sua história.

- Ah, parece que alguém precisa de uma introdução à mitologia celta! Que visão incomum, Max, envolvendo a Invasão do Gado de Cooley! Bem demonstra a sua capacidade de Potencial.

- O que é Potencial? Essa palavra foi usada na carta que eu recebi. - Ora, Max, você é um Potencial, e é por isso que eu estou aqui! Você é

uma das poucas pessoas no nosso assombroso planetinha com o potencial para se tornar um de nós. Quando você encontrou aquela sala e descobriu a tapeçaria, nós tomamos consciência de você. Eu estou aqui para ver se você tem o suficiente daquele algo especial para merecer que lhe faça uma oferta.

- Quem são "nós"? E oferta de quê?

- Tudo no tempo devido, tudo no tempo devido. Primeiro, eu preciso administrar alguns testes.

A chuva bateu de leve nas vidraças. Max achou que viu uma sombra dardejear através de uma das janelas.

- Tem alguém lá fora!

Nigel sorriu.

É bastante natural estar meio assustado, mas nos encontramos em segurança relativa. Esta casa está sendo vigiada por olhos amigos.

Max estremeceu, sem saber se queria ser vigiado pelo que quer que fosse, amigo ou não.

- O que acontece se eu não passar nesses testes? - Ai eu limpo a cozinha e vou seguindo o meu alegre caminho, feliz de ter conhecido a sua notável pessoa. Em poucos dias você terá me esquecido completamente, assim como as coisas desagradáveis desta tarde. Não vai se lembrar de nada.

- Mas...

- Eu sei o que você está pensando, mas não se preocupe. Coloquei esta casa sob vigilância prioritária. Em vista do que aconteceu, ela continuará sob vigilância durante algum tempo, mesmo se você for excluído pelos testes. É bem possível que haja mais de um agente montando guarda do lado de fora desta casa, Max.

Estava claro que Nigel pensava que aquela era uma explicação de peso, suficiente. Não era. Max foi olhar pela janela.

- Você não verá um agente - disse Nigel, enquanto Max espiava pelas cortinas. - Até eu posso não ver. Faz parte da tarefa de um agente ser fugidão como fumaça.

Max franziu as sobrancelhas e fechou as cortinas. A tormenta agora se encontrava bem em cima da casa.

Nigel se levantou e fez sinal para Max acompanhá-lo de volta à cozinha. O recrutador colocou a maleta sobre a mesa. Abrindo-lhe os fechos, Nigel

procurou e tirou da mala um gravador de voz digital e o que parecia ser uma grande raquete de tênis de prata, só que sem as cordas. Max não via como a raquete podia caber dentro da maleta fina.

- Venha até aqui, Max. Se você não se incomodar, pule para aquele balcão ali e me perdoe pelas formalidades.

Nigel acionou o gravador, recostando-se contra um armário. - Recrutador veterano Nigel Bristow dando início à Série Padrão de Testes de Potencial com o sr. Max McDaniels, doze anos de idade, de Chicago, Illinois, Estados Unidos da América.

Segurando o gravador na direção de Max, Nigel continuou a falar num tom pausado e monótono.

- Sr. McDaniels, por favor, assinale como, totalmente informado, o senhor concordou em participar dos testes que se seguem com inteiro conhecimento de que são altamente experimentais, tendo grande probabilidade de resultar em séria desfiguração...

- Ei! Perai! - Max soltou um grito, pulando do balcão. Nigel riu às gargalhadas.

- Só um pouco de humor. Não pude resistir. Acenou para Max voltar ao balcão.

- Tudo bem, então. Primeiro teste a ser administrado: aptidão física. Max, você já foi ao médico, não foi? Bem, isso aqui é como quando ele bate no seu joelho com o martelo de borracha. Só que, em vez de um martelo, vou segurar este pequeno dispositivo. Não machuca, prometo.

Max observou Nigel ajustar uma série de círculos minúsculos no cabo. Uma pequena tela tremulou, e um anel de luz branca apareceu de dentro da cabeça oval vazia. O dispositivo se pôs a apitar.

Max se encrespou.

- Nigel, você tem certeza de que essa coisa é confiável? Não parece confiável!

- Perfeitamente confiável, perfeitamente confiável - murmurou Nigel, guiando o dispositivo cuidadosamente em torno dos pés pendurados de Max, subindo em direção aos seus joelhos. - Daqui a pouco você vai sentir um choquezinho. Nada dolorido. Mas vai lhe dar vontade de chutar. Quero que você resista à tentação e mantenha o seu joelho dentro dos limites. Não toque no dispositivo! Pronto... Vamos lá.

O apito da máquina aumentou para um tom febril, e Max sentiu um impulso súbito no joelho. Fechou os olhos e concentrou toda a sua vontade no controle do poderoso impulso de chutar. O suor brotou em seu rosto e escorreu pelas costas. Olhando para baixo, ele viu o joelho se mover num tremor de mínimo círculos que se aproximavam do instrumento, sem nunca o tocar. Finalmente, o tom da máquina caiu para um zumbido repetido até que desacelerou e parou. Nigel estudou a tela do aparelho e apanhou seu gravador. - Taxa de produção láctica: oitenta e dois. Taxa de dispersão láctica: oitenta e quatro. Velocidade de contração: noventa e cinco. Densidade muscular atual: sessenta e quatro. Densidade muscular projetada: oitenta e sete. Atalho sináptico: oitenta e quatro.

Fadiga de tensão mental: cinquenta e

dois.

Nigel franziu as sobrancelhas ao ler o último número. - Hum... A fadiga de tensão é surpreendentemente baixa. Essa marca é provavelmente resultado de exaustão do sujeito seguida de interceptação antecipada pelo Inimigo. O recrutador recomenda novo teste numa data posterior, se possível.

Com a expressão mais leve, ele olhou para Max, que enxugava a testa. Nigel desligou o gravador.

- Bom desempenho, meu menino! Taxas aceitáveis em toda a extensão do teste, e você conseguiu não bater no aparelho. Você é um diabo talentoso! Eu só estou fazendo recrutamento há sete anos, mas nunca testei alguém que tenha registrado noventa e cinco de velocidade de contração. Na verdade, nem sequer ouvi falar disso.

- O que significam esses números? - perguntou Max. - Ah, um monte de bobagem, na verdade - respondeu Nigel, aparentemente

distraído, enquanto desligava o dispositivo. - Em tese, nos dão uma compreensão da sua capacidade física e, o que é mais importante, da sua habilidade de controlar suas ações num ambiente de tensão. Estou certo de que alguém explicará a você os números mais tarde, se realmente estiver interessado.

Max olhou para o estranho instrumento prateado. - Essa coisa é mágica?

- Mágica? Céus, não! Na verdade, não deixe que nenhuma das pessoas do Aparelho ouça você dizer isso! Elas têm o maior orgulho, demais até, na minha opinião, de fazer tudo quanto é tipo de coisa útil não mística. Pelo menos este novo modelo funciona. O último era... - Ele tossiu e olhou para Max, que ergueu as sobrancelhas, intrigado. O homem prosseguiu: - Bem, nem é preciso dizer que não era tão confiável quanto este modelo. Este aqui é uma beleza!

Nigel deu tapinhas afetuosos no aparelho e em seguida o deixou deslizar dos dedos e cair na maleta. Caiu sem fazer qualquer ruído detectável ou atritar com as lisas paredes de pele de cabra da mala. Ligando o gravador, ele fez sinal para Max voltar à sala de estar.

- Muito bem. Um teste feito, e possivelmente dois a fazer. Agora, eu gostaria que você ficasse em pé do outro lado da sala, de frente para a lareira.

Com um gesto amplo, Nigel apagou as lâmpadas. A única fonte de luz do local passou a ser o fogo.

- Puxa! - exclamou Max.

Nigel sorriu e colocou mais diversos troncos na lareira. A luz do fogo dançou nas paredes. Max esperou com nervosismo, os olhos se ajustando à sala escurificada. O fogo ardia com mais força quando Nigel, afinal, virou-se para ele.

- Max, o primeiro teste não foi assim tão estranho. Uma espécie de teste físico elaborado. Este outro será meio esquisito para você. Vou lhe pedir para tentar fazer algo que você normalmente não acredita que seja capaz de fazer. Eu quero que você apague o fogo de onde você está.

- Você está brincando? - disse Max, meneando a cabeça e rindo, descrente.

- Você tem o que é necessário para fazer isso, Max. Relaxe a sua

mente. Imagine o fogo se transformando numa chama baixa; depois, num fio de fumaça e, finalmente, numa cinza fria.

Os olhos do garoto acompanharam os tons laranja e amarelos brilhantes que rodopiavam em torno das toras. Ele ouviu a madeira estalando, observou o calor subindo em ondas regulares. Um tronco caiu num chuveiro de fagulhas. Max flexionou os dedos. Imaginou as chamas desacelerando e parando, perdendo intensidade e deixando o espaço frio e escuro.

Para seu espanto, o fogo começou a morrer. Era inequívoco, como se a lenha, de uma forma vagarosa, mas regular, estivesse absorvendo as chamas.

- Muito bem - falou Nigel. - Agora, termine a tarefa e extinga o fogo. Max fechou os olhos e concentrou todo o seu ser nas toras e nas cinzas

ardentes. Cerrando os punhos, imaginou o calor sendo levado para os tijolos em torno e se espalhando pela casa. Seu corpo estremeceu, e ele se sentiu totalmente esgotado. Ao abrir os olhos, viu Nigel a lhe sorrir.

- Bravo, Max. Muito bem, mesmo.

Erguendo o braço, Nigel reacendeu as luzes. Max se retraiu quando Nigel apanhou uma tora que, há apenas alguns instantes, ardia. Ele a passou para Max, que instintivamente recuou, deixando-a cair no chão num montículo de cinza e fuligem. Agachando-se, Max a espetou com o dedo. Estava fria. Sorrindo para Nigel, colocou-a de volta na lareira.

Nigel tocou num chapéu imaginário enquanto acionava o gravador. - Teste dois terminado. O sujeito extinguiu um fogo confinado de estágio dois de uma distância de sete passos. O sujeito foi bem-sucedido ao eliminar chamas e, além disso, o calor residual na lenha. Teste completado em um minuto e quarenta e sete segundos.

O peito de Max se expandiu quando Nigel desligou o gravador. - Um minuto e quarenta e sete segundos é muito bom, não é?

- Bem, Max, sem querer murchar a sua bola, mas o recorde mais recente está abaixo de cinco segundos, pela nossa própria senhorita Hazel Boon. A sua marca foi, digamos, média, entre Potenciais. Mas não se preocupe! Este pobre recrutador aqui levou mais de três minutos para apagar sua primeira

chama! E, mesmo assim, depois ainda era possível assar marshmallow na lenha!

Max sorriu diante da imagem de um Nigel em miniatura de cara fechada, no terno azul, enquanto um recrutador assava marshmallow e relatava o resultado desapontador.

- E o que vem agora?

- Ah, o último teste não é tão ruim. Você já passou pelos importantes! É só uma espécie de quebra-cabeça. Estou com ele na minha maleta, no conjunto...

Antes de Nigel conseguir terminar a frase, ouviu-se um estrondo ensurdecedor de trovão, e a casa ficou às escuras. Esforçando-se para conseguir enxergar no breu, Max viu Nigel esparramado no chão. A porta dos fundos fora despedaçada. Para horror de Max, a sra. Millen os olhava, da cozinha.

O cabelo dela estava emaranhado pela chuva; a maquiagem, borrada, correndo em fios escuros pela cara gorda. Ela veio na direção deles, curvada, furiosa. Dava batidas rápidas e regulares com a bengala no chão.

- Ru, ru, ru! Pensou que eu tinha ido embora e pronto? Pensou que os charmezinhos do seu amigo podiam me manter lá fora ?

Max começou a berrar, mas não saiu som algum. A seus pés, Nigel gemia, lutando para se levantar; mas, com os braços presos por baixo de si, voltou a cair no chão.

- É melhor correr, Max! - avisou a sra. Millen. - É melhor correr enquanto

pode! Deixe comigo esta coisa magricela, que libero você!

Ela estava a apenas uns três metros de distância quando Max finalmente disparou.

Abriu a porta da frente e saiu na chuva de verão. Ao se virar, viu a sra. Millen rindo, agachada junto a Nigel, cujo pé estava caído, pesadamente, sobre as tábuas do assoalho.

Uma raiva cega tomou Max.

- Afaste-se dele! Afaste-se dele!

Feito um relâmpago, voltou à sala de estar, onde simplesmente viu Nigel sentado, confortável, composto, junto ao fogo reavivado. Max desceu o corredor, a adrenalina correndo pelo corpo. Não havia sinal da sra. Millen. A porta da cozinha se encontrava inteira, sólida e segura nas dobradiças.

Nigel sorria e falava suavemente no gravador.

- Teste três terminado. Depois de um instante de hesitação inicial e retirada, o sr. Max McDaniels reagiu ao fantasma com um ataque frontal, exibindo extraordinária determinação e... como posso dizer... ferocidade! Dado que o fantasma foi gerado a partir de um esconderijo mental recentemente exposto ao Inimigo, isto é particularmente notável. É com grande orgulho e satisfação pessoal que este recrutador informa que o sr. Max McDaniels passou pela Série Padrão de Testes de Potencial.

Max olhou incrédulo para Nigel.

- Então, tudo isso era só um... teste?

- Era. Desculpe - disse Nigel com um suspiro. - É a única maneira que conhecemos de testar a coragem e a lealdade de um Potencial. Infelizmente, é o teste em que a maior parte dos Potenciais fracassa. Mas enfim... nos recusamos a comprometer os nossos padrões. Você esteve disposto a me ajudar, apesar do grande perigo para a sua pessoa, filho, e eu estou realmente muito tocado.

Nigel sorriu e se levantou para pousar a mão no ombro de Max. Max olhou para a mão. Deixou que esta lhe escorregasse pelo ombro,

enquanto andava, exausto, para a cozinha. Nigel o seguiu. - Não fique zangado demais comigo! - implorou ele. - Para mim também não é fácil... aquela gritaria toda, o choro, as calças irrecuperavelmente sujas... - Não estou

mais zangado - falou Max. - Só prometa que você não vai trazer de novo a sra. Millen. Acho que eu não agüentaria encará-la três vezes num dia.

- Combinado! - disse Nigel, rindo. - Agora, vejamos se não conseguimos encontrar mais alguns daqueles aperitivos crocantes da Filhos... seja lá qual for o nome que vocês dão a eles...



\*~\* 3 \*~\*

### HORA DE ESCOLHER

Max acordou mais cedo do que o normal com o assobio de Nigel e o cheiro de café subindo. Estava claro do lado de fora; os borrifadores trabalhavam a toda. Bocejando, rolou da cama, jogou por cima uma camiseta e desceu, arrastando os pés.

Nigel estava sentado à mesa da sala de jantar, já vestido de terno e gravata. Folheava o jornal sorvendo uma caneca de café. Subia vapor de um cesto coberto, posto sobre a mesa junto a uma manteigueira, diversos tipos de geléia e um copo de suco.

- Eis que o dorminhoco sai da toca! Mas não posso culpá-lo... Você ontem

teve um dia cheio!

- Nigel, são seis e quinze da manhã...

- Exatamente. Hora de levantar e brilhar! Tenho que seguir o meu caminho daqui a pouco, então achei que primeiro deveríamos desfrutar de um café da manhã apropriado. Max, você alguma vez já provou sonho?

Nigel levantou o tecido que cobria o cesto, revelando uma dúzia do que pareciam ser doces quentes a ponto de soltar vapor.

- Parece torta? - perguntou Max.

- Direi que não - disse Nigel, dando de ombros. - A minha esposa teria vergonha destas pobres criações, mas mesmo assim eu acho que é um agrado para você! Aqui, às novas descobertas!

Max levantou o copo dele e passou muitos dos minutos seguintes a atacar os sonhos quentes.

- Liz não uito ostozos! - disse, afinal. Nigel levantou os olhos do jornal. - Pode repetir?

- Eles são muito gostosos! - repetiu Max, pegando mais um. - Está querendo admitir que podem ser favoravelmente comparados à sua torta? Acredito que você já pegou quatro...

Max semicerrou os olhos.

- Sim, agora que já alimentamos o monstro, quem sabe devamos lhe dar um presente?

Max estava limpando a boca quando Nigel o presenteou com um envelope do mesmo papel cor de creme pesado da carta misteriosa que lhe aparecera no bolso. Este era maior, mas também tinha o nome de Max escrito na frente. Max deslizou a mão por baixo da cera do selo e abriu o envelope, tirando uns papéis e uma brochura lustrosa.

- Guarde o folheto para mais tarde - disse Nigel. - Dê uma olhada no resto. Max virou os papéis e esquadrinhou a página da frente.

Caro sr. McDaniels

Entendemos que o senhor passou na Série Padrão de Testes de Potencial. Conforme o sr. Bristow deve ter lhe informado, trata-se de uma tremenda conquista. Em nome da Academia de Rowan, permita-me oferecer-lhe nossas mais sinceras congratulações.

Com base em seus resultados, a Academia de Rowan vem, por meio desta, convidá-lo a ingressar em nossa organização como aprendiz, primeiro ano.

Esperamos que o senhor inicie o trimestre de outono com a nova orientação para alunos a uma semana de hoje. Anexamos os detalhes e acreditamos que considerará atraente a presente proposta de conhecimento.

Um representante o visitará e a seu pai esta noite para discutir esta oportunidade única, e esperamos celebrar sua decisão de aceitar. Em razão das circunstâncias incomuns de seu contato inicial, tomamos precauções adicionais. O senhor pode ficar certo de que a srta. Awolowo é de fato uma representante legítima. Ela chegará exatamente às oito horas.

Com as mais calorosas saudações,

Gabrielle Richter

- Quem é ela? - perguntou Max. - Ela assinou a primeira carta para mim. - A srta. Richter? Bem, ela é a chefe, na falta de um termo melhor. Uma dama e tanto, devo acrescentar.

- Ah. E a academia... o que é?

- Hum... Bem, eu poderia não ser a melhor pessoa para explicar isso a você. Isso é responsabilidade da srta. Awolowo. Posso dizer, no entanto, que é um lugar para pessoas extraordinárias, exatamente como você, Max. - Não estou entendendo. Eu teria que me mudar daqui?

- Bem, teria. A academia se situa na Nova Inglaterra. Max pousou a carta e meneou a cabeça.

- Esqueça... Eu não posso ir. Não depois de tudo o que aconteceu. - Compreendo os seus sentimentos, Max - disse Nigel.

- Não, você não compreende. O meu pai ficaria completamente sozinho sem mim.

Nigel fechou os olhos e concordou.

- A minha mãe foi embora há dois anos - falou Max, de repente, o rosto começando a arder. - O meu pai fala dela como se estivesse viva, mas ela não está. Eles nunca nem a encontraram.

- Você quer conversar sobre isso? - perguntou Nigel, baixinho, limpando umas migalhas e servindo mais suco a Max.

- Não existe muito para conversar - disse Max. Ele se sentia cansado outra vez, mas prosseguiu. - Encontraram o carro dela do lado da estrada. Ainda estava ligado. E ela sumiu.

Max brincou com uma migalha da mesa. - Seja como for - murmurou -, não acho boa idéia me mudar.

- Entendo. - Nigel empurrou os sonhos de volta na direção dele. - Não vou tentar convencê-lo, Max. Tudo o que vou pedir é que mantenha a mente aberta e ouça o que a srta. Awolowo tem a dizer. Enquanto isso, recomendaria que estudasse o material do pacote. - Nigel alisou os papéis e o folhetos, entregando-os a Max. Em seguida, levantou-se, com a maleta. - Sei que o momento é horrível, mas tenho que ir. Os eventos de ontem levantaram questões que precisam de respostas, e eu recebi ordens de partir. Não se preocupe com o seu pai e os Raleigh. Cuidei de tudo.

Max não acreditou.

- Nige! Você não pode me deixar aqui sozinho. O meu pai só volta à tarde! E se a sra. Millen aparecer aqui?

- Max, esta casa está sob vigilância prioritária. Você vai ficar muito bem. Max se levantou da mesa e se pôs a andar para lá e para cá pela sala.

- Não, não, não! Para começo de conversa, você disse que a sra. Millen nem deveria saber que eu era um Potencial, nem deveria ter aparecido aqui! Não posso ir com você?

- Creio que seja impossível, Max. Mas acho que posso encontrar uma companhia, para que você não fique sozinho.

Max fez uma pausa.

- Um agente?

Nigel fez que não com a cabeça.

- Não, agente, não. Eles seguem ordens estritas para montar guarda

do lado de fora. De qualquer modo, você não ia gostar da companhia deles... sérios demais!

Nigel depositou a maleta sobre a mesa.

- Isto pode levar um minuto, dependendo se ela está ao alcance da chamada.

O recrutador desprendeu os fechos da maleta e enterrou a cabeça toda dentro dela. Max ouviu sua voz abafada.

- Ai, minha menina. Ai, como você está ficando grande, maravilhosa! Não, não, eu não acho que pareça gorda. Não conte para a sra. Bristow, mas você está super em forma! Oh, bem, muito obrigado mesmo. Não quero parecer vaidoso, mas tenho tentado me exercitar um pouco...

Nigel beliscou o bíceps um tanto frouxo, com a cabeça ainda dentro da mala. Proseguiu:

- Sim, tenho que pedir um favorzinho. Você se importaria de tomar conta de um amigo durante algumas horas? Não se importaria? Abençoada seja, minha querida... Ele vai ficar tão aliviado...

Max deu um passo para trás quando Nigel meteu o braço na mala e fez força para tirar alguma coisa de dentro. Tirou e virou, embalando no colo um porquinho cor-de-rosa, como se fosse um recém-nascido.

Max esfregou a testa.

- Você deve estar de brincadeira!

O porquinho cheirou o ar e focou os olhos tontos em Max. Piscou várias vezes e logo enfiou o focinho embaixo do braço de Nigel.

- Max, quero lhe apresentar a Lucy! - disse Nigel, animado. A voz de Max saiu calma e medida.

- Nigel, você não vai me deixar aos cuidados de um porco! Nigel sorriu. - Não estou deixando você aos cuidados dela. Estou deixando você na companhia dela. Você devia se achar sortudo... A Lucy é a melhor companhia que existe!

Lucy se remexeu para amorosamente elevar o olhar a Nigel, soltando

estertores de gás.

- Mas...

Nigel ignorou Max e delicadamente colocou Lucy no chão. Ela

trotou em direção à cozinha, fungando, feliz.

- Ela é mesmo gulosa... Basta dar a ela uma mordida, ou três, do que estiver comendo... Quando o seu pai chegar em casa, ponha-a para fora pela porta dos fundos, que ela me acha.

Derrotado, Max olhou para o chão e concordou. Algo caiu na cozinha. Ele se virou e viu Lucy precariamente empoleirada numa cadeira, fuçando as sobras da massa.

- Bem - disse Nigel, olhando o relógio -, agora estou ficando bastante atrasado e realmente tenho que andar. Sei que está tudo um tumulto, mas não se deixe levar. As coisas se ajeitam mais cedo do que você pensa! Foi um prazer.

Nigel sorriu e estendeu a mão.

- Vou vê-lo outra vez? - perguntou Max.

- Quero pensar que sim... Com certeza, espero vê-lo na sua orientação! Sorrindo, deu uns tapinhas no ombro de Max.

- Espero que entre para a nova turma, Max. Acho que a Rowan é o lugar certo para você.

Mais um instante, e Nigel sumiu. Max o acompanhou por um breve tempo descendo a calçada, maleta na mão, antes de dobrar a esquina de sua rua. Sentindo-se muito só, Max trancou a porta e juntou os pratos e copos. A caminho da cozinha, passou por Lucy, que, trotando, adiantou-se a ele e entrou na saleta. Pulando a bagunça feita por ela, Max soltou um suspiro e empilhou os pratos na pia. Deixou Lucy na saleta a fungar e rolar, coisa que, aparentemente, a contentava.

Max tinha uma vaga consciência de que os Chicago Cubs estavam perdendo para os San Francisco Giants quando ouviu a porta da frente se abrir. Sentou de um salto na poltrona do pai e desligou o rádio. Agarrando Lucy, saiu rumo à porta dos fundos. A porquinha, que estivera aninhada em seu colo, sacudiu-se e acordou com uma série de grunhidos assustados.

Do lado de fora, Max a colocou no chão, coçou-lhe as orelhas e sussurrou: - Obrigado por ficar comigo, Lucy. Desculpe eu ter duvidado de você. Consegue achar o Nigel?

Lucy se esfregou na perna dele e, com uma virada garbosa, saiu

trotando pelo quintal e desapareceu atrás do forte. Trancando a porta, Max foi descalço ao saguão, onde o pai acabava de ruidosamente largar a mala no chão.

- Oi, Max. Tudo bem com os Raleigh?

- Hum... Sim, tudo bem - disse Max, evitando os olhos do pai. - Mas que bom você estar de volta!

- É, pois é, cá estou. Consegui refrescar um pouco em Kansas City, de modo que acho que vamos deixar você enalchado só uma semana em vez de duas. Ficar engaiolado duas semanas no verão é demais. Soa justo? - Com certeza - disse Max. - Hum... Pai, vem uma pessoa falar conosco aqui em casa hoje à noite.

- Quem é? Você não está metido em encrenca, está? - Não. Nada disso. Ganhei uma espécie de bolsa. Scott McDaniels levantou os olhos da correspondência e olhou para Max. - Verdade? Uma bolsa? Que tipo de bolsa?

- Não sei exatamente, mas estão me oferecendo a anuidade toda numa escola aí.

- Que escola? - perguntou o pai, dando um sorriso inquisidor. - Academia de Rowan... na Nova Inglaterra.

O sorriso do sr. McDaniels desapareceu.

- Nova Inglaterra? Fica a centenas de quilômetros de distância, Max. Como foi que você ganhou essa bolsa?

Max começou a se inquietar.

- Hã... acho que me saí bem nuns testes aí, e, hã... eles me encontraram... - E quem é essa pessoa que vem hoje à noite?

- Uma tal de srta. Awolowo.

- Hum. - O pai fez cara de desprezo. - Enche a boca! Vamos ver o que a

srta. Aloha tem para dizer.

Os dois fizeram sanduíche de peru, que comeram alternando com uma lata colossal de batata frita. O sr. McDaniels regalou Max com histórias sobre uma toalha de papel nova que oferecia absorção impressionante.

A srta. Awolowo chegou exatamente às oito horas. Quase da altura

do sr. McDaniels, era uma mulher elegante, cuja idade Max considerou impossível calcular. Usava um vestido multicolor, um colar de contas pesadas e bolsa de tecido decorada com pássaros em vôo. Colocou a bolsa no degrau e estendeu a mão. Sua pele era tão lisa e escura como um grão de feijão; a voz, rica, com um leve sotaque.

- O senhor deve ser o sr. McDaniels. Eu sou Ndidí Awolowo, da Academia de Rowan. É uma grande honra conhecê-lo.

Scott McDaniels fez uma pausa um tanto desajeitada até concluir o aperto de mão.

- Sim, claro. Muito prazer em conhecê-la, igualmente. Por favor, entre. - Obrigada - disse a srta. Awolowo, passando por ele e entrando no hall, onde se encontrava Max, zanzando, nervoso.

- Oi, você... você deve ser o Max! Eu sou a srta. Awolowo. Max pegou na mão dela e sentiu sua apreensão se diluir. Como em Nigel, havia naquela mulher uma força reconfortante, um calor. Ela pousou a mão no ombro de Max, e ele a conduziu à sala de estar, onde o sr. McDaniels se ocupava com café e uma bandeja de biscoitos açucarados. Acomodando-se numa extremidade do sofá, ela dirigia os olhos vivos alternadamente a Max e a seu pai.

- O senhor tem uma bela casa, sr. McDaniels, e um filho extraordinário. Tenho que pedir desculpas por fazer uma visita com tão pouco tempo de aviso; só recentemente recebemos os resultados do Max. O senhor teve a oportunidade de dar uma olhada na bolsa que gostaríamos de oferecer?

- Sim, e sem dúvida nós apreciamos isso, srta. Ahooolaloo. Max se contorceu enquanto o pai adotava o tom de voz que usava com clientes.

- Aquela carta nos deixou lisonjeados, mas creio que teremos que recusar. O Max tem passado por muita coisa nestes últimos anos, e penso que é melhor ele ficar perto de casa.

A srta. Awolowo concordou, sobriamente, e fez uma pausa antes de responder.

- Sim, por favor, me perdoe por ser direta, mas estou ciente da situação no que toca à sra. McDaniels. Eu lamento.

- Bem, pois é... Tem sido difícil para nós, sim, mas vamos levando. - É claro que sim. O senhor está fazendo um trabalho maravilhoso, sr. McDaniels. Criei um menino ótimo sob condições muito sofridas. Mas eu espero que o senhor não vá permitir que uma tragédia no passado do seu filho lhe obstrua uma maravilhosa oportunidade de futuro. - Eu só quero o melhor para o Max - disse o pai, na defensiva. - Sei disso - disse ela, consolando-o. - É precisamente isso o que oferecemos. O nosso programa serve melhor ao seu filho que um currículo tradicional. Um menino com as aptidões e a criatividade de Max não pode desabrochar num programa que não reconheça e desenvolva seus talentos únicos.

- Como é que a sua academia consegue fazer melhor? - Colocando o Max no meio de outros alunos talentosos, criativos, do mundo todo. Dando-lhe professores que compreendem seus dons e são capazes de desenvolvê-los de acordo com o seu potencial.

- A senhorita freqüentou a Rowan?

- Sim, freqüentei, sr. McDaniels. Recebi a visita de um recrutador na minha aldeia, na África. - Ela bateu as mãos e deu uma risada de menina. - Ah, parece que foi há séculos... Os meus pais não queriam deixar o bebê deles ir; tinham medo de tudo o que podia dar errado! Mas, após um momento de silêncio, o meu pai veio a mim e falou: se um homem não se levanta por uma coisa, ele cairá por qualquer coisa. Eu quero me levantar por você.

Os olhos dela cintilavam, e ela sorria com a lembrança. O sr. McDaniels olhou para os próprios dedos grossos. Sua voz estava tensa quando voltou a falar.

- Eu não sei o que fazer neste momento. Parece uma boa oportunidade, mas eu simplesmente não sei se o Max está preparado para algo assim. Max, o que você acha?

Até ali, Max contentara-se em apenas ficar por perto. Agora, com a atenção de ambos voltada para ele, ficou muito nervoso.

- Eu não sei. Eu não quero deixar você sozinho. - Não se preocupe comigo, Max, sou um menino crescido. Seguiu-se um silêncio desconfortável, quebrado

pela srta. Awolowo. - Sr. McDaniels? Eu poderia falar com Max a sós?

- Max? Você gostaria?

Max olhou para a srta. Awolowo, que esperava pacientemente. - Está uma linda noite de verão, Max. Por que não damos uma volta no quarteirão para tomar um pouco de ar fresco?

Max olhou para o pai, que lhe fez um sinal de aprovação. A srta. Awolowo pegou no braço de Max quando desceram os degraus da

frente. O céu noturno estava muito claro. Eles caminharam sem falar, passando silenciosamente por baixo da luz da rua. Com um leve tapa no braço do menino, a srta. Awolowo quebrou o silêncio. - O Nigel mandou lembranças. Você o deixou bem impressionado... Ele fala muito bem de você. Pedimos mil desculpas pela infeliz visita daquela mulher.

Max estremeceu e concentrou o olhar nos gramados escuros ao redor. A srta. Awolowo o trouxe mais para perto, enquanto cantarolava baixinho uma linda melodia.

- Não precisa ter medo, Max. O Inimigo tem consciência de mim e sabe que eu não sou de brincadeira. A velha Awolowo pode ser uma fera!

Arregalando os olhos brilhantes, ela riu e lhe deu um apertão, de brincadeira, no braço. Max sorriu, tentando relaxar.

- Srta. Awolowo, quem é o Inimigo? O Nigel não respondia às minhas perguntas.

- Sim. Bem... Não é tarefa dele responder a perguntas desse tipo. Quer vir comigo? Eu quero lhe mostrar uma coisa.

Max concordou. A srta. Awolowo se esticou toda e o olhou de cima para baixo. Seus olhos brilhavam como prata, e ela pareceu sábia e bela como as rainhas de todos os antigos livros de histórias de Max. Ela sorriu e lhe tomou a mão.

Por dentro, Max se sentia ondular como quando viu a tapeçaria. Só que desta vez não tinha a sensação de haver engolido abelhas; balões de hélio enchiam agora o seu estômago. Seus pés pinicavam como se tivesse entrado num banho quente demais. Quando olhou para baixo a fim de investigar o que estava acontecendo, Max ficou boquiaberto.

A calçada encolhia.

A srta. Awolowo segurava com força a sua mão, e lentamente eles subiam, ultrapassando os postes da rua e o arvoredo escuro. Deslizaram juntos na brisa da noite, deixando casas e parques, conforme passavam telhados e chaminés. Feito espuma, atravessando o lago, elevaram-se em suaves espirais.

Tão alto subiram que Max pensou que fossem capazes de alcançar a lua. Rindo, esticou-se para tocá-la. Não conseguiu alcançá-la, porém. Ela continuou pairando por sobre eles, brilhante, distante e fria.

- Vivemos num belo mundo, não é?

As palavras da srta. Awolowo sacudiram Max de seus delírios. Tudo lhe parecia sonho total até constatar, com terror súbito, que de fato se encontrava bem alto sobre o lago, com o vento chicoteando ferozmente em volta.

A srta. Awolowo estava serena.

- Vamos achar um poleiro mais agradável!

Max concordou, entusiasmado.

Numa ampla virada preguiçosa, ela os guiou em direção ao templo de Baha'i, que apontava contra o céu da noite um bloco volumoso de marfim trabalhado. Instalou-os sobre sua cúpula, muitos andares acima das árvores. Quando estavam sentados lado a lado, a srta. Awolowo alisou a roupa e bateu palmas.

- Bem melhor! - exclamou ela, passando a mão na intrincada pedra esculpida à volta. - Eu amo mesmo esta construção. Seja como for, você está mais quentinho, meu querido?

- Estou, senhora.

- Agora, dê uma olhada no céu. O que você vê? - Eu não sei - disse Max. - Estrelas. A lua.

- Você vê também um monte de escuridão, não vê? Max, essa é a nossa luta. Existe uma força neste mundo que não ama a lua, as estrelas ou o sol. Não se importa com as luzes das cidades, as alegrias do riso ou até com os sons de dor. Não se importa com nada que cause uma ruga na estagnação preta de onde ela veio. Ela devoraria essa lua, se pudesse.

Max estremeceu, observando um casal idoso andando devagar pelos jardins ao longe, embaixo. A srta. Awolowo prosseguiu.

- Ela não pode devorar a lua, então procura devorar o homem. Há

milhares de anos as pessoas vêm lutando contra esse Inimigo em todas as suas muitas formas. Pessoas como você e eu.

Max olhou para ela com firmeza.

A srta. Awolowo assentiu com a cabeça, tocou a testa dele com dois dedos e prosseguiu:

- Sim, Max. Pessoas como você. Você nasceu um príncipe, um príncipe da humanidade. Há séculos as pessoas talentosas vêm desenvolvendo suas habilidades para assegurar que os homens continuem a crescer e a criar coisas belas como este edifício aqui. Sem nós, a humanidade teria se extinguido há muito tempo. A nossa luta pela sobrevivência é antiga.

- E você quer que eu participe dessa... luta?

A srta. Awolowo sorriu e colocou a mão sobre a cabeça de Max. - O Nigel disse que você é um menino valente. Mas você é jovem demais

para fazer essa escolha. Só se pede uma decisão dessas dos graduados da Rowan, e alguns optam por fazer outras coisas. Tudo o que eu quero que você faça é nos deixar experimentar, e ver se você gosta.

Max franziu as sobrancelhas.

- E se eu decidir não ir? Você ficaria zangada?

A srta. Awolowo permaneceu bastante tempo sentada em silêncio. Sua resposta foi ponderada.

- Eu ficaria desapontada, mas certamente não zangada. Porém não vou mentir para você. O meu desejo de que você venha para a Rowan é muito forte. O relatório do Nigel sugere que a Magia Antiga pode estar dentro de você; que você pode ser um príncipe, mesmo entre os da nossa linhagem. Pessoalmente, vejo que pode ser assim. A luzinha dentro de você brilha com tanta vivacidade que aquece até a velha Awolowo aqui! - O colar de contas sacudiu com a risada dela. - Sim, Max, essa luz é muito forte mesmo. Eu só lamento que outros também a tenham visto. Devido ao que aconteceu, eu penso que a Rowan seria um lugar mais seguro para você. Mas eu só estou aqui para oferecer

oportunidades... Não espere julgamentos ou falsas escolhas de mim. A decisão é só sua, e é uma decisão importante.

Max abraçou os joelhos, escutando com atenção.

Desligando-se da srta. Awolowo, Max acompanhou o trajeto de um avião na distância sobre o lago iluminado pela lua. A luz de sinalização da aeronave piscava a intervalos regulares contra o céu azul profundo. Quando se voltou para ela, tinha uma expressão resoluta.

- Eu quero ir.



\*~\* 4 \*~\*

## O VOO PARA ROWAN

Na noite anterior à partida para Rowan, Max teve um sonho extraordinário. Ele andava por um campo aberto, ao crepúsculo, jogava uma bola bem adiante e depois corria para apanhá-la. O vento batia com velocidade e a lua se erguia no céu no momento em que Max chegou a um atalho

que levava a uma casa distante, com as janelas iluminadas. De repente, alguma coisa grande disparou de um arbusto próximo e

galopou pelo atalho à frente dele. Era um sabujo, um enorme cão usado em caçadas de lobos. O sabujo parou e olhou para ele, feroz.

Max ficou imobilizado. A cara pesada do animal começou a mudar de forma, adotando, por momentos, os traços inconfundíveis da sra. Millen, de Nigel, da srta. Awolowo e do estranho homem do trem. O sabujo se aproximou de Max, devagar, com um grunhido assassino emanando da garganta, até que a cara se transformou no rosto de seu pai.

Max não conseguia se mexer. O sabujo se ergueu, apoiando-se nas patas de trás, e botou as patas do tamanho de luvas de beisebol nos ombros de Max. Olhou para ele de cima para baixo; o hálito, uma série de jatos quentes. Apertou a testa contra a dele e rosnou:

- O que vai fazer? Responda depressa ou devoro você!

Quando Max abriu os olhos, viu o pai sentado ao pé de sua cama. Ele sorria, mas parecia mais velho e cansado. Tinha olheiras profundas. - Você dorme exatamente como eu dormia quando era pequeno.

Max piscou e se ergueu nos cotovelos.

- Tive um pesadelo.

- Ai, não! - exclamou o sr. McDaniels, fingindo horror. - Sobre o quê? - Um cachorro grande - murmurou Max, sonolento, tirando da testa o cabelo escuro.

- Um cachorro grande! Bem, ele mordeu você ou foi você que o mordeu? - Nenhum dos dois - sussurrou Max.

O pai acariciou-lhe o pé e se levantou.

- Bem, lembre-se: não é o tamanho do cachorro na briga, mas o tamanho da briga no cachorro.

Max tornou a mergulhar debaixo das cobertas e se contorceu na direção dos pés da cama.

- Eu sei, pai. Você já me disse isso cem vezes.

- Eu disse, hein? - o sr. McDaniels riu. - Pule no chuveiro e se apronte. Existe alguém da escola no seu voo, e temos que encontrar essa pessoa no aeroporto as oito.

Max soltou um grunhido enquanto o pai sacudia as cobertas da cama e abria as cortinas, revelando uma manhã de céu pêssego e ouro pálido.

Nigel esperava junto ao check-in, segurando uma placa de papel em que se lia McDANIELS, com ura ar entediado. O recrutador estava bem-vestido, de casaco esporte, mas pegara sol demais desde sua visita a Max. Parou de ajustar os óculos e estendeu a mão quando os McDaniels se aproximaram.

- Oi, o senhor deve ser o sr. McDaniels... Eu sou Nigel Kristow, da Rowan.

- Pode me chamar de Scott McDaniels - disse o sr. McDaniels,

apertando a mão de Nigel. - Este é o Max, seu co-piloto de hoje. - Oi, Max - disse Nigel, com vivacidade, dando uma rápida piscadela. - Obrigado por me acompanhar. É tão chato voar sem uma boa companhia. Nós estamos meio apertados de tempo, não? Vamos fazer o seu check-in.

Depois que Nigel apanhou a bolsa de viagem e entrou na fila, o sr. McDaniels deu um apertão em Max.

- Parece um cara bem legal - disse o pai.

- É - disse Max, intrigado com o motivo de Nigel estar segurando uma placa com seu nome.

Dados todos os acontecimentos, Max pensava que seu nome e o plano de viajar fossem mais um segredo.

Nigel chamou Max quando chegou a vez de eles fazerem o check-in. Max respondeu às perguntas da mulher no guichê e viu bolsa desaparecer descendo a esteira.

- Bem, tudo resolvido - disse Nigel, segurando as passagens. - Vou deixá-lo um minuto para você se despedir do seu pai. - Em seguida, baixou o tom de voz, enquanto os dois voltavam para o local onde estava o sr. McDaniels, com as mãos nos bolsos. - Sei que pode parecer cruel, mas tente ser breve. Sem lágrimas. É importante.

Nigel se despediu, dizendo que ia cuidar de Max, e entrou na fila comprida que serpenteava na direção dos seguranças. Lembrando-se do que Nigel lhe dissera, Max evitou os olhos do pai. Cerrrou os punhos e olhou bem à frente, para a grande camisa amarela do sr. McDaniels.

- Tudo certo, Max. Eu me despeço aqui.

Max concordou.

- Você é simplesmente o melhor, você sabe. O melhor menino que um pai podia querer.

Max sentiu os braços do pai apertá-lo com força. Max fechou os olhos e prometeu telefonar, escrever e rezar pela mãe. Quando, afinal, o pai o soltou, Max caminhou, rígido, para onde Nigel esperava. Não olhou para trás.

Nigel deixou Max entregue aos próprios pensamentos até terem passado pela segurança.

- Muito bom - disse, por fim. - Sei que isso não é fácil.

- Foi outro teste? - perguntou Max, pondo peso nas palavras.

- Não - disse Nigel. - Uma precaução. Este aeroporto está muito movimentado hoje. Precisamos evitar qualquer coisa real demais.

- O que você...

Max interrompeu a própria pergunta ao ver um menino bastante parecido com ele andando para o lado oposto. Max piscou. O menino não só se parecia com ele... era exatamente como ele.

- Procure não olhar - disse Nigel casualmente, acelerando o passo. - Eles estão do nosso lado.

Max passou por ele mesmo diversas vezes mais. Reparou que os meninos estavam sempre acompanhados por um ou dois adultos com ar sério. - Você deve estar cansado - disse Nigel, baixinho, quando eles finalmente ocuparam os seus assentos no avião lotado. - Aposto que não tinha a menor idéia de que estava pegando uma dúzia de vôos por dia nos últimos três dias...

- Mas...

Nigel levantou um dedo para calá-lo.

- Agentes. Iscas. Podemos falar mais quando chegarmos à Rowan - disse Nigel, procurando uma barra de chocolate e um baralho em sua maleta. - Ainda não estamos bem fora da floresta.

Muitas horas depois, o avião pousou. Nigel conduziu Max para fora do avião, ao longo de calçadas rolantes, descendo para o lugar onde se apanhava a bagagem.

Nigel acabara de tirar sua bolsa de viagem da esteira quando Max viu alguém sair de repente de trás de uma pilastra próxima.

Era o homem do trem - o homem do olho branco morto. O casaco dele estava tão sujo e o olho tão perturbador como na lembrança

de Max. Encontrava-se em pé, imóvel como pedra, entre eles e a saída, enquanto as pessoas passavam em fila.

- Ele está aqui - sussurrou Max.

Nigel pareceu não ouvir, ocupado com a bolsa de Max. - Ele está aqui! - berrou Max, agarrando o braço de Nigel. Nigel lhe lançou um olhar intrigado, até que, de viés, olhou além do

menino.

Seu rosto embranqueceu.

O recrutador imediatamente agarrou Max pelo colarinho e o girou. Nigel marchou com ele, subindo de novo a escada que tinham acabado de descer. Enquanto nadavam de encontro a uma maré de rostos espantados, Max tentou olhar atrás deles, mas havia gente demais.

Nigel falou rapidamente num fone fino em sua orelha; Max, porém, não conseguiu ouvir o que estava sendo dito. Eles atravessaram para o terminal seguinte, onde Nigel fez Max passar às pressas pelas portas giratórias e o colocou numa limusine que subitamente estacionara na calçada, cantando pneu.

O carro ia veloz subindo a rodovia rumo norte enquanto Nigel digitava mensagens de texto em seu telefone, com uma aparência incomumente sombria. Mais de uma hora se passou em tenso silêncio até que eles subitamente deixaram a interestadual e pegaram uma estrada menor. Encontravam-se muito perto da costa; o capim alto balançava à beira do caminho enquanto serpeavam por fazendolas e vilarejos. Placas desbotadas anunciavam praias públicas, lagosta fresca e excursões para apanhar mariscos. Parecia tudo muito estranho.

Nigel olhou pela janela traseira. A estrada atrás estava vazia havia alguns quilômetros. Aparentemente satisfeito, ele apertou um botão e fez o vidro descer. Logo entrou o ar quente de verão, fragrante e pesado de sal.

- Como você está? - perguntou Nigel, atenuando a expressão séria num sorriso.

- Agora, estou ótimo. Era ele... você sabe... aquele cara do aeroporto. Foi ele que ficou me seguindo no instituto.

- Sim, eu sei. Ele se encaixava perfeitamente na sua descrição. Foi um choque desagradável, sem dúvida. Mas missão cumprida: cá está você, são e salvo.

Max respirou fundo; parecia ser a primeira vez que respirava de verdade desde o aeroporto.

- Nigel, o meu pai está bem, não está? Será que não vão incomodá-lo, agora que estou aqui?

- Ele vai ficar muito bem, Max - disse Nigel, com simpatia. - É você que eles querem.

Olhando para além de Max, Nigel apontou uma coisa qualquer do

lado de fora da janela. Max se virou a tempo de avistar uma antiga tabuleta de madeira:

BEM - VINDOS À MUNICIPALIDADE DE ROWAN , EST . 1649

Passaram por alguns chalés bem cuidados na periferia. O oceano Atlântico cintilava ao fundo, enquanto Max absorvia os gramados aparados, a tinta fresca e os toldos limpos. As construções da cidadezinha eram antigas, mas belamente preservadas. Passaram por um cinema à velha moda e, depois, por um jardim municipal e uma cafeteria. Adiante, lojas e pequenos restaurantes se confundiam. Depois de atravessarem um trecho de estabelecimentos comerciais, chegaram a uma pequena igreja branca, onde a placa indicava que a Academia de Rowan ficava logo mais, à frente. Max engoliu em seco e sentiu o pulso se acelerar.

Saíram da estrada, virando numa pista macia e passando sob um dossel verde formado pelos galhos entrelaçados das árvores retorcidas que ladeavam a estrada. Aceleraram, dirigindo-se a um portão alto de ferro preto com uma sólida guarita de pedra ao lado. O portão se abriu à medida que se aproximaram. Max quis ver melhor o chamativo cume de praça quando a limusine atravessou o portão, mas este tornou a se fechar atrás deles.

A estrada se transformara numa alameda de cascalho, e o carro agora a seguia à direita, mergulhando num bosque espesso de freixos, carvalhos e faias.

Max se virou para Nigel.

- Por que você não me deixou me despedir do meu pai? Por que você fez eu me apressar?

- Oh, aquilo... eu lamento. Nós precisávamos nos parecer ao máximo com os outros... aqueles meninos falsos que precederam você. Você se saiu muito bem.

- Quem eram aqueles outros meninos? Eles estão em perigo? Nigel sorriu.

- Aqueles não eram meninos. Na verdade, estavam bem equipados para lidar com qualquer perigo que pudesse aparecer. Você já viu alguns agentes,

Max... - disse Nigel, contorcendo-se para tirar seu casaco esporte e segurando-o contra a janela. Max viu grandes manchas escuras debaixo dos braços.

Nigel soltou um suspiro. - Mas eu não sou um agente; sou apenas um pobre e velho recrutador no meio de tudo isso e que nem combina tão bem com esse negócio de capa-e-espada.

Ele cheirou o casaco uma vez, depois o dobrou e o acomodou com cuidado no colo.

- Então, por que é você quem está viajando comigo? - perguntou Max. - Os agentes insistiram em que eu seria o melhor engodo aí fora - admitiu

Nigel, acanhado. Eles podem ser cruéis, sabe?

- Pois se equivocaram - disse Max. - Aquele homem não se deixou enganar. E, de qualquer maneira, fico feliz de estar viajando com você, e não com algum agente chato.

O rosto de Nigel se iluminou. A limusine desacelerou para entrar numa curva.

- Obrigado, Max... Seja bem-vindo à Rowan.

Do bosque denso a limusine emergiu numa enorme clareira ensolarada, com gramados suaves, campos de atletismo, jardins coloridos e antigas construções de pedra próximas do mar. Max colocou a cabeça para fora da janela e escutou as gaivotas. O carro seguiu a alameda ao longo de uma escarpa gramada acima da linha da água. Fazendo, em seguida, a curva, saiu numa

grande pista circular, com uma mansão de pedra calcária cinza. Muitos carros estavam estacionados à frente.

Max abriu sua porta e viu uma fonte de mármore em que cavalos com rabos de peixe esguichavam água para o alto. Através da névoa, ele pôde ver a mansão. Não dava para contar suas janelas e chaminés.

- Cento e onze - murmurou Nigel, andando em volta do carro com a bolsa de Max.

- O quê? - perguntou Max, sem saber se o ar já tinha saído dos ouvidos, depois do voo.

- O Presbitério tem cento e onze chaminés. Você estava querendo contá-las.

- Como você sabe? - perguntou Max, preocupado com o fato de seus pensamentos serem tão transparentes.

- Porque tentei fazer a mesma coisa quando cheguei aqui. Ai, meu Deus... há uns trinta anos! - respondeu Nigel, rindo. Em seguida, o recrutador se inclinou para arrancar uma flor branca em meio a diversas, em cachos, sobre as pedras, aos pés de Max. - Floração de Rowan - disse, fazendo gestos para a dúzia de árvores esguias que orlavam a pista. Fechando a porta de Max, Nigel o conduziu à escada de poucos degraus, fazendo uma pausa diante das grandes portas duplas da mansão.

- Ah, uma coisa, Max... Sei que a tentação é grande, mas eu ficaria muito grato se você não comentasse nada sobre aquela movimentação. Para ninguém. Aquele homem, a sra. Miilen... nada daquilo, por favor. Quanto menos fofoca, melhores as nossas chances de ajeitar tudo isso. Você promete só discutir isso com a diretora e, mesmo assim, só se lhe for solicitado?

Max concordou solenemente e trocou um aperto de mão com Nigel. - Ótimo - disse Nigel, visivelmente aliviado. - Vamos nos encontrar com os outros. As orientações já começaram.

Max seguiu o recrutador pelas portas duplas, entrando num vestibulo ladeado por majestosas escadarias. Atravessaram uma porta embaixo delas e desceram um longo corredor, passando por várias salas, até pararem diante de uma porta, fechada, de nogueira envernizada. Max ouviu a voz rica e quente da srta. Awolowo falando do outro lado.

- Ai! Era o que eu temia! - disse Nigel. - Esta porta sempre faz barulho. Desculpe...

A porta deu ura longo e lento rangido quando Nigel a empurrou para abri-la. Era um auditório, e centenas de pessoas se viraram e olharam para eles dois em pé ali, na entrada. A srta. Awolowo se encontrava sobre um pódio e fez uma pausa no meio da frase.

- Ah! Aí estão vocês! Eu já estava preocupada. Damas e cavalheiros, por favor, cumprimentem Max McDaniels, que vem de Chicago, aqui mesmo nos Estados Unidos, para se juntar a nós.

Max esquadrinhou o mar de rostos num embarço mudo. Deu um leve aceno quando Nigel o levou a um assento na fileira de trás. A srta. Awolowo prosseguiu; Max ouviu algo sobre internato.

- Vou me arrumar um pouco e fazer uns telefonemas - sussurrou

Nigel, dando um tapinha no ombro de Max. – Vou fazer o check-in com você mais tarde... antes da configuração.

Max concordou, até reparar que algo estava faltando. - Nigel - disse Max, em voz baixa, com urgência -, o que é configuração? Não houve resposta. Ele se virou, mas o recrutador já tinha sumido. Uma menina de aparelho nos dentes, com a mãe, fez sinal para Max ficar

quieto. Max fez cara feia para elas e se virou, para ouvir a srta. Awolowo. Era quase tudo informação a respeito de contatos, aconselhamento, feriados escolares e horários. Max se desligou da maior parte daquilo e se pôs a estudar os novos colegas. Não pareciam os alunos de sua antiga escola; havia muito mais diversidade salpicada entre aqueles assentos. Embora muitos usassem roupa estrangeira, Max estava mais interessado em diferenças mais sutis, como as posturas e expressões faciais. Achou que muitos tinham o ar mais velho e muito sério. Estava tentando adivinhar suas idades quando toda a platéia se levantou e se enfileirou nos corredores.

A cena do lado de fora, na alameda, foi constrangedora. Max segurou as pontas como pôde enquanto aqueles que tinham vindo com os pais se despediam. Lágrimas corriam, a bagagem era carregada, e a srta. Awolowo respondia a perguntas de última hora e despachava os pais em seus carros. Ele observou, a menina magricela de aparelho nos dentes se pendurar na mãe, chorando incontrolavelmente, até a srta. Awolowo delicadamente separá-las, levando a mãe a um táxi. Max se sentiu culpado por ter feito a careta.

Depois que todos os pais tinham ido embora, a srta. Awolowo os conduziu ao grande vestibulo. Subiu numa das escadas para poder se dirigir a eles do patamar acima.

- Muito bem, crianças. Agora temos que acomodá-los nos seus quartos. Mas, antes de atribuir os quartos, eu gostaria de dar um aviso importante com relação à Rowan, um lugar muito querido para mim e o novo lar de vocês.

O ar ficou muito parado; as conversas cessaram imediatamente. Alguma coisa mudara na voz da senhora mais velha, que prosseguiu:

- Obrigada. Enquanto vocês não forem levados numa excursão por todo o terreno e pelas instalações, peço-lhes que permaneçam apenas nos quartos e áreas que eu designar. Como vocês verão, o Presbitério e o resto do

campus da Rowan são... estranhos. Este campus e seus edificios são meio imprevisíveis, capazes de espantar até os nossos veteranos. Há também vários dispositivos espalhados por esta casa e por todo o terreno, e o funcionamento apropriado desses dispositivos requer instruções cuidadosas. Como é apenas o nosso primeiro dia, não tenho nenhuma vontade de resgatar estudantes bobos e teimosos. Está entendido?

No momento em que o olhar franco e penetrante da srta. Awolowo pulava de rosto em rosto, Nigel apareceu no patamar, atrás dela.

- Maravilhoso - continuou ela, sorrindo. - Agora, antes de a configuração começar, deixem-me dizer o seguinte: se a história nos ensinou alguma coisa, é que alguns alunos ficam inevitavelmente desapontados com os seus quartos, com os companheiros de quarto ou com ambos. Se for esse o caso, lamento, mas rogo que tirem o melhor proveito que puderem. As configurações dos quartos e as atribuições dos companheiros de quarto não podem ser mudadas. De modo que, nada de choro, nada de lamentos. Certo?

As crianças concordaram, lentamente, lançando olhares intrigados umas às outras.

- Excelente. Este é Nigel Bristow. Acredito que alguns de vocês já foram apresentados a ele. Ele vai mostrar os quartos aos meninos. As jovens damas virão comigo.

- Muito bem, então - gritou Nigel para eles. - Subam e me acompanhem. Max e os outros meninos subiram a escada como um enxame. Atrás,

ouviam a voz da srta. Awolowo.

- Boa sorte, Nigel! Boa sorte, meninos! Vamos nos encontrar de novo no vestibulo às cinco, para uma volta rápida antes do jantar. Escutem os sinos!

Max ia apressado atrás de Nigel, junto com dúzias de outros estudantes. - Tudo certo, meninos. Me acompanhem, me acompanhem - dizia o

recrutador. - A Ala Norte aqui na Rowan é a dos cavalheiros; as damas ficam na Ala Sul, de modo que, se não encontrarem um urinol à vista, saberão que estão no lugar errado.

Os meninos riram enquanto subiam uma escada em espiral cujo corrimão de madeira rangia, gasto a ponto de luzir suavemente. A voz de Nigel ecoou lá de cima.

- A propósito, a classe de vocês é no terceiro andar. Coitados! O

terceiro e o quarto anos vão atormentar vocês, do segundo andar. O quinto e o sexto ano desfrutam da conveniência do primeiro andar. E se sentem merecedores.

Da escadaria, Max saiu num longo e largo corredor, com pesadas vigas em arco. Dos dois lados se alinhavam dúzias de portas verdes brilhantes. Nigel os conduziu à extremidade do corredor.

Desgarrado, atrás, Max notou que em cada porta havia uma fechadura grande, enfeitada, com um número prateado brilhante no centro. Junto a cada porta se encontrava uma placa alta de madeira preta envernizada e bronze. Nas primeiras duas dúzias delas havia nomes gravados.

Quando chegaram ao final do corredor - onde, Max notou, as placas estavam vazias -, Nigel se virou para os meninos, que começavam a ficar impacientes.

- Vejamos... sessenta e nove, setenta, e Omar fazem setenta e um. - Excelente! Não perdi ninguém no caminho! Viva para mim! Agora, quando eu disser, vão procurar os nomes de vocês nas placas próximas às portas. Quando você vir o seu nome, espere bem ali, sem fazer mais nada. Todo mundo entendeu?

Um menino robusto, bonito, com cabelo castanho e olhos azuis vivos, levantou a mão. Seu sotaque irlandês era tão forte que Max mal conseguiu

entendê-lo.

- Os nossos nomes já estão nelas?

- Qual é o seu nome, curiosa criatura?

- Connor Lynch.

- Não - disse Nigel, esfregando as mãos. - Mas estarão. Faz parte da graça. Vocês não escolhem os seus companheiros de quarto, nem nós; isso é tarefa do Presbitério... Todo mundo pronto? Vão procurar seus quartos!

A Max, aquilo pareceu uma caçada frenética a ovos de Páscoa. Ele ficou vendo os meninos se lançando uns sobre os outros, dando trombadas, para examinar as placas de nomes por todo o corredor.

- Encontrei o meu! - gritou um menino baixo, que parecia um camundongo.

- Eu também! - berrou outro, perdendo seu aparelho dental.

Max caminhou pelo corredor devagar, enquanto os outros garotos

gritavam e pulavam, excitados. Max queria participar da festa também, mas se sentia nauseado. A presença que se ocultava dentro dele despertara mais uma vez. Parou diante do quarto 318 e contemplou a placa junto à porta. Como se inscritos por mão invisível, dois nomes apareceram onde antes não havia nenhum. Max correu os dedos por cima de seu nome, sentindo as letras profundamente gravadas no bronze. Tossiram atrás dele.

- O meu nome também está aí, não está?

Max se virou para a voz, que soava norte-americana. Viu um menino pequeno, de pele pálida como leite. Os traços do menino eram delicados, exceto uns círculos roxos em torno de seus olhos. Ele tinha uma aparência insalubre, como uma fotografia com baixa exposição.

- Você é David Menlo? - perguntou Max. O menino concordou e tossiu de novo.

- Eu sou Max.

Bem nesse momento, Max ouviu a voz de Nigel acima do barulho. - Rá, rá! Pare aí mesmo, Jesse Chu! Você não ouviu o que

eu disse? Não façam nada até eu dar as instruções! Com uma careta, um menino asiático truncado do outro lado do corredor

tirou a mão da maçaneta, como se estivesse quente. Nigel andou depressa na direção dele, com o dedo em riste. Parou, porém, ao ver Max e David em pé junto à porta deles.

- Ei, vocês... Quem são os dois que estão faltando? Max olhou de novo para a placa, dando-se conta de que os outros grupos

continham quatro e até mesmo cinco meninos.

- Ninguém - respondeu Max. - A placa só tem os nossos nomes. - É mesmo? - perguntou Nigel, dando um sorriso curioso e se inclinando a

frente para olhar melhor. - Que estranho!

Meneou a cabeça; em seguida, pôs as mãos em concha para ser ouvido por todo o longo corredor.

- Agora, quando eu os instruir para isso, quero que abram as portas e entrem seus respectivos quartos. Uma vez lá dentro, vocês trancarão as portas e fecharão os olhos. Logo se sentirão tontos... é esperado. Mantenham os olhos fechados até que a sensação passe por completo. Por segurança, recomendo

que contem até três assim que a tontura parar, para então olhar em volta. Claro para todo mundo?

Max concordou com os outros, aterrorizado.

- Muito bem, cavalheiros. Por favor, entrem nos quartos de vocês e permitam que a configuração tenha início.

Max olhou para David, que inclinou a cabeça, sugerindo que Max abrisse a porta. Os dois, hesitantes, entraram num pequeno quarto escuro com um chão de pedra liso e paredes de madeira nodosa.

- Você está pronto? - sussurrou Max. - Quando eu trancar a porta, feche os olhos. Quando a tonteira passar, me avise, e nós contaremos até três. Certo?

Ofegante e tentando ignorar a batida furiosa de seu coração, Max trancou a porta e apertou os olhos.

Durante um tempo, nada aconteceu.

Lentamente, porém, sentiu seu corpo como se acelerasse, alcançando uma velocidade tremenda, ao mesmo tempo rodando como um pião. A sensação se intensificou durante o que lhe pareceu ser um minuto inteiro, culminando numa onda sufocante de náusea.

Estava a ponto de vomitar quando o giro parou. Seu corpo parecia não ter peso, embora deslizasse lentamente de volta à terra. Instantes depois, a sensação cessou. Ele disse a David, num sussurro:

- David? Parou?

- Acho que sim.

- Certo. Conte comigo. Um. Dois. Três!

Max abriu os olhos e respirou fundo.

Em vez do pequeno quarto quadrado, agora se encontravam em pé no último degrau de uma câmara circular muito ampla, com um telhado de vidro em cúpula. Através do vidro, Max viu a lua e as estrelas, mas elas pareciam muito maiores do que já as vira a olho nu. Giravam devagar além do vidro. Max se admirou quando tênues fios de ouro se materializaram, fazendo o contorno de um centauro celestial, e, depois, apagaram-se silenciosamente. Um instante depois, um escorpião gigante se destacou em meio às muitas estrelas que cintilavam no alto.

No nível da porta e do último degrau havia um balcão largo, com corrimão de metal. Nas duas direções, levava a enormes camas estilo império de

madeira envernizada, com cortinas, posicionadas nas extremidades opostas do cômodo.

Sem uma palavra, Max e David desceram os degraus até o plano mais baixo. No centro se encontrava uma grande mesa octogonal, ornada por desenhos de luas e estrelas, pousada sobre um espesso tapete cor de marfim. Debaixo de cada balcão havia nichos curvos idênticos. Cada nicho tinha um sofá aconchegante, estantes altas e um guarda-roupa, tudo iluminado do alto por luzes escondidas no recesso da madeira dourada em torno. Na extremidade, um fogo baixo estalava numa lareira. Num choque de reconhecimento, Max viu sua bolsa de viagem cuidadosamente dobrada junto ao guarda-roupa, assim como seus blocos e lápis de desenho. O restante de suas coisas estava arrumado da mesma maneira.

- O que você achou disso? - perguntou David, respirando ruidosamente a seu lado.

Max girou e sacudiu David pelos ombros.

- Eu achei fantástico!

Com uma série de upas triunfantes, os dois correram até o balcão e, então, em direções opostas, para pular nas camas. Max se espalhou sobre uma manta macia bordada com sóis dourados e correu as cortinas. David sorria, da outra cama, chutando as cortinas azul-marinho com luas prateadas.

Bateram na porta.

- Ei, vocês! - a voz de Nigel soou um tanto preocupada. - Max? David? Abram, meninos, vamos dar uma olhada. Meninos?

Voltaram a galope pelo balcão e escancararam a porta. Nigel estava do lado de fora com o menino irlandês, Connor.

- Ai, graças a Deus! Fiquei preocupado, imaginando que vocês pudessem ter se perdido! Importam-se se eu der uma espiada? Fico sempre curioso para ver em que resultam essas configurações. Nunca vi duas iguais.

Ao entrar no quarto, Nigel ficou imobilizado, esquadrinhando o local. - Não é de se vomitar. Bem-feito, cavalheiros! Afinal, são chinelos novos,

estes!

Passando por eles, ficou boquiaberto.

- Que maravilha. Muito mais inspirador que o meu velho quarto! Eu implorei para mudarem aquela coisa-deus horrível! Vocês também implorariam se tivessem recebido um yurt mongol!

Max e David saborearam sua vitória enquanto Nigel fuçava por ali, murmurando:

- Vejam só isto! Diabos sortudos!

Connor Lynch entrou depois de Nigel, admirado com o teto. Seus olhos azuis brilhantes piscavam, maravilhados. Ao tomar a sair no corredor, levantou os polegares, impressionado, para Max e David. Um minuto depois, Nigel subiu os

degraus meneando a cabeça e fazendo careta para os dois.

- Eu não quero ouvir um pio de reclamação de vocês dois pelos próximos seis anos! Ai, a minha mulher matava um por essas estantes, seus patifes! Eu nunca vou entender como este velho Presbitério funciona! - exclamou Nigel, jogando as mãos para o alto e fingindo desgosto ao passar por eles e sair no corredor, onde os outros agora disparavam, em grupos, para explorar os vários quartos, num coro de gritos e batidas de portas. Max e David espiaram um dormitório medieval no alto de uma torre e um templo japonês, topando depois com um quarto muito simples do outro lado do corredor.

Olharam em volta num silêncio constrangido. Connor permanecia no quarto, sozinho; seus companheiros tinham, decerto, saído em exploração. O único ruído era o estalido de um fogo baixo na lareira modesta de tijolos. O quarto não era maior que o cômodo desguarnecido em que Max entrara antes da configuração. Beliches estreitos de madeira se empilhavam sob ura teto baixo, plano, com vigas escuras. Além disso, de mobília, o quarto só contava com uma pequena escrivaninha e uma cadeira de balanço vermelha posicionada perto da lareira. Duas pequenas janelas recortavam as paredes de gesso. Davam para um campo preguiçoso, iluminado pelo sol e salpicado de flores silvestres.

Nigel enfiou a cabeça ali dentro e rompeu o silêncio. - Um cabidezinho aconchegante onde pendurar o seu chapéu, hein, sr. Lynch?

- Sim, Nigel. Lar doce lar. Não é de parar o trânsito, mas basta. Connor saltou para uma das tarimbas de cima, balançando as pernas para o

lado, e sorriu para eles, desafiadoramente. Max gostou dele imediatamente.

- Venham, meninos - disse Nigel. - Ajudem-me a dar a volta e ver os outros, e vamos voltar ao saguão.

Nigel desceu o corredor, apressado, enquanto Max, David e Connor espiavam o interior de um quarto afundado, que parecia acomodação de capitão num galeão de luxo. Três grandes clarabóias mostravam um pôr-de-sol distante e ondas azul-escuras batiam no vidro. Os quatro ocupantes do quarto estavam rindo, sentados nas camas aconchegantes afundadas em alcovas profundas. Baús marítimos e velhos mapas e lanternas de cor amarela se espalhavam por ali. Connor falou exatamente na hora em que um peixe de escamas brilhantes passou batendo numa das escotilhas.

- Ei, o Nigel quer que a gente vá lá fora. Vamos. Os meninos concordaram,

e cada um de uma vez subiu a escada de metal. - Francamente, meninos - disse Connor, à medida que iam passando -, se

algun de vocês aqui embaixo tiver enjôo, me avise, que podemos trocar. Ei, você!

Ele disparou o dedo para o último menino que subiu. - Você está com uma cara terrível, pastosa! Talvez devêssemos mudar de

quarto, colega!

- Jamais! - berrou o menino, correndo atrás de Nigel. Connor suspirou, acompanhando o passo de Max e David. A essa altura,

Nigel conseguira reunir a maior parte da turma de novo junto à escadaria. - Certo, então, parabéns por terem completado as configurações de vocês.

São uns sortudos, sabem disso. Na minha turma, houve uns caras que se viram metidos num calabouço, numa adega de vinho bolorenta e num galinheiro!

- Mas, Nigel - perguntou um menino -, como os quartos se transformaram? Você os transformou?

Nigel meneou a cabeça.

- Meu querido, não. Isso é Magia Antiga. Muito mais antiga e muito mais forte que qualquer coisa que Nigel Bristow seja capaz de conjurar. Mas, depois do jantar, mais Presbitério e Magia Antiga!

Os sinos começaram a tocar exatamente quando Nigel os pastoreava escada abaixo.



\*~\* 5 \*~\*

### VELHOS E NOVOS MALES

Meninos e meninas se encontraram perto da fonte, onde as configurações dos quartos foram discutidas num zumbido de vozes concorrentes. Max teve dificuldade de acompanhar a conversa sem fôlego das meninas sobre um salão de trono de faraó com hieróglifos esculpidos e cômodos-alojamentos nas montanhas. Nigel, junto a ele, parecia se divertir, enquanto a srta. Awolowo protegia uma ruiva alta e gorda do ataque de uma baixinha de cabelo preto que a ameaçava com um dedo acusador, murmurando uma coisa qualquer em sua língua nativa. A menina ruiva tinha o ar infeliz

- O que aconteceu com elas? - perguntou Max.

- Ai, acontece todo ano. Companheiros de quarto botando a culpa um no outro pelo jeito como ficaram os quartos com a configuração. Meu italiano é atroz, mas acredito que a Lúcia está aborrecida por causa da choça com goteiras que vão compartilhar. Ela acha que é tudo culpa da Cynthia... Uma coisa qualquer a respeito da preferência inglesa pelo mau tempo... - Nigel

franziu as sobrancelhas e olhou para Max. - A última parte, em particular, não é verdade, a propósito. Nós simplesmente colaboramos com o mau tempo... aceitamos por pura necessidade.

A srta. Awolowo restabeleceu a ordem com uma calma intervenção em italiano que deixou Lúcia num silêncio contido. Nigel saiu quando a srta. Awolowo se dirigiu ao grupo.

- Tudo bem. Agora que terminaram as configurações... Lúcia, pare com isso!... vamos dar uma volta rápida pelo estabelecimento da Rowan, antes de jantarmos. Por favor, me acompanhem até o pomar...

Eles caminharam para os fundos do Presbitério, passando por sebes baixas, pesadas de flores, e chegando a um grande pátio de pedra. Logo depois do pátio, separado por uma faixa de grama, havia longas fileiras de macieiras. Max caminhava ao lado de Connor e David, quando a srta. Awolowo reuniu o grupo junto à árvore mais próxima.

- As maçãs! - gritou uma menina. - São feitas de ouro! Max ergueu os olhos e viu um número de pequenas maçãs douradas. Jesse

Chu passou correndo por Max e ficou na ponta dos pés, para alcançar uma delas.

- Não toque nessa maçã!

Jesse recuou como se tivesse levado uma alfinetada. A srta. Awolowo deslizou, passando por diversos alunos, a bainha da saia levantada acima da grama.

- Perdoe-me por tê-lo assustado, Jesse, mas estas árvores são sagradas. Deixe-me explicar um pouco sobre o pomar de Rowan. Omar, você leria para mim aquela placa, por favor?

Um menino de pele escura, com ar de estudioso, de óculos, inclinou-se e leu a tabuleta de pedra aninhada na base da árvore.

- Fiat Lux - Turma de 1653.

- Obrigada. Alguém conhece essa expressão ou sabe por que estamos olhando para esta árvore?

Um menino louro alto, cujo crachá dizia que era Rolf, de Düsseldorf, levantou a mão. Max achou que ele deveria ter pelo menos catorze anos.

- Fiat Lux é latim - disse Rolf, com pesado sotaque alemão. - A

tradução seria "que se faça a luz". Segundo o panfleto, 1653 foi quando a Rowan formou sua primeira turma.

A srta. Awolowo sorriu. O menino parecia muito satisfeito consigo mesmo. - Muito bem, Rolf. Correto pelos dois lados. Esta é uma árvore sagrada. Uma Árvore de Turma, representando a primeiríssima turma que se formou na Rowan. Eles escolheram Fiat Lux para lema da turma porque chegaram aqui numa época de muita escuridão. Neste pomar existe uma árvore sagrada para cada turma da Rowan.

- A cada ano, a Árvore da Turma produz uma maçã para cada membro vivo daquela turma. Quando um membro da turma falece, sua maçã vira ouro. Assim nós os recordamos, e não tocamos nessas maçãs. Tirem um tempinho para passear entre elas.

Dispersando-se, Max entre eles, os meninos se meteram em meio às fileiras de árvores, cujas maçãs douradas faiscavam ao sol de verão. Ele tentou imaginar as pessoas que elas representavam e o que tinham feito de suas vidas. Depois de instantes, notou que havia ouro cintilando na maioria das árvores, inclusive em algumas das mais jovens.

A srta. Awolowo chamou, e eles continuaram andando pelo pomar, entrando num bosque denso de freixos, carvalhos, bordos e faias. A luz do sol piscava em meio às folhas, enquanto seguiam um atalho que serpenteava entre as árvores até pararem diante de uma construção comprida, baixa, instalada numa pequena clareira. Suas janelas estavam escuras, mas pequenas baforadas de fumaça branca saíam por uma chaminé.

- Este é o Ferreirinho - disse a srta. Awolowo, apontando para uma porta de ferro preto de aparência formidável. - Como aprendizes, vocês ainda não vão ter Dispositivos, mas, durante o ano escolar, podem ter ocasião de visitar.

Connor articulou para Max a palavra "dispositivos" com um olhar inquiridor. Max deu de ombros com um sorriso quando Rolf lançou a mão para o alto.

- Falando de turmas, quando recebemos os horários da nossa turma? Os meus pais insistiram em que eu me inscrevesse em Matemática Avançada.

Max viu Lúcia virar os olhos.

- Os programas das turmas serão distribuídos amanhã, Rolf - respondeu a srta. Awolowo.

Ela continuou a excursão com eles pela floresta, apontando árvores notáveis e se desviando das perguntas sobre os pequenos atalhos laterais que saíam do caminho principal, desaparecendo no mato denso. Havia diversos deles, e Max estava curioso a respeito. David ficou tanto tempo parado diante de um que Max teve de voltar a trote para rebocá-lo.

- Espere um minuto - disse David, procurando algo nos bolsos. - Venha - falou Max, observando a excursão sumir além da curva, no

atalho.

David encontrou a moeda no bolso. Raspou o chão e enterrou a moeda debaixo da raiz retorcida de um olmo vergado. Aparentemente satisfeito, limpou a terra das mãos e correu com Max atrás dos outros.

- Por que você fez isso? - perguntou Max.

David pareceu não o ouvir.

Quando fizeram a curva, Max ouviu cavalos se aproximarem. A srta. Awolowo e os colegas de turma deles davam a volta em diversas construções compridas e um círculo cercado por onde cabriolava uma dúzia de cavalos sem sela. Além das construções se encontrava um muro alto, tomado de musgo, com um portão pesado. O muro continuava até se perder de vista, e as sebes e árvores por trás dele eram muito altas. Max queria passar pela porta, mas a srta. Awolowo os manteve em movimento, chamando-os por sobre o ombro enquanto andava.

- Estes são os estábulos de Rowan. Além deste muro está o Santuário. Vocês o visitarão amanhã. Não há tempo para parar agora. Por favor, me acompanhem!

As crianças a seguiam, apressadas. Ela as esperou num atalho que fazia uma curva para fora da floresta e retornava ao campus principal. Emergindo à luz do sol, Max contemplou o Presbitério e o pomar ao longe, à direita, depois dos gramados aparados. O grupo continuou ao longo da margem da floresta e se reuniu junto a um rochedo sobre o mar.

- Puxa! - exclamou Connor, chegando antes de Max à beirada e olhando para baixo.

Olhando por sobre seus ombros, Max avistou um grande navio com

três mastros, rangendo enquanto balançava ligeiramente nas ondas. Tinha bem mais de trinta metros de comprimento e parecia muito antigo. Uma pesada corrente prendia a embarcação a uma doca comprida. Uma escada rústica de pedra descia de onde se encontravam para a estreita praia rochosa. Com o vento, Max fez força para escutar a voz da srta. Awolowo.

- Aquele, crianças, é o Kestrel. Hoje à noite vocês ouvirão falar mais sobre ele.

Ela acenou para um homem que empilhava madeira trazida pela maré, embaixo, na praia, e arrebanhou a turma, afastando-se da água e retornando a dois edifícios imponentes. Eram feitos de pedra cinza e davam para o lado sul dos gramados entre o Presbitério e a praia. A turma se aproximou das longas sombras que o sol - pondo-se sobre os bosques, a oeste - projetava deles.

Ao se aproximar, Max viu nos edifícios um presságio; erguiam-se como torres, as muitas janelas quietas e escuras. O mais distante tinha uma torre alta de relógio encimada por um torreão e um catavento de cobre que flamulava. As crianças, as pularam quando, com estardalhaço, o relógio deu seis horas. A srta. Awolowo esperou que cessassem as badaladas.

- Estes são Maggie e o Velho Tom, os nossos principais edifícios da Academia. Vocês terão a maior parte das aulas aqui. O Velho Tom é também o guardião dos nossos horários; as badaladas deles freqüentemente dirão a vocês onde deverão estar. Neste momento, ele está nos dizendo que somos esperados na cozinha. Foi uma tarde cheia, e todos vocês devem estar com fome. Por favor, me sigam.

Max bateu papo com David e Connor enquanto os três caminhavam, na beirada do grupo, de volta ao Presbitério.

- É a primeira vez que saio de Dublin, e de cara venho para os Estados

Unidos! - exclamou Connor, dando passadas largas, as mãos enfiadas nos bolsos.  
- Suponho que vocês dois morem em mansões, lá onde vivem, não?

David Menlo riu.

- É. A minha mansão tem até rodas. A minha mãe e eu moramos num trailer.

Encolhendo-se, Connor se virou para Max.

- E você, então? Mora numa mansão?

- Não. O meu pai e eu moramos numa casa normal... não somos ricos - disse ele, na defensiva.

- Você tem computador? - perguntou Connor.

- Tenho.

- Você tem carro?

- O meu pai tem.

- Você tem emprego?

Max olhou para ele, confuso.

- Não.

- Parabéns, Max, você é rico!

Connor correu à frente, para alcançar umas meninas. Um momento depois, estavam todos rindo. Enrubescendo, Max se virou para David.

- O que você acha que ele quis dizer com essa história de "você é rico"?  
David deu de ombros.

- Eu não sei... provavelmente, nada. O Connor é esquisito. Quis apostar comigo que consegue fazer a Lúcia beijá-lo antes de as aulas começarem.

- Não tem a menor chance - murmurou Max, enquanto observava Connor caminhando ao lado de Lúcia e gesticulando loucamente.

Lúcia demonstrava aborrecimento.

Quando Max e David passaram pela fonte, a srta. Awolowo esperava à porta do Presbitério. Ela deu um tapa em seu relógio.

- Por favor, procurem acompanhar o ritmo, vocês dois. A Mamãe e o Bob trabalharam muito preparando o jantar para nós, e os seus colegas estão com fome. Podemos perder uma maçã do pomar para o Jesse se não andarmos depressa!

Ela riu e os levou para junto dos outros, num grande salão que saía do vestibulo, cheio de retratos luzidios. Dali, eles desceram uma escada de pedra que virava, até chegarem a um grande salão de jantar. Do teto abobadado do salão pendiam candelabros maciços, e o salão comprido era mobiliado com muitas mesas e bancos de madeira. De um par de portas que se abriam e fechavam, na extremidade, vinham luz, vapor e barulho.

- Agora, crianças - disse a srta. Awolowo, conduzindo-os às portas -, quero lhes avisar que a Mamãe e o Bob não são chefs tradicionais...

Max e David se entreolharam. Ela prosseguiu:

- Podem ser um tanto surpreendentes à primeira vista, mas juro que vocês vão adorá-los.

Quando se aproximaram, Max ouviu o sussurro urgente de outra mulher, do outro lado das portas.

- Quietos, Bob! Largue isso aí! Silêncio! Acho que chegaram! Ai! Quase sinto o sabor deles!

- Silêncio você, Mamãe! - rosnou uma voz profunda com um estranho sotaque. - Também os estou ouvindo. Lembre-se de se comportar!

Os estudantes ficaram imobilizados quando ouviram uma risada de estancar o sangue bem atrás da porta. Um menino com formato de pera, que estava mais próximo, gemeu e saiu fininho. A srta. Awolowo passou na frente dele.

- Mamãe? Bob? É Ndidi. Vocês poderiam sair, por favor, para conhecer a nova turma?

O menino em forma de pera correu para os fundos quando a voz da mulher gargalhou e guinchou.

- Ai, eles chegaram! Eles chegaram! Os queridinhos chegaram! A porta se

escancarou, derrubando a srta. Awolowo. As crianças gritaram

quando uma mulher ofegante, de pele cinza, baixa e gorda como um fogão barrigudo, irrompeu da cozinha e envolveu Jesse num abraço firme. Jesse trocou as pernas e desmaiou nos braços dela. A cara brilhante olhou bem as crianças, a boca horripelantemente arreganhada revelando a dentadura lisa de crocodilo.

- Oh, Nndidi! Você se superou! Eles são maravilhosos! Oh, são tão maravilhosos e rechonchudos!

A mulher ofegante apertou Jesse contra o quadril e esticou a mão livre para pegar no braço largo de Cynthia, como se examinasse um tomate. A ruiva inglesa escondeu o rosto no ombro de Lúcia, que batia furiosamente na mão da mulher, enquanto Max olhava, horrorizado.

De repente, uma voz forte encheu o salão.

- Mamãe! Solte esse menino e pare de beliscar essa jovem dama!  
Imediatamente a mulher lançou as mãos às costas, mudando o peso de um pé para o outro. Jesse escorregou para o chão.

- Eu só estava dando as boas-vindas às crianças, sra. Richter -  
murmurou a mulher.

Max se virou para o orador invisível, mas diversos colegas mais altos lhe toldaram a visão. A sra. Richter soava importante; uma pessoa acostumada a dar ordens. Um segundo depois, o nome lhe voltou: era o que havia assinado as cartas que recebera.

Seus colegas abriram caminho quando ela se aproximou. - Isso não é dar boas-vindas, Mamãe. Isso é uma emboscada. Totalmente

inaceitável para uma bruxa aposentada. Simplesmente não será tolerado. Por favor, peça desculpas às crianças e à Nndidi.

A bruxa olhava para o chão, acabrunhada.

- É que eu me empolguei, sra. Richter. Eu não as comeria. - Bem, espero que não, Mamãe - disse a sra. Richter. - Você prometeu que

não haveria mais incidentes, e eu acreditei na sua palavra. Não tOmarei a pedir as suas desculpas...

- Oh, me desculpe. Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe - baliu Mamãe, tornando a se fechar na cozinha depois de passar pela srta. Awolowo, que, devagar, levantava-se do chão. A porta balançou loucamente para trás e para a frente. A mesma voz profunda que Max ouvira antes trovejou da cozinha.

- Eu disse a ela que se comportasse, diretora!

A sra. Richter avançou devagar, e Max agora podia vê-la com clareza. Era alta e bonita, embora os traços severos lembrassem a Max uma fotografia que vira uma vez de uma família da fronteira. Era um rosto duro, um rosto acostumado ao trabalho. O cabelo era grisalho, assim como era cinza o casaco do conjunto dobrado em seu braço. Soltando um suspiro, ela sorriu para os alunos em volta. Quando tornou a falar, foi numa voz mais suave.

- Oi, crianças. Eu sou a sra. Richter. Sejam bem-vindas à Rowan. Voltou-se para a srta. Awolowo, que agora se encontrava em pé junto

aporta.

- Ndidi, obrigada por me cobrir enquanto eu estava fora. A srta. Awolowo fez um sinal gracioso, retribuído pela sra. Richter. Em

seguida, a diretora disse, com vivacidade:

- Vamos, então, conhecer os cozinheiros da Rowan?

E passou pela porta, que balançava. Sustentando Jesse, tonto, a srta.

Awolowo acenou para os outros seguirem.

Lá dentro havia uma enorme cozinha onde grandes nuvens de vapor e assovios subiam das panelas de cobre. Max sentiu um aroma delicioso. Avançando para abrir espaço a mais colegas, trombou com Lúcia, que havia parado bem à frente.

Max entendeu a razão.

Um velho de mais de três metros de altura e pele amarelada enfiou uma enorme faca de açougueiro numa tábua grossa de cortar e alisou o avental salpicado.

Os primeiranistas berraram e correram para a saída. As vozes da sra. Richter e da srta. Awolowo se sobrepuseram à comoção.

- Crianças! Está tudo bem. Está tudo bem! Este é o Bob. Ele é o nosso cozinheiro principal!

Max tentou evitar ser atropelado freando na soleira da porta e empurrando Jesse, que queria passar por ele, como se por um túnel, para voltar à sala de jantar. Lúcia correu para debaixo de uma pia industrial, cobrindo os olhos e murmurando coisas em italiano. David gritou e passou por Bob, desaparecendo na despensa lateral. Bateu a porta atrás dele, acarretando o que pareceu, pelo som, uma avalanche de produtos caindo. A srta. Awolowo e a sra. Richter arrebanharam as crianças de volta com uma palavra tranquilizadora aqui, um aperto firme ali. Quando a sra. Richter finalmente soltou Omar de sua perna, chamou o homem imenso, que agora estava sentado numa banquetta reforçada e limpava o monóculo.

- Lamento muito, Bob. Era de se esperar, depois que a Mamãe os assustou daquele jeito.

- Perfeitamente compreensível, diretora. Vá com calma. De seu assento, Bob esticou o braço comprido na direção de um fogão a

gás e ficou mexendo um molho cremoso que borbulhava, até as crianças se amontoarem atrás da sra. Richter e da srta. Awolowo. Connor sussurrou uma coisa qualquer a Lúcia, que, fungando, saiu engatinhando de seu esconderijo debaixo da pia e se juntou a elas.

- O que é aquilo? - silvou Rolf. - E perigoso?

- Em primeiro lugar, meu jovem - disse a sra. Richter -, ele tem

nome, e o nome dele é Bob. Em segundo lugar, o Bob não é perigoso. É um gentleman e o melhor chef que já tivemos na Rowan!

Bob ajustou a chama sob uma panela e sorriu com delicadeza para a sra. Richter.

- A senhora me adula, diretora - disse Bob, a voz grave fazendo vibrar os vidros dos armários. Voltou o olhar às crianças, falando com determinação.

- Oi, estudantes. Eu me chamo Bob. E um prazer conhecê-los. Sejam bem-vindos à Rowan. - E, levantando-se, fez uma reverência, baixando a cabeça volumosa coberta de galos e nós.

Max achou insuportável o silêncio que se seguiu. - Oi, Bob - disse ele.

Bob fez um aceno com a cabeça para Max, simpático. A sra. Richter aproveitou o momento para prosseguir.

- O Bob é um ogro, crianças. Sim, eu sei o que vocês devem ter lido sobre isso, mas o nosso Bob é um ogro aposentado e está conosco há quase sessenta anos. Ele mesmo nos procurou, viajando até aqui da sua terra natal, na Sibéria. Desde então, cuida de nós.

Ela deu um beijo rápido na bochecha de Bob. Ele sorriu e olhou para as crianças, em expectativa. Lúcia levantou a mão trêmula, fazendo sua pergunta num inglês gaguejado.

- O que... o Bob come?

Bob abriu bem a boca, como um hipopótamo, revelando um espaço cavernoso sem dentes à vista. Fechando-a, riu.

- Eles estão temerosos, diretora. Isso é bom, não é? - disse Bob. Então, o ogro se voltou para o grupo. - Depois que jurei largar a carne... removi os meus dentes com pinças. Hoje o Bob prefere sopa de tomate e queijo grelhado.

Quando ele terminou de falar, a sra. Richter foi até um grande armário e bateu com força na porta.

- Mamãe, vai nos fazer companhia ou vai ficar se remoendo? Max ouviu um guincho de coagular o sangue dentro do armário, seguido de

diversas batidas zangadas.

- Vá embora! Não vou sair nunca. A senhora me odeia! Eu sei que a senhora me odeia!

A voz de Mamãe acabou se transformando em soluços de dar dó, arrastados, tremidos. A sra. Richter bateu com os pés e sorriu, desculpando-se, para os estudantes. Ajoelhando-se junto ao armário, falou numa voz reconfortante.

- Mamãe, por favor, não seja difícil. As crianças querem muito conhecê-la direito; não querem, crianças?

A diretora ignorou as caras horrorizadas. Prosseguiu: - Agora chega, Mamãe. Estamos todos com muita fome, mas não vamos

nos sentar para comer enquanto você não vier se juntar a nós. O jantar está

com um cheiro maravilhoso, e podemos acabar logo de uma vez com a cerimônia do cheiro.

Max fez uma careta ao imaginar o que a sra. Richter queria dizer com "cerimônia do cheiro". Bob continuou a mexer o molho com atenção, ignorando a cena. Ouviu-se uma batida abafada. Depois, escutaram a voz lacrimosa de Mamãe.

- Bem, eu não quero que ninguém fique com fome. A senhora não me odeia, odeia, diretora?

- É claro que não, Mamãe - disse a sra. Richter, com determinação. - E os queridinhos... eles me acham... exótica?

A voz saiu em tom esperançoso, enquanto ela esticava a palavra. A sra. Richter suspirou, impaciente.

- Sim, Mamãe, eles acham você exótica. Agora, por favor, faça-nos a cortesia de sair do seu armário.

Mamãe espiou de dentro do armário. Olhou, apreensiva, em torno da cozinha. Sua cara redonda estava tomada pelas lágrimas; o cabelo preto fibroso a atravessava feito molhes de algas marinhas. Contorcendo-se para soltar a parte de baixo, de tamanho considerável, derramou-se no chão de cerâmica. Rápida e desajeitadamente se pôs em pé, ajeitando o cabelo numa série de movimentos frenéticos. Parou abruptamente para olhar os estudantes com uma expressão intrigada, doce.

- Oh, oi. Esta é a nova turma, diretora? São tão queridinhos! - Mamãe, por favor, não finja que ainda não os viu.

Mamãe fez uma careta e lançou um olhar zangado à sra. Richter. A

diretora meneou a cabeça e se virou para a turma. - Crianças - disse a sra. Richter -, por favor, voltem para a sala de jantar e

formem duas filas. Mamãe, por favor, venha aqui para fora, ficar conosco. Bob, você pode fazer com que o jantar seja servido imediatamente após a cerimônia?

Bob assentiu, e eles saíram em fila pelas portas duplas. Max se viu espremido entre Cynthia e Rolf perto das portas. Connor pegou um lugar do outro lado ao ver a sra. Richter escoltando Mamãe para dentro da sala de jantar.

- Tudo certo - disse a diretora, andando pelas filas enquanto Mamãe permanecia junto às portas. - Respirem fundo e tentem ficar bem quietos. Quando for a sua vez, por favor, estenda o braço para que a Mamãe possa cheirá-lo.

Uma menina negra, alta, que estava perto levantou a mão. Max piscou; ela poderia ser neta da srta. Awolowo.

- Sra. Richter, será que a Mamãe vai remover os dentes dela com pinças algum dia?

- Não, querida... Sarah, não é? A cerimônia do cheiro garante que essas medidas não sejam necessárias. Mamãe, por favor, comece.

Mamãe andou de lá para cá junto às portas, batendo palmas, excitada. De repente, jogou-se à frente e agarrou o braço da menina que estava perto de Connor. A menina fechou os olhos e ficou completamente imóvel. Segurando e balançando o braço dela, Mamãe ficou na ponta dos pés e cheirou ansiosamente toda a sua extensão, largando-o em seguida.

- Concluído! - guinchou ela, arrastando-se para Connor. - Oi, Mamãe - disse ele -, o jantar está com um cheiro ótimo! Mamãe soltou arrulhos de prazer e pegou a mão dele, olhando-o de alto a

baixo.

- Oh, você é bonito! - disse ela. - Você me lembra um jovem que comi no subúrbio de Dover. Era um menino tão simpático!

Connor soltou um gemido e virou a cabeça enquanto ela arrastava o nariz ao longo de seu braço feito um porco à cata de raízes.

- Concluído! - guinchou ela, deslocando-se adiante.



Connor estava verde.

Max se inclinou à frente e olhou desesperado para baixo; ele seria um dos últimos a ser cheirado, e a ansiedade era insuportável.

- Sra. Richter - gritou Jesse, em crescente desespero -, temos mesmo que passar por isso?

Mamãe deu um passo de lado na direção dele com uma eficiência chocante. A sra. Richter levantou a voz, abafando os guinchos periódicos e os comentários murmurantes de mamãe.

- Depois que a Mamãe cheira você, ela sabe que não pode perturbá-lo. Fica mesmo doce como um carneirinho.

Quando ela se encontrava a dois estudantes de distância, a escalada de terror dominou Max, que fechou os olhos. Um minuto depois, sentiu algo macio lhe apertar com força a mão. Abrindo um olho um tiquinho, olhou para baixo.

Mamãe lhe beliscava o braço, pensativamente. Levantou-o com uma delicadeza surpreendente e passou as narinas trêmulas por toda a sua extensão. Max grunhiu e tornou a fechar os olhos; todos os seus instintos gritavam que ele se afastasse daqueles dentes pontiagudos, babados. Quando acabou de ser cheirado, ele viu um rastro molhado que lhe serpeava do punho ao cotovelo. Mamãe se inclinou, aproximando-se para um sussurro conspiratório.

- Você ficaria delicioso com batatas, querido! Concluído! Max limpou o braço nos shorts. Ouviu Cynthia choramingar a Ave-Maria

diversas vezes quando Mamãe a agarrou.

- Ah! Você é a moça rechonchuda que fica à porta! Cheira como um ótimo cozido no bafo! Não, não, não é para a Mamãe, não é para a Mamãe. Concluído!

Terminada a cerimônia do cheiro, Mamãe se pôs diante das portas e encarou os estudantes. Subindo nas pontas dos pés, abriu os braços como um maestro de orquestra e se curvou com lenta majestade.

- Foi ótimo conhecer todos vocês, meus queridos. Bem-vindos à Rowan! O jantar de vocês está servido.

As crianças se sentaram a diversas das mesas compridas sobre as quais havia pilhas de frangos assados, tigelas de legumes a soltar fumaça e pães

ricos e saborosos. A sra. Richter e a srta. Awolowo se sentaram à mesa mais próxima da cozinha, os rostos iluminados por luz de velas.

Max não se lembrava de refeição mais estranha. Normalmente de comer pouco, viu-se devorando feito um lobo montes de frango acompanhados de um molho cremoso, ervilha torta e batata dourada. Ainda se serviu de dois pedaços de torta caseira e de uma gorda porção de sorvete.

Uma sombra fez Max erguer os olhos. Viu Bob, que, inclinado por cima dele, enchia um copo de limonada. Ele deu um sorriso escabroso para Max.

- Eu não guardei o seu nome, jovem - disse o ogro. - Oh, o meu nome é Max. Max McDaniels - respondeu. - É um prazer, Max. Espero que nos visite na cozinha. Bob estendeu a mão

retorcida do tamanho de uma bandeja. Max a apertou com cuidado. Cheirava a sabão. Bob riu para a srta. Awolowo, sentada à mesa seguinte.

- Este é bom, hein, srta. Awolowo?

A srta. Awolowo concordou, pensativamente, seus olhos escuros a cintilar. - Nós achamos, Bob. Sim, achamos mesmo.

Bob retirou diversos pratos vazios da mesa e sumiu, ágil, atrás das portas duplas.

Depois do jantar, levando lanternas, os estudantes acompanharam a sra. Richter numa procissão em fila única pelo terreno. Max olhava para o oeste, onde faixas escarlates se apagavam, misturando-se a tons azuis estrelados.

Eles desceram a escada até a praia onde o navio escuro balançava sobre a água. Uma fogueira ardia, viva, com muitas toras e três tocos arrumados em volta como se fossem banquinhos. A sra. Richter fez sinal para que tomassem assento enquanto se sentava, de costas para o mar. Sua voz solene ultrapassou as ondas e as chamas que estalavam.

- Esta noite recordamos, compartilhamos, um pouco da história da Rowan e também da própria nova turma. Faz séculos que a nossa espécie fugiu do Velho País e chegou a estas praias. Desembarcamos neste exato trecho de litoral, aqui trazidos pelo Kestrel.

A sra. Richter se virou para olhar o vulto da embarcação coberta de mariscos, atrás. Pôs-se a caminhar em meio a eles, os pés fazendo um ruído

suave na areia. Max acompanhou seu olhar quando ela parou e contemplou as estrelas. A diretora prosseguiu:

- Talvez vocês se surpreendam ao saber que o nosso mundo ainda é um mundo muito jovem e que a humanidade é uma coisa muito nova sobre esta terra. De fato, outros estiveram aqui muito tempo antes de nós. – Abaixando-se, a sra. Richter pegou areia com as duas mãos. - Os maiores entre eles vieram para ajudar a dar forma a este mundo, observar sua beleza e suas possibilidades se desenrolarem...

A areia dentro de suas mãos começou a borbulhar e derreter. Max ficou boquiaberto de vê-la se transformar num pequeno e lindo ornamento de vidro. Olhou-o a pairar por sobre o fogo como uma jóia brilhante enquanto ela retomava a caminhada, deslizando por trás dele. - Eles se deliciaram com as águas, os bosques e as criaturas que vieram habitá-los. E partiram, deixando o cuidado de nosso planeta a outros. Esses que tomavam conta eram seres menores, e nós os chamamos de administradores. Para os seres humanos, porém, eles eram como deuses e deusas: grandes espíritos dos elementos que vigiavam o mundo enquanto nós ainda éramos apenas infantes. Ai de nós, a vigilância deles falhou...

Max e os colegas pularam quando o vidro que pairava no ar caiu estilhaçado no fogo. A diretora prosseguiu:

- A vigilância deles falhou e outros vieram, também. Outras coisas de mundos moribundos, onde nada restava de alimento. Silenciosamente se infiltraram, se arrastaram, às profundezas deste mundo, para roer suas raízes. A simples presença deles corrompeu alguns dos administradores...

Os olhos da sra. Richter endureceram quando um tronco caiu na fogueira, soltando jatos de faíscas que se pareciam com vagalumes. Ela continuou:

- Os administradores corruptos perderam o interesse de cuidar do mundo e, em vez disso, buscaram dominá-lo. Para os seres humanos, só havia uma opção: servir ou perecer. Felizmente, alguns poucos homens e mulheres recusaram essa opção, escolhendo resistir. Os administradores remanescentes deixaram parte de seu poder passar àqueles dispostos a lutar. Os primeiros a receberem essa fagulha eram muito grandes, quase que administradores eles próprios, na medida em que lhes foi concedida uma certa sabedoria e a Magia

Antiga para fazer frente à escuridão. E vocês herdaram essa fagulha, meus queridos. Cada um de vocês, todos os que estão aqui sentados comigo agora!

A sra. Richter parou de andar e olhou de um rosto a outro em torno da fogueira, finalmente detendo o olhar em Max, quando prosseguiu.

- Nós não sabemos como essa fagulha veio parar dentro de vocês; não podemos prever quem será abençoado com ela.

A única coisa que sabemos é que ela está se apagando com o tempo. Nosso número e nossa potência hoje são meros ecos do passado. Mas ela não se apagou totalmente! Na Rowan, nós reunimos essas fagulhas, as alimentamos, e assim continua a Grande Luta. A Rowan é a última escola para a nossa espécie, fundada quando as outras foram destruídas.

Ela piscou, como se perdida nos próprios pensamentos. Colocou o casaco do terno sobre os ombros de uma menina que tremia e se sentou outra vez junto ao fogo. A diretora continuou a falar.

- A Solas foi a última e a maior dessas escolas. Caiu. Nós optamos por construí-la na Irlanda... Uma boa opção, uma vez que a terra respira Magia Antiga, cercada de água e névoa. Na Irlanda, a nossa espécie fez as pazes com os Tuatha de Danaan, os administradores em extinção daqueles domínios. Eles eram aliados inconstantes, mas capazes de um auxílio poderoso quando se conseguia despertá-los de seu sono sob as montanhas. Foram eles que fizeram as fundações da Solas.

A sra. Richter levantou as mãos e, a se contorcer, o fogo subiu. Dentro dele Max viu um grande castelo com muitas torres e empenas telhadas num rochedo sobre o mar. Apertou os olhos para vê-lo com mais nitidez, mas as chamas trêmulas e a fumaça o obscureceram. A diretora prosseguiu:

- De todas as maneiras, a Solas era uma maravilha! Os maiores cérebros e místicos da época foram instruídos no interior de suas muralhas, protegidos em segredo do Inimigo até estarem fortes o bastante para ocupar seu próprio lugar do lado de fora. Da Solas vieram aqueles que poriam fim à Idade das Trevas. Com sua vitória, os seres humanos foram deixados em paz. Durante séculos não surgiu um grande Mal, e nós começamos a esperar que tivéssemos afinal vencido! Acreditávamos que os administradores corruptos e sua prole tivessem abandonado este mundo, trocando-o por outro. Estávamos errados.

A sra. Richter tornou a se levantar e se afastou do fogo. A imagem

de Solas se perdeu nas chamas, que cresciam cada vez mais, até a praia se encher de estranha luz e sombras.

- Astaroth chegou - disse ela.

Max ficou imobilizado quando ouviu esse nome outra vez. A sra. Millen o tinha dito aos guinchos, enquanto o perseguia. A perna dele, sem movimento. A diretora tornou a falar.

- Astaroth era muito mais paciente e esperto que os predecessores. Não se declarou; ao contrário, permaneceu oculto, manipulando homens e países como peças de xadrez pelos continentes. Lá pelos anos 1640 o nosso mundo se encontrava num grande tumulto. A dinastia Ming entrou em colapso; as nações da Europa guerreavam uma com a outra; a Inglaterra se consumia com a guerra civil. Mentes brilhantes foram aprisionadas e torturadas por heresia...

A sra. Richter franziu as sobrancelhas e olhou a fonte de flamas mas à sua frente, antes de prosseguir.

O mais sábio de nós, Elias Bram, percebeu que esses eventos não eram loucuras casuais do homem. Ele sentiu que os problemas do mundo eram urdidos era segredo por uma mente superior e malevolente. O verdadeiro nome e a verdadeira forma de Astaroth foram revelados, e o nosso povo deslindou muitas obras do mal prestes a se completar. Furioso, Astaroth botou seu cérebro afiado para descobrir a origem daqueles que se opunham a ele. No final, fomos traídos. Astaroth soube de nós e da nossa escola. Os grandes portões foram derrubados, e muitas almas valentes se perderam. Mas o Inimigo pagou um preço alto. A Solas foi quebrada, mas Astaroth foi quebrado com ela. Bram veio e o combateu, e torres e salões desmoronaram em torno deles. Bram caiu, mas não em vão... um grande mal foi removido deste mundo.

A coluna de fogo que rugia começou a morrer e a murchar, transformando-se em lambidas silenciosas das chamas nos troncos consumidos. A diretora retomou a palavra.

- Os estudantes e professores que sobreviveram fugiram dos exércitos de Astaroth e buscaram ajuda dos Tuatha de Danaan. Esses poucos, preciosos, foram trazidos aqui a bordo do Kestrel, e a Rowan se ergueu a partir do campo. É a Magia Antiga, crianças, que esconde este lugar e o torna estranho.

A sra. Richter voltou a se sentar e tomou as mãos das duas crianças mais próximas, dando-lhes um sorriso gentil.

- E, agora, vocês estão aqui. Nós estamos aqui, tantos anos depois que os nossos aliados protegeram esta enseada, permitindo a continuação da nossa

espécie. Estou tão contente de tê-los entre nós! Vocês foram chamados à Rowan não para lutar, mas para aprender... a desenvolver essa fagulha nobre no íntimo de vocês. Como diretora e como ser humano companheiro, espero que façam o possível para animar essa fagulha no íntimo de vocês. Muita coisa depende dela.

Max não conseguia dizer quanto tempo ficaram sentados em silêncio, amontoados em torno das chamas, que finalmente viravam cinzas. Esforçava-se para imaginar qual poderia ser o seu papel numa história tão vasta. Ele se virou para David, mas seu companheiro de quarto estava olhando para as estrelas, o rostinho pensativo e sério. Após algum tempo, a sra. Richter rompeu o silêncio.

- Está tarde, e há muito o que fazer amanhã. Vou levá-los de volta ao Presbitério.

Apanhando as lanternas, as crianças a seguiram pela longa trilha entre os gramados rumo à sua casa nova.



\*~\* 6 \*~\*

## O ÚLTIMO LYMRILL

As barulhentas badaladas do Velho Tom fizeram Max despertar com um grito. Estivera de novo sonhando com o sabujo e levou um bom tempo para se lembrar de quem era. Deitado de costas na cama, Max observou as constelações em lenta rotação, os seus contornos brilhantes mais tênues devido aos matizes cor-de-rosa e dourados que vinham da borda inferior da cúpula. Contou sete badaladas.

Bocejando, Max balançou os pés ao lado da cama. Quando desceu, aos tropeços, encontrou sua toalha amarela felpuda pendurada num gancho junto ao tocador. David já se encontrava lá embaixo, tossindo muito.

- Oi - disse David, virando-se de costas para se enfiar numa camiseta. Acho que isso é o mais próximo de manhã que se consegue neste quarto! David riu e vestiu um short.

- Você vai tomar uma chuveirada? - perguntou Max. David se virou depressa, com uma expressão nervosa.

- Não, estou bem - disse ele.

Max deixou o quarto e desceu, descalço, o corredor, carregando sua toalha e apetrechos de toaleta. Ouvindo seu nome, virou-se e viu Connor correndo atrás dele.

- Dia, Max! Acho que deviam ter nos dito que o Velho Tom ia aumentar o volume do sino.

Connor sorriu e, com um empurrão, passou pela porta 301. Max o seguiu e viu parar, sem fala.

O banheiro era um espaço imenso, repleto de guarda-volumes de cedro, bancos de ripas de madeira e plantas tropicais. Max ouvia música clássica além do borbulho suave de uma fonte de mármore. Numa parede comprida se alinhavam pias brilhantes e torneiras prateadas em forma de golfinhos saltando. Do outro lado do cômodo, havia três passagens em arco com placas de bronze indicando privadas, chuveiros e spa.

A porta se abriu atrás, e Max se virou. Eram Rolf, Jesse, Omar e vários outros meninos.

- Puxa! - exclamou Omar, de olhos arregalados atrás dos óculos. - Foram vocês, caras, que configuraram isto?

- Alguém tinha que fazer isso - disse Connor, com humildade, olhando as próprias unhas. E, pendurando a toalha no ombro, dirigiu-se ao spa.

Max se lembrou da hora e correu para os chuveiros. Entrando numa cabine, ficou intrigado com o que viu. Em vez das torneiras normais, havia seis pequenas alavancas de prata instaladas na parede de mármore. Max puxou a da extrema esquerda, dando um pulo com a água fria que caiu do chuveiro no alto. Fechou-a e tentou a seguinte, que só o fez se enfiar num canto: água quente - quente demais! Conseguiu, enfim, empurrar a alavanca para cima com o dedo do pé. Meio encolhido, puxou a terceira alavanca. Soltou um suspiro de alívio quando

um pesado jato de água morna saiu do chuveiro.

Um guincho frenético soou a diversas cabines de distância. - A terceira da esquerda para a direita! - berrou Max. - Obrigado! - respondeu uma voz agradecida.

Puxando a quarta alavanca, Max recuou num salto, assim que bolhas de sabão correram de um pequeno esguicho escondido e rapidamente encheram a cabine, cascadeando por sobre a porta antes de Max poder desacelerar o fluxo. A alavanca cinco produzia uma porção de xampu esmeralda que ele segurou

na mão. A alavanca seis cuspiu uma vez, antes de soltar um fluxo contínuo de creme de barbear morno. Max riu, esfregou um pouco no queixo, depois esculpiu uma barba branca de espuma. Espiou fora da cabine, para se ver, no exato momento em que Omar fazia o mesmo. Caindo na gargalhada, os dois desapareceram dentro das respectivas cabines.

De pé sobre poças de água, dúzias de meninos escovavam os dentes e tagarelavam quando ouviram um "Ei!" sonoro. Virando-se, Max ficou surpreso ao ver um homem careca de um metro de altura. Tinha a aparência de um pigmeu. Vestia um velho terno azul e massageava o r o s t o , enquanto os supervisionava. Cheirava fortemente colônia de almíscar e parecia zangado.

Estão se divertindo, hein? Tem graça fazer essa bagunça no banheiro de Jimmy?

O homenzinho andou na direção deles.

- E aí, qual é o problema, rapazes? A Mamãe arrancou a língua de vocês? Têm idade bastante para se barbearem, mas são novos demais para responderem por si?

Dardejou um olhar sombrio a Omar e Max, que se encolheram contra a parede. Diversas torneiras continuaram correndo, atrás. Connor deu um passo adiante.

- Senhor, não tivemos a intenção...

- Silêncio!

Max lançou um olhar a Connor, que parecia tão assustado e confuso como Max se sentia. O homem deu outro passo na direção do grupo, a cara já vermelha.

Bem aí a porta se abriu, e a cabeça de Nigel apareceu. - Depressa, meninos, a sra. Richter já está na orientação... Jimmy! Como

vai você? Muito tempo...

O homenzinho virou os olhos.

- Ah, você tinha que aparecer justamente agora e atrapalhar a minha diversão! Eu ia fazer esses sapinhos enxugarem este lugar o mês inteiro.

Nigel riu e entrou no banheiro. Tirando um dólar de prata do bolso, foi até a última pia, levantou a tampa de um Buda gordo de porcelana e deixou a moeda cair lá dentro.

- Desculpe, Jimmy. Da próxima vez os deixo para você. - Ah, tudo bem. Tem que correr, de todo modo, se é para aprontá-los para a

sessão da manhã. Não quer um tiquinho daquele troço bom, Nigel? Nigel sorriu educadamente.

- Não, Jimmy. Não, obrigado. Eu vou... dizer à diretora que os meninos estão... apenas travando conhecimento com você. - Após uma pausa, Nigel acrescentou: - Meninos, lembrem-se de trazer um presente para o Jimmy mais tarde. Guardem isto: é a lembrança que conta!

- Tudo bem, então! Vejo você mais tarde! – gritou Jimmy. E saiu juntando braçadas de vidros e borrifadores, que colocou sobre uma

mesa de dobrar. Virando-se para os meninos, bateu palmas. - Certo, então, quais os meninos sortudos que serão asseados à moda de

Jimmy? - inquiriu o homenzinho. - Não posso cuidar de todos vocês; então, quem será?

- Hã?... Não estou entendendo... - disse Rolf, cheirando o sovaco. - Acabamos de tomar banho.

Jimmy olhou para Rolf como se este fosse um imbecil. - É o primeiro dia de vocês, não é?

Os meninos concordaram.

- E entre as damas existem umas que olham, não é? Os meninos se entreolharam e deram de ombros. - Bem, nesse caso, a chuvairada é só o

começo! Vocês precisam do

tratamento do velho Jimmy para fazê-las se sentarem eretas e prestar atenção. Depressa! Vocês seis numa cadeira.

Jimmy estalou os dedos, e seis cadeiras de vime zuniram pelo cômodo, posicionando-se em fila.

- Eca, eu sabia que nós seríamos os sortudos! - gemeu Connor quando Jimmy indicou um assento a Max.

Os que não tinham cadeira diante de si recuaram depressa para porta. Max ficou impaciente quando Jimmy se pôs ao trabalho, subindo e

descendo a fila a besuntar cabelos, rostos e pescoço com gel e borrifadores. Franzindo o rosto com a concentração, ele arrumou um pente e repartiu cuidadosamente o cabelo de cada menino no meio. Os meninos se olhavam no

espelho, sentados, em horror silencioso, até que Jimmy bateu palmas, com súbita satisfação.

- Pronto, meninos! Agora parecem lordes! Bom material com que se trabalhar, é claro! Mas, agora, com o toque especial de Jimmy!

E, assobiando alegremente, rearrumou seus frascos enquanto os seis meninos saíam em fila, com ar de mau humor.

Max correu a seu quarto e se vestiu depressa, tornando a se reunir com os outros no saguão na hora em que soaram as badaladas do Velho Tom. Correram escada abaixo, parando, desajeitados, no pequeno teatro. Todos os outros colegas já estavam sentados. Diversas meninas riram ao ver os penteados antiquados dos meninos. Até a sra. Richter, recostada num piano, tinha uma expressão divertida no rosto, esticando-se para apanhar um lenço.

- Sentem-se, cavalheiros. Como eu estava contando aos colegas de vocês, hoje é um dia muito importante. Vocês visitarão o Santuário pela primeira vez. Lá formarão pares com um bom amigo para os próximos seis anos. Talvez até mais.

A sra. Richter franziu a testa e acenou com o lenço diante do rosto. Um grupo de meninas ria, aos cochichos. Apertando o nariz, Cynthia e Lúcia se mudaram para vários assentos mais longe, enquanto David tossia, fechando a boca com a mão, piscando para os meninos. Evitando os olhares dos colegas,

Max passou a mão na massa envernizada sobre sua cabeça. Ficou espantado ao constatar como o cabelo era capaz de ficar tão liso e espetado.

Depois de um silêncio de um instante, a sra. Richter respirou fundo no lenço e prosseguiu.

- Sim, esta manhã, após a visita ao Santuário, vocês receberão os programas deste semestre e se encontrarão com os seus professores, que vão... Ai, meu Deus, é simplesmente demais!

As meninas se torceram de rir. Max enrubesceu se virou para Connor, cujo pescoço naquele momento se encontrava vermelho vivo de tanto ele coçar.

A sra. Richter se afastou do piano.

- Meninos, eu imagino que Jimmy seja o responsável pelo... penteado de vocês...

Eles assentiram. Os ombros de Cynthia subiam e desciam como

pistões, de tanto que ela ria. A cara de Lúcia estava escarlate. A sra. Richter pediu silêncio.

Jimmy está conosco há algum tempo e ele tem ótimas intenções, mas a triste verdade é que está perdendo o olfato. Na verdade, já perdeu. No futuro, recomendo que vocês educadamente recusem os serviços de toalete dele. Ele vai insistir, sem dúvida, mas vocês têm que ser fortes, em nome de todos nós. Agora, vamos continuar esta conversa do lado de fora.

Com o lenço apertado contra o nariz, a sra. Richter os conduziu pelas portas de vidro e saiu no pátio do pomar. Os colegas corriam na frente, rindo; as vítimas de Jimmy, cabisbaixas, arrastavam-se, a reboque.

Soltando o ar, a sra. Richter dobrou o lenço e esperou que os estudantes se reunissem à sua volta. Surgiam nuvens no céu; começava um vento.

Agora está melhor! Como eu ia dizendo, o Santuário é um lugar muito especial na Rowan. Não há nada mais importante em todo este campus. Vejam, crianças, somos campeões não apenas quanto ao nosso semelhante, o homem, mas também em relação a muitas outras criaturas e espíritos que habitam este mundo. Nem todas as criaturas místicas estão alinhadas com o Inimigo. Aquelas que o desejem podem encontrar refúgio aqui na Rowan. Na verdade, vocês já conheceram algumas delas. Infelizmente, várias dessas criaturas são muito

jovens ou vulneráveis e requerem o cuidado de vocês. Hoje, vocês formarão um par com uma delas.

A sra. Richter fixou os olhos severos nos estudantes e prosseguiu: - É uma grande honra conferida a vocês, esta. Muitas dessas criaturas são

extremamente raras. Algumas talvez sejam as últimas do seu gênero. É importante que vocês tomem essa responsabilidade para si muito seriamente; é um aspecto crítico da educação de vocês. Não há vergonha maior do que ter que renunciar à própria responsabilidade.

A idéia de ter que cuidar de algo místico deixou Max muito nervoso. Jamais sequer possuía um animal de estimação. A maioria de seus colegas, porém, parecia encantada e tagarelava, animada, enquanto a sra. Richter os conduzia pelo bosque. Quando eles alcançaram o muro alto e musguento próximo do estábulo, a sra. Richter se posicionou próxima ao sólido portão de madeira com o anel pesado de bronze.

- Sei que vocês estão nervosas, crianças. Afinal, são tantas coisas

novas! Respirem fundo e apreciem esta nova experiência. O Santuário é o lugar favorito de muitos dos estudantes. Muitos forjam laços para toda a vida com aqueles por quem se responsabilizam. Simplesmente, sejam vocês mesmos e confiem nos seus instintos de responsabilidade.

O portão se abriu, rangendo. Além dele, Max viu um caminho estreito tão espremido pelas árvores baixas e sebes que era mais um túnel escuro que um atalho. Seguindo os outros, Max foi tropeçando ao longo de vinte ou trinta metros, quando de repente sentiu uma gota de chuva no nariz. Tinham saído numa enorme clareira, cujo capim alto ondulava ao vento.

Max olhou para trás ao longo do túnel; não chovera do outro lado do portão. Diversos de seus colegas já comentavam isso.

Virando-se outra vez para a clareira, Max apertou os olhos para ver um fundo distante de bosque e morros surpreendentemente cobertos de neve. Grupos de árvores e grandes formações rochosas pontilhavam a clareira a intervalos irregulares. Um rebanho de vacas pastava e mugia ao longe. Bem à frente se encontrava uma construção baixa comprida, próxima a uma lagoa, em cujas margens havia uma faixa de praia e palmeiras imperiais.

De súbito, uma coisa enorme desceu do céu para pegar nas garras uma das vacas distantes. Com um guincho, o pássaro - do tamanho de um pequeno avião -

saiu voando com a presa a se debater, em direção às montanhas ao longe.

- Que bom ver que o Hector voltou a comer - exclamou a sra. Richter, com satisfação. - Não tocava em nada havia semanas!

Uma quantidade de crianças bateu em retirada para o túnel de folhas até a diretora lhes fazer sinal para que voltassem.

- Não se preocupem, que nenhum habitante do Santuário os confundirá com comida - garantiu ela. - Aqui, geralmente, os seres humanos não configuram presas para ninguém, e estão todos muito bem alimentados.

Rolf escarneceu alto, lançando um olhar de aviso. - Ei - disse Connor, dando uns passinhos e espiando pura o leste -, onde

está o oceano?

Max se espantou ao ver que Connor tinha razão: em vez do oceano havia ali uma série de dunas de areia, erguendo-se em delicadas ondulações por

quilômetros até estancarem diante de um paredão de pedra escura que se estendia ao horizonte. A sra. Richeter sorriu.

- Como o Connor reparou - disse ela-, o nosso Santuário é um lugar muito diferente do mundo atrás daquele túnel. Como muitas coisas aqui na Rowan, o Santuário tem o seu próprio espaço: espaço que é "emprestado" de outros lugares do mundo. Isso prove aos nossos hóspedes um refúgio especial e uma variedade de habitats que lembram seus lares. A única maneira de entrar ou sair deste Santuário é pelo túnel. Lembrem-se, a Magia Antiga pode ser rude e imprevisível, então, é importante não vagar muito longe. Max deu uma cotovelada em Connor.

- Não existe nada aqui que não possa nos ferir, matar ou comer? - sussurrou ele.

Connor sorriu.

- Faz você pisar em ovos, não é?

- Você acha que poderíamos pedir para não ter um desses? - Eu duvido - respondeu Connor depressa, enquanto a sra. Richter passava

por eles.

- Ah! - exclamou a diretora, dando uma espiada no relógio. - Acho que o Nolan está nos esperando.

Um homem alto e magro, bronzeado, vinha caminhando, da construção próxima à lagoa na direção deles. Tinha nos braços uma coisa qualquer que parecia se contorcer. A cinqüenta metros, ele riu e a colocou no chão. Max abriu um sorriso ao reconhecer a criatura. A cabeça de Lucy apareceu, acima do capim alto. Em seguida, ela se aproximou rapidamente e trombou em Max. O garoto a segurou nos braços.

- Ei, você! Lucy! - exclamou ele. - Que bom vê-la! Lucy se torceu nos braços dele, subindo-lhe pelo peito para cheirar o rosto.

Max riu e se virou na direção dos outros.

- Ah - disse a sra. Richter. - Quase esqueci que o Max já conhece a Lucy! Turma, venha conhecer a Lucy. Ela é de responsabilidade de Nigel Bristow desde que ele era um aprendiz, há cerca de trinta anos.

- Isso tem mais a ver... - disse Cynthia, enquanto cocava Lucy atrás das orelhas.

- Oi, Lucy! - Omar fez voz de criança, acariciando-lhe a barriga.

- Boa menina! - cantarolou Connor, sacudindo a pata dela. Lucy se mexia freneticamente, tentando olhar cada estudante à medida que

eles iam se apresentando. Era demais. Grunhindo de choque, ela soltou um jato de gás, e as crianças correram, às gargalhadas. Ela enfiou a cabeça debaixo do braço de Max.

- Ora, ora, vocês a magoaram - disse o homem com uma risada. Ele tinha cabelo escuro, um tom de voz suave e olhos azuis vivos com pés

de galinha nos cantos. Vestia calça de brim, um avental grosso de couro e luvas repletas de riscos e furos. Max o reconheceu: era o homem que tinham visto no dia anterior na praia, quando fizeram o passeio com a srta. Awolowo.

- Ei, estudantes - disse ele, acenando -, estão preparados para fazer um amigo para toda a vida? - inquiriu, batendo palmas alto, de luvas.

Tirando Lucy de Max, sussurrou uma coisa qualquer no ouvido dela e a colocou no chão. Ela trotou de volta em direção à lagoa.

- Crianças - disse a sra. Richter -, este é o sr. Nolan, superintendente da Rowan.

- Só Nolan está ótimo para mim - disse ele, com uma piscada de olho. Olhou para Cynthia, do outro lado, que tinha o ar petrificado desde o

aparecimento da ave predadora.

- A senhorita seria a minha assistente?

Ela demorou para responder.

- Obrigada.

Ele sorriu, oferecendo o braço a ela e andando em direção à construção. - Vamos todos nos dirigir ao Alojamento de Aquecimento. Temos belas

criaturas loucas para conhecê-los.

O Alojamento de Aquecimento era feito de escura madeira crua e coberto com ripas gastas. Diversos fardos de feno se encontravam empilhados num telheiro coberto que dava para a lagoa. Reunindo as crianças em torno do galpão, Nolan fez sinal de silêncio. Pegou um pequeno sino de prata, que fez badalar por três vezes. As pranchas do telheiro começaram a estalar, como se uma coisa grande se movesse lá dentro.

- Garotos, quero que conheçam a YaYa. Ela cuida de todos os animais do Santuário. É a Grande Matriarca de Rowan e está aqui desde que isto foi criado.

As crianças recuaram quando a cabeça maciça de uma leoa negra

feito azeviche surgiu à porta. Maior que um rinoceronte e coroada com um único chifre quebrado de marfim sarapintado, ela saiu, pesada, do galpão. De seu pelo preto emanava um tênue brilho branco. A grande criatura se abaixou lentamente no alpendre, dobrando as patas pretas cintilantes. Os olhos eram nublados de catarata leitosa, e as ancas subiam e desciam com a respiração difícil. Trotando porta afora, Lucy se enfiou em meio aos bigodes do grande queixo de YaYa.

Max pensou na porquinha como um aperitivo.

- Ela é bonita, sr. Nolan - disse uma menina, na frente. - O que ela é? - Tenho certeza de que vai preferir responder a isso ela mesma. Max ficou pregado no chão quando a criatura ergueu a cabeça. Sua voz

soava como diversas mulheres falando ao mesmo tempo. - Obrigada pela sua bondade. Eu sou uma ki-rin. Meus cumprimentos, e

boas-vindas à Rowan.

Respirando fundo, ela baixou a cabeça mais uma vez, cobrindo Lucy. - A YaYa é muito velha - disse o sr. Nolan. – Setecentos anos é uma vida

longa, até mesmo para alguém do gênero dela. Nos preocupamos em deixar que a YaYa passe o dia descansando e cuidando dos feridos. Mas, sendo a Grande Matriarca de Rowan, é a ela que vocês terão que responder se ela souber que estão fugindo das tarefas.

YaYa falou, sua voz suave como o chuvisco que persistia. - Não os assuste, Nolan. Tenho certeza de que as responsabilidades estarão

em muito boas mãos. A Lucy já fala muito bem deles. Os olhos nublados se voltaram para Max.

- YaYa - disse Nolan -, com a sua permissão, gostaríamos de apresentar os que estão sob a sua responsabilidade à turma.

- É claro - respondeu ela. - Com exceção da Malhada, eles estão muito ansiosos por isso.

Nolan conduziu os estudantes a uma parte atrás da construção, separando-os em fileiras. A sra. Richter, YaYa e Lucy se acomodaram num grande cobertor de lã que a diretora deitou sobre a relva. O céu estava ameaçador, e Max, muito nervoso. Minutos depois, Nolan tornou a aparecer, com uma dúzia de outros adultos. Um sortimento variado de criaturas os acompanhava numa

estranha procissão. Eram de todos os formatos e tamanhos, espiando ansiosamente os estudantes. Algumas se elevavam acima dos adultos que os conduziam, mas a maioria era menor e se amontoava em torno deles, murmurando, ronronando ou tagarelado em suas próprias línguas. Uma etiqueta com nome pendia de cada pescoço.

- Tudo bem - falou Nolan. - Isso não tem nada de mais. Vocês só têm que ficar onde estão e deixar os nossos queridinhos olharem para vocês. A maioria é bastante jovem, de modo que não devem se ofender se eles se comportarem com menos educação do que deveriam. Parte do trabalho de vocês será lhes ensinar boas maneiras. Certo? Então, vamos começar.

Max tentou acalmar a respiração enquanto as criaturas andavam, arrastavam-se e pulavam no meio deles. Um enorme touro alado com cara e cabeça de rapaz ficou pairando perto dele. Olhou-o, impassível, enquanto Max lia ORION, SHEDU SÍRIO em seu crachá. O shedu não se movia. Simplesmente mirava Max, com a cara ligeiramente franzida. Max se sentiu perdido.

- Oi, Orion. O meu nome é Max.

Concordando petreamente, o shedu levantou a cabeça e caminhou fila abaixo na direção de Lúcia. Max ouviu um tinido e olhou para baixo: um cachorrinho listado lhe cheirava os calcanhares. Sentado, ergueu os olhos para ele, o crachá indicando seu nome: Moby, um bray de Somerset.

- Oi, Moby.

O cachorro abanou o rabo e soltou um pequeno uivo firme, que soou como cometa. Max tapou as orelhas com as mãos, e o cão saiu trotando. Beliscado pelas costas, Max se virou e viu dois faunos da Normandia olhando-o com desconfiança. Ambos tinham patas traseiras esbeltas, de cabra, mas tronco e cara de menino e menina novos. Pareciam gêmeos: Kellen e Kyra. Falavam francês.

- Il n'est pas pour moi - cheirou Kellen. '

- Moi non plus, mon frère. Je prefere Connor - respondeu Kyra, tornando a espiar fila abaixo.

Max se sentiu insultado, sem saber por quê, quando um sapo vermelho brilhante maior que uma torradeira pousou em seu sapato. Dedos viscosos e

acolchoados agarraram a perna do garoto, enquanto o peito inflava como um balão. Max procurou seu crachá.

- Ei, Boca de Chaleira, eu sou o Max.

O sapo piscou diversas vezes antes de pular adiante, sobre a cabeça de Jesse Chu. Jesse soltou um guincho e quase caiu para trás, tentando se livrar do sapo com cara de sono que agora se pendurava à sua gola. Max viu David sentado ali perto, aninhando no colo a cabeça de uma gazela cor de prata. Sussurrando, David levantava-lhe a cabeça para que visse Max.

— Max, esta é a Maya. Ela é uma ulu e me escolheu! Max sorriu e acenou. Na verdade, estava aborrecido por ainda não ter sido escolhido. Uma pequena

lebre pulou à sua frente. Apoiada nas patas traseiras, fitou Max com um olhar laranja vivo.

- Oi, Malhada - disse ele, com entonação. - Eu me chamo Max. - Por que está falando comigo como se eu fosse uma imbecil? - perguntou a lebre, os bigodes tremendo de indignação. - Por acaso você está lendo Dante no original italiano?

Max tapou a boca com a mão.

- Hum, não.

- Esse negócio todo é ridículo! Eu deveria estar cuidando de você, não o contrário. Ah, você não serve mesmo!

A lebre das montanhas levantou a cauda e se afastou aos pulos, assustando um pequeno ser castanho que rapidamente saiu do caminho e se escondeu.

Os olhos de Max mais uma vez se encontraram com os de Orion, quando o shedu passou de novo. Ele pisou sem ver um surpreendente pavão de três pernas que soltava harmonias musicais ao passar.

Muitas crianças estavam agora sentadas na grama, as criaturas sob sua responsabilidade instaladas ao lado ou, em alguns casos, penduradas num braço ou numa perna. Com um lampejo de ciúme, Max viu que Orion escolhera Rolf. Cynthia pedia profusas desculpas a um diabinho que a repreendia, não mais alto que um pé de banqueta. O diabinho estava inconsolável. Cynthia implorava pela ajuda de YaYa quando Max soltou um grito e deu um pulo.

Alguma coisa pontiaguda lhe perfurara o pé.

Assustado, Max olhou para baixo e viu uma estranha criatura.

Parecia uma pequena lontra, mas seu pelo era brilhante, vermelho-dourado. Penas metálicas de aspecto letal lhe corriam pelo pescoço e pelas costas, na direção de um rabo grosso, semelhante ao de uma raposa. Tinha garras negras em curva como um urso pardo: uma dessas lhe furara o sapato. Max gritou quando a criatura se preparou e saltou sobre ele com força espantosa, derrubando-o de costas na grama. Abrindo os olhos, viu o pesado animal deitado sobre seu peito; a cara, a polegadas da dele. A criatura mordiscou seu nariz e começou a vibrar o rabo feito cascavel. Max prendia a respiração quando as garras assassinas do animal se esticavam e encolhiam para agarrar melhor.

- Vejo que conheceu o Nick Mas eu não o conheço. A cara de Nolan estava de cabeça para baixo.

- Oi, sr. Nolan. Eu sou Max McDaniels. Hã... sr. Nolan? - Só Nolan está ótimo - disse o homem. - E aí, Max? - Tudo bem - disse Max, tentando delicadamente afastar uma grande garra

da garganta. - Nolan, o quê, exatamente, é o Nick? Não tive chance de ler o crachá dele.

- O Nick é um lymrill da Floresta Negra, e é uma sorte danada o termos. Pensávamos que essa espécie estivesse extinta até um de nossos agentes esbarrar nele na Alemanha.

- Hein, Nolan? Acho que as garras dele estão me cortando... - Ah, ele só está entusiasmado, filho! - disse Nolan, rindo. - Dá para ver

pelo rabo abanando. Criaturas fascinantes, os lymrills. Nunca pensei que teria oportunidade de ver um deles. Acho que o Nick escolheu você, Max. Parabéns!

Max olhou para Nick, que tinha aplainado as penas e contraído as garras. Liberando o peito de Max do peso surpreendente, acomodara-se na grama. Max esfregou o peito. Havia buracos em sua camiseta e diversas gotículas de sangue. Ele olhou com raiva para Nick, que agora tirava uma soneca.

Ao longe ouviam-se as badaladas do Velho Tom dando dez horas. Com um ronco surdo, YaYa se levantou e andou até eles.

- Quando eu chamar o nome de vocês, por favor, se adiantem, com a criatura que é de responsabilidade de vocês... Sarah Amankwe...

Max observou a menina bonita em quem tinha reparado na cozinha

deslizar para a frente com o estranho pavão de três pernas ao lado. Eles ficaram vários minutos diante de YaYa e da sra. Richter. Sarah aparentemente pegou uma caneta e assinou seu nome; em seguida, os dois voltaram a seu lugar.

Os estudantes foram chamados um por vez. Ficavam diante de YaYa para assinar os nomes. Max sentiu vontade de cochilar junto com Nick, até que ouviu seu nome.

- Max McDaniels.

Max tentou acordar Nick, sacudindo-o, mas o animal não se mexeu. Quando seu nome tornou a ser chamado, Max pôs as mãos por debaixo do lymrill, erguendo-o como um bebê.

Ao ir à frente apressado, notou, pelo canto do olho, que Nick estava perfeitamente acordado e todo contente.

Uma frase se formava na cabeça de Max quanto à escolha de Nick quando ele chegou diante de YaYa, que parecia uma torre ao lado da sra. Richter. Max nem sequer lhe alcançava o ombro. Ela o contemplava com os olhos grandes como pires nadando em leite. Max se agarrou mais a Nick.

- Max McDaniels, Nick escolheu você para ser o Guardião dele. Você contesta essa escolha?

Sua voz soou muito pequena quando respondeu. - Não.

- Ao assinar seu nome no Tomo do Santuário - prosseguiu YaYa -, você jura cuidar de Nick e olhar por ele da melhor maneira que puder. Entenda que o serviço leal será reconhecido em espécie; a inconstância resultará em abandono e vergonha. Você aceita essa tarefa?

Max baixou os olhos para Nick; sentiu o coração do lymrill bater forte sob sua mão enquanto os olhos pequenos e ansiosos do animal lhe perscrutavam o rosto.

- Você aceita esta tarefa? - perguntou YaYa, pacientemente. - Sim - disse Max. - Eu vou tomar conta de Nick. A sra. Richter lhe apresentou um livro muito antigo, para assinar.

Descendo a vista pelo pergaminho puido, ele viu que o juramento já havia sido inscrito em tinta preta. Embaixo se encontrava uma linha em branco, junto ao

selo de Rowan. Assinou seu nome, assustado de ver a data aparecer em seguida. A sra. Richter sorriu e fez sinal para que ele voltasse a se reunir aos demais.

O restante dos juramentos transcorreu tranqüilamente, com exceção do de Omar. Ele teve a infelicidade de ser escolhido por Malhada, a lebre das montanhas, que ruidosamente protestou contra qualquer tipo de contrato com um menor. A lebre não ficou satisfeita enquanto não lhe permitiram botar tinta na pata e assinar o livro também. Todo o tempo, Omar parecia mortificado,

limpando os óculos meticulosamente.

Depois que todos os estudantes fizeram o juramento, Nolan e seus assistentes deram a cada ura deles um livrinho azul-marinho. Max leu as palavras gravadas em prata na capa do seu livreto: O LYMRILL: HISTÓRIA CONHECIDA, HÁBITOS E CUIDADO. Estava prestes a abri-lo quando Nolan dispensou os estudantes, para que explorassem o Santuário pelo resto da manhã. Os estudantes se dispersaram em direções diversas com as criaturas sob sua responsabilidade. Max viu Connor correndo atrás de Kyra, a fauna, que naquele momento disparou rumo a um bosque de pinheiros. David e Maya não se movimentaram; ela permanecera deitada no colo dele - os olhos, fendas finas de ouro. Lúcia levou Boca de Chaleira na direção da lagoa, onde o sapo-boi vermelho logo caiu na água, com estardalhaço. Orion permitira a Rolf que lhe montasse nas costas, e saíram os dois devagar rumo às dunas.

O rabo a flutuar, Nick disparou na direção das árvores próximas ao portão do Santuário. Suas garras arrancavam porções de terra pelo caminho.

No momento em que Max chegou à sebe, o lymrill tinha desaparecido. O garoto esfregou os braços quando gotas de chuva começaram a cair. Foi para debaixo de uma grande árvore curvada junto ao túnel em dossel. Durante dez minutos andou para lá e para cá, procurando em toda a sebe ao redor qualquer sugestão de vermelho ou dourado e tentando ouvir o som da cauda de Nick. A chuva caiu com mais força, e Max deu um chute numa árvore próxima.

- Não acredito que perdi a criatura sob minha responsabilidade no primeiro dia!

Uma voz por perto o assustou.

- Se está procurando pelo lymrill, ele se encontra bem em cima de você.

Max recuou, num salto, já olhando para o alto. Viu Nick agachado num ramo nodoso. Quando Max o percebeu, o rabo do animal começou a flutuar, o chocalho baixinho na brisa.

Max girou querendo encontrar a origem da voz - Quem disse isso?

- Fui eu.

Uma gansa gorda saiu do túnel bamboleando, seguida de uma dúzia de gansinhos que se puseram a grasnar inquisidoramente. Enquanto marchavam por

ali, a gansa se virou, desceu e levantou o bico.

- Eu me chamo Hannah. Adoraria conversar com você, mas é hora da comida e eles são uns terrores quando estão com fome. Não deixe de ensinar ao lymrill a tomar cuidado com as garras!

- Hã... certo. Obrigado!

A gansa levantou a asa de penas brancas, como um aceno de despedida, enquanto arrebanhava a prole rumo à lagoa.

Pedaços de casca de árvore começaram a cair sobre Max. Olhando para cima, ele viu Nick afiando as garras e o espiando. Bocejando de forma teatral, o lymrill de repente saltou para um galho mais alto e passou a jogar mais casca de árvore em Max.

- Tudo bem, estou indo aí! - disse Max, num suspiro, agarrando-se a um galho para subir. Poucos minutos depois, o olho de Max estava no mesmo nível de Nick, que fazia o rabo flutuar prazerosamente. - Ei - chamou Max, ofegante, encontrando uma bifurcação na base de um galho grosso.

Nick deu a volta, enrolando-se feito bola no colo de Max e mordiscando a ponta da cauda. As penas, alisadas, formaram um cone metálico. Em segundos, estava profundamente adormecido, o focinho preto largo assobiando enquanto respirava, lenta e regularmente. Max soltou uma garra largada da perna e olhou o Santuário de cima. Estar no topo da árvore lembrou-lhe seu forte, lá em Chicago. Observou as gotas de chuva batendo nas folhas externas, pensando em como sua mãe riria, se pudesse vê-lo.

Como Nick não desse sinal de se mexer, Max se recostou e abriu seu livrinho:

Lymrill

(também conhecido como Fazedor de Reis e Folia de Rolartd)

Mamífero místico que habita as árvores, encontrado na Europa central e na ocidental. Possui tamanho compacto, garras afiadas, pelo espesso e penas metálicas que têm valiosas propriedades. Procurado em função do couro, o lymrill foi caçado até praticamente a extinção por cavaleiros e reis, os quais acreditavam que sua pele podia ser usada para forjar armaduras e armas de dureza impenetrável. As lendas sugerem que o lymrill tem de entregar as penas de forma voluntária, sem que o animal morra - quando a pele perde suas

reputadas propriedades.

O último exemplar conhecido foi capturado na Península ibérica pelo afamado guerreiro Roland, que cobiçava sua magia, mas, sem querer, matou o animal, na impaciência pelas penas. Os lymrills são considerados inteligentes e de-monstram habilidade para se comunicar com...

Max parou de ler quando ouviu vozes lá embaixo. Viu a sra. Richter chegar da clareira para se encontrar com a srta. Awolowo, Nigel e dois outros adultos na entrada do túnel. A sra. Richter parecia agitada.

- Quais são as últimas notícias sobre Lees?

- Sabemos que ele conseguiu chegar ao aeroporto - murmurou Nigel, tirando o cabelo molhado da testa. - Só que, aparentemente, não chegou a aterrissar. Isabella insiste em que ele nem sequer saiu do avião em Logan.

- E os outros?

- Os sinais indicam que sumiram todos, diretora. Olhando de esguelha, Max avistou uma jovem de capa de chuva cinza e óculos.

- Desapareceram logo depois que suas cartas foram enviadas. Todos foram dados como desaparecidos em suas comunidades.

O tom da sra. Richter foi agudo e rápido.

- Quantas crianças estão faltando exatamente, Nndidi?

- Mickey Lees, que passou nos testes há duas semanas, e dezessete

Potenciais que ainda não fizeram os testes - respondeu a srta. Awolowo. - O último Potencial desapareceu há três dias em Lima, no Peru.

- E quantas pinturas foram roubadas, Hazel?

- Cinquenta e duas - disse a mulher de capa. - Mas os roubos parecem ser casuais. Não podemos dizer com certeza que o Inimigo está envolvido.

- José, temos alguma razão para suspeitar de traição interna? Como foi a última revisão de desempenho da Isabella?

- Hum... É sempre possível, é sempre possível - respondeu um homem mais idoso, de suéter vinho. - Mas eu não penso assim, Gabrielle. A Isabella nunca foi

a nossa melhor, mas você sabe tão bem quanto eu que ela é de confiança.

- Nigel - disse a sra. Richter, virando-se de repente. - Sim, diretora?

- Você acredita que o McDaniels compartilhou tudo com você? Tudo a respeito da mulher na casa? E tudo sobre o Varga?

- Sim, eu acredito que compartilhou.

- Hum... Ainda vou precisar entrevistá-lo. Embora eu acredite que você e Ndidí estejam certos com relação a ele. E também sobre o David Menlo. O que isso significa é uma questão que se pode tentar imaginar. Mas essas crianças desaparecidas necessitam mais do que imaginação. Não se pode supor nada a respeito das crianças ou das pinturas! Eu vou esperar ter mais informações até amanhã de manhã.

A sra. Richter se virou e começou a voltar para o Alojamento de Aquecimento, e os outros desapareceram no túnel da sebe. De cara franzida, Max acompanhou a sra. Richter a andar pela clareira.

- Nick, alguma coisa muito, muito errada está acontecendo.



\*~\* 7 \*~\*

## CASA CHEIA

Na volta ao Presbitério, os primeiranistas foram divididos em cinco grupos. O de Max foi encaminhado para a Biblioteca Bacon, e lá as crianças molhadas se reuniram em volta da lareira. A biblioteca se situava no terceiro andar e dava para o sul, onde Max via uma grande quadra esportiva. Virando-se, ainda da janela ele examinou as estantes. Havia seções dedicadas a Filosofia, Artes, Literatura. Milhares de livros se alinhavam nas prateleiras.

Enquanto alguns de seus colegas se encontravam encharcados, Max estava somente úmido; ele e Nick tinham ficado no alto da árvore até ouvirem as badaladas do Velho Tom. A turma deixara com Nolan as criaturas que agora

eram de sua responsabilidade, disparando, em seguida, pelo portão, para escapar da chuva que começou a cair pesadamente.

A porta para a biblioteca se abriu, e entraram a jovem mulher e o senhor que Max vira conversando com a sra. Richter. O homem tinha uma expressão

paciente, óculos grossos e uma barba branca como moldura. A mulher era bem mais nova, de cabelo castanho curto. Bonita, mas parecia muito séria e doutorai atrás dos óculos pequenos, retangulares, folheando uma pilha de papéis.

- Certo, crianças, venham para cá - disse o homem, erguendo a vista. Com alguma relutância, os estudantes se afastaram do calor do fogo,

sentando-se mais perto. Tendo ataques de tosse, David esfregou o nariz. - Você é o David? - perguntou o homem.

David fez que sim.

- Talvez fosse melhor você permanecer perto do fogo - disse o homem, com um sorriso bondoso, voltando, em seguida, a se dirigir ao grupo.

- Oi. Eu sou José Vincenti, e esta é a srta. Hazel Boon. Entre os professores, eu sou Chefe do Departamento de Dispositivos, e a srta. Boon é instrutora júnior de Mística.

Max deu uma olhada na srta. Boon; seu nome lhe era familiar. Subitamente, lembrou-se de Nigel mencionar que foi dela o recorde recente de extinção de chamas durante o teste de Potencial. Sentada pacientemente, tinha os braços cruzados.

- Como conselheiros da turma, estamos aqui para tomar conta de vocês e garantir que progridam como deveriam. Seremos seus professores até vocês começarem a se especializar, no final do terceiro ano. Nessa altura, terão um conselheiro dentro da sua especialidade. Srta. Boon?

A srta. Boon ergueu a vista; Max se espantou quando viu suas pupilas. Tinham cores diferentes: uma era castanha; a outra, de um azul vivo. Ela encarou os estudantes com uma expressão solene. Max se contorceu quando seu olhar se demorou nele.

Olá. É uma honra ter sido nomeada conselheira da turma de vocês. E a minha primeira turma. Os recrutadores falam muito de vocês, de modo que tenho expectativa de grandes coisas. Grandes coisas requerem trabalho de

verdade; portanto, sem mais delongas, permitam-me distribuir os horários dos cursos.

Dando a volta na mesa, a srta. Boon entregou as folhas laminadas. Max meneou a cabeça, sem acreditar. O cômodo ficou em silêncio durante cerca de quinze minutos, enquanto os estudantes examinavam seus horários com expressões de surpresa e murmúrios. Cynthia foi a primeira a levantar a mão.

- Estou lendo certo isso? Diz que o meu dia começa às seis e meia da manhã e que vou ter quase dez aulas, além de cuidar da criatura de minha responsabilidade.

- Isso mesmo - respondeu a srta. Boon, indo alimentar o fogo. - A Rowan tem um currículo que é um desafio, e certas disciplinas, como Treinamento Físico, Línguas e Mística têm que ser dadas todo dia. Max contemplou o horário enquanto a srta. Boon e o sr. Vincenti respondiam a perguntas - ou se esquivavam delas - sobre notas, localização de salas, prêmios para a turma e material escolar. Para Max, o único ponto positivo surgiu quando mencionaram que a Rowan não tinha horário de entrada, mas seu encantamento acabou quando se deu conta de que qualquer tempo livre seria gasto com estudo. Eles foram dispensados, e lhes disseram que estavam livres para explorar o Presbitério e seu terreno até o jantar.

Pé ante pé, Max voltou a seu quarto, atirando o horário sobre a cama. Desceu, molhou uma toalha na pia e esfregou o cabelo para tirar o grude e o perfume. A cúpula do céu estava mais escura, e as constelações, mais brilhantes em relação à manhã.

O jantar consistiu em sopa e sanduíches, pois Mamãe e Bob estavam ocupados preparando o banquete da noite seguinte. No salão de jantar escuro, o único foco de luz eram velas de um candelabro; lá fora, rugia o trovão. Max viu Nigel descer rapidamente a escada, acompanhado de diversos outros adultos, e desaparecer com eles por outra porta. As meninas, sentadas a uma mesa separada, lançavam olhares zangados a Jesse, que previra, em voz alta, que os meninos ficariam com todos os prêmios. Ao levar um tapa, Max deu um pulo. Viu Mamãe em pé atrás dele.

- Telefonema para você, amor. Na cozinha.

- Ah! Obrigado, Mamãe - disse Max, levantando-se da mesa e seguindo-a pela porta dupla.

Debruçado sobre uma enorme bandeja de doces, Bob aplicava ondas delicadas de suspiro sobre palitos de chocolate. Erguendo os olhos, sorriu para Max, o sorriso torto atenuando os traços escabrosos.

- Acho que é uma ligação para você - disse ele. - Ele já sabe, seu idiota! Por que acha que eu estou aqui atrás? - silvou

Mamãe, correndo ao telefone, na parede do fundo. Num tom entrecortado, esnoabe, a bruxa falou:

- Sim, senhor. O sr. McDaniels já foi chamado. Já está vindo. - Mamãe... - avisou Bob, virando-se dos doces.

Tapando o fone com a mão, Mamãe deu vários pulos, fazendo caretas horríveis. Bob se afastou, resignado, indo bater mais uma tigela de suspiro. Max chegou ao telefone; Mamãe, porém, abaixou-se, ficando fora do alcance dele.

- Eu de novo, senhor. Escuto o Max se aproximar enquanto falamos, senhor. Ele estava degustando um coquetel na va-ran-da...

Max tirou o fone dela. A voz de seu pai trovejou do outro lado. - Ah, sim, muito obrigado.

- Pai!

- Oi, Max! Pensei que ainda fosse a recepcionista... Ela é... hã... muito profissional...

- É, ela é fantástica - murmurou Max, enquanto Mamãe batia palmas e ria. E, numa corrida, passou por ele carregando no ombro um lado inteiro de

boi, desaparecendo em outro cômodo.

- Acabo de chegar de outra viagem a Kansas City – disse o pai. - De volta ao lar, de volta ao lar, como diria a sua mãe. Como você está? Tudo bem por aí?

- As coisas vão... bem. - Max olhou para a parede e acompanhou uma rachadura com o dedo.

- Algum problema, Max?

- Nada. Só que... parece que vai ser puxado. E eu sinto saudade de você. Max apertou bem os olhos. Fez-se um longo silêncio do outro lado da

linha.

- Bem, eu também sinto saudade sua.

Max foi tomado por um desejo súbito de estar de volta em casa, os

pés plantados no teto do forte, deitado de costas, fazendo desenhos tarde afora. - Pai, você acha que ainda dá tempo de voltar para casa?

- Até dá, filho, mas a questão não é essa - disse o sr. McDaniels. - A questão é honrar um compromisso que você assumiu. Você tomou uma decisão, uma decisão difícil, e eu estou muito orgulhoso por você ter feito isso como um homem. As primeiras semanas serão duras, mas espero que você agüente. Se odiar, no ano que vem pode freqüentar a escola aqui.

Max concordou com um gesto de cabeça, até se dar conta de que o pai não podia vê-lo. Ouviu um cochicho urgente, atrás. Virando-se, Max viu Lúcia lhe acenar da porta.

- Max, estão perguntando por você - disse ela. - Estamos recebendo os nossos livros e uniformes.

E sumiu atrás da porta dupla.

- Pai, preciso ir. Estão distribuindo os nossos livros e o que vamos usar. - Então, tudo bem. Seja um bom menino e faça o seu melhor. Por mim e pela mamãe.

- Certo - disse Max, rapidamente. - Amo você.

- Também amo você, garoto. Telefone daqui a uns dias. Botando o fone no gancho, Max deu a volta na longa bancada, em direção

à porta. Assim que alcançou a saída, sentiu no ombro a enorme mão de Bob, esticada. O ogro lhe estendia um doce, com decoração especial. A cobertura dizia "BEM-VINDO, MAX" numa bela e delicada caligrafia. Com uma piscadela, Bob colocou o agrado em sua mão e o fez sair depressa porta afora.

Na manhã seguinte, ouvindo risadas dentro do banheiro, Max parou diante da porta 301.

- Ei, cara, você só pode estar de brincadeira comigo, Jimmy! - dizia uma voz grave, com forte sotaque sulista.

Como resposta, a voz de Jimmy cacarejou algo ininteligível. Max abriu a porta devagar. Sentado sobre o balcão, as pernas balançando, Jimmy conversava com um menino mais velho, de toalha e sandália de dedo. Eles se voltaram quando Max entrou.

- Aí está um deles! - rugiu Jimmy, saltando do balcão e coxeando

em direção a Max, que se recostou contra a porta. - Aí está um dos ladrões ingratos!

Jimmy tinha a cara cor de púrpura ao atacar Max; o menino louro, aparentemente em boa forma, interceptou, colocando as mãos nos ombros de Jimmy. Max suspirou de alívio.

- Calma, Jimmy! - falou o menino louro, devagar. - Relaxe. Relaxe, homem.

Jimmy olhou Max com ferocidade, o peito estufado, o dedo acusador em riste.

- Esse sapinho me fez de escravo! Insistiu no tratamento do velho Jimmy para ficar um janota diante das damas! Eu disse que estava ocupado, mas ele implorou por um toquezinho de classe! E teve a decência de me agradecer como deve? Nem pensar! Nenhum deles me deu presente!

O menino louro se virou; ainda segurava com força os ombros de Jimmy. - Isso é verdade? - perguntou a Max. Max ficou vermelho. - Eu não sabia! Eu... eu peço desculpas! O menino mais velho piscou para

Max.

- Bem, Jimmy - disse o menino -, deixe este garoto comigo. Eu cuido dele para você.

Subitamente, Jimmy demonstrou preocupação, olhando para Max e o menino mais velho com uma expressão séria.

- Prometa que não vai ser muito duro cora ele, Jason! - implorou o homenzinho. - Ele é só um sapinho, afinal!

Jason franziu a cara e meneou a cabeça.

- Você conhece os meus métodos, Jimmy.

- Não encoste a mão nele! - rugiu Jimmy. - Se fizer isso, vai responder perante mim!

Jason soltou Jimmy e ergueu as mãos, em atitude de defesa. - Certo. Certo. Vou liberá-lo.

Com ar de desprezo, Jimmy passou por ele, roçando-o, e fez sinal para Max se aproximar.

- Do sexto ano! - sussurrou. - Acham que são os donos do lugar. Se perturbar você, me avise, hein?

Max ergueu as sobrancelhas e concordou, olhando por cima de

Jimmy para o menino, sorridente. Dando-lhe um tapinha no ombro, Jimmy foi resgatar um pano de chão do outro lado do cômodo. Jason estendeu a mão a Max.

- Oi, cara. Eu sou Jason Barrett. Você deve ser um novo aprendiz. - Sim - respondeu Max, apertando a mão dele. - Eu me chamo Max

McDaniels.

- Prazer, Max. Bem-vindo à Rowan.

Olhando por sobre o ombro, Jason baixou a voz. - Max - disse -, o Jimmy pode ser um grande garganta; mesmo assim, você

tem que lhe trazer um presente se ele faz alguma coisa por você... não precisa ser caro. Na verdade, qualquer coisa serve... um pedaço de chiclete, meio pão, um selo, qualquer coisa. Ele só quer que você se lembre dele, entende?

Max lançou um olhar prudente a Jimmy, enquanto Jason prosseguia, num tom mais leve.

- Felizmente, você não terá que se preocupar muito com o Jimmy. Como pode ver, este é o "pai" dos banheiros masculinos da Rowan. Nós meio que o reservamos ao quinto e ao sexto ano. Os aprendizes usam o 101, lá embaixo.

Jason deu um tapinha no ombro de Max e o dirigiu delicadamente à porta. - Comece pequeno, Max... Isso lhe dará algo por que esperar! Do lado de fora da porta, amontoados, Max encontrou diversos de seus

colegas de turma com ar tenso.

- Ouvimos o Jimmy berrando - sussurrou Omar. - Está tudo bem com você?

- Está. Tudo ótimo. Mas acho que temos que usar um outro banheiro. O

101. Este é para o quinto e o sexto ano.

- Isso é ridículo! - murmurou Jesse, dirigindo-se à porta. - Este banheiro fica no nosso andar.

Ameaçador, Jesse passou pela porta. Os outros ali permaneceram, dando um pulo quando ouviram a voz de Jimmy aos gritos lá dentro.

- Outro! Saia da frente, Jason. Deixe-o comigo! Jesse saiu aos berros do banheiro. Bateu a porta e a escorou com toda a

força. Olhando para os outros, dirigiu-se à escada. - Max, você disse 101?

O 101 consistia em um pequeno espaço escuro, com uma dúzia de repartições cinza, privadas e pias. Numa banheira empoeirada, uma aranha morta era iluminada por uma lâmpada solitária sem lustre, pendurada do teto mofado. As paredes estavam cobertas de armários enferrujados. Puxando uma cortina de chuveiro, Rolf enfiou a cabeça dentro de uma repartição, virando-se logo depois para os outros.

- Vou em segundo lugar - propôs.

- Eu amava aquele outro banheiro - fungou Connor, passando à frente de Rolf e abrindo a torneira.

Na hora em que os meninos deixaram o banheiro, o Presbitério estava muito mais movimentado. Gritos de cumprimentos soavam pelos corredores. Havia um barulho constante de bagagem e portas batendo. De volta ao andar deles, Max encontrou o corredor cheio de malas e sacolas de viagem, além de segundanistas que por ali faziam o reconhecimento do local e comparavam horários. Quando Max e os outros chegaram ao corredor, porém, as conversas foram abruptamente interrompidas.

- Ah, não! - Connor respirou fundo quando começaram os primeiros berros.

- Sapinhos! Sapinhos!

Os primeiranistas correram em direção a seus quartos, aos gritos, passando pelo corredor polonês dos estudantes mais velhos, que berravam e jogavam bolotas de fita crepe num turbilhão aguilhoante de objetos voadores.

Max praticamente mergulhou no quarto, com pedaços de compensado e fita voando atrás. No plano superior, David estava sentado no chão, as costas de encontro à cama.

- Aterrorizante, não? - falou ele. - Fui espiar e me perseguiram. Tive que voltar para cá. E acrescentou, pensativo: - Até esqueci que ainda precisava fazer xixi.

- Isso não é tão ruim assim - disse Max, ofegante. - Quase fui morto pelo Jimmy de manhã, até um cara do sexto ano me dizer que nós temos que usar o banheiro 101.

- Por que isso?

- Você vai saber quando vir o banheiro 101 - suspirou Max, largando-se em sua cama.

Depois de abrirem caminho pelo campus em alvoroço, Max e David emergiram do túnel do Santuário bem a tempo de ver um rebanho de cavalos negros luzídios relampejar na clareira. Montada sem sela nos cavalos havia uma mistura de meninas e meninos mais velhos, que riam e gritavam uns para os outros, enquanto passavam a meio galope pela lagoa e subiam em direção às dunas. Diversos estudantes estavam sentados debaixo das palmeiras, jogando peixes vivos a um casal de focas gigantescas que tinham se arrastado da lagoa para a praia arenosa.

- Quer me ajudar a alimentar a Maya? - perguntou David. - Não deve ser muito ruim. Ela só come melão, nozes e capim.

- Não - disse Max. - Eu tenho que alimentar o Nick esta noite e nem sei o que ele come. É melhor ler o meu livro. Se eu fizer errado, a YaYa provavelmente vai me devorar.

Tirando do bolso o livro sobre o lymrill, Max acenou, despedindo-se, e andou rumo à lagoa. As focas tinham ido embora, mas ele viu Boca de Chaleira e Lúcia tomando sol junto a uma palmeira. Acenou e deu meia-volta para a outra ponta, acomodando-se sobre um relvado terreno baixo salpicado de pequenas flores brancas. Por um tempo, apenas ficou deitado de costas, observando as nuvens elevadas passarem no alto. Tirou a camisa e os sapatos. Fechando os olhos, deixou que o sol lhe aquecesse o rosto. Logo estava profundamente adormecido, tendo um sonho estranho em que seu pai declarava a sua mãe falecida para poder se casar com Mamãe, que imediatamente o

transformou numa caçarola.

Max acordou de repente, como se alguma coisa tivesse trombado nele. Abrindo os olhos, viu que estava imprensado entre dois montes brilhantes e ondulantes. Soltou um grito e deu um salto. Depois, correu para longe das duas focas de cerca de seis metros que se haviam enfiado uma de cada lado. Ouvindo uma risada, virou-se. Notou uma menina tirando fotografias. Ela baixou a câmera, revelando o rosto mais bonito que ele já vira, com cabelo

comprido castanho, olhos azuis e ligeiras sardas pintalgando cada bochecha bronzeada.

Max estava horrorizado.

- Meu Deus! - exclamou ela. - Eu estava me perguntando quando é que você ia acordar! Isto vai para o jornal, com certeza. Provavelmente também para o Anuário.

- Horrível, Julia. Que vergonha! - protestou uma das focas, rolando de lado. - Nós três estávamos tão em paz!

- Ah, não pude resistir - disse a menina, dando de ombros. Mudo, Max piscou para ela.

- É com um você pegar um primeiranista cercado por duas focas cochilando no meio da manhã?

- Você devia pedir desculpas - disse a outra foca, com uma ondulação agitada.

- Ah, está bem, desculpas... hã... qual é o seu nome? Ela fez uma pausa, erguendo as sobrancelhas, na expectativa. - Max. Max McDaniels. Tudo bem. Só levei um susto. Virando-se, ele

levantou a mão para as duas focas, que nesse momento piscavam para ele. - Desculpem.

- É compreensível - roncou a selkie. - Você estava dormindo. Nós assustamos você. Eu me chamo Helga, e esta é a minha irmã, Frigga. Selkies escandinavas. Você parecia estar tão confortável que resolvemos tomar sol na nossa gordura junto de você.

E bateu com os dedos na barriga, barulhentosamente. - Eu me chamo Julia Teller - apresentou-se a menina, deixando de lado a

máquina fotográfica. - Sou Mística do Estágio Um e fotógrafa chefe do jornal. Do terceiro ano - acrescentou, vendo a expressão de confusão na cara de Max. Ele não tinha idéia do que dizer. Só sabia que queria que ela continuasse conversando.

- Tudo bem para você se eu usar isso no jornal? - perguntou ela. - Hã... sim, acho que sim - disse Max, procurando a camisa e, de repente,

sentindo-se muito jovem e magro.

- Obrigada - disse ela, com vivacidade. - De onde você é? - Chicago.

- Cidade legal! Fui com a minha família para lá uns anos atrás. Eu sou de Melbourne.

Max a fitou.

- Fica na Austrália - acrescentou ela.

Max concordou, sentindo-se estúpido. Ficaram se olhando um bocado de tempo.

- Bem - disse Julia -, consegui a minha fotografia da manhã. Foi um prazer conhecê-lo, Max. A gente se vê.

Antes de ele poder dizer qualquer coisa, Julia se foi, caminhando depressa rumo ao túnel da sebe e parando para cumprimentar Hannah, a gansa, que, com sua prole, bamboleava em direção a Max. A atenção de Max foi desviada por uma batida forte no chão, logo ali.

- Eu vou mordiscar qualquer coisa. Foi um prazer conhecê-lo, Max - roncou Frigga, virando-se e escorregando para a água.

- Frigga! - exclamou Helga, ondulando atrás da irmã. - Comemos há uma hora. Isso tem que parar. Você está ficando imensa!

As duas irromperam numa discussão de foca, desaparecendo suavemente sob a superfície. Max sentiu uma picada no calcanhar e se virou: viu Hannah e os gansinhos reunidos em sua volta.

- Oi de novo - disse Hannah, num tom muito animado. - Correu um boato pelo Santuário de que você está livre para tomar conta de crianças pequenas... É

verdade?

- Oh... Acho que sim - respondeu Max. - Os ly m rills são da noite, de modo que...

- Ótimo! Preciso afofar a minha penugem, e uma das driades se ofereceu para fazer isso em troca de uma canção. Você pode olhá-los uma ou duas horas, não? - Hannah se virou e levantou a asa por sobre os gansinhos que, grasnando, trombaram uns nos outros. - Estes são Susie, Bobbie, Willie, Millie, Hank, Honk, Nina, Tina, Macy, Lillian, Mac e o pequeno bebê Ray. Gansinhos, comportem-se. Volto logo, queridos.

Dando tapinhas camaradas na perna de Max com a asa, Hannah bamboleou de volta rumo à floresta. Os olhos de Max a acompanharam, impotentes, enquanto os gansinhos lhe pulavam nos pés e se punham a lhe picar as canelas com os biquinhos afiados.

Ele passou duas horas com os filhotes, deixando que pulassem e

corressem por sobre seu corpo, deitado na relva, tentando, sem sucesso, ler o livreto. A cada meia hora, os levava à lagoa embaixo. Entrava na água, brincando com eles, que nadavam em meio aos caniços em pequenos círculos alegres. A água estava quente, mas, a cada intervalo de segundos, Max sentia uma sugestão de corrente forte, fria, na parte mais funda. Os estudantes mais velhos acenaram, rindo, quando viram que Max havia sido alistado para o trabalho de cuidar de criança. Os pintinhos exigiam atenção constante, e Max ficou aliviado quando viu Hannah voltar.

- Sinto-me uma nova gansa! - exclamou ela, enquanto os gansinhos se amontoavam em volta da mãe. - Hum. Parece que alguém aqui arrumou uma dúzia de novos fãs. Obrigada, Max. Você é um amor. As crianças vão adorar se vier fazer uma visita uma hora dessas. Vivemos no ninho pequeno junto do pomar, logo atrás da Arvore da Turma de 1840. Passe lá a qualquer hora.

- Com certeza - disse Max, agarrando seu livrinho. Despedindo-se, ele se dirigiu ao túnel da sebe. Um dos gansinhos (Max

achou que poderia ser Lillian) foi trotando atrás - até Hannah a arrebanhar de volta para junto do resto.

Naquela noite, centenas de estudantes afluíram ao grande salão de jantar, agora dourado com a luz de muitas velas cilíndricas acesas em meio aos candelabros. Max brincava com a própria gravata enquanto, com os colegas de

turma, era conduzido a mesas decoradas com flores silvestres e postas com copos de cristal e talheres com cabo de chifre. Faunos crescidos de cabelo cacheado tocavam liras - uma música estranha e tranqüilizadora - enquanto entravam, em fila, mais estudantes.

Sentado entre Cynthia e Lúcia, Max estudou os rostos à sua volta. A luz das velas e os uniformes formais faziam os estudantes parecerem bem mais velhos. Do outro lado do salão, Max viu Jason Barrett, sentado junto aos do sexto ano, tagarelando com a menina à sua direita. A sra. Richter e os professores, de túnicas azuis, sentavam-se à mesa principal. Estavam engajados numa conversa em voz baixa, cumprimentando com um gesto de cabeça, ocasionalmente, algum estudante mais velho ou olhando com

expressão inquiridora algum recém-chegado. A música cessou suavemente, e a sra. Richter se pôs de pé para dirigir-se a eles, a voz clara e forte.

- Levantem-se, por favor.

Max olhou para os outros e se levantou, incerto do que viria em seguida. A voz da sra. Richter encheu o salão.

- Esta é uma Casa de Aprendizado, e hoje é o Dia do Retorno, quando professor e aluno voltam a forjar seus laços e retomam seu caminho de progresso.

Os professores e alunos levantaram os copos num brinde silencioso. A sra. Richter continuou.

- Esta é uma Casa de Aprendizado, e hoje é o Dia da Recordação, quando nos reunimos para honrar o nosso passado, abraçando: suas alegrias e tristezas.

Mais uma vez levantaram-se os copos num cumprimento. - Esta é uma Casa de Aprendizado, e hoje é o Dia da Renovação, quando a

Rowan dá as boas-vindas a uma nova turma, que traz consigo vida e promessa, para dar graça a estes salões e terras.

Max deu um pulo quando o salão de jantar irrompeu num coro. - Nós os recebemos de braços abertos. Nós vamos ajudá-los no caminho. Os estudantes e os professores ergueram os copos na direção das mesas do

primeiro ano e imediatamente os secaram. Lúcia fez a mesma coisa, mas Max torceu o nariz e deu apenas goles hesitantes em seu vinho.

A sra. Richter voltou a se sentar. O salão de jantar irrompeu num coro de conversas animadas enquanto dúzias de estudantes afluíram da cozinha carregando pesadas bandejas de prata.

Foi um banquete extraordinário, e logo a mesa ficou entretida com a história de Cynthia - de como recebera a carta de Rowan. Em voz alta, com gestos dramáticos, Cynthia reviveu a visita que fazia a um aquário, quando um cardume de peixes tropicais se pôs a nadar num padrão hipnotizante. Ao concluir, dizendo que foi tudo "uma loucura", Cynthia passou a palavra a outros colegas, que compartilharam suas histórias. Max não contou a dele, preferindo banquetear-se com o faisão assado recheado de arroz selvagem, as costeletas de carneiro em miniatura, as montanhas de verdura fresca e os

pratinhos de docinhos e chocolate sortidos. Periodicamente, outros estudantes e professores iam até lá dizer um oi rápido, entre os pratos. Ao final da refeição, um grande clamor tomou o salão de jantar.

Max sorriu quando Mamã e Bob foram arrastados da cozinha por um bando de estudantes, insistindo em que recebessem aplausos por seus esforços. Bob, de camisa azul engomada e avental branco limpo, enxugou uma lágrima furtiva e acenou, rapidamente voltando à cozinha pela porta dupla. Mamã bateu palmas e andou para lá e para cá, fazendo uma reverência dramática atrás da outra, até que os mesmos estudantes, educadamente, porém com firmeza, a escoltaram para fora. Isso arrancou uma rodada final de aplausos calorosos, até que a sra. Richter, batendo com uma colher no copo, de novo ficou em pé.

- Bem-vindos, estudantes. Como diretora, declaro oficialmente inaugurado o ano escolar!

Vivas roucos irromperam dos estudantes, acompanhados de golpes entusiasmados nas mesas e batidas de muitos pés. Max batia até não poder mais, com os outros, quando diversos segundanistas vieram se sentar à mesa.

- Ei, vocês - disse um menino de pele cor de azeitona e cabelo preto feito azeviche -, eu sou Alex Muhoz.

- E eu me chamo Anna Lundgren - disse uma menina bonita, de cabelo louro curto.

- Bem-vindo, pessoal. Eu sou Sasha Ivanovich - disse um menino com cabelo castanho espetado.

Diversos primeiranistas se apresentaram com entusiasmo enquanto

terminavam os últimos doces. Jesse, com ar infeliz, grunhia e segurava a barriga, encostado em Omar.

- Estão animados para o grande acampamento? - sussurrou Alex, passando o dedo na haste de uma flor silvestre.

- Que acampamento? - inquiriu Cynthia, botando de lado seu prato. - O de hoje à noite - disse Anna -, lá no Kestrel. Ninguém contou a vocês? - Não - disse Connor, aproximando-se. - Que acampamento é esse? - É uma espécie de tradição do primeiro ano, para a confraternização da

turma - respondeu Sasha. - Os do primeiro ano saem às escondidas e passam a noite no Kestrel. Saem cerca de meia-noite e voltam ao nascer do sol.

- Isso não é contra as regras? - perguntou Omar, de olhos arregalados.

- Sim e não - respondeu Alex. - De acordo com "as regras", o Kestrel está além dos limites, mas a tradição já existe há algum tempo. Desde que vocês sejam cautelosos e silenciosos, os professores fazem vista grossa.

- Eu não sei - murmurou Cynthia, parecendo nervosa. - Vocês decidem - disse Anna, dando de ombros. - Nos divertimos demais

no ano passado. Mas se quiserem ser a primeira turma a não fazê-lo... - Não foi isso o que dissemos - falou Connor, os olhos brilhando. - Vamos,

peçoal. Vamos fazer. Será divertido.

O sorriso de Connor era contagiante, e logo os outros também sorriam. Eles olhavam uns para os outros concordando.

- Tudo bem - disse Rolf. - Vou levar uns petiscos. - Eu tenho um rádio - ofereceu Lúcia.

- Todo mundo traz um saco de dormir ou uns cobertores, um travesseiro e uma lanterna, se tiver - sussurrou Connor. - Passem para as outras mesas. Vamos nos encontrar na escada que desce para a praia à meia-noite. Um ou dois de cada vez. Não deixem ninguém vê-los!

Virando-se para Alex e Anna, Connor continuou: - Podemos simplesmente subir a bordo do Kestrel? Ele não fica trancado

ou algo assim?

- Neca - respondeu Alex. - Basta ir na ponta dos pés pela doca e subir a escada de corda lateral. É um navio muito legal, e está fazendo bastante calor esta noite. Vocês são sortudos. No ano passado nós pegamos chuva.

- Mas mesmo assim foi divertido! - cantou Anna, levantando-se, a sorrir. - Foi um prazer conhecer todos vocês. Mal posso esperar para ouvir as histórias amanhã!

Ela e os outros voltaram à mesa dos segundanistas. Max ficou animado com a perspectiva de uma escapadela secreta. Passou

vários minutos a planejar com o grupo até ver o sr. Vincenti fazendo-lhe sinal da mesa dos professores.

- Desculpe interromper - disse o senhor com um sorriso. - Max, eu poderia falar com você?

- Sim - disse Max, temeroso de terem escutado o plano.

O sr. Vincenti logo o fez sair da mesa para junto de uma coluna próxima.

- Max, a diretora gostaria de dar uma palavra com você - disse o sr. Vincenti - a respeito de alguns acontecimentos... acontecimentos anteriores à sua chegada à Rowan.

- Ai - disse Max. - Mas eu tenho que ir para o Santuário... a criatura sob minha responsabilidade é noturna.

- Isto é mais importante - retrucou o sr. Vincenti. - Vou cuidar para que tratem da sua criatura. É melhor você ir; ela está à sua espera.

---

O gabinete da sra. Richter localizava-se à saída do vestibulo, no fim de uma corredor decorado com retratos luzidios de antigos diretores. A porta se encontrava entreaberta, lançando um feixe de luz amarela quente no corredor. O coração de Max disparava, quando ele bateu.

- Entre.

Max entrou e viu a sra. Richter pendurando sua túnica azul. Ainda estava vestida com um conjunto de executiva, embora tivesse tirado os sapatos e ficado de meias. Ela deu um sorriso cansado e fez um gesto na direção de uma poltrona envernizada, do outro lado da enorme escrivaninha. Max ficou surpreso com a relativa modéstia da sala. Além da escrivaninha, possuía um pequeno sofá e mesa para café, com diversas cadeirinhas. Portas de vidro davam para uns jardins próximos ao pomar. Uma pequena lareira no canto estava fria e em silêncio.

Max se sentou enquanto a sra. Richter arrumava algumas flores silvestres do banquete num jarro de cristal. Acomodando-se na cadeira de couro, ela se aproximou e estendeu a mão, os vivos olhos cor de prata chamando a atenção de Max. Sua mão estava quente, e o toque era seco e forte.

- Oi, Max. É um prazer conhecê-lo e conversarmos a sós. - Igualmente - disse ele.

A sra. Richter descansou os cotovelos na escrivaninha, os olhos tomando uma expressão de mortal seriedade.

- Max, é inaceitável que o Inimigo saiba quem você é e como encontrá-lo. Você representa uma nova geração na Rowan, e eu tremo de pensar nas

conseqüências caso o Inimigo descubra os meios de identificar e atacar os nossos Potenciais.

Max concordou, tentando não trair o fato de que sabia que dezessete Potenciais e um estudante já estavam desaparecidos.

- Quero que me conte tudo o que aconteceu, a começar do dia em que teve a sua visão. Tudo o que você possa lembrar. Não poupe nenhum detalhe, por mais trivial que lhe possa parecer.

Max contou à sra. Richter tudo o que sabia. As perguntas dela vieram rapidamente, forçando-o a buscar na memória e lembrar detalhes esquecidos. Quando terminou, a sra. Richter pegou uma pasta e a abriu. Olhou rapidamente seu conteúdo e escolheu uma fotografia, que segurou para Max ver.

- É este o homem que andou seguindo você?

Max olhou de esguelha para a fotografia e recuou, chocado. A figura de fato era o estranho homem do trem e do instituto, embora parecesse mais jovem e menos macilento naquela foto. Estava sentado num café de calçada, segurando

um jornal, mas seu olhar se dirigia à câmera. O olho bom do homem revelava uma mistura de alarme e raiva. Evidentemente, acabava de ver o fotógrafo que, pela aparência da fotografia, se encontrava num carro em movimento. Max fechou os olhos e fez que sim. A sra. Richter guardou a fotografia.

- Peço desculpas por assustá-lo, Max - disse ela, com uma expressão mais suave -, mas preciso confirmar o relato do Nigel. Isso é tudo o que preciso no momento. Eu lhe pediria para não falar desse assunto com ninguém até termos mais informações. Certo?

- Certo. Posso ir agora?

- Você pode ir, Max, mas não pode se esquecer de uma coisa. - Sim, sra. Richter.

A expressão da diretora voltou a ficar mortalmente séria. Ela falou num tom contido, urgente.

- Se, em algum momento, você vir aquele homem outra vez, quero que corra e grite por socorro o mais alto que puder. Não lhe responda nem fale com ele; pode ser muito perigoso. Está entendendo?

Max fez que sim, mudo, congelado por dentro. A sra. Richter se ergueu da cadeira e o fez sair pela porta, sugerindo que passasse na cozinha para pegar chocolate. Mas, assim que ela fechou a porta, Max desceu correndo o corredor para o seu quarto.

David dormia profundamente quando Max e Connor se puseram a sacudi-lo. Ele piscou diversas vezes, virou-se e enfiou a cabeça debaixo do travesseiro. Max falou, cerrando os dentes:

- David! Embora, David! Acorde! Vamos acampar no Kestrel! Lembra? - Não precisa sussurrar, Max - disse Connor, rindo. - Você ainda está no seu quarto!

Connor pulou e aterrissou em cima de David, que soltou um grunhido abafado.

- Embora, Davizinho! Vai ser divertido. Damas e aventura em alto-mar, hein!

- Está bem, está bem. Saia de cima de mim - implorou a voz de David,

debaixo do travesseiro.

Max estava agarrado a vários cobertores e uma lanterna quando os três desceram furtivamente o corredor. Alcançando o vestibulo, quase trombaram em Cynthia e Lúcia, que iam na ponta dos pés em direção à porta. Connor fez sinal para que elas passassem primeiro, e as duas rapidamente deslizaram para o lado de fora. Vários instantes depois, Connor se virou para Max e David, seu sorriso visível no escuro:

- E aí, prontos? - sussurrou. - Fiquem perto do Presbitério e abaixados até passarmos das luzes. Na hora de sair da casa, vão agachados. Assim, farão menos sombra. Quando chegarmos ao gramado, corremos o resto do caminho. Max concordou e ultrapassou Connor, rumo à porta. Metendo a cabeça para fora, virou-se e fez sinal para que eles seguissem. Os três contornaram o perímetro do Presbitério agachados abaixo das janelas e engatinharam até a grama. Foi difícil para Max ir carregando cobertores e a lanterna. Um por um,

eles se ergueram e correram na escuridão.

O ar da noite dava a sensação de frio enquanto Max ia correndo. O Velho Tom e Maggie tinham recebido muitos beliches; diversas de suas janelas de cima estavam iluminadas por uma luz verde pálida.

Quando chegaram à escada, viram muitas silhuetas se deslocando

contra o oceano iluminado pela lua. Já se encontravam lá algumas dúzias de estudantes, sussurrando, excitados, e comparando o que tinham trazido. Omar e Jesse vieram, ofegantes, minutos depois. Esquadrinhando o grupo, Connor franziu as sobrancelhas.

- Onde estão os outros?

- Um bando de gente não vem - disse uma menina. - Não querem se meter em encrenca.

Connor revirou os olhos, fazendo um ruído com a garganta antes de começar a descer os degraus de pedra. Max deu um tapa num mosquito e balançou sua carga, rindo com Cynthia enquanto seguiam adiante.

Era uma noite tranqüila; as ondas batiam suavemente no Kestrel, que se erguia negro e alto sobre a água. Connor acendeu a lanterna e, sacudindo-se, deslocou-se devagar doca abaixo, a luz pulando loucamente, enquanto os outros trotavam atrás. Ele parou abruptamente e Max o ouviu xingar. Quando

alcançaram, Max viu por quê: o Kestrel de fato tinha uma escada de corda pendurada de um lado, mas o navio estava ancorado a uns cinco metros de distância. Teriam de nadar até ele. A água parecia de tinta, fria. Connor deu um chute num poste de madeira.

- Eles podiam ter nos avisado disso! - disse, encolerizado. - Vamos deixar para lá - murmurou Rolf, olhando os degraus de pedra

cavados no rochedo atrás.

- Eu não vou entrar no mar à noite - falou uma menina, tremendo ao espiar a água.

- É - disse outro menino. - Voto para que retornemos. Max ficou em silêncio, observando o navio, enquanto os outros debatiam o

que fazer. Ele reparou que o balanço o trazia cada vez mais para perto, a intervalos regulares.

Max se afastou da doca. Durante vários segundos estudou o movimento do navio na água. Quando viu a corrente da âncora começar a se afrouxar, disparou rumo à beira e deu um salto.

Durante um instante, achou que havia calculado mal. Girou em parafuso em direção à água, pronto para agarrar a escada de

corda na queda. Seus dedos de repente agarraram uma protuberância, e ele foi

de encontro à lateral da embarcação. Ouviram-se gritos de surpresa e vivas da doca quando seus pés procuraram um calço e ele começou a subir. Balançando sobre a lateral do navio, jogou-se no convés, rolando sobre algo duro e desconfortável. Olhou para ver o que era e sorriu, levantando-se e botando as mãos em concha.

- Ei! - gritou na direção da doca. - Existe uma rampa aqui no convés. Ninguém vai ter que nadar!

O ânimo dos estudantes voltou, e a atmosfera ficou elétrica de novo. Grunhindo por causa do peso, Max botou a passarela por cima da borda do navio e lentamente a levou até a doca, onde Sarah e Rolf a alcançaram e a agarraram. Prendendo a ponta da prancha no gancho, Max assinalou que estava pronta. Eles avançaram em fila, um por um; Connor, o primeiro, carregando a carga de Max

junto com as coisas dele.

- Você parece que tem molas, hein, Max? - disse Connor, sorridente, largando o fardo no convés e olhando em volta.

- É, vou chamar o Max para o meu time de basquete! - falou com voz aguda David, que começou a vasculhar a bagagem de Rolf atrás de petiscos, para visível aborrecimento do dono.

Dispersando-se, os estudantes se puseram a explorar o convés. Diversos fizeram rodizio para brincar com o leme. Lúcia e Cynthia subiram em um mastro até um ninho de corvo, deixando chover balas duras sobre os outros, que abriam os cobertores e sacos de dormir. Connor se dirigiu à cabine, voltando logo depois com ar desapontado.

- Todas as portas têm cadeados e ferrolhos; pelo jeito vamos ter que ficar aqui em cima.

- Por mim, está ótimo - disse com voz fina uma menina da Dinamarca. - Lá embaixo deve ser assustador!

- Aposto que lá embaixo é legal - disse Connor, pensativo. Sentou-se num cobertor próximo e ligou o rádio de alguém, rapidamente

baixando o volume quando um cantor de ópera berrou um impressionante trêmulo. Foi passando as estações.

Logo todos eles estavam instalados no acampamento improvisado. Em meio a um pequeno grupo, o barco a balançar, Max ria, jogava baralho e devorava os salgadinhos de Rolf, ao mesmo tempo em que ia conhecendo as

idades e famílias dos colegas de turma. Omar contava a Max sobre o irmão, bebê, lá no Cairo, quando o barco adernou loucamente.

As cartas do baralho deslizaram pelo convés. Os mastros estalaram ruidosamente, e as crianças pararam de conversar.

Durante um instante, tudo ficou em silêncio de novo. Então, o navio tremeu com uma onda volumosa que se ergueu por baixo dele, fazendo as crianças caírem umas sobre as outras ao tentarem se agarrar a alguma coisa.

Tump.

Tump, tump.

Algo batia, barulhentosamente, no casco do navio, abaixo da linha d'água. As crianças sentiram o barco resistir às ancoragens. Lúcia deu um grito

quando a passarela escorregou do encaixe e caiu na água com estardalhaço. Max olhou freneticamente por sobre a borda para ver alguma coisa, qualquer coisa, que pudesse indicar o que estava agitando tão violentamente o mar. Tudo o que via era o escuro e insandável remoinho.

Gemidos pungentes de repente encheram o ar, fazendo Max cair no convés e os outros cobrirem as orelhas. O Kestrel agora balançava feito um barco de brinquedo, e a água do mar espumava e se derramava em ondas pelos lados.

- Corram! - gritou Connor, mais alto que o barulho, puxando Lúcia para que se levantasse. - Vocês todos, corram!

As crianças cambalearam na direção da proa do navio, caindo vez por outra, conforme este caturrava - para trás e para a frente. O gemido aumentou; as madeiras do barco começaram a vibrar e zumbir. Muitas das crianças pularam das bordas, mergulhando uns cinco metros na água e se batendo em meio ao mar bravo até a praia. Max viu David aparecer na água espumosa; de repente, sentiu que a mão de Sarah lhe agarrava o braço. Sarah gritou, aterrorizada:

- Eu não sei nadar!

O gemido se tornou ensurdecedor. O barco se distanciou da doca, pois uma das correntes da âncora quase arrebentava de tanto resistir.

Max segurou Sarah e saltou com ela. Eles mergulharam no mar. Engolindo água salgada, Max agarrou a menina pela blusa e nadou de forma selvagem com o braço livre rumo à praia. A água estava fria e redemoinhava com fortes correntes; leitões de algas se prendiam a seus pés como dedos pegajosos. A

q u a l q u e r momento, Max pensava, alguma coisa terrivelmente forte o agarraria pelo pé e o arrastaria até as profundezas. A salmoura lhe batia no rosto, quando uma grande onda negra rolou sobre sua cabeça, empurrando-os para baixo. Sarah berrou e tentou loucamente se soltar, dando-lhe no rosto com o cotovelo pontudo enquanto ele lutava.

Quando o aperto de Max ameaçava ceder, os pés deles tocaram a areia áspera. Sarah se desprende dele e saiu desajeitada pela maré. Os gemidos cessavam conforme as crianças subiam voando os degraus de pedra e atravessavam os gramados.

As luzes do Presbitério estavam acesas. Uma multidão de estudantes e professores se havia reunido na pista junto à fonte. A sra. Richter se encontrava entre eles, a lanterna iluminada lançando sua raiva em alto-relevo.



\*~\* 8 \*~\*

## NOVO E ESTRANHO

Reprimindo um bocejo, Max desceu o corredor aos tropeços, com os colegas, pouco antes das seis da manhã, na segunda-feira. Muitos estavam exaustos - haviam passado o domingo limpando os estábulos como castigo pela aventura a bordo do Kestrel. A tarefa os deixara esgotados e imundos. A sra. Richter foi lacônica, apenas murmurando que jamais vira uma tão determinada ao extermínio.

Quando o sr. Vincenti perguntou por que escolheram fazer uma coisa tão boba, Connor insistiu em que a idéia fora dele, o tempo todo encarando Alex Munoz, todo sem jeito, em meio a multidão que se dispersava.

Apesar das perguntas deles, ninguém contou o que havia agitado os mares e gemia de forma tão horrível. Aparentemente, nenhum estudante sabia, e nenhum professor dizia.

Max estava particularmente cansado. Depois do dia de trabalho, alimentar e brincar com Nick revelou-se uma tarefa nada trivial. Seguindo as instruções

do livrinho, Max murmurou "Comida para Nick - lymrill da Floresta Negra" dentro de uma caixa de madeira manchada e salpicada no Alojamento de Aquecimento. A caixa roncou e se sacudiu, a tampa batendo e derramando raios de luz sobre as estrebarias. Embora a leitura o tivesse preparado para a dieta de Nick, Max ainda lutava contra a vontade de vomitar ao abrir a tampa. A caixa estava até a borda de engradados de roedores e minhocas que se contorciam, além de pequenas pilhas de finas barras de metal.

Nick abanava loucamente a cauda, subindo e descendo o corredor, enquanto Max descarregava os engradados num carrinho de mão, cambaleando lá para fora. Ele desviou o olhar quando Nick metodicamente devorou o conteúdo de cada engradado: primeiro, ensanguentando o focinho no monte fervilhante de vermes; depois, esticando a língua e agilmente separando, erguendo e engolindo, inteira, cada uma das pequenas barras de metal. Após se limpar vigorosamente na lagoa, Nick perseguiu Max em torno da clareira. Corria na frente, com tremendos impulsos de velocidade, e o apanhava, de tocaia atrás de pontas de rochedos, ou lhe batia, de brincadeira, nos tornozelos, derrubando o menino na relva enquanto fugia. Quando Nick finalmente parou, enrolando-se feito uma bola, a cochilar, Max quase chorou de gratidão. Pegando o lymrill nos braços, desceu as fileiras de estrebarias do Alojamento de Aquecimento até encontrar a porta da repartição de Nick. Após deitar o lymrill adormecido nos ramos da pequena árvore que havia dentro da divisão, Max foi se arrastando para a cama.

- Você está legal? - inquiriu Omar, aos tropeços do lado de Max, quando desciam a escada para a primeira aula.

Omar estava na seção de Max, um dos cinco agrupamentos dos primeiranistas que iam ter todas as aulas juntos.

- Nem consigo ver direito - gemeu Max. - Fiquei fora por causa do Nick até as onze.

- O Nick fala? - perguntou Omar, esfregando os olhos de sono. - Não.

- Você devia agradecer. Tente cuidar da Malhada. Ela está me fazendo decorar as obras de toda a vida dos compositores preferidos dela.

Os dois entraram na sala de aula do subsolo, um espaço grande em que o chão estava coberto de firmes colchões de espuma. Um homem alto, magro,

de cabelo preto cortado rente e pálpebras pesadas se encontrava em pé no meio da sala. Usava camisa e calça largas e tinha os pés descalços. Tomava goles de uma garrafa de água enquanto examinava atentamente uma prancheta, sem se incomodar em erguer os olhos enquanto a turma entrava.

- Tirem os sapatos - murmurou com um sotaque ligeiro. - Comecem a correr em volta da sala, em sentido horário.

- Depressa, depressa.

Max correu junto com os outros, lançando olhares curiosos ao instrutor enquanto davam voltas vigorosas pelo salão.

- Mais depressa. - A voz do homem disparou feito um chicote. Depois de alguns minutos, Max estava bufando; notou que Jesse e Cynthia

ficaram diversas voltas atrás. O homem tomou mais um gole, distraído, sentou-se no chão e murmurou:

Tudo bem. Aqui. Espalhem-se pelo chão, de frente para num. Estiquem os jarretes. Assim.

Estendendo as pernas, ele baixou devagar a testa até o joelho, mantendo-a ali. Enquanto Max e os outros se sentavam, lutando para imitá-lo, ele abruptamente ficou em pé e começou a andar pela sala.

- Não exagere - assobiou ele, passando por Connor, que imediatamente soltou um grunhido e se forçou a baixar outra vez.

- Eu me chamo monsieur Renard e serei o instrutor de Treinamento e Jogos de vocês. Vocês ou me amarão ou me odiarão. Isso não me diz respeito.

Max arregalou os olhos. Lançou um olhar a Connor, que, infeliz, fizera um intervalo exatamente quando monsieur Renard passava por trás dele.

- Muitos de vocês são gordos e preguiçosos - silvou o instrutor, enfiando o dedão do pé no diafragma de Connor.

- Pequenas salsichas que explodiram suas cascas. Isso acaba hoje. Cynthia Gilley?

- Aqui - disse ela, ofegante, de cara vermelha, no canto. - Cynthia Gilley - leu o instrutor, na prancheta. - Taxa de produção láctica:

quarenta e nove. Taxa de dispersão láctica: trinta e quatro. Velocidade de contração: cinqüenta e um. Densidade muscular atual: trinta e seis... Hum... Você talvez precise de um programa especial. E eu não gosto de programas especiais...

A cara de Cynthia era de impotência.

- Rolf Luger - continuou ele, escaneando lista abaixo. - Nada mau... nada mau. Vamos ver o que podemos fazer. Rolf de repente ficou muito sério e grunhiu enquanto se alongava. - Max McDaniels? - inquiriu Renard, erguendo as sobrancelhas e

esquadrinhando a sala à procura de Max, que levantou a mão. Renard andou até lá, olhando-o de cima a baixo com uma expressão

estoica.

- As suas taxas são incomuns. Muito incomuns. Você tem consciência de que jamais se registrou um noventa e cinco?

- O Nigel disse alguma coisa a respeito disso - falou Max, ignorando os olhares dos colegas.

- Você é preguiçoso? - perguntou o instrutor, olhando-o por baixo do nariz. - Eu acho que não.

- Vamos ver - cismou Renard, dando meia-volta. Foi uma hora de castigo de exercícios e alongamentos. Cynthia ficou

reduzida a lágrimas; Renard simplesmente pisou em cima do corpo inerte de Omar quando este assumiu posição fetal durante os abdominais. Quando Renard finalmente anunciou que a aula terminara, os estudantes correram para tomar uma chuva de café da manhã, antes das aulas acadêmicas.

Agarrado a uma fatia de torrada com manteiga, Max subiu correndo os degraus de pedra de Maggie com a rapidez que suas pernas cansadas permitiram. O uniforme escolar dava a sensação de calor e abafamento. Outros estudantes desapareciam rápido, descendo os corredores; as portas começavam a se fechar.

Aquela sala de aula era menor e mais aconchegante do que o ginásio no subsolo do Presbitério, com escrivaninhas e cadeiras elevadas, num pequeno

anfiteatro, voltadas para a mesa do instrutor e o quadro negro. Velhas gravuras, tapeçarias e ricas pinturas de paisagens e batalhas famosas estavam penduradas nas paredes de lambris. A sala cheirava fortemente a tabaco, enquanto a brisa quente de maresia entrava pelas janelas que davam para o mar. Afundado numa cadeira de couro gasto junto ao quadro negro, um homem velho, atarracado, tirava baforadas de um cachimbo de barro,

sacudindo a cabeça, quando eles entraram. Quando tomaram seus assentos, resmungou num tom de barítono:

- Não há rostos familiares aqui. Bom. Acho que devo estar no lugar certo. Bem-vindos às Humanidades para aprendizes do primeiro ano. Eu me chamo Byron Morrow e serei o instrutor de vocês.

Lúcia tossiu e levantou a mão.

- Sr. Morrow? O senhor fuma cachimbo todo dia? - Sim, senhorita, fumo - grunhiu ele, erguendo uma sobrancelha. - Algum

problema para você?

- Eu sou alérgica a fumaça.

- O céu a ajude em Mística! - exclamou ele.

Rindo, abanou a mão e fez a fumaça do cachimbo abruptamente fluir para baixo, serpenteando feito um pavio pelo chão até desaparecer janelas afora.

- Melhor? - grunhiu ele.

Lúcia fez que sim, os olhos arregalados.

Durante a aula, o sr. Morrow encantou Max e seus colegas, no seu tom balanceado de barítono, com uma visão geral do curso que seria dado. Em certas ocasiões, o sr. Morrow bamboleava em torno da escrivaninha, em ataques súbitos de paixão; em outras, recostava-se na poltrona para responder às perguntas dos estudantes em meio a longas baforadas do cachimbo. Eles aprenderiam uma combinação de História, Literatura, Escrita e Mitos. Seria um curso desafiador - avisou -, mas aqueles que precisassem de auxílio extra o encontrariam sempre no seu pequeno chalé branco além das dunas do Santuário.

Matemática e Ciências eram diretas e mais familiares, ainda que intimidadoras. A aula de Matemática consistiu em um teste diagnóstico para avaliar a eficiência deles. Max o entregou em apenas dez minutos; muitos

problemas continham símbolos que jamais vira.

A de Ciências não foi muito melhor, pois eles receberam um capítulo extenso de texto e foram estimulados a conhecer os principais ecossistemas da Terra até a aula seguinte.

Dando uma respirada antes de Línguas, Max se apoiou na balaustrada de Maggie, observando as cristas brancas das ondas no oceano. A luz do dia, o Kestrel parecia antigo e charmoso. Difícil imaginar nele a gangorra de terror

da qual haviam fugido dias antes. Alguém lhe deu um tapinha no ombro. Virando-se, viu Julia Teller, sorridente, segurando entre os dedos uma fotografia em papel.

- Quer ver a sua fotografia? Eu devia ganhar um Pulitzer! - Ah... oi - disse Max, endireitando-se para ficar à altura dela.. - Quero,

sim.

Ela lhe entregou uma fotografia em preto-e-branco, oito por dez, que mostrava Max sem camisa dando um pulo no ar para fugir das selkies. A expressão dele era de puro terror, pernas e braços atirados em quatro direções diferentes. Na fotografia, Helga tinha virado a cabeça para olhá-lo; Frigga ainda estava esquecida de si, tomando banho de sol.

- Ai, meu Deus! - gemeu Max, devolvendo-a. - Está pior do que eu imaginava. Tem mesmo que usá-la?

- Não está tão ruim - disse Julia, dando outra olhada na fotografia. - Está engraçadinha!

- Não está engraçadinha - murmurou Max, enrubescendo. - Vai levar o ano todo para me esquecerem...

- Ai, pare com isso - disse ela, sorrindo. - Como vão as aulas? - Vão bem... Não sei como vou fazer todo o dever de casa... Mas gosto do

sr. Morrow...

- Ele é o melhor. - Ela se emocionou. - Há gente que ainda o visita em casa, lá fora. Acho que ele às vezes se sente sozinho.

Max concordou, espremendo o cérebro atrás de alguma coisa - qualquer coisa - que prolongasse a conversa.

- Bem - disse Julia, pegando a bolsa -, tenho Dispositivos agora, pela primeira vez. E ouvi dizer que o sr. Vincenti é um assassino. Preciso correr!

Com um aceno, Julia saiu apressada por um atalho em direção ao bosque, o cabelo castanho brilhante mexendo para lá e para cá. Max a observou ir, até que Connor enfiou a cabeça para fora das portas duplas de Maggie.

- Quem é ela? É um espanto! - disse Connor.

- É do terceiro ano - respondeu Max, cauteloso com o tom de Connor. - Eu a conheci no Santuário... ela tirou uma fotografia minha para o jornal.

- Acha que ela gosta de você? - perguntou Connor, parecendo impressionado.

- Não. - Max ficou vermelho. - Ela gostou da oportunidade da fotografia.

O restante da turma de Línguas já estava sentado quando Max e Connor entraram. A sala parecia uma sala de concertos era miniatura, com paredes envernizadas e teto projetado para uma acústica perfeita. Na frente da sala se encontrava uma mulher muito grande com cabelo preto enrolado, usando um alegre vestido de verão e um colar acobreado incomum. Depois de Max e Connor se sentarem, ela distribuiu folhas impressas e delicados fones de ouvido cromados que piscavam com luzes verdes. Voltando ao quadro negro, escreveu:

Bem-vindos a Línguas. Meu

nome é Celia Babel.

Virando-se, deu-lhes um sorriso. Em seguida, fez sinal para Connor se apresentar. Ele o fez, seguido dos outros. Ela, então, fez sinal para que lessem o material distribuído. Intrigado com o fato de a mulher não ter ainda dito uma palavra sequer, Max leu um trecho que estava impresso em diversos idiomas diferentes.

Por favor, apanhem o fone de ouvido que está sobre a mesa de vocês. E um tradutor e já está ligado. Na tela em que está escrito "AUDÍVEL", utilizando as setas, escolham "GREGO". Na tela com o rótulo "SUB", escolham sua língua nativa e ponham o fone de ouvido. Seguem mais instruções.

A sra. Babel esperou pacientemente que a turma seguisse as instruções antes de falar pela primeira vez. Sua voz tinha um tom alto e um tanto anasalado. As

palavras eram completamente estrangeiras - desconhecidas e pronunciadas num ritmo estranho. No entanto, com grande choque, Max viu que era capaz de compreendê-las.

- Oi, alunos - disse a instrutora. - É um prazer tê-los na minha turma de Línguas. Neste momento, estão ouvindo a língua grega - uma língua que todos vocês desconhecem. Estão ouvindo simultaneamente, no cérebro

subconsciente de vocês, essas palavras e frases traduzidas na língua nativa de vocês. Quanto aqui têm dificuldade em entender inglês?

Max viu mais de uma dúzia de mãos se erguendo. A sra. Babel sorriu para eles.

- Podem ficar com os aparelhos, para usar nas outras aulas. O inglês de vocês vai melhorar muito rapidamente à medida que o cérebro começar a correlacioná-lo com a sua língua nativa.

Todo mundo riu quando uma menina portuguesa deu vivas, agradecida. - Independentemente da língua em que estejamos falando

- continuou a sra. Babel -, é bom ter estes dispositivos à mão quando estiverem falando comigo. Por favor, desliguem-nos, que eu vou demonstrar por quê.

A sra. Babel retirou o colar acobreado enquanto Max desligava o botão do aparelho. De repente, ele foi tomado de assalto por uma espantosa cacofonia de vozes. A sra. Babel, evidentemente, estava falando - sua boca se movia -, mas o som que emitia era uma mistura ininteligível de palavras, guinchos, grunhidos e estalos. Ela deu de ombros, com um sorriso impotente, e repôs o colar, convidando-os a mais uma vez colocarem seus aparelhos.

- Há alguns anos, eu estava fazendo um trabalho de campo em Gana. Um dos nossos informantes me acusou de ter duas palavras e me amaldiçoou: que eu falasse todas as línguas simultaneamente. O sr. Vincenti mandou desenvolver este colar para mim. É um projeto dos sextanistas. Ele filtra todas línguas que estou falando e as transforma em grego. Um pouco limitador para uma professora de línguas, mas uma inconveniência menor em meio a um problema maior.

Sarah Amankwe levantou a mão.

- Não quero ser indelicada - disse ela -, mas, se esse dispositivo pode nos ajudar a aprender qualquer língua, por que precisamos de uma aula de Línguas?

- Isso certamente ajudaria vocês a compreenderem a língua falada e até mesmo a falarem - respondeu a instrutora.

- Verão muitos alunos mais velhos pelo campus fazendo exatamente isso. Mas não os ajudaria a ler ou escrever nessa língua, muito menos a absorver tradições culturais ou estilo de vida. Compreender as palavras de uma pessoa e

compreender a pessoa nem sempre é a mesma coisa. Nesta aula, nós procuramos uma imersão cultural...

O resto da aula se passou com o alfabeto grego. Conforme a sra. Babel falava, imagens legendadas de paisagens, figuras lendárias, líderes e filósofos gregos iam aparecendo nas paredes e no teto. Max trabalhou com afinco para manter o ritmo, fazendo rabiscos com os estranhos símbolos no caderno o mais depressa que podia.

Depois de Línguas, o grupo de Max foi à sala de jantar, onde pegou sanduíches e frutas e se sentou do lado de fora, junto à sala de aula 3. Hannah e sua prole passaram bamboleando.

Max se deixou cair no gramado, dominado pela exaustão. Escutava a conversa dos outros enquanto o sol lhe aquecia o rosto. Não demorou muito, porém, e ouviu uma voz familiar.

- Olha! São os sapinhos!

Entreabrindo um olho, Max viu Alex, Sasha e Anna passando com mais alguns estudantes do segundo ano.

- Hum... - disse Alex, parando de repente e cheirando o ar. Por que os sapinhos cheirariam a bosta de cavalo?

- Eu não sei. Mas com certeza estão fedendo! - disse Sasha, abanando a mão diante do nariz.

Connor, segurando o nariz, olhou de viés para os estudantes mais velhos. - Fedemos porque tivemos que limpar os estábulos. E qual é a sua

desculpa, Muñoz? - respondeu Connor.

Quase todo mundo riu, inclusive alguns dos segundanistas. Alex simplesmente sorriu, mostrando os dentes, e fez que sim com a cabeça, aproximando-se de Connor.

- Sabe - disse Sarah, levantando-se, zangada, com o dedo apontado para Alex -, aquela noite não foi nada engraçada. Eu não sei nadar. Alguém poderia ter batido a cabeça e se afogado. Fosse o que fosse que estava na água, poderia ter nos machucado!

Alex botou as mãos nas bochechas e se virou para os outros,

imitando Sarah. Anna riu, mas alguns segundanistas demonstraram desconforto e desviaram o olhar.

- Ignore-os, Sarah - murmurou Jesse, empilhando pratos de papel e tirando migalhas das pernas.

De repente, sua soda virou, e Jesse se pôs em pé num salto, com uma mancha grande de molhado se espalhando pela calça azul-marinho.

Alex se dobrou de rir.

- Olhem só... Ele molhou as calças! - gritou o menino mais velho. Jesse ficou vermelho.

- Foi você quem fez o copo cair!

- Com certeza. Você molha as calças e tenta botar a culpa nos outros. Bonito! - exclamou Alex sarcasticamente, virando-se para os demais.

De súbito, Jesse avançou para dar um empurrão em Alex. Alex riu, incrédulo, e deu um passo de lado, prendendo um dos braços de Jesse e jogando-o com força no chão.

Max se sentou, ereto, ouvindo gritos de protesto. Deitado em posição fetal na grama, Jesse segurava o cotovelo. Connor se levantou num pulo.

- Você é um canalha, Muñoz!

E se jogou contra Alex, querendo agarrá-lo pela camisa. De novo, Alex deu um passo de lado e, com um soco forte, sob o esterno, fez Connor dobrar um joelho e cair.

- Venha, Lynch - disse Alex, com uma gargalhada, balançando na ponta dos pés. - Não tem uma resposta esperta na ponta da língua? Vamos ouvir, ou você não fala?

Anna se pôs a rir nervosamente. Lúcia quis tocar Connor no ombro, mas ele

afastou a mão dela e fitou a grama, sério. Rolf se levantou e partiu em direção a Alex, que estava relaxado, sorrindo.

- Por que você não nos deixa em paz? - disse Rolf. - Você pensa que está provando o quê?

- Ele tem razão, Alex - disse uma das meninas do segundo ano. - O que você acha que está provando?

- Eu? Estou apenas dando boas-vindas aos sapinhos! Vocês, sapinhos, estão entendendo errado. Venham, apertem a minha mão.

Sorrindo com malícia, Alex deu um passo à frente e estendeu a mão a Rolf. Este pareceu desconfortável.

Passando à frente de Rolf, Max desviou a mão de Alex com um tapa. - Deixe-nos em paz - disse Max.

Durante um instante, Alex pareceu chocado; ele olhou para Sasha, que apenas riu e sacudiu cabeça.

- Você está brincando comigo? - escarneceu Alex. Max ignorou as palavras de Alex. Enquanto o menino mais velho o

ridicularizava, observou suas mãos. Max aprendera que os valentões sempre têm que dizer um monte de coisa antes de agir. Imaginou que com Alex não seria diferente.

Tinha razão. Quando as mãos do rapaz subiram para empurrá-lo, Max soltou com força um soco direto na bochecha de Alex. O golpe foi tão rápido e forte que Alex piscou e deu um passo cambaleante para trás.

- Epa! - gritou Connor, sentando-se, enquanto os outros estudantes acorriam.

Alguém berrou atrás de Max.

Antes mesmo de se virar, Max se deu conta do erro que cometera. Sentiu um relâmpago de dor no olho quando Alex o socou forte, de lado. Os dois caíram no chão embolados, aos xingamentos, socos e grunhidos.

Exatamente quando Max estava por cima, algo imensamente forte o fisgou, suspendendo-o com firmeza. Diversos segundanistas correram para segurar Alex. Este gritava que o soltassem, enquanto Max se torcia para ver quem o

segurava.

Era Bob.

No alto, a cara caída do ogro exibía uma expressão severa, triste. Pondo os pés de Max de volta no chão, ele ficou no meio dos dois combatentes.

- Nada de briga! - roncou Bob, balançando o dedo gigante. - É apenas o primeiro dia de aula!

Alex apertou a camisa rasgada de encontro à boca, que sangrava. Com uma carranca furiosa, soltou-se de Sasha.

- Podemos resolver isso nós mesmos! - silvou Alex. - Volte para a cozinha, seu imbecil!

- Alex! - avisou um dos segundanistas. - Cuidado!

- Que se dane! - Alex ferveu, mirando Max com fúria. -

Recompondo a cara, deu um sorriso torto, sangrento. - Nem preciso dizer o quanto você vai se arrepender.

Ainda de dentes à mostra, Alex cuspiu, virou-se e andou de volta ao Presbitério, com Sasha e Anna atrás. Max pôs a mão sobre o olho, que latejava. Bob soltou um suspiro e fez sinal para Max acompanhá-lo, conduzindo-o à cozinha, onde pegou um punhado de gelo que enrolou num grande pano de prato amarelo.

- Entrem, entrem - entoou o sr. Watanabe quando a turma chegou ao segundo andar do Velho Tom para a aula de Estratégia e Tática.

O instrutor era um elegante japonês, dos seus cinquenta anos. Contornou as mesas grandes da sala enquanto os alunos tomavam os lugares. Quando chegou a Max, parou.

- O que aconteceu com você?

- Ah - disse Max -, nada. Caí e machuquei o meu olho. O sr. Watanabe ergueu uma sobrancelha cética e continuou, examinando os nós dos dedos de Max e os dos colegas.

- Bem-vindos ao primeiro ano de Estratégia e Tática. - Fez uma reverência para a turma. - Eu me chamo Omi Watanabe e serei o instrutor de vocês. Então,

quem pode definir estratégia para mim? Vamos discutir o que significa pensar "estrategicamente".

Max tentou ouvir a resposta de Sarah, mas foi difícil. Seu olho doía, e ele ainda estava aborrecido por conta da briga. Por diversas vezes, o sr. Watanabe chamou para se assegurar de que estivesse prestando atenção. Mais para o final, só conseguia lembrar que o curso seria dividido em Estratégia e Tática. A primeira soava meio entediante a Max: montes de princípios e teorias vazias. Já os deveres de Tática pareciam bem mais interessantes: seriam tirados do Compêndio de Rowan de Inimigos Conhecidos - Volume Um.

Por mais ansioso que estivesse pelo fim da aula, Max sabia que não era o único a se sentir daquele jeito. O grupo deles teria Mística em seguida, e todo mundo parecia estar louco para saber o que era aquilo. Quando as badaladas,

afinal, soaram, os estudantes saíram, apressados, conversando num coro entusiasmado.

- Acho que Mística vai ser a minha matéria favorita - comentou Lúcia. - Eu apaguei o meu fogo em menos de um minuto. O recrutador achou muito bom.

Max concordou, impressionado, enquanto David olhava por uma janela da escada, a mochila solta sobre o ombro. Ele começou a tossir quando todos subiam ao segundo andar. Max botou a mão no ombro dele.

- Você está bem?

- Estou - arquejou David, enxugando o nariz com uma lenço de papel. - Só absorvendo tudo. Muita coisa, você sabe.

- Nem brinca - murmurou Max, derrubado diante do dever de casa que se acumulava. - Acho que vamos observar a Lúcia extinguir fogo durante todo o período. Ela fez isso duas vezes mais depressa do que eu. Quanto tempo você levou?

- Não tenho certeza - falou David. - Não me lembro. - Como assim, você não se lembra? Como consegue esquecer uma coisa

dessa?

- A minha memória às vezes é bem ruim. Ela tem uns buracos, eu acho - disse David, adiantando-se.

Max o seguia quando ouviu alguém chamar seu nome. Virando-se, viu Jason

Barrett subindo a escada aos saltos.

- Ei, cara - chamou ele. - Ouvi falar do seu... epa! Esse machucado é sério! O menino do sexto ano parou no caminho para examinar o olho de Max. - É. Eu não devia ter virado as costas para ele - disse Max, sentindo as

orelhas queimarem. - Eu fui burro.

Jason dispensou o comentário com um abano.

- Que nada! - disse. - Esse machucado é uma insígnia honrosa! Ouvi dizer que você deu um belo de um chega-para-lá no Muñoz! Todo mundo ouviu dizer, eu imagino.

Max ficou mortificado; a mesma coisa havia acontecido em sua última escola, quando uns valentões começaram a importuná-lo, depois do desaparecimento de sua mãe. Max batera muito neles e quase fora expulso. Estudou as cicatrizes brancas que sarapintavam seus pequenos e duros nós dos dedos.

- Pode fazer o favor de não falar sobre isso? - pediu ele, em voz baixa.

- O quê? - perguntou Jason, o sorriso desaparecendo. - Sério? - É.

- Tudo bem, mas você não quer que eu fale com o Muñoz? Não é justo ele estar enchendo os primeiranistas. Já teve um ano inteiro de treinamento, e vocês, caras, acabaram de chegar aqui.

- Não... Tudo bem - disse Max. - Posso cuidar disso. Jason recuou um passo e olhou firme para Max. - O meu tipo de cara. - E, sorrindo outra vez, continuou a subir a escada.

- Continue botando gelo em cima.

Max acenou em despedida e enfiou a cabeça na sala de aula que o fez esquecer completamente a briga e Alex Muñoz.

Hazel Boon se encontrava em pé no meio do que parecia ser uma grande floresta. Falava com uma mulher de cabelo grisalho e xale cinza, enquanto os colegas de Max vagavam, de olhos arregalados, em meio às árvores elevadas, trocando sussurros.

Olhando mais de perto, Max descobriu que a sala não era, na verdade, uma floresta; o chão era de madeira cinza-esverdeada, encerada a ponto de brilhar. Com exceção da parede em que ficava a porta, cada uma das oito paredes da sala era guarnecida de uma lareira de pedra esculpida. Grandes árvores vivas estavam plantadas no chão a intervalos irregulares, e seus galhos subiam na direção de um teto inclinado apoiado por muitas vigas. As paredes eram da mesma madeira cinza-esverdeada do chão, e nelas estava incrustada uma variedade de marcas e símbolos prateados.

A srta. Boon viu Max à porta e gesticulou com impaciência para que se aproximasse. Max se juntou aos colegas quando se sentavam em cadeiras de madeira sobre um enorme tapete persa no centro da sala.

- Muito bem, alunos - disse a srta. Boon. - Antes de começarmos, quero apresentar uma convidada muito especial. Esta é Annika Kraken, diretora do Departamento de Mística.

A senhora idosa sorriu bondosamente para os estudantes e fez uma reverência educada quando as crianças disseram oi.

- A instrutora Kraken só ensina ao quinto e ao sexto ano - continuou

a srta. Boon. - Mas de vez em quando estará conosco e receberá o máximo de respeito e atenção de vocês, quando vier aqui.

- Vocês estão em boas mãos, crianças - falou a instrutora Kraken. - A srta. Boon é uma das melhores que tivemos em todo o meu tempo aqui.

Despedindo-se, ela se encaminhou devagar à porta e a fechou silenciosamente ao sair. A srta. Boon pigarreou e se pôs a andar para lá e para cá pela sala.

- Quando vocês completaram a Série Padrão de Testes de Potencial, vocês demonstraram ter capacidade para a Mística. A Mística pode tomar muitas formas, mas, em seu cerne, é a habilidade de canalizar e transmitir energia. É preciso entender que a Mística é uma disciplina altamente individual. Não há dois de nós iguais no que diz respeito aos nossos talentos brutos e à nossa habilidade de acessá-los. Existem alguns místicos que contam com um tremendo estoque de energia, mas perdem muita quando se esforçam para armá-la e formatá-la. Em contrapartida, há alguns com consideravelmente menos "cavalos" de força, mas que são capazes de utilizá-los até a última migalha. Verão que alguns ramos da Mística vêm naturalmente, enquanto outros são inacessíveis a vocês. Como instrutora, minha meta é ajudá-los a compreender as suas habilidades naturais e

maximizar os seus talentos individuais. Alguma pergunta? Lúcia levantou a mão.

- Como sabemos de quantos "cavalos" de força dispomos? - perguntou ela. A srta. Boon beliscou o queixo, concordando com a pergunta. - O teste dos Potenciais é uma medição, mas a minha experiência indica

que se trata de um parâmetro imperfeito. Alguns dos que tiram boas notas nesse teste acabam se revelando inúteis no que se refere à Mística.

Lúcia pareceu magoada. Connor levantou a mão. - Vamos usar varas ou pentagramas, coisas desse tipo? - perguntou ele. A srta. Boon sorriu e meneou a cabeça.

- Não, essas ferramentas não são necessárias. Na verdade, podem ser perigosas - explicou ela. - Além do mais, só podem ser feitas com Magia Antiga, e os grandes são muito, muito raros. As tentações que elas oferecem não são saudáveis... a maior parte foi condenada e destruída.

Com um súbito movimento do punho, a srta. Boon acendeu uma

tocha solitária numa parede distante. A fumaça da tocha rapidamente fluiu pela sala e girou em torno de suas mãos enquanto ela prosseguia: - Não, Connor, as ferramentas dos místicos são as mãos e o poder da linguagem. Isso é tudo o que precisarão invocar para formatar as energias à sua volta. Este ano, vocês aprenderão os comandos básicos, de modo que se transformem numa segunda natureza.

- Olhem só para aquilo! - disse Connor, respirando mal, os olhos fixos numa cópia violentamente agitada de si mesmo modelada pela instrutora.

Max ficou sem fala enquanto a figura enfumaçada acenava, despedindo-se da turma e desaparecendo chaminé acima da lareira mais próxima. Com um movimento do punho, de dispensa, a srta. Boon extinguiu a tocha acesa.

- Para iniciar vocês nesse caminho, eu gostaria que formassem duas fileiras. Muito bem - disse a srta. Boon, batendo palmas e caminhando à frente. - Cada um de vocês já extinguiu um fogo... É uma das razões por que estão aqui. Hoje, vão fazer exatamente o contrário: vão acender um fogo numa dessas lareiras. Isso demonstrará que, como condutores vivos, vocês são capazes das duas coisas: absorver e canalizar energia. Enquanto fazemos isso, eu serei a única pessoa a falar. Se alguém conversar, rir ou provocar qualquer tipo de distração, será convidado a se retirar. Entendido?

Eles concordaram. A sala ficou em silêncio.

- Certo - continuou a instrutora. - Eu gostaria que a primeira pessoa de cada fila desse um passo adiante e ficasse virada para a lareira à sua frente.

Duas meninas avançaram.

- Separem ligeiramente os pés e respirem fundo. Tentem relaxar. Quero que dêem um tempo e ouçam a batida do seu coração, escutem a sua energia. Agora, quero que sintam a energia nesta sala, os átomos e moléculas zumbindo no ar. Fechem os olhos e visualizem os troncos na lareira começando a soltar fumaça; imaginem a fumaça vindo cada vez mais depressa até que, de repente, a madeira pega fogo. Agora, mantenham a mão direita ao lado e separem os dedos com a palma voltada para a frente. Bom. Quando eu disser, quero que levantem o braço e cerrem o punho. Estão entendendo? As meninas concordaram, os olhos bem fechados.

- Agora - disse a srta. Boon, num tom de voz tranqüilo.

Ambas as meninas levantaram as mãos e fecharam os dedos. Quase ao mesmo tempo, as duas lareiras começaram a fumar. - Continuem concentradas - entoa a srta. Boon. - Deixem cair os braços e repitam o movimento.

Na segunda vez, uma lareira mostrou uma faísca baixa de chamas vivas de cor púrpura, arrancando exclamações da turma, que a srta. Boon silenciou com um olhar. Uns fiapos de fumaça apareceram na outra lareira, mas não chama.

- Basta, vocês duas - disse ela. - Muito bem. Por favor, vão para o final da fila.

Com um movimento rápido de sua mão, ambas as lareiras ficaram escuras e frias. Seu comando seguinte foi breve.

- Próximo par.

Apesar de três tentativas demoradas, Rolf e Sarah não conseguiram acender nada. Rolf parecia furioso, mas, à medida que os outros pares se apresentavam, Max viu que a tarefa não era tão simples. Só dois alunos foram capazes de produzir pequenas chamas que cuspiam até o momento em que chegou a vez de David e Lúcia.

David fechou os olhos pacientemente enquanto a srta. Boon os orientava ao longo do processo. Ela fez sinal para começarem.

Viu-se uma luz relampejar, seguida de uma explosão. Max se viu jogado para trás, caído no chão, protegendo os olhos das

torrentes de fogo verde e dourado que rugia na lareira de David. Os troncos e cinzas em brasa ardiavam pelo chão, queimando no claro da lareira. A borda mais próxima do tapete persa começou a fumegar.

David era o único estudante em pé; os demais soltavam gritos e corriam para longe enquanto mais chamas verdes transbordavam da lareira, varrendo a prateleira que ficava em cima dela e chamuscando a parede de lambris. A voz da srta. Boon se ergueu acima do rugido do fogo.

- Diminua.

A srta. Boon andou à frente e murmurou uma palavra dura de comando ao mesmo tempo em que fazia um gesto decisivo com o braço.

O fogo não cessou.

Apertando os olhos, a instrutora repetiu seu comando.

Max soltou o ar quando o fogo começou a perder a vivacidade.

Formou, relutante, pequenas poças de chamas verdes até se apagar completamente. A expressão severa no rosto da srta. Boon se suavizou.

- Alguém se machucou?

Max e os outros murmuraram "Não", levantando-se do chão. O chão e as paredes junto à lareira de David, muito chamuscados, soltavam fumaça.

- Se ninguém está machucado, por favor, retomem seu lugar nas filas. David tossiu e abriu os olhos, olhando com curiosidade para trás, onde os

outros estudantes tornavam a se enfileirar, lentamente. Ignorando o olhar de Max, David caminhou para o final da fila. A srta. Boon voltou à sua posição como se nada de incomum houvesse acontecido. Numa voz polida, ela murmurou:

- Próximos, McDaniels e Boudreaux.

Max teve dificuldade de se concentrar, enquanto a srta. Boon os conduzia.

Embora tentasse focar a lareira, sua mente continuava voltando ao perturbador espetáculo de David. Após diversos minutos, exausto com o esforço, ele abriu os olhos. Sua lareira soltava uma fumaça poderosa, mas chama alguma faiscava lá dentro. Não foi diferente da menina a seu lado, nem de ninguém que viesse depois.

Quando o último par terminou, a srta. Boon os fez tomar os assentos. Lúcia foi a primeira a falar.

- Srta. Boon - inquiriu, de uma maneira hesitante que não era dela -, o que aconteceu? O que aconteceu na vez do David?

- Ele acendeu um fogo, conforme instruído - foi a simples resposta. - Sim, mas... por que houve uma explosão?

- Aparentemente, ele tem montes de "cavalos" de força, srta. Cavallo.

Depois da aula, Max esperou no patamar da escada por David, que ficara para trás, com a srta. Boon. As janelas no corredor zumbiram quando o Velho Tom deu as badaladas das quatro horas, e Max viu a sra. Richter subir. Virando-se para ele, ao se aproximar da sala de Mística, a diretora perguntou:



- Por que não está na aula de Etiqueta, sr. McDaniels? - Estou esperando David Menlo... Ele vai sair daqui a pouco. - Não vai - respondeu a sra. Richter, abrindo a porta. - Vá para a aula, Max. Diga ao sr Wesley que o David vai se atrasar. Ah!

E veja se arruma mais gelo para esse olho.

Max gaguejou um "Até logo"; quase se esquecera do olho inchado e machucado. Aos saltos subiu a escada e foi à sala de Etiqueta. Assim que entrou, ouviu uma voz exclamar:

- Não, não, de jeito nenhum. Todos viram isso? Max parou e viu um homem alto, bronzeado, com abundante cabelo branco

e covinha no queixo, vestindo terno cor de creme. O homem estava cercado dos dois lados pelos colegas de Max, e seus olhos azuis vivos o estudavam atentamente.

- É David ou Max? - perguntou sr Alistair Wesley, puxando um lenço de seda do bolso do paletó e limpando os óculos.

- Hã... Max, senhor - disse ele. - O David vai chegar tarde. A sra. Richter me pediu para avisar.

- Hã... entendo - disse sr Wesley, enfatizando o "hã" e tornando a dobrar o lenço. - Como você está atrasado e como a sua entrada é um exemplo de tudo que não se deve fazer, vamos usá-lo como exemplo. Por favor, recue até o corredor.

Max hesitou antes de dar vários passos para trás. - Por favor, torne a entrar na sala.

Max deu vários passos vacilantes. Connor parecia prestes a estourar. - Ai! - exclamou sr Wesley. - Ombros caídos, olhar indeciso, pés que se

arrastam... Nada que projete confiança, boa criação ou bons modos. O resto da turma riu abafado; Max ficou perplexo. - Vamos tentar de novo - disse sr Wesley. - Desta vez, sr. McDaniels, eu

gostaria que o senhor ficasse ereto, levantasse o queixo e andasse de forma confiante pela sala. Quando entrar, dê um sorriso caloroso para a srta. Amankwe - e instrutor olhou para Sarah - e se encaminhe até lá para conhecê-la.

- Mas eu já conheço a Sarah - murmurou Max, o rosto queimando.

- Sim, eu sei que você a conhece. Quero que finja que não a

conhece. Srta. Amankwe, quero que você finja que não notou o bastante proeminente olho roxo que o sr. McDaniels exhibe.

Max mordeu a língua e voltou ao saguão. Ao ser chamado, ficou ereto e voltou para dentro da sala. Viu Sarah e tentou se concentrar nela, mas era difícil, com sir Wesley fazendo seus comentários:

- Bom! Não! Não! Ombros para trás... Isso, assim. Queixo erguido! Não fique tão sério; você está conhecendo uma jovem maravilhosa, e não combatendo gás!

A turma caiu na gargalhada, e Max abandonou o esforço. - Tudo bem, sr. McDaniels, vamos considerá-lo uma obra em andamento -

disse sir Wesley, com enfado, virando-se de Max para se dirigir aos outros. - Eu sei que os jovens de hoje se fantasiam perpetuamente de taciturnos angustiados, mas vamos fingir que nós não somos assim, certo? Mais algum voluntário para o Cenário um: entrando numa sala cheia?

A mão de Connor disparou no ar.

- Tudo bem, sr. Lynch, pode ir.

Connor desapareceu lá fora no saguão. Quando chamado, saracoteou para dentro, fazendo uma pausa para se recostar no batente da porta e erguer uma sobrancelha, examinando o grupo com um libertino sorriso afetado. Fingindo avistar Sarah pela primeira vez, andou na direção dela com lenta majestade. Sarah explodiu de rir; Omar cobriu o rosto com as mãos. Parando a metros de distância, Connor se curvou em reverência e levantou a cabeça, mostrando duas fileiras de dentes brilhantes.

- Connor Lynch, a seu serviço.

- Bravo! - rugiu sir Wesley, batendo palmas com Sincero entusiasmo. Todos os demais grunhiram de desgosto.

Max não agüentava mais; queria escapar da Etiqueta. Esta conseguira ganhar da Matemática o posto de aula menos favorita. Foi o primeiro a passar pela porta e descer correndo a escada rumo às quadras de esportes para a aula de Treinamento e Jogos, quando o Velho Tom badalou. Monsieur Renard

esperava os alunos, impaciente como sempre, e os conduziu a instalações separadas onde poderiam trocar de roupa. Quando saíram dos vestiários, o instrutor batia uma bola de futebol com o pé. Ele fez sinal para que viessem.

- Primeiro dia de aula. Os porquinhos estão cansados, eu sei.

Terminamos o dia como começamos: uns pulinhos e uns saltos. Todos vocês conhecem futebol? Bola no pé?

Esquadrinhou os rostos, enquanto as crianças faziam que sim; Max reparou que David continuava ausente.

- Bom jogo para as pernas. Cria velocidade, resistência e controle corporal. Os aprendizes jogam muito futebol na Rowan, mas aqui vocês verão que as condições são ligeiramente diferente. Na Rowan nós jogamos futebol euclidiano.

- Qual a diferença? - perguntou Rolf.

- Você vai ver à medida que for jogando - disse o instrutor, permitindo-se um pequeno sorriso. - Você e a Sarah escolhem os times. Rápido, rápido. Max foi o primeiro a ser escolhido por Sarah, embora a tivesse avisado de que nunca jogara futebol organizado. Quando o jogo começou, Sarah passou zunindo por Jesse com a bola, entregando-a com destreza a outra menina, que corria a seu lado. Intrometendo-se, Rolf roubou a bola, desviou-se de Max e deu um longo chute para Connor, campo abaixo, que desferiu um tiro a gol. Jogando de goleira, Cynthia pegou na bola com as pontas dos dedos, bem no ar, perto da rede.

- Bela defesa! - exclamou Omar, do meio do campo. De repente, a terra começou a se mexer e a borbulhar. Pequenos montes e

depressões se formaram no campo; trechos inteiros se erguiam ou baixavam diversos metros, formando sulcos e platôs. As crianças pararam e olharam assustadas para Renard.

- Está tudo bem - disse ele, da linha lateral. - Continuem jogando. A partida terminou empatada, em zero a zero. O time de Rolf teria feito gol

se não houvesse se levantado uma montanha de tamanho razoável, feito uma bolha súbita, desviando a bola para o lado, exatamente na hora em que Rolf passava por dois jogadores da defesa e tentava o chute. Renard apitou e o campo imediatamente se acomodou num plano.

- Esse jogo é impossível - reclamou Rolf, driblando a bola para a linha

lateral. - Nós devíamos ter ganhado.

- Vocês terão que se esforçar, se ajustar e se adaptar - disse monsieur Renard, dando de ombros. - Essa é a questão. Vocês hoje jogaram a partida no

cenário mais fácil. Venham ver os estudantes mais velhos jogando no fim de semana; não vão achar que o que tiveram foi difícil demais.

De volta ao vestiário, jogando água fria no olho machucado, Max ficou desanimado ao pensar em tudo o que teria de fazer naquela noite. Precisava alimentar Nick, estudar o alfabeto grego, desenhar um mapa da Europa e praticar acender pequenas brasas em sua lareira. Seu olho latejava. Arrastando-se em direção ao Presbitério, tudo o que queria era se meter na cama, olhar as constelações e dormir uma semana.



\*~\* 9 \*~\*

### UMA MAÇÃ DOURADA NO POMAR

Dez cartas estavam empilhadas sobre a cama de Max. Tinham sido enviadas por seu pai, e o menino as lera diversas vezes. Era fim de semana, final de uma manhã de outono. Max estava na Rowan fazia mais de cinco semanas.

As coisas em casa pareciam movimentadas. O sr. McDaniels viajava com freqüência a negócios, certo de que seus esforços convenceriam o sr. Lukens a lhe entregar mais contas. Max se preparava para responder a uma carta quando David entrou no quarto, fechando a porta silenciosamente.

- Oi - murmurou ele, pulando em sua cama do outro lado e chutando fora os

sapatos.

- Como foi? - perguntou Max, sem erguer os olhos.

- Um saco. A srta. Kraken gritou comigo por não ter prestado

atenção direito. A sra. Richter entrou e ficou acompanhando a última meia hora. Ela nunca diz nada, só observa. É chato.

Depois do primeiro dia, David fora remanejado da turma de Mística; estava tendo aulas particulares diárias com a srta. Kraken. Os danos que causara à sala de aula haviam sido consertados imediatamente.

- Está animado para ir à cidade? - perguntou Max, dando início à carta. O que ele realmente queria saber eram mais detalhes da aula de Mística de

David, mas este nunca os contava.

- Acho que sim - a resposta de David veio abafada pelo travesseiro que ele puxara para o rosto.

Max franziu a cara, enquanto escrevia para o pai; havia tantas coisas fascinantes sobre a nova escola, e tão pouco que ele pudesse, na verdade, compartilhar. Limitava-se, na carta, a fazer uma crônica dos esforços acadêmicos e a assegurar ao pai que estava fazendo novos amigos. Max não mencionava ogros vegetarianos, tampouco gansos que conversavam.

O sr. Vincenti, a srta. Boon e os outros professores estavam já à espera dos primeiranistas, junto à fonte, quando Max e David saíram pela porta da frente do Presbitério. A maioria dos estudantes trocara o uniforme da escola por jeans. Quando partiram rumo ao portão do campus, o sr. Vincenti exclamou:

- Rá! Coisa excitante... Primeira ida à cidade e um belo dia de outono para curtir! Todo mundo trouxe apetite e um dinheirinho para gastar?

- Sim! - gritou o grupo, fazendo-o tapar as orelhas e rir. - Bom. Agora, escutem: temos reserva para o jantar no Alameda às sete, e a

comida é excelente, então não se encham de balas! Apresentem-se aos moradores e aos comerciantes. Eles sabem muito bem o que é a Rowan... Na verdade, muitos são antigos alunos ou parentes dos professores. Comportem-se da melhor maneira possível e deixem o sir Wesley orgulhoso, hein?

Os estudantes deram vivas, e Max, apressado como eles, atravessou os

gramados e entrou na floresta, que estava em

brasa com as cores brilhantes do outono. A brisa que vinha do

oceano era cortante, e Max se alegrava com a quantia nunca antes vista em seu bolso: suas mesadas acumuladas dos últimos dois meses. Ele batia papo com Rolf e Lúcia enquanto andavam o quilômetro e meio de cenário serpenteante até o portão.

Quando o grande portão se fechou atrás deles, Max e Connor dispararam longe, com os outros, chegando, quase um quilômetro depois, à longa extensão de lojas finas e outros estabelecimentos comerciais que irradiavam do parque da cidadezinha. Estudantes mais velhos zanzavam por ali, entrando e saindo da pizzaria, do café e da livraria próximos.

- Para onde? - perguntou Connor, pulando e olhando em todas as direções. - Vamos esperar o David - disse Max, espiando a rua, atrás, onde parecia

que seu colega de quarto escutava poucas

e boas da srta. Boon.

Finalmente, David fez que sim e correu pela rua na direção deles, chegando com um ataque de tosse aborrecido.

- O que foi? - perguntou Connor.

- Nada de mais. Ela quer que eu "tenha cuidado"... Está em cima de mim desde que a srta. Kraken começou a me ensinar Mística. Acho que não gostou disso.

- Por quê? - perguntou Max.

- Ela é muito nova - disse David. - Tem só uns vinte e cinco anos. Acho que está preocupada, imaginando que a srta. Kraken não tem confiança nela.

- A Kraken acha que você vai explodir a Boonizinha! - disse Connor, com uma gargalhada.

David se pôs a caminhar em direção a uma confeitaria, tossindo muito na manga do casaco. Conforme se aproximaram, ouviram um coro de vozes excitadas. Alguns passos depois, Max entendeu por quê.

Na vitrina, viu uma maravilhosa paisagem marinha toda feita de doce.

Havia castelos de areia de chocolate branco, camadas espessas de anêmonas de alcaçuz, criaturas do mar e peixes de cores vivas feitos de marzipã, puxa-puxa e hortelã.

- Entrem! Entrem! - disse uma voz amigável lá de dentro.

Um homem robusto de barba preta e bochechas róseas

metodicamente trançava filetes de marzipã. Ele parou para cumprimentá-los no balcão, limpando as mãos no avental.

- Vocês devem ser do primeiro ano. Eu sou Carlos Babel... Acredito que a minha esposa seja a professora de Línguas de vocês.

Dez minutos depois, com uns saquinhos de caramelos e um punhado de areia de chocolate, os três espiaram pelas vitrinas de um café e viram um grupo de alunos mais velhos lá dentro. Jason Barrett se encontrava num canto, flertando com uma moça muito bonita do quinto ano que Max uma vez o vira beijar atrás do Velho Tom. Jason os notou olhando e acenou para que entrassem.

Num movimento rápido, Connor lhes mostrou o bumbum. - Espero que tenham vindo de tênis de corrida! - berrou, apertando o

traseiro pelado de encontro à janela pela segunda vez, antes de disparar atrás de Max e David.

Eles correram dois quarteirões, parando, de repente, para respirar e saquear os doces de Max. David parecia ter renascido; as bochechas brilhavam, coradas; Max pensou que era a primeira vez que via David tão feliz.

Espiando a vitrina da loja atrás, Max viu um pequeno conjunto de tintas à mostra. Ocorreu-lhe que fazia algum tempo que não tinha oportunidade real de desenhar ou pintar, como costumava fazer com sua mãe. Apertou os olhos para ver o preço. Era caro, mas muito lindo; parecia coisa para artista de verdade usar.

- E melhor irmos nos esconder em algum lugar - disse David olhando rua acima, dando risada.

- É - concordou Connor, olhando em volta. - Não quero o meu bumbum identificado no meio de uma fila! Aquele pessoal lá bem que poderia fazer isso... Deram duas boas olhadas nele!

Connor e David se acabaram de rir de novo enquanto Max batia o dedo

pensativamente no vidro da loja, estudando os tubinhos limpos do conjunto de tintas.

- Vou entrar aqui - disse Max. - Depois eu alcanço vocês. Assim que a balconista colocou as tintas à sua frente, Max começou a

contar o dinheiro que tinha. O conjunto possuía mais cores do que jamais usara, e até a caixa era chique, com um delicado fecho de metal. Ele separou notas e moedas sobre o balcão, mas ficaram faltando dois dólares. A mulher sorriu e pegou o dinheiro, fazendo deslizar o conjunto para dentro de uma pequena sacola.

- Posso abrir mão de dois dólares para um jovem que quer tanto estas tintas. Vá e aproveite. Quem sabe me traz alguma coisa pintada por você!

- Vou trazer - disse Max, sorrindo e recebendo nas mãos a sacola. As árvores lançavam longas sombras enquanto Max, carregando o saco de

caramelos e as tintas, ia na direção do teatro. Assim que passou pela Luigi's, a pizzeria, ouviu uma voz atrás o chamando. Alex saía da Luigi's, seguido de Sasha e Anna.

- Oi, Max - chamou Alex, num tom de voz amigável. - Tudo bem? Max ficou calado, apenas os observando.

- Qual é o problema? - disse Alex, aproximando-se. - Vai se preocupar com o quê, depois de correr para chorar no ombro do Jason Barrett?

- Eu não falei nada com o Jason Barrett - disse Max, com um olhar feroz, mudando as sacolas da mão direita para a esquerda.

- Com certeza não falou - retrucou Alex, sarcástico. - Mas lembre-se só de uma coisa: o Jason se forma este ano, e eu não vou esquecer.

Alex passou por ele, jogando as sacolas de Max na rua. O chocolate e os caramelos se espalharam pelo chão, mas não foi isso que o aborreceu. O estojo de tintas se quebrou, e os tubinhos se esparramaram feito lixo na calçada.

- Ei, eu queria aquela bala! - gemeu Sasha, trotando atrás de Alex. Max se abaixou para apanhar suas coisas. Anna veio devagar em sua

direção, com um sorriso fino no rosto.

- Aquela foto sua no jornal estava linda! Você precisava ter nos visto rir. Achei que a Julia Teller ia morrer!

Os traços bonitos da garota se contorceram, e, com uma caretinha tensa, ela caminhou metodicamente na direção da bala e da tinta, esmagando-as com o salto. Max sentiu dor no coração ao ver o resultado. Anna deu um sorriso satisfeito e se reuniu a Alex e Sasha, que uivavam de rir. Os três continuaram a descer a calçada.

Observando-os ir, Max tremeu de raiva. Foi preciso todo o seu controle para segurar um impulso predatório que lhe subiu por dentro. Não podia ir atrás deles; o sr. Vincenti o ameaçara com graves conseqüências se Max se metesse em outra briga.

Tentou limpar a bagunça, usando a caixa quebrada para apanhar as balas espalhadas e os tubos de tinta derramada e jogar tudo numa lata de lixo próxima. Correu feito raio para o teatro. Depois de passar por diversos quarteirões, ouviu vozes o chamando do alto.

- Ei, Max! Aqui em cima.

Ele parou perto de um banco à entrada de um parque. Connor e David lhe sorriam do alto dos galhos de uma árvore nodosa. A boca de Connor estava lambuzada de chocolate.

- Há um monte de nomes e iniciais inscritas aqui em cima - disse David, animado. - Acho que encontrei uma feita

pelo sr. Morrow. Está escrito: "Byron ama Elaine, 1946".

- Não consigo imaginar o velho Byron garoto - disse Connor, pensativo. - Imagine um garoto enrugado cachimbando nesta árvore cem anos atrás.

Max riu, feliz de retomar os bons momentos que estava vivendo. Com um salto rápido, pegou um galho e se alçou para junto deles.

- Ei, posso provar aquela areia de chocolate que você comprou? - pediu David, acompanhando com o dedo as linhas cavadas de um verso.

- Ah, deixei cair na rua e se amassaram - disse Max. - Joguei tudo fora. - Você devia ter ficado com o chocolate! - resmungou Connor. - Nós o

usaríamos na aula de Etiqueta! - A imitação que fez da voz de sir Wesley foi

perfeita: - Cenário vinte: salvando as balas destroçadas do mundo.

- Estão na lata de lixo da esquina, se quiser... - disse Max, num suspiro. Connor, aparentemente, levou aquilo em consideração durante um tempo;

depois, deixou para lá.

Eles passaram as duas horas seguintes explorando o parque do vilarejo, trepando numa estátua de bronze de um homem a cavalo e espiando os nomes nas placas de granito de um pequeno cemitério. Escurecia quando finalmente correram de volta pelo calçamento de pedra, abrindo caminho em meio a

postes de luz à moda antiga, convergindo, com os outros primeiranistas, ao sopé da montanha alta.

O Alameda era uma casa espalhada, bem situada, cujo andar inferior fora convertido em diversos salões de jantar. Max seguiu o sr. Vincenti e uma recepcionista, descendo um corredor orlado de mapas da antiga Nova Inglaterra e esboços puídos de cenas de pesca de baleias. O grupo de Max estava sentado num salão de jantar iluminado à luz de velas, cuja mesa fora decorada com milho e feixes curtos de trigo amarrados com arame de cobre. O sr. Vincenti reorganizou os assentos com o fim de alternar meninos e meninas. Max se viu sentado entre Sarah e a srta. Boon.

O sr. Vincenti tomou seu assento à cabeceira e bateu na taça de vinho. - Eu gostaria de propor um pequeno brinde.

Os estudantes apanharam as taças cheias de cidra. O sr. Vincentiu prosseguiu:

- A um mês sob as rédeas e às jovens mentes em movimento! As taças tilintaram, e até a srta. Boon conseguiu dar um sorriso quando o

sr. Vincenti se pôs a interrogar o grupo a respeito das experiências mais memoráveis até ali.

- Algum matemático neste lote?

Todos lançaram o nome de David, exceto Jesse, que deu o seu próprio. - Quem é o mago da ciência?

Sarah enrubescou quando disseram seu nome.

- Algum embaixador ou diplomata em botão entre nós? Todos gritaram

"Connor!", que recebeu o cumprimento com uma bravata

típica, enxugando falsas lágrimas.

Conforme o sr. Vincenti prosseguiu, enumerando os temas, os garçons trouxeram pratos que soltavam fumaça e cestos de comida. Tabuleiros quentes de pão de milho espesso, bolos de caranguejo chiando e pratos de bacalhau e perca com gotas de limão foram postos sobre a mesa. Max quase cuspiu fora as batatas-doces quando Lúcia e Cynthia imitaram um dos muitos esforços de Connor para impressionar as meninas mais velhas do campus. Até o sr. Vincenti deixou de lado o garfo para rir.

Com uma hora de refeição, as gargalhadas do grupo deram lugar a conversas particulares. Max viu a recepcionista entrar no salão e se abaixar

para sussurrar algo ao ouvido do sr. Vincenti. Desculpando-se, o sr. Vincenti foi conversar com ela no corredor.

Assim que ele saiu, a srta. Boon se virou para Max, falando baixo: - Eu ouvi dizer, por acaso, que o Nigel mencionou à sra. Kichter que a

tapeçaria que você descobriu representava a Invasão do Gado de Cooley... - Hã hã - disse Max, distraído.

Os olhos do menino se voltaram para um lugar onde podia ver a sombra muito parada do sr. Vincenti no corredor. Alguma coisa estava errada.

- Max - disse ela, polidamente. - Diga "sim". O sir Wesley não ensinou que "hã hã" não é uma maneira decente

de responder e que é falta de educação não olhar para a pessoa quando ela está falando com você?

Max olhou para a srta. Boon.

- Desculpe - disse ele.

- Tudo bem - retrucou ela, com a voz mais suave. - Você teve oportunidade de ler a respeito da Invasão do Gado ou de seu herói, Cúchulain?

Max meneou a cabeça.

- Não, srta. Boon, não li.

Estendeu a mão para pegar um pedaço de pão de milho. - Escute, Max - disse a srta. Boon, colocando uma mão gelada no braço de

Max.

Ele a encarou, a jovem expressão dela tão séria e estranha como os olhos descombinados.

- Aquela visão foi talhada para você. É muito importante que você compreenda tudo o que puder sobre sua história e

seus símbolos. Cúchulain foi um grande herói, um campeão. As pessoas o chamavam de o Sabujo de Ulster, por causa da maneira como guardava o reino... Mas ele teve que fazer escolhas terríveis pelo caminho. Seria melhor se você as conhecesse, Max.

Max a mirou; sua mente se encheu de pensamentos a respeito daquele sonho recorrente do monstruoso cachorro-lobo. Decidiu não compartilhar aquilo com a srta. Boon; o olhar e o aperto dela eram intensos demais, trazendo-lhe desconforto.

Exatamente nesse momento o sr. Vincenti se reuniu a eles, voltando

do corredor. Sua voz cobriu as muitas conversas. - Temos uma mudança de planos. Preciso que todos ponham os talheres

sobre os pratos e me sigam. Depressa.

- Mas, sr. Vincenti - disse Connor -, o senhor precisa ver o que o Omar é capaz de fazer com o...

- Agora mesmo, sr. Lynch! - trovejou o sr. Vincenti, que deu a volta em torno da mesa, fisicamente erguendo as crianças confusas dos assentos. Sem uma palavra, asrta. Boon se levantou rapidamente e começou a puxar as cadeiras das crianças para longe da mesa, arrebanhando-as porta a fora.

A recepcionista, em pé à saída do salão, parecia assustada. - Tenha cuidado, José. Tenha cuidado, Hazel - sussurrou ela, apagando as

luzes da casa. Outros primeiranistas saíam apressados de outras salas de jantar, acompanhados de seus professores. Várias limusines estavam estacionada na rua, as portas abertas e os motores ligados. A recepcionista trancou as portas quando eles saíram.

Max foi amontoado na segunda limusine. O sr. Vincenti bateu a porta de trás, fechando-a, e o automóvel desceu a rua velozmente em direção aos portões de Rowan. A rua parecia abandonada; todas as lojas estavam escuras. Ao passarem pela igreja, Max imaginou ter visto duas figuras escuras se desvanecerem no gramado e desaparecerem atrás de uma sebe. Alguns segundos depois, foi jogado para o lado, quando a limusine fez uma curva fechada e chiou, atravessando o portão. Serpearam em meio às árvores e ao longo do mar, até pararem, com um choque, junto à fonte. O coração de Max congelou quando ouviu aquele horrível gemido familiar vindo da direção do Kestrel.

O sr. Vincenti abriu a porta e apressou a saída das crianças, enquanto Nolan galopava em torno do Presbitério montado em Ya Ya. Naquele momento, nada havia de velho ou alquebrado nela, Max reparou. Saía vapor das narinas da kirin, sua cabeça maciça virando feito periscópio de um lado a outro, esquadrinhando o terreno com olhos que brilhavam, brancos, na escuridão. E Max jamais vira o normalmente animado Nolan tão taciturno. O administrador gritava mais alto que o som distante.

- José, ponha as crianças para dentro. Você e a Hazel têm que tomar suas posições na área. Ordens da diretora.

O Presbitério estava um frenesi de berros e portas batendo. Max, David e Connor passaram depressa por um par de alunos do sexto ano que montava guarda à entrada do corredor deles. Os estudantes mais velhos ordenaram que se trancassem nos quartos e ficassem quietos. Quando Max e David se viraram para fechar a porta do deles, viram Connor ali.

- Vou entrar com vocês dois! - disse ele, num assobio. - Os meus colegas de quarto são uns cães!

Connor entrou correndo, e Max fechou a porta, certificando-se duas vezes de estar bem trancada.

Os minutos e as horas se passaram num tiquetaque arrastado. Incapaz de se concentrar, Max jogou de lado o caderno de desenho; David e Connor jogavam cartas no andar de baixo. Ouvindo sons abafados no corredor, Max se levantou da cama para investigar. Connor e David ficaram em pé na escada, no nível inferior, envoltos nos cobertores e com ar assustado, enquanto Max escutava à porta. Ouvindo passos e sussurros do lado de fora, Max se virou para eles e botou o dedo sobre os lábios. Prendendo a respiração, silenciosamente virou a maçaneta e espiou o corredor.

Um pequeno grupo de alunos do primeiro e do segundo ano se comprimiu contra uma janela no fim do corredor. Max fez sinal a David e Connor, e os três se juntaram ao grupo. Rolf abriu um espaço para permitir que Max espiasse pela janela; este se inclinou e encostou a testa no vidro frio.

Lanternas balançavam pelos terrenos escuros aos pares enquanto os professores verificavam o pomar, os gramados e os jardins. Longe, no bosque, Max viu mais lanternas a espiar do meio das árvores. Ele sussurrou a um segundanista que estava em pé a seu lado:

- E aí, caras? Vocês viram alguma coisa?

O segundanista meneou a cabeça, em negativa, e fez sinal pedindo silêncio. De repente, alguém deu o alarme:

- Está acontecendo alguma coisa!

Max foi esmagado contra o vidro quando a multidão veio à frente.

Embaixo, as lanternas balançavam freneticamente, logo convergindo para um ponto junto à beira do pomar.

Uma chama imensa irrompeu no local. Max e os outros meninos saltaram um grito.

Algo monstruoso com forma de lobo foi iluminado pelo foco súbito de luz. Ele deu diversos passos acorados, desequilibrados, nas patas traseiras. Em seguida, caiu sobre as quatro patas e correu pelo gramado em direção à floresta e à estrada.

- Voltem para os seus quartos!

Max se virou e viu os dois do sexto ano correndo, zangados, corredor abaixo. Os meninos se espalharam pelos quartos num tumulto repentino de pés se arrastando e portas batendo. Max e David correram para o plano inferior do dormitório. Connor entrou voando um instante depois, trancando a porta, os olhos arregalados.

- Vocês viram, caras? Eu vi!

- Eu nunca mais saio deste quarto - sussurrou David. Os três ficaram sentados em silêncio por longos minutos. Max tremia,

recordando a imagem do vulto terrível galopando pelo terreno. Olhou pela

cúpula o céu no alto, observando Escorpião piscar.

- O que vocês acham que era aquilo? - ele perguntou em voz baixa. - Não sei - respondeu David, esfregando as têmporas. - Nem quero saber. - Talvez fosse um lobisomem - propôs Connor. - Como nos filmes. - Aquilo não parecia nenhum dos lobisomens que eu vi nos filmes - disse

Max, trêmulo. - Era muito pior. E parecia maior...

Uma batida forte na porta despertou Max de seu sono. Piscando, ele olhou em volta do quarto. Connor estava adormecido num dos sofás. David, enrolado junto à lareira, um monte sem forma debaixo do cobertor. Deram mais três batidas, rápidas e decididas. Max se pôs em pé bruscamente e subiu os degraus, parando à porta.

- Quem é? - perguntou, a voz lenta e cautelosa.

- É José Vincenti, Max. O perigo passou. A sra. Richter quer que

todo mundo venha ao pomar. Está friozinho, portanto, traga ura casaco ou um roupão.

O sr. Vincenti desceu o corredor, batendo na porta seguinte. Em poucos minutos, Max acordou Connor e David. Sonolentos, os três meninos se arrastaram, com os outros aprendizes, pelas portas dos fundos até o pomar. Um céu pálido e lavado de azul antecipava o nascer do sol.

A sra. Richter estava em pé junto à primeira fileira de árvores, ladeada pelos professores e por uma dúzia de outros adultos. As conversas cessaram imediatamente quando a voz da diretora encheu o ar da manhã.

- Estudantes, tivemos uma perda. Outra maçã dourada enfeita este pomar... prematuramente demais.

Max observou diversos estudantes mais velhos a sussurrar e procurar algo, olhando por sobre os professores, cora expressão preocupada. A diretora meneou a cabeça.

- Não - disse ela. - A nossa perda não ocorreu neste campus. Nós perdemos um membro do nosso pessoal de recrutamento: a srta. Isabelle May, que muitos de vocês, sem dúvida, conheceram durante os testes de admissão.

Fez-se um silêncio espantado entre os estudantes. Com expressão solene, a sra. Richter continuou.

- Nós não sabemos ainda o que aconteceu com a srta. May. A nossa última comunicação com ela foi semana passada, apesar de todos os nossos esforços para contatá-la desde então. Estivemos monitorando a Turma Três dela, ansiosamente, todo esse tempo. O sr. Morrow fez a infeliz descoberta antes do jantar, ontem à noite. A maçã da srta. May virou ouro.

Diversos alunos se abraçaram. Max viu Lúcia enxugar lágrimas dos olhos, dando-se conta de que fora a srta. May quem a recrutara.

A sra. Richter ergueu os braços, pedindo silêncio. - Logo depois que perdemos a Isabelle, alguma coisa disparou a defesa

deste campus. Peço desculpas por ações que podem ter sido confusas ou assustadoras para vocês, mas foram precauções necessárias. Pela primeira vez na história da Rowan, este campus foi penetrado por agentes do Inimigo.

Os alunos começaram a sussurrar, com olhares de soslaio.

- Agora se foram - garantiu a sra. Richter, sua voz silenciando os

estudantes. - E vocês podem ficar descansados, certos de que todos os nossos recursos serão reunidos para determinar exatamente o que aconteceu e que passos são necessários para garantir a segurança de vocês. Até esse momento, nenhum estudante pode deixar este campus seja por que razão for. O descumprimento dessa instrução resultará em expulsão. Está claro isso?

Max se viu concordando e dizendo "Sim, diretora" com todos os demais. Esfregando os braços, deu-se conta de que se esquecera de trazer casaco, e o ar do início da manhã estava excepcionalmente frio para a estação.

Uma menina mais velha levantou a mão.

- Como é que estiveram aqui? - perguntou ela, a voz trêmula. - A Rowan supostamente está oculta do Inimigo! O que isso quer dizer?

O olhar da sra. Richter foi severo; sua voz, dura. - Quer dizer que entramos num tempo de perigo.



\*~\* 10 \*~\*

## A CORRIDA

Nas semanas que se seguiram, todos os alunos tiveram de andar aos pares, e a aldeia de Rowan foi considerada fora dos limites. Professores e estudantes mais velhos se ofereceram como voluntários para patrulhas noturnas e escoltas aos mais jovens. O mais notável foram os adultos estranhos que chegaram ao campus. Eles zanzavam pelo bosque, apareciam de repente nos corredores, montavam vigilância por toda a área. Os alunos receberam a garantia de que aqueles indivíduos estavam presentes para ajudar na segurança por ali, mas que não deviam se aproximar deles nem os incomodar. Entre eles havia um homem particularmente alarmante, com o rosto seriamente queimado. Logo se tornou algo audacioso atravessar o caminho dele à noite, quando andava

silenciosamente pelo terreno, de gorro de lã preta e jaqueta, empunhando uma lanterna. O nome dele era Cooper, e Max tinha medo do homem.

Duas semanas tensas haviam se passado, e Max estava trabalhando junto com seu grupo de estudos numa salinha perto da Biblioteca Bacon. Apesar dos acontecimentos recentes, os professores tinham decidido manter o calendário do período, e Max precisava tirar boas notas em diversos exames. Com um

punhado de pipoca tirado de Cynthia, ele resmungava diante do caderno de Matemática, com somente metade de seus resultados correspondendo aos da página de respostas.

Max bocejou. Estava ficando tarde e ainda precisava alimentar Nick. Quando estava juntando suas coisas e fechando o casaco de couro, David olhou para cima, do sofá em que lia um livro.

- Você está indo para o Santuário? - perguntou. - Sim - disse Max, espreguiçando-se. - Quer vir? - Não. Estou indo para a cama. Mas você deveria arrumar uma companhia. David voltou a seu livro. Sarah subitamente ergueu os olhos. - Eu vou com você, se quiser. Deixe-me só pegar o meu casaco -disse ela,

fechando o livro num estalo.

Lúcia sorriu, jogando um grão de pipoca em Cynthia, que olhava de viés, por cima de seu livro. Max olhou para Connor, que apenas levantou as sobrancelhas.

- Hã... sim -disse Max. -Obrigado, Sarah.

Sorrindo, Sarah saiu da sala. Max se virou para os outros. - Do que vocês estão rindo? -perguntou, olhando rosto por rosto. - Ora, Max... -zombou Connor. - Ela gosta de você. - Não, ela não gosta -protestou Max.

- Não, não gosta... - disse Cynthia, rindo. - Imagina se gostasse... Ela sempre escolhe você para os jogos e senta do seu lado em toda aula. Posso garantir que ela não está querendo copiar o seu dever de casa.

Max a olhou, feroz

- Desculpe -implorou Cynthia, tornando a rir e fingindo se interessar por sua leitura.

Lúcia deixou a caneta de lado e fez cara de zombaria. O inglês dela melhorara tremendamente; naquele momento, porém, falou tão depressa que

Max teve dificuldade de entendê-la. Ouviu algo a respeito de ele ser um bebê e Sarah, bonita e inteligente; no entanto, foi a palavra "festival" que lhe chamou a atenção.

- O que foi que você disse sobre o festival?

Lúcia semicerrou os olhos.

- Eu disse que ela é demais para você e que você tem muita sorte de ir ao festival de Halloween com ela!

Max lançou um olhar aterrorizado por sobre o ombro, na direção da porta. - Do que você está falando? -silvou. -A Sarah vai me pedir para ficar com ela no Halloween?

- Não seja ridículo -intrometeu-se Cynthia. -A Sarah é muito antiquada para fazer isso.

Max soltou o ar, aliviado.

- Apenas vai fazer com que você saiba que quer que você a convide - acrescentou Cynthia, os olhos piscando de malícia.

- Mas... -Max parou no meio da frase, pois Sarah tornava a entrar na sala, usando um casaco impermeável com capuz.

- Está pronto? -perguntou, passando e esperando junto à porta. David pousou o livro sobre a cara enquanto Connor ria. Max a seguiu

corredor abaixo, apertando as palmas das mãos de encontro ao couro do casaco.

---

Exceto por um breve período de "veranico", os dias foram ficando cada vez mais frios. Sarah andava pelo atalho junto a Max, brincando com uma série de braceletes de contas.

- Então -disse ela -, eu, na verdade, nunca vi o Nick de perto antes. Como ele é?

- Ele é legal -respondeu Max, depressa. -Mas come uma tonelada e gosta de

me atacar.

- É mesmo? - exclamou ela, rindo.

- E também fica bravo quando eu chego tarde - acrescentou Max. - Já me desfiou uns dois suéteres.

- Hoje você vai chegar tarde? - perguntou Sarah, com uma nota de brincadeira na voz.

Max concordou acanhadamente, enquanto iam apressados pelo caminho principal dentro do bosque.

Foi quando um vulto escuro se ergueu de uma moita baixa próxima, fazendo uma lanterna iluminar suas caras.

Max recuou. Era Cooper, todo vestido de preto, com um capuz de meia puxado para baixo. O menino ficou imóvel, os olhos fixos nas cicatrizes robustas, lustrosas, que desfiguravam metade do rosto do homem.

Sarah ficou furiosa.

- Como você tem coragem de fazer isso? Pular do escuro desse jeito? - disse, a voz aguda.

Cooper nada disse. Apenas os olhou, impassível. - E aí? - inquiriu ela. - Não vai se comportar como um cavalheiro e pedir

desculpas por ter nos assustado?

- Sarah - sussurrou Max -, não o provoque.

Lentamente, os traços arruinados de Cooper se contorceram, transformando-se numa espécie de sorriso. Ele tirou o gorro de meia com educação, revelando uma cabeça que também fora severamente queimada. O crânio ficara com uns poucos tufos de cabelo cor de palha, parecendo brotos de trigo pálido. Apagando a lanterna, ele abriu caminho em silêncio por uma moita baixa em direção a um dos atalhos laterais sombreados.

Max e Sarah prosseguiram rumo ao Santuário. Max não falou até terem fechado atrás de si a porta pesada.

- Aquele cara me deixa totalmente arrasado.

- Não é para menos! - disparou Sarah. - Aparecer de repente em cima dos alunos à noite! Eu devia falar com a sra. Richter.

- É, mas a cara dele...

-...não lhe dá o direito de assustar as pessoas! Lamento que tenha se queimado, mas a vida continua.

Sarah se demorou junto à entrada, recompondo-se. O perfil da menina, com seu pescoço longo, compunha uma silhueta majestosa contra os galhos entrelaçados. Virou-se para ele, os olhos escuros e brilhantes como os de uma corça.

- Max, eu nunca lhe agradei por ter me tirado da água naquela noite do Kestrel.

- Ah - disse Max. - Não foi nada de mais. Seja como for, você acaba de me salvar do demônio, então, estamos quites!

Ele tentou uma risada fraca enquanto Sarah ajustava o bracelete. - Bem - disse ela. - Obrigada.

E, inclinando-se, deu um beijo de leve no rosto dele. Max ficou ali em pé, ligeiramente registrando que ela cheirava a sabonete perfumado. Recuando, Sarah lhe sorriu e, em seguida, saiu para a clareira. Ele ficou para trás, consciente do rubor em seu rosto. E agradecido à escuridão.

Nick já andava para cá e para lá em seu compartimento, roendo a base da arvorezinha. Sarah ajudou a mitigar sua raiva; a perspectiva de ter alguém novo para perseguir aparentemente foi suficiente para apaziguar o lymrill. Sarah riu, tentando tomar distância de Nick, que se abaixou bem, abanando a cauda de um lado a outro, e em seguida disparou, de repente, atrás dela. Quando, rapidamente, a alcançou, o pelo vermelho luzidio listrando a clareira, ela soltou um grito. Enquanto isso, Max limpava o compartimento de Nick e enchia o carrinho de mão com o jantar.

Instalando as caixas junto à lagoa, Max chamou Nick, que abandonou a oportunidade de apanhar Sarah numa armadilha e veio correndo das trevas. Sarah voltou trotando, se segurando, ofegante.

- Ai, amei o Nick! - exclamou. - Ele é uma graça! -Hum. Veja se acha isto aqui uma graça! -disse Max, abrindo uma caixa

fervilhante de ratos com cerca de trinta centímetros de comprimento. Os ratos se espalharam em todas as direções e Nick foi atrás deles. Sua

cauda abanava, e as garras pareciam um borrão enquanto os perseguia e eviscerava, cada um deles, com uma violenta patada ou sacudidela de cabeça. Sarah soltou um rugido quando meio rato aterrissou junto a seu sapato: Nick trotou para lá e com o focinho ensanguentado aproximou-o ainda mais dela.

- Ele gostou de você! - disse Max, de onde estava agachado, separando barras de metal em pequenas pilhas. - Ele não me ofereceu nada nas primeiras vezes.

- Ah, que delícia! - exclamou Sarah, fazendo piada. Depois de devorar os ratos, Nick veio bamboleando e passou a meia hora

seguinte alternando entre os lingotes em miniatura e os galões de bichos noturnos rastejantes, que se retorciam. Então, de um pulo, o lymrill voou lagoa adentro, afugentando diversas garças que dormiam em meio aos caniços. Minutos depois, Nick emergiu da água, com ar muito manhoso e sonolento.

Trepando no carrinho de mão, caiu em meio à confusão das caixas, garras estendidas, roncando, e Max, com esforço, empurrou-o morro acima.

Sarah deu uma espiada no pavão de linda plumagem que era de sua responsabilidade. Em seguida, foi ter com Max, que acomodava o lymrill adormecido sobre um ramo baixo, em seu compartimento.

- Ei -disse Sarah, agarrando-lhe a mão -, vamos experimentar uma coisa? Sarah empurrou Max para o outro lado, até a caixa de alimentação, e

pigarreou.

- Comida para Max McDaniels: menino com doze anos de idade que gosta de doce.

A caixa se sacudiu, a tampa batendo contra o fecho, até soltar uma luz dourada.

- Sarah, eu não quero comer nada que saia dessa coisa! - Psiu! - fez Sarah, sorrindo, enquanto observava a caixa. - Vamos ver o que vai oferecer!

A caixa parou de bater, e a luz dourada cessou. Sarah destrancou o fecho e levantou a tampa. De repente, três cabeças surgiram da caixa, pertencendo a três diabinhos muito zangados, de uniforme manchado de cozinheiro. Sacudiram os

punhos para Sarah e Max.

- Para alunos, não! Para alunos, não! - entoaram, jogando neles punhados de lixo e verdura podre.

Sarah caiu na gargalhada; virando-se para trás, gritou desculpas. E os dois desceram às pressas o corredor na direção da porta.

Fecharam o portão do Santuário e continuaram rumo ao Presbitério. Max notava que a mão dela arrumava um jeito de ocasionalmente roçar na dele enquanto caminhavam lado a lado. O Velho Tom badalou onze horas, as notas ressoando pelo campus no trajeto deles em meio às folhas de outono que caíam em pequenos espirais trêmulos.

- Eu gosto desta estação -disse Sarah, de repente, abaixando- se para inspecionar uma folha dourada de bordo. -No lugar de onde eu venho, não existe uma coisa tão dramática assim. É como se a terra estivesse indo para a cama, se preparando para dormir.

- Espere só até o inverno - disse Max.

- Estou louca para o inverno chegar! Eu nunca vi neve! - Sério? -perguntou Max, incrédulo.

Ele tinha bastante familiaridade com os longos meses frios em Chicago. - Não, Max - disse Sarah, sarcasticamente. - Na Nigé ria neva pra caramba! Max nada disse e continuou andando, chutando para o lado pequenas pilhas

de folhas pelo caminho. Quando passavam pela última fileira de Árvores de Turma, Sarah parou.

- Você está planejando levar alguém para o festival da véspera do Dia de Todos os Santos? -perguntou ela, ansiosa.

Max também parou. Lançou um olhar ansioso ao Presbitério. - Hã... na verdade, não -disse ele. - Quer dizer, não teremos que estar todos

lá, de qualquer forma?

- Bem, sim, suponho... Mas poderia ser tão legal ir com alguém, você não acha? Ouvi dizer que o Rolf vai levar uma pessoa... e a Lúcia foi convidada por um garoto do segundo ano.

- Está brincando! - disse Max, horrorizado.

- De jeito nenhum -retrucou Sarah. - A srta. Boon disse que a maioria dos alunos leva seu par.

- Até os do primeiro ano?

- Até os do primeiro ano -respondeu Sarah, rindo. Em seguida, olhou para os sapatos. - Ouvi dizer que o John Buckley vai me chamar.

Max suspirou, aliviado. John Buckley, do segundo ano, era, segundo ouvira falar, o melhor jogador de futebol euclideano deles.

- Que legal, Sarah - disse Max, num tom mais alto. - Ele parece gente boa. - Sim, mas estou querendo que uma outra pessoa me convide antes -disse

ela, ajeitando as pulseiras e desviando os olhos. Sua macia pele negra parecia quase azul à luz da lua filtrada pelas nuvens. - Oh... Espero que ele a convide -disse Max, sem jeito. - Hum. Está ficando tarde, e eu preciso ir para a cama. Muito obrigado por

me ajudar com o Nick

- Certo -disse ela, em voz baixa. -Boa noite.

Sarah segurou o casaco impermeável, fechando-o, e correu para o Presbitério, desaparecendo na subida das meninas com passos rápidos e silenciosos.

Chegou a manhã de sábado, úmida e com vento. Max vestiu um suéter de lã e desceu para o salão de jantar. Diversos de seus colegas de turma já se encontravam lá, terminando o café da manhã e conversando com animação sobre a Corrida, localizada abaixo do Ferreirinho, a Corrida era normalmente reservada aos estudantes mais velhos, mas a sra. Richter decretara que as circunstâncias exigiam que todos os alunos comessem imediatamente. Max fora incapaz de arrancar qualquer informação a respeito dos alunos mais velhos; Jason Barrett simplesmente riu e disse:

- Já fez homens adultos chorarem. Você vai aprender muito sobre si mesmo.

Desde que ouvira falar da decisão da sra. Richter, Bob vinha colocando que estavam com a comida extra nos pratos dos primeiranistas, ignorando seus protestos de barriga cheia.

Naquela manhã, porém, Max conseguiu driblar o ogro e saiu da cozinha com uma pequena tigela de cereal. Sentou-se no salão de jantar perto de Lúcia.

A menina fez uma careta.

- Qual é o problema? -perguntou Max.

Lúcia lhe lançou um olhar franco e voltou a conversar com Jesse, que estava a seu lado. Desde a noite em que não convidara Sarah para a dança, muitas meninas do primeiro ano passavam por ele sem nem lhe falar. A própria Sarah continuava amigável, mas menos conversadeira que antes.

Max revirou os olhos, deixou a colher de lado e se levantou da mesa. Sarah estava sentada na outra ponta, mordiscando um pedaço de torrada e conversando com Cynthia. Colocou a torrada mordida no prato quando ele veio em sua direção.

- Sarah? - disse Max, parando.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, um sorrisinho na cara. Todo mundo à mesa parou de conversar para observar os dois com atenção.

- Você gostaria de ir à dança da véspera do Dia de Todos os Santos comigo? - perguntou Max.

A mesa irrompeu num coro de assovios e vivas. Sarah manteve a calma e levantou o queixo.

- Obrigada pelo convite, Max. Vou pensar.

- Tudo bem -resmungou ele, voltando a seu lugar, mortificado de ver Julia Teller, sentada várias mesas depois, fazendo sinal de positivo para ele com o polegar e rindo com as amigas. Quando Connor deslanchou um teatrinho inspirado em sir Wesley, intitulado Cenário trinta e nove: convite desajeitado para acompanhar dança de outono, Max riu junto com os outros e, era seguida, atirou na testa de Connor um pedaço de pão. Ainda rindo, Connor recuou à cozinha, para limpar a manteiga e a geléia da cara.

- E então - disse Max, virando-se para Lúcia -, agora estou fora do castigo? - Talvez para eles - retrucou ela-, mas não para mim. Isso é, no mínimo,

pio: convidar a menina só para provar alguma coisa. E na frente de todo mundo!

Meneando a cabeça, ela se levantou da mesa.

Após uma movimentação súbita na cozinha, Connor saiu correndo de uma das portas duplas.

- Nem pensar! - gritou olhando para trás, saltando de volta a seu assento. Mamãe veio correndo pela porta, tirando a rede do cabelo. - Mas você está desrespeitando a tradição! - gritou ela. Mamãe caiu em prantos, e Cynthia se levantou para consolá-la. A bruxa

enterrou o rosto no casaco da menina, sacudindo as mãos loucamente para espantar os estudantes que a chamavam.

- O que você fez? - recriminou Cynthia, olhando para Connor. - Eu não fiz nada! - defendeu-se o menino. - Ela me cercou e disse que eu

era o aprendiz "sortudo" escolhido para acompanhá-la na dança! Max cuspiu fora o cereal. Até Cynthia abafou um riso enquanto Mamãe

mexia a cabeça de um lado para o outro, esfregando os olhos vermelhos de lágrimas.

- Eu sou horrenda, não sou? - crocitou Mamãe. - Eu confio em você, Cynthia... Você não é aquela beleza. Pode falar: eu sou mesmo tão horrenda?

- Não, é claro que não, Mamãe - disse Cynthia, ignorando o insulto e dando-lhe tapinhas no braço. - Você é única!

- Unicamente horrenda? - grasnou Mamãe, encarando Cynthia com olhos aterrorizados.

- Não - disse toda a mesa, em uníssono.

- Então, por que ele não quer me levar? - choramingou ela, lançando um olhar trágico a Connor, que escondeu o rosto nas mãos.

- Por uma razão - murmurou ele. - Você é, digamos, uns cem anos mais velha que eu.

- Connor! - exclamou Lúcia.

- O que foi? - perguntou ele. - Ah, e outra coisa: ela é uma bruxa devoradora de homens! Ou vocês todos esqueceram?

Mamãe deu um grito e enfiou ainda mais a cabeça no casaco de Cynthia. A

menina tentou confortá-la dando-lhe palmadinhas no cabelo. De repente, parou e se dirigiu a Connor.

- Você devia convidar a Mamãe para dançar - disse ela, com uma nota de aviso na voz.

Connor lançou um olhar de pânico, impotente, para Max; este arregalou os olhos e sacudiu os ombros.

- É o mínimo que você pode fazer pela Mamãe, Connor - disse Sarah. - Ela cozinha para nós todo dia.

- E só uma noite -acrescentou Cynthia.

- E é uma tradição -acrescentou um passante do terceiro ano, com um sorriso sábio.

Ainda com a cabeça no casaco de Cynthia, Mamãe lançou um olhar para Connor, agora praticamente embaixo da mesa. Ela gritou e se pôs a bater os pés, elevando a voz a um tom doloroso.

- Oh, é um destino pior que a morte acompanhar a Mamãe na dança! Ela devia ir sozinha! Ou, melhor ainda, nem ir! Simplesmente ficar em casa, no seu armário, e guardar sua feiúra para si!

- Tudo bem, eu levo você -murmurou Connor, a voz mal audível em meio aos guinchos de Mamãe. Então, subiu o tom: - Eu disse que vou levá-la à dança!

Os gritos cessaram imediatamente. Mamãe se virou violentamente, quase derrubando Cynthia.

- Ora, eu ficaria encantada -disse ela, magnânima, abaixando-se para

fazer uma reverência. Espero você no meu armário às sete. E saiu calmamente para a cozinha, saltitando feito uma menina. - Não se esqueça do nosso encontro, meu querido - gritou por cima do

ombro. -Tenho testemunhas, você sabe.

Connor soltou um gemido quando Mamãe desapareceu na cozinha com uma gargalhada. Logo se ouviram panelas e frigideiras batendo por lá, e a cantoria chiada de Mamãe acima da barulheira.

- Eu acabo de ganhar uma nova máquina fotográfica de aniversário! -

exclamou Cynthia, animada. -Com certeza vou tirar montes de fotografias!

- É - falou Max, botando para cima o cabelo de Connor. - O sr Wesley vai ficar tão orgulhoso do efeito de suas aulas de Etiqueta!

Venha, sr. Mamãe, temos que ir para o Ferreirinho.

Saía fumaça das diversas chaminés no telhado de ardósia do Ferreirinho. Fora, chuviscava; sob os pés, a chuva transformava as folhas amarelas em papa. A srta. Boon e o sr. Vincenti esperavam pela turma, que desceu, apressada, o atalho. Cada um dos professores segurava uma pilha de lustrosos fichários azul-marinho. A srta. Boon sorvia café de uma caneca de aço inoxidável e deu um sorriso empertigado ao ver Max olhar de perto o fichário. Na capa, havia os seguintes dizeres, gravados em prata: A CORRIDA: MANUAL DE OPERAÇÕES.

- Muito bem -murmurou o sr. Vincenti, examinando o grupo. - Bom, bom, todo mundo está aqui. Bem-vindos ao meu gargalo do bosque, o nosso amado Ferreirinho. Vamos tirar vocês da chuva... Nem é preciso dizer que vocês não vão tocar em nada depois que estiverem lá dentro. Os cartões de acesso e os números de identificação de vocês estão dentro dos fichários... Lá vamos nós... O sr. Vincenti abriu a porta, e a srta. Boon os fez entrar depressa num pequeno saguão com uma porta metálica à esquerda e uma grande elevador

bem à frente. Havia outro teclado numérico junto à porta. - Agora - disse o sr. Vincenti, enquanto ele e a srta. Boon distribuíam os

fichários -, esta porta dá nas oficinas. Não há razão para vocês entrarem lá enquanto não estiverem recebendo aulas de Dispositivos. Este elevador é o que serve para vocês: ele os levará até o andar da Corrida. Aí vocês entram.

Com os outros, Max amontoou-se dentro do elevador, que tinha belos painéis de madeira e era surpreendentemente espaçoso.

- Segurem-se bem - murmurou o sr. Vincenti, quando as portas se fecharam suavemente.

Max se agarrou a um corrimão lateral enquanto o elevador acelerava, descendo rapidamente. Fechou os olhos para enfrentar a tonteira, atentando para o zumbido dos motores e o ligeiro cheiro de óleo de motor. Quando pararam, estava certo de se encontrarem centenas de metros abaixo da terra.

Um por um, os estudantes saíram numa grande sala octogonal com teto alto e lustrosas paredes de granito vermelho polido. Na parede oposta havia outro elevador com o brasão da Rowan sobre a porta de bronze. Max foi até o outro lado para ver um lindo capacete de samurai iluminado no interior de uma vitrina. Virou-se para a grande placa luzidia acima dele.

- "O Capacete de Tokugawa" - leu. - "Prêmio agraciado a lideranças de destaque."

Os nomes de antigos ganhadores do prêmio brilhavam embaixo, inscritos num suave matiz dourado. Max se virou ao sentir no ombro uma mão. A srta. Boon lhe sorria do alto.

- Venha cá -disse a srta. Boon -, vou lhe mostrar o meu favorito. Eles passaram por um mostruário exibindo uma imensa luva de armadura

amassada e pararam diante de outro, em

que uma pedra carbonizada estava suspensa no ar. - Esta é a Pedra dos Fundadores. Foi resgatada com grande dificuldade

pelos refugiados que escaparam da Solas. E parte da nossa última escola; um fragmento de sua pedra angular. Enquanto os outros prêmios são dados ao aluno que exibe uma determinada qualidade, a Pedra dos Fundadores é dada àquele estudante raro que reúne muitas.

- Puxa! - disse Max, espiando a lista de nomes, que era bem mais curta, e arregalando os olhos quando chegou ao último. Ele se voltou para a srta. Boon: -A sra. Richter foi a última pessoa que ganhou?

- Sim - respondeu a srta. Boon, com um movimento solene de

cabeça. - A sra. Richter foi uma aluna e uma agente destacada antes de se tornar diretora.

Max e a srta. Boon foram até onde David, sozinho, olhava uma maçã dourada, a flutuar, em outra vitrina.

- "A Maçã de Bram. Prêmio pelo sacrifício" - murmurou David. - Elias Bram foi quem se sacrificou diante de Astaroth, para que os outros pudessem fugir. Ele foi o último Ascendente.

- Isso mesmo, David -disse a srta. Boon, em voz baixa. - Srta. Boon - perguntou Max -, o que é um Ascendente? Embora olhasse para ele, ela

respondeu distraidamente. - Um Ascendente é muito raro, Max. Especialmente no último milênio. O

nosso Bram, desaparecido há muito tempo, foi o último que conhecemos com certeza. Os Ascendentes tinham grandes estoques de Magia Antiga em seu interior. Eles eram muito poderosos.

Max pensou em sua conversa com a srta. Awolowo naquela noite, na cúpula do templo. Ela dissera que poderia haver Magia Antiga dentro dele. Sacudiu da cabeça esse pensamento e acompanhou a srta. Boon até uma outra vitrina. Esta continha um belo cinturão africano, com camadas de conchas. Max e David se viraram quando o sr. Vincenti os chamou para o local onde se encontrava, no meio da sala, em pé.

- Muito bem, agora vocês sabem por que os nossos estudantes mais velhos trabalham com tanto afincio. Eles querem ser premiados! Eu mesmo nunca ganhei... Quando você ganha um prêmio desses, quer dizer que alguma coisa fez, não é, srta. Boon? Meninos, não permitam que a modéstia da srta. Boon os iluda: ela recebeu dois prêmios quando era estudante aqui na Rowan! Quais os que você ganhou, Hazel?

A srta. Boon ficou vermelha.

- A Pena de Macon, duas vezes - disse ela.

- Sim, bem, como professor egoísta de vocês, eu espero que haja alguns prêmios reservados para este grupo -disse o sr. Vincenti. -Mas nós não os trouxemos aqui para apreciar peças de museu e prêmios. Estamos aqui porque a diretora acredita que a segurança de vocês exige a Corrida.

Os murmúrios e brincadeiras cessaram.

- A Corrida é um instrumento de treinamento - explicou o sr.

Vincenti. - E projetada para permitir que vocês apliquem as habilidades que adquiriram em sala de aula e criem em cima delas.

- Ele caminhou até a porta do outro elevador e prosseguiu: - Vocês só podem ter acesso aos planos e cenários que são compatíveis

com as habilidades de vocês. A medida que melhoram, podem passar adiante, para novos cenários e desafios mais duros.

A mão de Rolf disparou no ar quando o sr. Vincenti apertou o botão do

elevador.

- Que tipo de cenários temos?

- Os cenários que vocês encontram dependem de vários dados. O dado mais importante é o andar que escolhem aqui

no elevador. O andar indica o nível de dificuldade. Aqui, na Rowan, nós temos nove. Pouquíssimos estudantes vão além do Nível Seis. Uma vez no andar apropriado, vocês podem programar qualquer número de variáveis de cenário: ambiente, objetivos, oponentes... As possibilidades são infinitas.

- Legal - murmurou Connor, dando uma cotovelada em Max. - Depois de cada cenário que vocês completam, a Corrida lhes atribui uma

nota baseada no desempenho - prosseguiu o sr. Vincenti. -Essa nota é calculada com base em diversos critérios: abordagem estratégica, objetivos alcançados, tempo dispensado, e por aí afora. As notas variam de zero a cem. Recebendo notas acima de setenta, os analistas poderão arquivar o seu desempenho e usar você como exemplo nas salas de projeção...

O sr. Vincenti fez uma pausa quando as portas do elevador se abriram de forma abrupta. Diversos estudantes suados saíram. Para espanto de Max, Cooper saiu do elevador atrás deles, todo vestido de preto e respirando com dificuldade.

- Ah! - disse o sr. Vincenti. -Como vocês podem ver, a Corrida é um lugar movimentado. Estudantes, professores e ex-alunos podem usá-la à vontade. Como vocês se saíram, damas e cavalheiros?

- Fomos todos esmagados -balbuciou um garoto em meio a um grupo de terceiranistas. - O Nível Três é matador. Nos pegaram pouco antes de solucionarmos o enigma maia. Nem conseguimos usar a Mística!

- E você, Cooper? Não o vejo aqui embaixo há anos! Que bom tê-lo de volta!

Cooper fez um cumprimento de cabeça, atravessando silenciosamente para o outro elevador, que o levaria de volta ao andar térreo.

- Ele desceu até o Nível Oito! - exclamou, espantando, um segundanista. - Perguntei a uma analista, e ela me disse que ele tirou em torno de setenta e cinco!

- Bem, e o que vocês esperariam de um dos nossos melhores agentes de campo? - disse o sr. Vincenti, sorrindo.

Max observou Cooper entrar no outro elevador; o agente no alto, os estudantes em volta. As portas do elevador se fecharam, e o sr. Vincenti pigarreou, antes de prosseguir:

- Bem, isso já lhes dá um gostinho do que vem por aí! Vamos descer ao Nível Um.

O sr. Vincenti segurou a porta do outro elevador enquanto os estudantes entravam em fila.

Portas fechadas, o elevador iniciou a descida, em uma viagem bem mais suave e lenta do que a que haviam feito do andar térreo. Sarah ficou perto de Max, sorrindo. Momentos depois, as portas se abriram para outra sala octogonal, com painel de madeira clara amarelada. Em cada parede havia uma porta verde numerada.

- Então - disse o sr. Vincenti, pulando para fora -, digamos que vocês tenham nas mãos meia hora extra e queiram aproveitá-la exercitando um pouco suas habilidades. Uma vez que chegarem ao nível apropriado, vocês terão basicamente duas opções: praticar um cenário ou rever e analisar cenários passados na sala de projeção. Vamos começar com um cenário.

O sr. Vincenti os levou a um painel de controle prata embutido na parede, próximo à porta um, e continuou:

- Certo. Para registrar um cenário, basta tocar na tela, aqui, e começar. Vamos lá. Agora, vocês vão registrar a sua identidade, fazendo uma varredura da retina, e selecionar as suas variáveis no menu de opções... ou, então, deixem que a Corrida defina essas variáveis. Os detalhes se encontram nos fichários de vocês.- disse o sr. Vicent, com uma piscada maliciosa.

- Alguma alma intrépida quer tentar um cenário como exemplo que possamos usar na sala de projeção?

Sarah se adiantou.

- Ótimo - disse o sr. Vincenti, sorrindo. -Eu odeio quando tenho que arregimentar voluntários. - O professor tocou de novo na tela e rapidamente selecionou as variáveis. -Tudo bem, Sarah. Você só tem um objetivo neste

cenário: tentar tocar a parede do outro lado de qualquer maneira. Entendeu?

Sarah fez que sim e engoliu em seco, nervosa.

- Quando estiver pronta... - disse o sr. Vincenti -... dirija-se até a porta. Max e o resto da turma ovacionaram Sarah quando esta abriu a porta e

desapareceu lá dentro. A porta se fechou solidamente à passagem dela. - E corajosa! - exclamou Cynthia, cerrando os dentes. - Seria preciso uma

arma para me botar lá dentro!

- Eu queria ir - lamentou Jesse, sem convencer ninguém. Max leu a legenda na tela branca brilhante:

SARA AMANKWE: NÍVEL UM, CENÁRIO 0A02 TEMPO DECORRIDO:  
00:00:14:57

Quando o tempo atingiu dois minutos, o monitor começou a piscar. Um instante depois, Sarah saiu pela porta, arquejando muito e dobrada à frente, as mãos sobre os joelhos.

- É horrível! - grasnou, enquanto os outros a recebiam com vivas e perguntas ansiosas.

- Agora - disse o sr. Vincenti, sorrindo -, vocês vão querer estudar os desempenhos de vocês de vez em quando,

para terem um feedback Para isso, usam a sala de projeção. Vamos dar uma espiada em como se saiu a srta. Amankwe...

A srta. Boon abriu uma porta forrada de nogueira, revelando uma grande sala cheia de monitores de computador em cubículos escuros com divisórias de madeira. Diversos estudantes mais velhos, incluindo Alex Munoz, sentados diante dos monitores, estudavam as telas com atenção. Alex meramente os olhou de lá, sem interesse. O sr. Vincenti disse um oi bem-educado a uma mulher de meia-idade, sentando-se em seguida diante de uma grande tela.

Fazendo sinal para que Sarah se sentasse junto dele, atou a tela com um toque do dedo.

- Bem, vamos dar uma olhada no que você fez - disse o sr. Vincenti. - Todo mundo em volta, tentando espiar.

Por cima dos ombros de Omar, Max entreviu a tela. Mostrava Sarah nervosa, numa extremidade de uma grande sala retangular. Na parede oposta piscava uma luz verde brilhante. Sarah começara a atravessar a sala quando o chão se transformou, de repente, numa série de esteiras rolantes que se distanciaram, zumbindo, da parede de partida, a diversas velocidades. Ela foi jogada para trás, de encontro à parede de partida, com um barulhão. Demorou um momento para se recuperar e pareceu avaliar qual esteira seria a mais lenta. Pôs-se a correr sobre uma, posicionada junto a uma parede lateral. Nesse momento, enormes bolas de borracha começaram a pipocar em torno da sala, vindas de todas as direções. Repetidas vezes Sarah se aproximou da parede, sendo logo derrubada e rapidamente levada de volta. Max ficou impressionado com a perseverança dela, embora o cenário tenha terminado sem que ela tocasse a parede.

Sarah sorriu quando várias meninas a cumprimentaram e abraçaram. - Não me surpreende que tenha sido uma menina a primeira voluntária -

disse Lúcia, olhando para Jesse.

- Não me surpreende que uma menina tenha falhado - disparou ele. - Ora, ora - disse o sr. Vincenti. - Tudo na Corrida diz respeito a

desenvolvimento pessoal... Não é uma competição. Sarah se saiu muito bem para uma primeira tentativa. Vocês podem ver aqui que a Corrida lhe deu onze. Pode parecer baixo, mas é muito bom para uma primeira vez. As recomendações listadas abaixo são um bocado genéricas... serão mais significativas quando a Corrida tiver mais desempenhos de vocês para analisar.

Diversos estudantes reprimiram as gargalhadas ao lerem as recomendações listadas: EVITE AS BOLAS, MOVIMENTES-SE MAIS DEPRESSA, TORNE A CONSCIÊNCIA DO TEMPO MAIS AGUDA. Cada recomendação vinha de par com duas ou três atividades que Sarah poderia exercitar para desenvolver as habilidades necessárias.

- Para cenários complexos, o feedback pode ter várias páginas -disse

o sr. Vincenti, levantando-se de novo. - A cada trimestre vocês receberão um folheto com o perfil do seu desempenho na Corrida, junto com alguns comentários e o feedback de uma equipe de analistas. Alguma pergunta?

- Quando podemos começar a fazer cenários? - perguntou Connor. - Hoje - disse o sr. Vincenti, rindo. - Eu acredito muito em mergulho de

cabeça. Seja como for, o sistema não os deixará ir mal demais. David se aproximou de Max quando os estudantes deixaram a sala em direção ao elevador.

- Bem legal, hein? - disse David. - Tenho que ir alimentar a Maya. Quer vir?

Max meneou a cabeça, avistando um dos painéis de controle prateados. - Não - disse Max com um sorriso. - Eu acho que vou ficar um pouco por aqui.

-Imaginei que você ia dizer isso - respondeu David, sorrindo, ao entrar no elevador.



\*~\* II \*~\*

## **HALLOWEEN**

Quando chegou o fim de semana da véspera do Dia de Todos os Santos, Rowan fervilhava de ex-alunos, de volta para a celebração. Chegavam de todas as partes do mundo: senhoras idosas e, cadeiras de rodas, homens e mulheres bem-vestidos e montes de universitários usando as camisas de suas respectivas faculdades. Mas se surpreendeu ao ver algumas caras familiares: diversos políticos, um cientista mundialmente famoso, até mesmo uma atriz de cinema que era uma das favoritas do Sr. McDaniels.

Max passou discretamente por diversos ex-alunos no saguão principal e desceu uma escada nos fundos. No dia seguinte, o primeiro e o segundo ano iam jogar um contra o outro uma partida de futebol euclidiano. O restante da escola

e ex-alunos seriam os espectadores. Os primeiranistas estavam se reunindo num dos andares no subsolo do Presbitério para escalar o time.

A cena era de pesadelo, e Max logo teve dor de cabeça. Aos primeiranistas era permitido ter vinte jogadores no time; cada um dos cinco grupos, porém,

achava que dispunha de dez candidatos merecedores. Max e David se sentaram, deixando que as negociações ficassem a cargo de Rolf, Sarah e Connor. Rolf e outro menino estavam no meio de uma discussão quando David se levantou silenciosamente e foi à frente da sala.

- Com licença - falou David.

As discussões prosseguiram, e David começou a tossir. - Com licença - repetiu.

Max respirou aliviado quando Cynthia se meteu para ajudá-lo. - Todo mundo, cala a boca! - berrou a menina, botando a mão em cima da

boca de Connor para interromper um fluxo ininteligível de gíria de Dublin. - O David tem algo a dizer.

David ficou vermelho vivo quando todos os olhos se concentraram nele. - Bem - disse, a voz mal audível na sala grande -, não vamos chegar a lugar

algum desse jeito. Temos vinte vagas e cinco grupos. Cada grupo deveria escolher seus quatro melhores jogadores, e esse será o nosso time.

- Mas esses não serão necessariamente os vinte melhores jogadores - esgarceu um menino brasileiro.

- Bem, vocês podem discutir quanto tempo quiserem - disse David. - O jogo começa amanhã às nove, e eu quero poder torcer para algum time.

David voltou a se sentar ao lado de Max enquanto o debate continuava. - Não me deixe nunca mais voltar a fazer isso - resmungou David.

---

Naquela noite, Max mal conseguiu dormir. Andou pelo quarto, ansioso com a partida contra o segundo ano. Rolf, que fora escolhido o capitão dos primeiranistas, decidira-se por um plano de jogo que dava ênfase aos talentos dos primeiranistas, um dos quais era a velocidade de Max.

- Vá para a cama cedo, Max - insistira Rolf no jantar. - Estou contando com as suas pernas. Você poderá jogar a partida inteira.

Max prometeu que ia e fez uma visita rápida a Nick, que ficou visivelmente aborrecido. Ir para a cama cedo, porém, não fez diferença alguma, e Max ficou se virando para lá e para cá durante uma hora até que, afinal, arrastou-se ao andar de baixo para apanhar seus textos de Mística.

Passou as horas seguintes conjurando pequenos globos de chama azul escura e se concentrando em fazer um lápis rolar sobre seu livro. Quase ao alvorecer, viu sua imagem refletida num painel escuro do vidro da cúpula do observatório. Uma pequena esfera de chama azul continuava faiscando em torno de sua mão, até que desapareceu completamente.

- Você está mudando - sussurrou ele. E caiu na cama.

David já estava vestido em seu uniforme azul-marinho da Rowan quando sacudiu Max, para acordá-lo. Max despertou de pronto, deixando cair da cama o texto de Mística.

- Você tem que estar no campo em dez minutos, para o aquecimento! - disse David, correndo para buscar as chuteiras de Max.

Max pulou da cama e vestiu a malha azul-marinho. Um minuto depois, correu para as quadras esportivas, passando pelo time do segundo ano, que se exercitava, fazendo uma corrida, em uniformes brancos. Os jogadores do primeiro ano faziam alongamento no outro extremo do campo - exceto Rolf, em pé, os braços cruzados. Max tentou ignorar a cara cor de púrpura de seu capitão, concentrando-se nos alongamentos e nos dois espantalhos que haviam sido colocados como espectadores nas arquibancadas.

David lhe trouxe umas torradas.

- Pegue. É melhor se atrasar hoje de manhã do que à noite... - disse ele, com um sorriso.

Max franziu os olhos quando David, rindo, correu para as arquibancadas. Seu colega de quarto vinha fazendo brincadeiras com ele desde que Sarah, afinal, aceitara o convite de Max para o festival.

Era um dia limpo de outono, com uma brisa agradável espalhando folhas caídas em montes dourados. Estudantes e ex-alunos já enchiam as arquibancadas, acomodando-se com garrafas térmicas e abrindo colchas de

algodão no colo. Depois do alongamento, Sarah bateu no braço de Max e apontou por sobre seu ombro com uma risada: Nolan conduzia as criaturas de responsabilidade dos jogadores do outro lado do terreno, no Santuário. O enorme shedu, Orion, ia na frente; sobre seu lombo haviam jogado uma folha branca em que pintaram frases de vitória. Max se perguntou como Rolf conseguira convencer o orgulhoso shedu a servir de cartaz.

Max soltou um suspiro quando viu Nolan abruptamente apanhar

Nick, impedindo o lymrill de correr para o campo. Nick foi entregue a dois ex-alunos com ar um tanto nervoso. As outras criaturas, Nolan reuniu junto ao gramado, para assistirem.

Monsieur Renard andou pelo campo a passos largos, levantando os braços para aquietar a multidão. Max sentiu um enjôo no estômago. Milhares de espectadores batiam palmas e conversavam uns com os outros enquanto olhavam, curiosos, os pequenos programas, comparando nomes e números com rostos. A voz de Renard ressoou, magicamente amplificada, fazendo Max mudar o foco de sua atenção.

- Senhoras e senhores, sejam bem-vindos à partida de véspera do Dia de Todos os Santos deste ano entre os jovens aprendizes da Rowan!

A multidão irrompeu em vivas entusiasmados. Max viu que Nick se sacudiu tanto que Nolan teve de tirá-lo dos dois ex-alunos. O homem reclamou, despindo o casaco de pelo de camelo e segurando-o para examinar as mangas desfiadas. Encolhendo-se, Max tornou a se voltar para Renard, que parecia apreciar a atenção da multidão e gesticulava, apontando os primeiranistas com um floreio dramático.

- Faz apenas dois meses que estes glóbulos chegaram aqui, pequenos, gordos e úmidos feito porçõezinhas de manteiga! - disse o instrutor de Treinamento e Jogos.

A multidão riu, enquanto Max e os colegas enrubesceram. - Vocês não deviam rir! - brigou Renard. - Estou vendo diversas

porçõezinhas de manteiga em meio à multidão. Talvez, para alguns de vocês, se deva indicar um treinamento, para remediar isso - disse ele, sem qualquer expressão na cara, com o dedo apontado na direção de diversas mulheres rechonchudas que compartilhavam um cobertor xadrez. Uma delas se levantou e sacudiu o punho, gritando "Nunca mais!", para deleite dos ex-alunos.

O instrutor continuou.

- Sim, há apenas dois meses eles chegaram, mas, como vocês vão ver, aprenderam umas coisinhas. Por favor, dêem a eles calorosas boas-vindas à Rowan.

Max semicerrou os olhos no sol da manhã, tentando identificar mais rostos enquanto a multidão batia palmas amigavelmente.

- E os nossos segundanistas - disse Renard, trotando para o outro

time. - Quem pode esquecê-los? Ah, os "filhos do meio" da Rowan! Eu simpatizo com eles nesta partida... sempre colocados como os covardes, os vilões, os valentões competindo com os nossos pobres e inocentes primeiranistas... Não é justo, é?

Os segundanistas riram e menearam as cabeças. - Sim, bem, ao mesmo tempo que não é justo, é a vida, não? - prosseguiu

Renard. - Boa sorte a ambos os times. Juguem com ânimo e sejam bons desportistas. E, há... feliz Halloween!

A multidão aplaudiu e soaram trombetas, tocadas por um quarteto de sátiros posicionado no final das arquibancadas. Max respirou fundo e trotou para o campo, dando uma mãozinha ao tropel, enquanto Rolf reunia a tropa. Rolf mencionou "orgulho" e falou algo como "eles só são um ano mais velhos", mas a atenção de Max estava concentrada em tentar controlar seus nervos. Ele viu Alex Munoz entrar em campo com os segundanistas, tagarelando com os colegas de time ao mesmo tempo que se curvava de lado e alongava. Alex viu Max a olhá-lo e meneou a cabeça, como se estivesse com pena.

O campo ficou mudado assim que Renard apitou. Max desequilibrou-se quando um segundanista correu por ele com a bola, passando-a rapidamente a um lateral. O lateral baixou a bola e se pôs a driblar, tentando uma costura na defesa. Alex Munoz rapidamente correu do meio de campo a tempo de fazer um passe firme, mirando um chute a gol que Rolf, que veio correndo, desviou. Depois do jogo começado, Max esqueceu seus temores e acompanhou a ação. Estava jogando como meio-campo, mas Rolf lhe pediu que não descuidasse da defesa, prevendo que os segundanistas iam procurar

desmoralizá-los logo de saída.

Rolf tinha razão. Os segundanistas fizeram dois gols, numa rápida sucessão,

em cima da visivelmente frustrada Cynthia - que era excelente goleira, mas não estava acostumada àqueles chutes súbitos, velozes. Os primeiranistas, porém, reanimaram-se quando um de seus atacantes marcou um gol improvável devido a uma onda repentina no campo, que derrubou no chão o goleiro adversário. A multidão rugiu, em apoio, quando os primeiranistas ameaçaram outra vez, mas Alex roubou a bola de Sarah, desceu

o campo e deu um passe longo que rapidamente resultou em mais um gol. Antes de o primeiro tempo acabar, Alex correu ao outro lado para sussurrar alguma coisa a Sarah com expressão maldosa. Max temeu que ela perdesse a compostura e o perseguisse, mas Rolf logo a substituiu por outra jogadora.

Apesar de estarem na frente, os segundanistas começaram a disputar uns com os outros à medida que prosseguia o primeiro tempo. Max teve a impressão de que o resultado de três a um era embaraçoso. Eles jogavam uns para os outros a grande distância ou xingavam quando um primeiranista conseguia roubar a bola ou controlá-la durante algum tempo, arrancando aplausos da multidão. Max notou uma mudança definitiva quando, junto com dois segundanistas, alcançou a bola: um deles lhe deu uma forte cotovelada do lado, enquanto o outro driblava uma série de elevações que se inclinavam para a direita. Max perseguia a menina com a bola quando o apito de Renard soou e o primeiro tempo terminou.

- Eles não podem tirar você do caminho empurrando dessa maneira - disse Rolf, ofegante, correndo em direção a Max, quando o bando se dirigiu a um gol. - Você tem que ser mais agressivo, ou eu vou empurrar você.

- É futebol! - deixou escapar Max. - Nem é um esporte em que se deva ter contato!

- Diga isso a eles - retrucou Rolf.

Quando começou o segundo tempo, Max teve certeza de que Renard mudara as condições do campo. Seus movimentos se tornaram mais extremos, e os padrões, menos previsíveis. Setores inteiros se erguiam e caíam, formando uma seqüência de sulcos. Indo atrás de uma bola que fez um arco sobre sua cabeça, Max se virou e de repente se viu face a face com uma parede dois metros de altura. Subiu para alcançar a bola, mas só fez ver um jogador da defesa segundanista apanhá-la primeiro. A bola foi passada para trás por sobre sua cabeça, e John Buckley, o capitão do segundo ano, matou no peito, fez um belo movimento em torno do zagueiro e lançou a bola, que passou por Cynthia e caiu na rede. A multidão ovacionou, e os colegas de time levantaram John no ar.

Cinco minutos depois, Max se viu driblando a bola campo acima,

procurando por Sarah. De repente, Alex veio com força por trás e lhe roubou a

bola, correndo na direção de Cynthia. Alex fingiu convincentemente que ia para a direita; depois, mudou o peso e mandou a bola ao canto oposto, surpreendendo Cynthia. Max observou a desgraçada da bola passar por ela suavemente; esse gol fora culpa dele. A voz de monsieur Renard anunciou alto novo placar para a multidão, que aplaudia, enquanto Alex balançava o punho e berrava uma coisa qualquer a Cynthia.

Apesar dos gritos frenéticos de estímulo de Rolf, Max teve a impressão de que seus colegas de time começavam a desanimar. Mas esses pensamentos lhe desapareceram da mente quando um segundanista subitamente lançou um longo passe na direção de John. Max entrou em ação. Alcançou o menino mais velho e, quando estava prestes a mandar a bola para Rolf, suas pernas foram atingidas com força, e ele caiu no gramado. Seu joelho estava cortado. Ele viu Alex correr, rindo, atrás de John, que agora driblava na direção de Cynthia.

Max os observou um momento.

Então, a presença que fervia dentro dele de um estalo tomou vida, com força terrível. Erguendo-se da grama com um salto, recompôs-se e correu atrás deles.

Suas pernas se moviam cada vez mais depressa, o vento forte no rosto, à medida que as camisas de malha que perseguiu se aproximavam. A distância se fechou com espantosa rapidez. Max jamais correria tão velozmente. O sangue lhe latejava na cabeça.

Alex olhou, chocado, quando Max passou por ele e serpenteou em torno de John para roubar a bola e mudar de rumo no campo. A multidão pulou, numa confusão colorida de mãos a aplaudir e bonés a sacudir, mas os gritos e vivas soavam muito distantes. Max se concentrava na bola e no gramado à sua frente, por vezes reparando nos colegas de time, nos adversários e na posição em que se encontravam.

Os outros jogadores agora pareciam lesmas; com facilidade, ele ultrapassou um menino do segundo ano que calculou mal o ângulo da perseguição e ficou boquiaberto quando Max passou por ele voando e saltou feito um veado um alto monte que se erguera à frente. Segundos depois, ele mudou de direção tão abruptamente que o zagueiro adversário caiu no chão, segurando o próprio tornozelo. Por fim, Max disparou uma bomba que passou pelo goleiro e explodiu na parte de cima da rede.

Assim que a bola deixou seu pé, Max se virou e voou de volta,

descendo o campo. Correu, passou pelos colegas de time, que tentaram parabenizá-lo, e foi diretamente até Alex, sombrio e carrancudo quando Max se aproximou. Enfiando o dedo com força no peito de Alex, Max disse, arquejando:

- O dia inteiro, Alex. Eu vou fazer isso com você o dia inteiro. Alex o empurrou e foi impedido por seu capitão quando Renard soprou o

apito em rápidos assobios. Max ignorou os vivas da multidão e dos colegas de time e correu de volta à sua posição, para que o jogo pudesse ser reiniciado.

Durante o resto da partida, foi impossível pará-lo. Caçou os segundanistas dos dois lados do campo; seu coração batia

furiosamente enquanto ele galgava os vales, pulava buracos de tamanho razoável no gramado e, ágil, mudava de direção a velocidades estonteantes. Marcara outro gol quase imediatamente após o primeiro, forçando os segundanistas a colocar diversos jogadores para marcá-lo. Isso lhe permitiu belos passes seguidos a Sarah e ao outro atacante, cada um dos quais vitimou o goleiro isolado e marcou gols fáceis.

O jogo estava empatado em cinco a cinco nos minutos finais, quando Max botou para correr um menino segundanista com a cara aterrorizada e lhe roubou a bola. Ignorando o fogo em seus pulmões, mudou de direção no campo, esquivando-se de um segundanista que se enfiou pela esquerda. Driblando campo acima, ergueu a bola sobre a cabeça de Alex e de uma crista de uns trinta metros. Um rugido distante da multidão lhe soou na cabeça enquanto disparava, passando por Alex, e pulava por sobre a crista sem perder o passo.

Os colegas de time simplesmente pararam de jogar para observá-lo. Saltando por sobre o monte, Max se livrou de um jogador de defesa

próximo da bola e se dirigiu, veloz, à linha lateral. Conseguiu dar um chute no exato instante em que era interceptado por John Buckley. Caindo no gramado, Max acompanhou a bola, que chiou, passou pelo goleiro e caiu na rede.

John arquejava na grama a seu lado.

- Você é um exército de um homem só, Max! Ai! Meu Deus! - exclamou ele, ofegante, tossindo e rolando de costas.

Max o puxou para colocá-lo era pé exatamente quando monsieur

Renard deu um apito longo. O jogo terminara. Max foi praticamente atacado pelos colegas de time: Rolf o jogou no chão, e os outros se amontoaram sobre ele. Renard correu para salvar Max da pilha, suspendendo-o e elogiando-o com um pequeno sorriso.

- Isso foi... qualquer coisa - disse ele, baixinho, fazendo um movimento afirmativo com a cabeça.

- Senhoras e senhores - disse Renard -, creio que todos podemos concordar que este foi um espetáculo inesperado. Pela primeira vez na história da Rowan, os primeiranistas saíram vitoriosos. Quem ia imaginar que esses monstros podiam jogar uma partida como esta, hein? O nosso jogador da partida é Max McDaniels.

Max arquejava ainda, a multidão aclamando-o em pé. Enquanto Sarah e Cynthia o abraçavam com força, o resto da turma lhe dava batidinhas nas costas e lhe despenteava o cabelo.

Quando Max se dirigia às arquibancadas, foi quase virado de cabeça para baixo por Nick, que veio de encontro a ele. Apanhando o ly mrrill nos braços, Max fez uma careta e implorou a seu protegido que recolhesse as garras. Coisa que Nick fez ao mesmo tempo que sua cauda vibrava como uma matraca.

Julia Teller sorriu, mostrando os dentes, de onde estava de pé, próxima ao final das arquibancadas, segurando sua câmera.

- Foi cruel, Max! Realmente cruel! - exclamou ela. - Tirei ura monte de fotos! Volte logo, para assistir ao jogo dos ex-alunos!

Max concordou e acenou, voltando ao Presbitério para tomar uma chuvaçada. Abaixou-se para soltar Nick na grama e subir atrás dele.

O jogo dos ex-alunos estava para começar quando Max voltou às arquibancadas, vestindo o uniforme escolar e sacudindo água do cabelo. Trouxera um cobertor grosso, para poder ficar à vontade perto das garras de Nick enquanto assistiam à partida. Acomodou-se na segunda fileira da geral com Rolf e Connor; ao mesmo tempo, um canto persistente - "Coop, Coop, Coop" - atravessava a multidão. Max virou o pescoço e viu Cooper sentado do outro lado, em cima, na geral, embrulhado na jaqueta e de chapéu. Diversos dos ex-alunos jogadores e espectadores em volta tentavam estimulá-lo a deixar

a arquibancada para jogar. Cooper deu um sorrisinho e meneou a cabeça, em negativa.

- Ouvi dizer que ele foi um jogador incrível - disse Rolf, dando uma mordida num cachorro-quente. - Participou do Toda-a-Rowan quando estava no terceiro ano. Fez dois gols contra os ex-alunos.

- Eu o cumprimentei outro dia, perto do Maggie - murmurou Connor. - Ele me olhou de um jeito...

- Não é a dele ser simpático - disse Rolf. - Na verdade, ouvi falar que ele é tão durão que nem o mandam para algum escritório de campo. Só vai aí onde precisam dele.

- O que é um escritório de campo? - perguntou Max, sentindo-se desinformado.

- Existem por toda parte - explicou Rolf-, na maioria das principais cidades do mundo. Ficam de olho no Inimigo...

- Aí está ele! - cantarolou uma voz mais alta à direita. Max olhou para baixo e viu Hannah, na borda da geral, ajudando os gansinhos a subirem até a fileira de Max.

- Max! Como está você, querido? - exclamou Hannah. - Estão dizendo por aí que você é uma estrela! Uma estrela! Os gansinhos insistiram tanto em ver você! Você se importa se chegarem perto? Oh, você é tão querido!

Os gansinhos pulavam sem parar aos pés dele, picando tudo o que se encontrava à vista, até que Max delicadamente os levantou. Com cuidado, mudou Nick para o outro lado e aninhou os filhotes numa pequena fileira ao longo das costas quentes de Nick. Enquanto isso, Hannah bamboleava para a cerca junto à qual monsieur Renard se preparava para dar início à partida.

- Ei, Renard!-gritou a gansa. - Vai apitar um jogo limpo este ano? Hein? Ou está de novo na folha de pagamento dos ex-alunos?

Max e os outros riram enquanto Renard fitava Hannah com uma expressão ácida e pigarreava. Em todas as pausas da introdução dele, podiam-se ouvir os insultos e as obscenidades de Hannah. A multidão a estimulava a prosseguir, e Renard apressou a cerimônia anterior ao jogo.

O jogo em si foi espantoso. O time Toda-a-Rowan lutou com valentia, particularmente Jason Barrett. Era impossível, porém, parar a equipe dos ex-

alunos: a velocidade, a força, a agilidade deles em muito ultrapassavam as

dos estudantes.

Como em nenhum momento se teve dúvida do resultado, Max se viu a desejar jogadas espetaculares, e não ficou desapontado. Segurando as mãos, dois ex-alunos empurraram um colega de time, fazendo-o saltar sobre uma crista de dez metros que subitamente se elevou no meio do campo. Outra jogada: os ex-alunos marcaram um gol depois de a bola viajar o campo inteiro, de um jogador a outro, sem tocar o chão.

- Como conseguem fazer isso? - sussurrou Max, impressionado, quando um ex-aluno fechou uma fenda de quinze metros sem alterar o ritmo.

- Amplificação do corpo - disse Julia Teller, à sua esquerda, sem dar muita importância.

Ela bateu uma fotografia de Max com Nicke os gansinhos e sorriu, enquanto espiava de trás da câmera.

- O quê? - perguntou Max.

Connor olhou para ela, quase sufocado com o cachorro-quente, e sem demora correu até eles, abrindo espaço.

- Amplificação do corpo - repetiu Julia. - Uso da sua energia mística para amplificar as capacidades do seu corpo. - A garota se aproximou de Max e deixou que um dos gansinhos subisse nela. - Eles começam a ensinar no terceiro ano. É bem difícil. Mas você é um natural, isso é óbvio.

- Por que você diz isso? - perguntou Max.

Rindo, ela lhe apertou o braço. Ele se sentiu um cabeça oca. - Porque, você se dê conta ou não, ficou muito claro que você estava

amplificando durante a partida! - explicou Julia. - A maior parte dos aprendizes não consegue correr mais que os saltadores olímpicos. Você deveria conversar com a srta. Boon a respeito.

Eles passaram o resto da partida conversando. Julia contou a Max uma história engraçada sobre o irmão pequeno, de quando estava aprendendo a surfar, lá em Melbourne; Max compartilhou com ela alguma coisa sobre Chicago e seu pai. Quando Julia perguntou por sua mãe, Max apenas murmurou:

- Ela se foi.

E tornou a se virar para o campo, na hora em que monsieur Renard

apitava o encerramento. Os ex-alunos ganharam de onze a três, embora Max suspeitasse de que o resultado poderia ser o que escolhessem. Os jogadores dos dois times cumprimentaram com apertos de mão, e os espectadores juntaram suas coisas para deixar as arquibancadas.

Max acenou para Sarah e o restante das meninas de seu grupo quando elas se aproximaram. Sarah retribuiu o aceno, distraída; sua atenção estava em Julia.

- Oi, pessoal - disse Sarah. - Nós vamos descansar e, depois, nos preparar para a noite. Max, você me encontra na escada das meninas às sete?

- Sim - disse Max, deixando que dois dos gansinhos lhe fuçassem as pontas dos dedos.

- Ótimo. Então, nos vemos - disse Sarah.

E lançou um olhar rápido a Julia antes de ir embora, com as outras. - Hum... Acho que ela não gostou de eu me sentar com você - comentou

Julia.

- Oh. A Sarah é muito legal - disse Max.

- Eu não disse que não é - retrucou Julia, tirando o gansinho do colo e devolvendo-o a Max. -Vejo você à noite.

Julia voltou ao Presbitério justamente quando Hannah bamboleava atravessando a cerca, brava, para concluir sua discussão com monsieur Renard.

- Bem, igualmente! - exclamou a gansa, com voz aguda, quando o instrutor se afastou murmurando qualquer coisa.

Os gansinhos pularam do colo de Max e também saíram hambaleando até o final da fileira, para encontrar a mãe.

Sarah estava realmente bonita, pensou Max, quando a viu descer a escada com as outras meninas, aos risos e sussurros. Todas usavam o uniforme para ocasiões formais. Sarah enfeitara o dela com uns acessórios coloridos de sua terra: um fio de cobre enrolado no punho, um colar de conchas e um pequeno broche colorido, de um leão, na lapela.

- Oi, Max - saudou ela, sorrindo, ao chegar ao último degrau.

- Oi, Sarah. Hã... você está muito bonita - disse Max, baixinho, certo

de que sir Wesley ficaria mortificado com a maneira como ele falou. -  
Você também - disse ela.

- Gostei mesmo do seu broche - acrescentou ele, agindo de acordo com a  
recomendação de seu pai de elogiar a pessoa com quem se sai por causa de  
alguma coisa específica.

Max enrubescou quando ela agradeceu e pegou no braço dele, de repente  
consciente dos muitos adultos no vestibulo que, tendo reparado, sorriam para eles.

Do lado de fora, o terreno do Presbitério fora transformado. Dois enormes  
pavilhões haviam sido erigidos: a lona branca caía em arcos graciosos de  
pilastras de barraca altas e sólidas. Sob um pavilhão havia fileiras e fileiras de  
bandejas cobertas. Max olhou com desejo para um conjunto de lápides em  
tamanho natural feitas de chocolate - tanto o branco quanto o escuro -, que  
deviam ter vindo da pâtisserie do sr. Babel. Barris e enormes cestos trançados  
estavam cheios de pães, maçãs e feixes de trigo ou longas espigas de milho.  
Centenas de tochas pontilhavam o terreno, amontoadas em grupos ou suspensas,  
para iluminar atalhos e jardins. Fora, no gramado, diversos estudantes mais  
velhos e ex-alunos criavam espectros e duendes fantasmagóricos, cavaleiros sem  
cabeça, fadas que se lamentavam - a galope contra o céu noturno - e depois se  
dissipavam em fiapos de fumaça.

No chão de assoalho do segundo pavilhão, ex-alunos dançavam ao som da  
música tocada por uma orquestra, cujos membros eram provenientes tanto da  
população de estudantes quanto dos habitantes do Santuário. Um fauno  
particularmente delicado arranhava um alaúde, enquanto um homenzinho de  
pele verde enchia as bochechas - que atingiam dimensões impressionantes - para  
tocar uma gaita de fole. Boca de Chaleira também se encontrava lá, usando um  
pequeno chapéu de abóbora e sentado, sonolento, sobre uma almofada bordada,  
ignorando as súplicas exasperadas de Lúcia para que cantasse.

- Por que a Lúcia está fazendo isso? - perguntou Max. - Ele é um sapo. Sarah  
riu.

- Segundo o livrinho da Lúcia, essa espécie costumava cantar - explicou ela.  
- E as canções eram capazes de inspirar um amor apaixonado...

Max pigarreou e rapidamente deu uma espiada em Connor, que

mordia uma coxa de peru, abafando o riso toda vez que um estudante dava

uma nota errada ou um ex-aluno tentava um movimento de dança particularmente ambicioso. Max e Sarah foram até lá.

- Ei, Connor - disse Max. - Onde está, hã... a Mamãe? Connor deu de ombros.

- Eu bati no armário dela e ela começou a gritar, dizendo que não estava pronta. Pelo jeito, a cinta estava lhe dando trabalho.

Max e Connor sufocaram a risada; Sarah franziu a testa. David veio andando, fazendo questão de não usar a gravata com a qual

lutava quando Max saiu para encontrar Sarah. Os estudantes tagarelaram e acenaram para cumprimentar Bob, que perambulava por ali num enorme fraque, os poucos fios de cabelo cuidadosamente penteados para trás.

A sra. Richter andava de forma majestosa, usando um belo xale de cores quentes com barra tricotada celta.

- Não deixe o sir Wesley ver vocês em pé no canto desse jeito - disse ela, com um sorriso. - Terão que praticar cenários para "se misturarem" durante semanas! - Em seguida, a diretora olhou para Max; depois, dirigiu-se a todos. - Parabéns pela vitória dos primeiranistas hoje! Eu só peguei o primeiro tempo, mas ouvi dizer que foi um final e tanto! Os ex-alunos não falam em outra coisa! - Endireitando-se, ela bateu na cabeça. - Ah, já que estão aqui, em pé, será que um de vocês se importaria de correr lá embaixo, na cozinha, e pegar um pouco mais de pão de milho? Está indo embora depressa, e sei que a Mamãe estava assando mais uma fornada.

E a sra. Richter se foi, de novo, para confiscar uma garrafa de champanhe de uns quartanistas carrancudos.

- Connor, por que não vai você? - disse Sarah. - Talvez a Mamãe esteja pronta.

- Ai, não! - suplicou Connor. - Ela disse que ela viria me encontrar! Não quero vê-la de cinta!

- Você é impossível! - disse Sarah, zangada, virando-se de costas para observar o fauno dar início a um número intrincado no alaúde.

- Eu vou - ofereceu-se David.

- Está vendo? - disse Connor, afetadamente, para Sarah. - O David

vai. Obrigado, Davizinho... Você me salvou de uma visão terrível. David sorriu enquanto Connor lhe dava um exagerado tapa no braço; em

seguida, com uma tosse repentina, saiu de fininho em meio à multidão. Os outros foram examinar o bufê. Bem nesse momento, o lugar se encheu de luz. Uma grande fogueira fora acesa no monte que dava para a praia; na pilha de troncos de dez metros de altura as chamas rugiram ao mesmo tempo em que a orquestra começou uma melodia animada.

Vinte minutos depois, saboreando o carneiro e conversando com Sarah sobre o jogo da manhã, Max parou, de repente.

- Onde está o David? - perguntou.

Virou-se para Omar, que deu de ombros, com ar de tédio, mordiscando uma cenoura em miniatura, ao passo que seu par, Cynthia, seguia Nolan pela festa.

- Já volto - disse Max a Sarah. - Vou ver onde ele está. Sarah fez que sim, mas nada disse, enquanto a orquestra dava início a outra música.

O vestibulo estava vazio. Max desceu ao salão de jantar. Deu a volta na coluna e parou, aterrorizado.

David estava desmaiado no chão, junto a diversas bandejas amassadas e quadradinhos de pão de milho espalhados à sua volta como esponjas amarelas. O rosto, arranhado, sangrava. Uma das enormes mesas de carvalho se encontrava virada de lado; os pratos e copos que haviam sido empilhados sobre ela, despedaçados em milhares de pedacinhos.

Max ergueu os olhos, boquiaberto.

Lá estava Mamãe, bem presa a uma coluna de pedra, pendurada a uns três metros do chão, com fios torcidos de fogo verde e dourado. Sua cabeça pendia debilmente para o lado. Um de seus largos sapatinhos de dança se encontrava caído ao pé da coluna.

Max deu meia-volta e correu escada acima, dois degraus de cada vez, saltando à frente da porta e praticamente atacando a sra. Richter, que posava para uma fotografia com alguns ex-alunos.

- Sra. Richter! - chamou Max, ofegante. - Sra. Richter venha depressa!

- O que aconteceu? - perguntou ela, voltando-se para Max pouco

antes de flash se acender.

- No salão de jantar. Depressa!

Respirando com dificuldade, Max correu de volta para lá. A diretora absorveu a cena num olhar. Max estava ajoelhado junto a David,

que respirava devagar, o barulho engraçado e familiar de assobio vindo do nariz.

- Afaste-se dele - comandou a sra. Richter numa voz calma, porém severa. Max se pôs em pé num salto e se encostou a uma parede. Enquanto andava rapidamente na direção do menino inconsciente, a sra.

Richter levantou a mão esquerda, e as cordas verdes e douradas que prendiam Mamãe se dissiparam, virando pontos de luz e fenecendo. Mamãe foi descida até o chão, onde caiu, mole, junto a seu sapato.

A sra. Richter se debruçou sobre David, aninhando a cabeça dele nas mãos e sussurrando alguma coisa. David soltou um gemido ligeiro e começou a se mexer. Ela tornou a sussurrar qualquer coisa, e David abriu os olhos, piscando.

- A Mamãe me atacou! - disse ele, em voz baixa, com os olhos arregalados.  
- Eu só queria que ela ficasse longe de mim. Eu não a matei, matei?

A sra. Richter meneou a cabeça e pôs um dedo sobre os lábios. Com outro pequeno gesto, a sra. Richter colocou a pesada mesa em pé

novamente e juntou os pratos quebrados e pedaços de bolo de milho espalhados numa só pilha perto da porta da cozinha. Uma cadeira deslizou pelo chão em sua direção.

A pedido da diretora, Max a ajudou a erguer David do chão e fazê-lo se sentar. David piscava, voltando a si, olhando Mamãe, que ainda estava inconsciente.

A sra. Richter se agachou diante de Mamãe e levantou o queixo da bruxa. Mamãe deu um chute e acordou com um guincho. Vendo David, soltou outro guincho e, levantando-se como pôde, foi soluçar atrás da coluna.

- Essa coisa é perigosa! - gritou.

- É mesmo? - disse a sra. Richter. - Ele diz que você o atacou, e eu estou totalmente inclinada a acreditar nisso.

Fez-se um longo silêncio. Finalmente, pôde-se ouvir a voz de

Mamãe, pesada, desesperada.

- Eu pensei que vocês estivessem fazendo uma brincadeira com Mamãe, mandando descer um menininho saboroso na véspera de Todos os Santos. Eu pensei que ele fosse um presente de festa!

- Por que diabos você pensaria isso? - interpelou a sra. Richter. - Todo mundo aqui está fora dos limites, Mamãe. Já lhe dissemos mil vezes.

- Esse aí, não! - gritou Mamãe. - Esse aí tudo bem Mamãe comer. Max de repente se lembrou do dia, lá atrás, em que os primeiranistas

conheceram Mamãe. David sumira à visão de Bob e se escondera dentro de uma despensa. Max não o viu sair.

- Sra. Richter! Eu acho que o David não passou pela cerimônia do cheiro... Eu acho que ele estava escondido!

- Deus do céu! - exclamou a sra. Richter. - David, é verdade isso? David permaneceu ali sentado a piscar, sonolento. - Mamãe, venha aqui fora e cheire este menino de uma vez - ordenou a

diretora.

Mamãe espiou de trás da coluna antes de sair, bamboleando. Parou a um metro de David. Tremendo, levantou o braço de David até o nariz, mantendo o olho cauteloso no menino enquanto o cheirava. Finalmente, crocitou:

- Concluído.

E saiu, desanimada, arrastando os pés, rumo à cozinha. Max ouviu a porta de seu armário bater ao fechar.

- Talvez não dê mesmo para ficar com ela - murmurou a sra. Richter para si mesma, de testa franzida.

De repente, virando-se para Max, ela pôs a mão quente em seu rosto. - Max, você fez a coisa certa: vir me chamar-disse ela. - O David vai ficar

ótimo. Vou levá-lo para o quarto; você, volte para a comemoração. Diga aos outros que ele teve um mal-estar.

Max concordou e tornou a subir a escada.

A festa estava a pleno vapor, as pessoas dançando e cantando, enquanto um quarto de lua brilhava no alto. Max encontrou Sarah e Omar conversando junto ao pavilhão de dança. Sarah o olhou com curiosidade.

- Onde está o David? - perguntou. - Onde você esteve esse tempo todo?

- O David está doente - explicou Max. - Ele foi para a cama. Omar notou a expressão de Sarah e foi saindo de banda exatamente quando

Connor chegava saracoteando.

- Alguém viu a Mamãe? - perguntou ele. - Estou aterrorizado com o que ela vai fazer se achar que eu dei o cano!

- Ela não vem - disse Max, suspirando. - Ela estava dentro do armário e disse que não vem.

- É sério? - perguntou Connor, o rosto se iluminando. - É - confirmou Max, lançando a Connor um olhar no sentido de deixar

para lá o assunto.

- Beleza! Quem sabe agora consigo chamar aquela lindinha do segundo ano para dançar comigo? - exclamou o garoto, procurando na multidão.

- Vocês, meninos, são ridículos - disse Sarah, cerrando os dentes e se afastando de forma brusca.

Max olhou para Connor com ar impotente e saiu trotando atrás dela. - Sarah - chamou. - Espere. Qual é o problema? - Vou lhe dizer qual é o problema. - Deu meia-volta, os olhos faiscando. -

Eu fiquei ali em pé meia hora me sentindo uma pateta, na primeira vez em que vou a uma dança! Se você não queria me trazer, não deveria ter convidado!

- O quê? - falou Max. - Eu só estava cuidando do David... Ele estava mal. - Por favor. - Sarah fungou. - Eu sei que você só me convidou porque as

outras meninas fizeram você convidar. Eu sei que você preferiria trazer a Julia Teller.

Ela imitou com escárnio o sorriso largo de Julia e a maneira dela de

ocasionalmente tocar o cabelo.

- Sarah...

- Me deixe em paz! Eu devia ter vindo com o John Buckley. Ele é educado! A cara de Max ficou vermelha.

- Talvez devesse! - Max deixou escapar.

E se afastou intempestivamente, dando a volta no Presbitério, rumo ao pomar e aos atalhos que o levariam até o Santuário.

- Quem sabe não seria bom para o Nick receber a alimentação mais cedo? - falou consigo mesmo.

Desfez o nó da gravata e pensou em chutar para o lado uma lanterna.

A luz e as risadas da festa aos poucos se apagavam. Ele se virou para

ver se Sarah o seguia; não havia ninguém, exceto centenas de lanternas com caras sorridentes. Estalando folhas sob os pés, Max parou ao ver uma luz estranha brilhar no atalho lateral onde David enterrara a moeda no primeiro dia de escola. A luz diminuiu, transformando-se num piscar suave; em seguida, outra vez se abriu num rápido clarão branco.

Max ouviu risos tênues, como crianças que cantassem, ao longe. Virou a cabeça de novo na direção do Presbitério. A música não vinha da festa.

Desviando-se de um galho baixo, Max entrou no atalho secundário. Pôs-se a seguir a luz, que agora dançava mais no fundo do bosque.

- Eu não faria isso, se fosse você - sussurrou uma voz junto dele. Max abafou um grito quando saiu das sombras um vulto, com seu olho

branco morto brilhando sob um raio de luar.

A primeira vista, o corpo do homem poderia ser uma sombra, deslocando-se e misturando-se ao fundo. Mas sua cara estava nitidamente visível agora, parecendo ainda mais gasta e macilenta do que quando Max a vira no aeroporto. Ele parecia não dormir havia dias e trazia a barba por fazer. Sua expressão era sombria e ameaçadora. Ficou em pé, tornando-se mais alto, e deu um passo à frente, descendo do ombro um pequeno fardo.

- Oi, Max - sussurrou, com o mesmo sotaque estranho que o menino ouvira

no instituto. - Tenho uma coisa para você.

Max se virou e disparou atalho abaixo rumo ao Presbitério, mas foi levantado do chão antes de dar três passos. A mão do homem fechou sua boca com força e a voz sussurrou em seu ouvido, urgente.

- Psiu! Eu não sou o Inimigo! Estou aqui para ajudar. Você quer me ouvir? Você quer me ouvir e não gritar?

Max fez que sim e parou de se debater. Assim que foi baixa do à terra e sentiu a mão do homem afrouxar, deu uma forte cotovelada no estômago do sujeito, tentando enlouquecidamente se libertar, contorcendo-se. O homem arfava, mas o agarrou com mão de ferro. Max tornou a ser içado do chão e suspenso com tamanho aperto que qualquer resistência seria totalmente inútil.

- Eu entendo que você esteja assustado - continuou o homem, os dentes semicerrados. - Mas, se eu realmente quisesse lhe fazer mal, já teria feito. Concorde?

Max fez que sim para o olho branco a poucos centímetros de distância e deixou soltos os braços. Fazendo uma pausa, o homem baixou-o ao chão.

- Você é um lutador - grunhiu o homem. - Porém, mais uma vez, acho que sabemos disso.

Max nada disse, mas olhou o homem, cauteloso. A luz e os risos na floresta haviam desaparecido.

- O que estava ali dentro? - perguntou Max, apontando para o bosque. - Eu não sei - respondeu o homem, fazendo sinal para Max baixar a voz. -

Mas eu sei que a Rowan é estranha e que é melhor seus aprendizes tolos não seguirem risadas misteriosas na véspera de Todos os Santos.

Max estremeceu, espiando o bosque, agora escuro e quieto. - Como você sabe da Rowan? - perguntou Max, desconfiado. - Como você entrou no campus?

- Eu estudei aqui. Como a maioria dos estudantes curiosos, conheço alguns de seus segredos.

Max lançou um olhar ao Presbitério atrás.

- Eu não vou lhe fazer mal - sussurrou o homem, impacientemente. - Não - disse Max. - Eu sei. Só que... eu fui alertado a seu respeito.

Ninguém me contou que você foi aluno daqui.

- Não sou mais bem-vindo aqui - disse o homem, a título de explicação, tirando algo da bolsa. - Mas quero lhe devolver uma coisa.

O homem lhe entregou o pequeno bloco de desenho preto que Max largara no Instituto de Arte. Max correu as mãos pela capa, abrindo-o com um estalo para ver o esboço que abandonara quando aquele homem entrou na galeria. O menino enfiou o caderno debaixo do braço.

- Por que você me seguiu naquele dia? - perguntou Max. O homem olhou em volta depressa e de novo fez sinal para Max não fazer tanto barulho.

- Eu sou meio vidente - disse o homem, apontando de forma casual o olho branco que Max achava tão perturbador. - Eu sabia que estava em Chicago e a bordo daquele trem, mas não sabia por quê. Aí vi você.

Max se lembrou da maneira horrível como o olho do homem o fixara.

- Você tem uma aura muito poderosa à sua volta, Max. Acompanhei você porque era, com certeza, um dos nossos jovens, e os nossos jovens andam desaparecendo.

Max virou depressa a cabeça ao ouvir um animado burburinho distante, na festa.

- Você e o seu pai corriam mais perigo naquele dia do que imaginam. O Inimigo tem estado ativo em museus de arte. Estão procurando pinturas especiais e crianças especiais, e naquele dia poderiam ter encontrado as duas coisas.

Max ficou admirado.

- Você esteve na minha casa? - perguntou Max, trêmulo. - Era você, no andar de cima?

O homem das sombras meneou a cabeça.

- Quando cheguei, vi o Inimigo fugindo pelas alamedas. Achei que poderia ter abduzido você e os persegui - respondeu o homem. - Mas eles me despistaram. Quando consegui voltar, a sua casa estava sob vigilância intensa.

Lamento não ter podido chegar lá mais cedo... Eu raramente posso usar a via mais rápida.

- E o aeroporto? - interpelou Max, impaciente uma mistura estranha de emoções acumulando-se dentro dele.

- O Inimigo esperava por você do lado de fora daquelas portas. Eu sabia que, se você me visse, ia procurar outro caminho.

- Você está querendo dizer o quê? Que me salvou no outro dia? - sussurrou Max.

O homem sorriu pela primeira vez, seus traços duros momentaneamente atenuando-se numa expressão bondosa.

- Você fará o mesmo por mim um dia, hein? De repente, ele franziu a cara e se agachou.

- Tenho que ir - silvou. - Eles estão vindo.

O homem sumiu silenciosamente nas sombras, camuflando matizes espalhados por seu corpo até só o rosto ficar visível.

- Vejo você de novo? - sussurrou Max. - Como você se chama? O homem fez que sim e deu um feio sorriso afetado. - Pode me chamar de Ronin.

O rosto desapareceu.

Um instante depois, Max deu um grito de susto quando Cooper apareceu próximo a ele. O agente segurava uma faca comprida, com ar cruel. Max se pôs a falar, mas Cooper ergueu a mão depressa para calá-lo. Não tirou os olhos da floresta. Eles esperaram em silêncio mais um tempo, até que Cooper enfiou a faca de volta dentro da manga. Alto, do lado de Max, falou com voz baixa e calma, e leve sotaque cockney:

- Você estava conversando agora mesmo. Com quem estava falando? - Ni... ninguém - gaguejou Max; ele nem sabia que Cooper falava. - Está mentindo.

- O quê? Eu me meti numa discussão e vim aqui fora para esfriar um pouco a cabeça!

Cooper encarou Max durante um tempo. Lentamente, tirando a faca da manga, voltou pelo atalho ao ponto exato onde Ronin estivera havia pouquíssimos minutos.

- Entre.

O agente emitiu a ordem numa voz suave e calma. Em seguida, desapareceu por completo.



\*~\* 12 \*~\*

## PISÕES SECRETAS

Max tensionou a batata das pernas por um momento e depois esquadrinhou o quarto. Um círculo verde brilhante aparecera no chão a mais ou menos dois metros de distância. Saltando, pousou-lhe em cima, com cuidado para que os pés se mantivessem dentro do contorno. Uma bola pesada do tamanho de um melão zuniu em direção à sua cabeça; entrevendo-a com sua visão periférica, ele baixou a cabeça na hora exata. Um círculo verde menor apareceu à direita. Max pulou de lado, pousando na ponta dos pés e desviando de outra bola que vinha do ar como um tapa. Instantaneamente, mais um círculo surgiu à frente; este se movia e era menor que um disco de arremesso. Max pulou para a frente, pousou de leve um pé no interior do círculo e imediatamente girou para chutar de lado a

pequena bola dura que, de trás, vinha feito foguete em sua direção.

Uma vez terminado o cenário, Max enxugou o suor da testa, dirigindo-se a porta. O sr. Vincenti, logo à saída, estudava o painel.

- Hum... - disse, pensativo, passando a mão pela barba branca

aparada. -Estou vendo que você marcou mais de quarenta nos últimos seis cenários.

Max sorriu, dentes à mostra, e apanhou a toalha que deixara pendurada na maçaneta.

- Também estou vendo que você tem evitado os cenários com base em estratégia -murmurou o sr. Vincenti, passando diversas telas. -Isso vai ter que mudar.

- Eles não são tão divertidos -disse Max, arquejando. - Eles não são tão divertidos ou você que não é tão bom neles? - perguntou

o sr. Vincenti, erguendo uma sobranceira e limpando a tela. - Venha comigo, Max. Gostaria de ter uma palavrinha com você.

Diversos estudantes mais velhos acenaram, despedindo-se, e lhes desejaram bom feriado quando Max e o sr. Vincenti subiram o atalho do bosque de volta ao Presbitério, num bate-papo agradável. O ar frio fez o nariz de Max coçar. Quando se encontravam na clareira, ele pensou em como a Rowan parecia diferente no inverno: o Velho Tom e Maggie debaixo de lençóis de neve, a floresta escura sem folhas e o oceano ondulado frio e cinza. Max olhou o céu metálico feito uma arma, que prometia mais neve, e as pequenas luzes brancas de festa entrelaçadas em volta das sebes e janelas do Presbitério.

- Como você foi nos exames finais? -perguntou o sr. Vincenti enquanto subiam a escada externa.

- Acho que bem - disse Max, acenando para se despedir dos estudantes que partiam.

Com exceção de David, todos os amigos de Max já haviam ido embora. - Mística e Matemática foram difíceis. Estratégia, tudo bem; mas acho que

errei na parte de lógica...

- Como foi em Etiqueta? - perguntou o sr. Vincenti, conduzindo Max a uma

pequena sala de espera que saía do saguão principal.

- Quem vai saber? Essa coisa parece meio idiota. - Não é - disse o sr. Vincenti, meneando a cabeça e fazendo um gesto para

Max se sentar. - Eu sei que o sr Wesley às vezes passa dos limites, mas saber como agir numa determinada situação é uma habilidade de grande valor. Você

vai precisar dela se em algum momento decidir se tornar um agente... e tenho certeza de que clamarão para que você se torne agente um dia. Seja como for, pedi a todos os instrutores que me informassem se algum dos meus estudantes corresse perigo de não passar em alguma matéria. Você está a salvo, por enquanto.

Acomodando-se numa poltrona funda, o sr. Vincenti bateu os dedos nos joelhos. Parecia incomumente sombrio e hesitante. Max ouviu um pequeno relógio fazer tiquetaque sobre a lareira até que seu professor, por fim, falou.

- Max, não sei bem como dizer isto...

Uma calma gelada tomou conta de Max. Olhou os sapatos molhados, embaixo. A conversa que o informara do desaparecimento de sua mãe havia começado de maneira bastante semelhante.

- O que é? - murmurou ele. - Por favor, só diga o que é. Eu já sei que é ruim.

- Nós achamos que você não deve ir para casa nestes feriados - disse o sr. Vincenti com um suspiro. - Nós achamos que é melhor você ficar aqui, na Rowan.

Max não falou durante vários segundos. Apenas olhou fixamente para o sr. Vincenti.

- Por quê? - perguntou ele, afinal, tentando controlar o humor. - Você sabe por que - respondeu o sr. Vincenti. - Nós achamos que pode

ser perigoso. É para o seu próprio bem.

- Mas e os outros? - retrucou Max, levantando-se. - Eles podem ir para casa - Eles não são você - disse o sr. Vincenti com delicadeza. - Eles não estão

no alvo do Inimigo. O Inimigo não sabe onde eles moram... - Foi o senhor

que tomou essa decisão? - perguntou Max, com calma. - Não, Max. Ela veio da diretora...

Max protestou e saiu disparado da sala. No vestibulo, avistou bagagens empilhadas junto às portas; então, desceu o corredor pisando duro na direção do gabinete da sra. Richter. O rosto ardendo, Max abriu de repente a porta.

- Como é que a senhora pode me prender aqui? - berrou. Sentada à sua escrivaninha, a sra. Richter ficou olhando para ele, com as

mãos dobradas sob o queixo.

- Por favor, abaixe a voz e se sente - disse ela, baixinho.

Max permaneceu em pé à porta durante alguns instantes,

ofegando e observando subir a fumaça de uma xícara de chá sobre a mesa da diretora. Fora, a neve tornava a cair.

- A senhora não pode me prender aqui - disse Max, por fim, conseguindo atenuar a maior parte da raiva da voz.

A expressão da sra. Richter foi de muito cansaço e desânimo. - Por favor, sente-se, Max - disse ela. - Eu gostaria de discutir isto com

ocê.

- Então, por que mandou o sr. Vincenti me comunicar? - perguntou Max, a raiva retornando.

- Porque eu tinha uma reunião muito importante que não podia ser adiada. Por favor, sente-se.

Max olhou um bocado de neve a derreter no tapete creme da sala; havia marcas rasas de pés na neve, do lado de fora do gabinete da diretora.

- Por que não entraram pela porta da frente? - inquiriu ele. - O que há de tão secreto?

E quase cedeu à tentação de dizer que sabia de tudo a respeito dos Potenciais desaparecidos; que ela nem era tão esperta como achava que fosse.

- Entendo que esteja zangado - disse a diretora, com voz cansada. - Se quiser continuar em pé, berrando comigo, pode fazê-lo. Ou pode se sentar e ouvir as

respostas para as suas perguntas.

Max ouviu passos atrás de si; o sr. Vincenti entrou na sala, de mãos nos bolsos.

- Desculpe, Gabrielle - disse ele.

- Oh, está tudo bem, José... Eu compreendo perfeitamente. Por favor, sente-se. Quem sabe, juntos, possamos convencer o Max a nos ouvir. Max olhou ferozmente para os dois, sentados, tão calmos e compostos. Respirando fundo, sentou-se na beira da cadeira.

- Tenho que ir ver o meu pai - suplicou. - Ele precisa de mim. - Eu gostaria que você pudesse ir para casa - disse a sra. Richter, em voz

baixa. - Essa é a verdade, Max. Corta o meu coração manter uma criança longe dos pais... seja nas férias ou não. Lamento não termos podido lhe contar antes, mas o fato é que estávamos estudando alternativas para que você pudesse ir. E lamento dizer que essas alternativas não são viáveis.

- Eu vou ficar bem - disse Max. - Vocês podem botar um agente para vigiar minha casa...

A sra. Richter meneou a cabeça.

- Eu vou falar claramente, Max, para que você compreenda de uma vez e nós possamos esquecer este assunto - disse a diretora. - O rosto dela estava sombrio, e a suavidade de sua voz havia se evaporado. - Nós analisamos e discutimos esta situação exaustivamente. Você não ia ficar bem. O Inimigo iria atrás de você, e não seriam apenas a "sra. Millen" e seja lá quem foi que tenha ido até lá naquele dia. Seria necessária uma tremenda alocação de recursos para manter você em segurança, e eu simplesmente não posso dispensá-los neste momento. Você colocaria em perigo a si mesmo, ao seu pai e potencialmente a muitos outros. É uma decisão desagradável a que eu tenho que tomar, mas a tomei. Max ouviu atentamente, pesando cada palavra antes de falar.

- O meu pai estaria em perigo? - perguntou.

- Sim, Max. Creio que estaria - respondeu a sra. Richter, a voz de novo suave.

Max inclinou a cabeça; quando falou, a voz saiu baixa, grossa, por conta das lágrimas.

- Então, sou prisioneiro - disse. - Não posso nem ir para casa! - Oh, Max! - disse o sr. Vincenti, dando-lhe tapinhas no ombro. - Não vai

ser tão ruim! Você não é o único estudante a passar o feriado aqui, e vamos todos celebrar o Natal juntos no Santuário.

Max ignorou o sr. Vincenti, prestando atenção num diploma numa parede. Manteve a voz calma e regular, ao falar.

- E que mentira eu vou ter que contar ao meu pai? A sra. Richter soltou um suspiro e colocou as mãos bem espalmadas sobre

a mesa.

- Que você foi mal no exame de Matemática e precisou refazer várias unidades para não ter que passar o verão aqui - respondeu ela.

Max mordeu a parte de dentro da bochecha e fez que sim. Teve vontade de sacudir os braços da cadeira fina quando se levantou para sair. Fez uma pausa à porta.

- Mas eu vou passar o verão aqui de todo modo, não vou? -

perguntou, olhando para baixo por todo o longo corredor rumo ao vestibulo. - Espero que essa decisão seja sua, Max. Não minha.

Mamãe e Bob se encontravam na cozinha cortando legumes em cubos para sopa quando Max entrou para dar seu telefonema. Mamãe cantarolava alegremente enquanto trabalhava, mas a cara fechada de Bob sugeria que ele sabia por que Max estava ali. Limpando as mãos no avental, o ogro sussurrou uma coisa qualquer a Mamãe e a levou em silêncio para fora da cozinha.

O pai de Max atendeu no segundo toque.

- Pode falar agora, pai? Desculpe incomodar você no escritório. - Não, não, não... Fico feliz de você ligar! Na verdade, as suas orelhas

devem estar queimando, porque o sr. Lukens e eu acabamos de falar de você. Comentei que você vinha da Rowan para casa, e ele quase deixou cair a caneca de café!

- Está brincando! - disse Max, escorregando parede abaixo, para encostar num grande saco de batatas.

- Sério! - exclamou o pai. - Ele ficou muito impressionado... disse que a Rowan é a coisa mais exclusiva que existe e que uma sobrinha dele está interessada em ir para aí. Não é legal?

- Super.

- Ah, e mais uma coisa - disse o pai, baixando a voz. - Ele quer falar sobre isso com você na festa de Natal deles... só pessoas importantes costumam ser convidadas para esse arrasta-pé!

Max se pôs a bater a cabeça pesada na parede dura, atrás; desejou que a linha caísse.

- Pai, tenho más notícias...

- O que foi? - perguntou o sr. McDaniels, esfriando o entusiasmo da voz. - Está tudo bem?

- Não - disse Max, deixando a cabeça cair entre os joelhos. - Levei bomba na prova final de Matemática... Não passei em Matemática...

Uma gargalhada aliviada ressoou do outro lado do aparelho.

- Ai, meu Deus! Você quase me matou do coração! Só isso? Max, acho que fiquei em Álgebra duas vezes até entender alguma coisa... - Não, pai... Você não está entendendo. Vou ter que ficar aqui no feriado,

senão repito a matéria e sou obrigado a passar o verão estudando. Fez-se um longo silêncio do outro lado.

- O quê? - exclamou Scott McDaniels. - Você está dizendo que não vem para casa no Natal?

- Estou. Lamento tanto...

- Ponha alguém dessa escola ao telefone.

Max vacilou quando as palavras foram cuspidas num fogo rápido pelo fone. Num reflexo, virou o pescoço para ver se havia algum adulto presente. Suspendeu a respiração brevemente, repetindo a si mesmo que estava preservando a segurança de seu pai.

- Não há ninguém aqui agora, pai - disse ele, baixinho. - Posso pedir que

alguém ligue para você.

- Eu nunca ouvi falar de uma coisa assim! Que petulância têm as pessoas nesse lugar! Manter uma criança longe da família porque ela não conseguiu resolver alguns exercícios de Matemática! - fez uma longa pausa; então, prosseguiu, mais calmo. - Max, quero que você arrume as suas coisas. Eu vou buscá-lo no aeroporto, como combinado...

- Não, pai - suplicou Max.

- Vou estacionar o carro e apanhar você...

- Pai, eu não vou para casa! - falou Max, depressa, a frustração e a culpa transbordando.

- Você não quer vir para casa, Max? Max, eu sou seu pai... Não me importa se você não se saiu bem em todas as matérias que eles têm! Eu vou passar o Natal com o meu filho! Os Lukens nos convidaram para a festa deles...

- Oh, certo, desde que seja para o bem dos negócios! - retrucou Max. - Do que você está falando? - disse o pai, soando magoado. - Eu já enfentei

a casa, pendurei as meias na lareira...

- Você pendurou a meia da mamãe? - interrompeu Max. - O quê?

- Você pendurou de novo a meia da mamãe?

- Sim! Pendurei a meia da sua mãe - disse o pai, rapidamente, na defensiva.

- O que tem isso a ver com...

- Ela está morta, pai! - gritou Max. - Pare de pendurar a meia dela! Pare de botar batom, chocolate e jóia na porcaria daquela meia! A mamãe está MORTA!

Max ouviu as próprias palavras ecoarem na cozinha cavernosa. Fechando os olhos, enrolou-se como bola enquanto a vergonha o consumia. Refreou uma torrente de palavras zangadas; a voz de seu pai, ao contrário, soou refrescada e calma.

- Você é meu filho e eu amo você muito. Arrume todas as suas coisas. Estarei aí para pegá-lo amanhã, por volta do meio-dia. Você diga àquela professora ou a quem quer que seja que o esteja mantendo aí que eu chamarei a polícia, se tentarem interferir.

Ele ouviu o fone do pai chacoalhar no suporte e, depois, a linha cair. Com a mente e os sentimentos amortecidos, Max lentamente se pôs em pé e colocou o fone no gancho.

- Uau! Isso foi como fogos de artifício! - exclamou Mamãe com um brilho excitado nos olhos.

A bruxa espiava do canto, onde descascara e picara cenoura. - E eu achava que a minha irmã e eu batíamos cabeça,

mas isso ganhou de longe!

Max nada disse. Apenas andou na direção de mamãe como zumbi. O sorriso torto e ofegante dela estremeceu quando ele se aproximou. Debruçando-se sobre Mamãe, Max a abraçou com força, ignorando a corcunda, a blusa suada e o cabelo que cheirava a água suja. De início, a bruxa ficou rígida quando Max sacudiu e pressionou o rosto em seu ombro. Momentos depois, Max sentiu os braços curtos e grossos dela o envolverem.

- Ei... Vai ficar tudo bem, amor - disse Mamãe. Max levantou a cabeça e olhou os olhos vermelhos aquosos piscando e

lançando-lhe lágrimas de volta.

- Você não perdeu o pai, amor - crocitou ela. - Você ganhou uma Mamãe! A bruxa imediatamente se pôs a beliscar o braço de Max, olhando

ansiosamente pela cozinha.

- Temos que alimentar você ... É isso que temos que fazer! Esse é o truque... Barriga cheia espanta essas besteiras repulsivas! Três presuntos e um repolho. E chamar Mamãe de manhã!

A bruxa apertou a mão de Max e, de repente, disparou até um armário em que guardava carne. Cantarolando, contente, pôs-se a lançar presuntos porta a fora.

O sr. Vincenti aguardava no salão de jantar quando Max apareceu. - O meu pai diz que vem me buscar amanhã ao meio-dia - disse Max,

passando pelo velho e subindo a escada com custo. - Diz que vai chamar a polícia se houver algum problema. Eu vou deixar o senhor e a sra. Richter resolverem isso... Estou indo para o meu quarto e quero ficar sozinho...

David contemplava as estrelas no alto, pela cúpula de vidro, e fazia anotações num caderno quando Max entrou e se jogou na cama.

- O que aconteceu? - perguntou David.

Dando a volta no balcão, serpenteando por entre livros e modelos astronômicos no chão, ele se sentou sobre um pequeno tapete junto à cama de Max.

- Tudo. A sra. Richter não está me deixando ir para casa no feriado. - Por que não? - perguntou David. - O seu pai não está esperando você? Max hesitou. Prometera tanto a Nigel como à sra. Richter que não contaria

a ninguém os encontros com a sra. Millen. Mas a imagem do pai em pé junto à lareira com três meias vazias lhe relampejou na cabeça. Max se sentou, os olhos brilhando de raiva.

Durante a hora seguinte, Max contou tudo a David. As maravilhas e os horrores brotaram dele como água de uma torneira

quebrada; ele contou da tapeçaria, de Ronin, da sra. Millen e da conversa que ouviu sobre Potenciais desaparecidos e pinturas roubadas. David disse muito pouco enquanto Max falava; simplesmente abraçou os joelhos e ouviu com atenção até Max acabar.

- Bem, as coisas fazem muito mais sentido agora - falou David, afinal. - Realmente grandes coisas estão acontecendo... Ou prestes a acontecer. Está escrito aí em cima há um tempo.

E apontou para a pequena constelação que piscava, ficando á vista e depois sumindo.

- Lamento por você, mas pelo menos eu terei um pouco de companhia durante o feriado.

Max o fitou.

- Por quê? Você não vai para casa?

O rosto de David perdeu o sorrisinho. Ele desceu para apanhar um pequeno maço de cartas. Max reconheceu a caligrafia de David nos envelopes. Cada um levava o carimbo: DEVOLVER AO REMETENTE.

A voz de David saiu baixa e calma.

- A minha mãe se mudou.

- Bem... Mas se mudou para onde? - perguntou Max. - Não sei... Não deixou outro endereço.

Max se sentou melhor, enquanto David começou a tossir. - Eu sabia que ela ia - continuou David, quando a tosse passou. - Sabia que

ia embora assim que eu encontrasse outro lugar para ficar. Éramos só nós dois, e ela realmente não tinha como cuidar de mim... Ela não estava bem.

David envolveu as cartas com o elástico, e Max ficou olhando o maço de envelopes. Seu próprio sentimento de injustiça e ultraje começou a diminuir.

- Sinto muito, David.

- Tudo bem. A sra. Richter me disse para eu considerar a Rowan o meu lar, mas ela nem precisava dizer. Eu já considerava. Lamento por você não poder passar o Natal com o seu pai, mas a verdade é que a sra. Richter tem razão. É provável que vocês dois estejam mais seguros com você aqui até eles descobrirem tudo. - David tornou a dar uma olhada na cúpula de vidro antes de prosseguir: - Mas existem umas coisas que eu também ainda não entendi.

- O quê, por exemplo? - perguntou Max, balançando as pernas sobre a cama.

- Tudo o que você me disse faz sentido com base no que eu consigo ver. Mas a sra. Richter não disse que Astaroth foi derrotado?

- Disse - falou Max, sentindo-se desconfortável. Levantando, ele ergueu o olhar para a cúpula de vidro. Viu uma lua, pontos

brancos e bonitas constelações. Mas David parecia ler aquilo como um livro - um livro muito importante.

- O símbolo dele se encontra por toda parte - disse David, em voz

baixa. - Astaroth pode ter sido derrotado, mas não acho que tenha sido destruído.

O sr. McDaniels não chegou à Rowan no dia seguinte; nenhum policial veio resgatar Max para o pai. Em vez disso, Max recebeu um telefonema durante o

qual seu pai, animado, expressou lamentar sinceramente, mas dar seu apoio à necessidade da permanência de Max na Rowan durante o feriado. Max recebeu a garantia de que seus presentes haviam sido embarcados por courier e que o sr. McDaniels estaria pensando nele em cada minuto.

No final daquela manhã, Max encontrou o sr. Vincenti no salão de jantar; seu professor terminava um pão e folheava o jornal. Na primeira página, Max viu que mais uma pintura fora roubada.

- Você falou com o seu pai? - perguntou o sr. Vincenti. - Falei - disse Max, ainda intrigado com a conversa. - Está tudo bem. O que

o senhor fez?

O sr. Vincenti dobrou o jornal e soltou um suspiro. - Tivemos que influenciar um pouco a memória e os sentimentos dele.

Diante da expressão de Max, logo acrescentou: - Não os sentimentos dele para com você... mas somente a maneira de ver a

sua permanência aqui no feriado. Eram sentimentos muito fortes. Ele ama você muito.

A estranha conversa deixou Max confuso. De um lado, ficou aliviado pelo fato de o pai aparentemente não se lembrar das coisas horríveis que ele, Max, havia dito; de outro, era perturbador que uma pequena intervenção pudesse alterar a memória e as atitudes de seu pai. Tentou sacudir aquilo da cabeça, enquanto agarrava com a mão a curva do corrimão.

David estava no andar de cima, no vestibulo, dando nó na gravata. - Vou alimentar a Maya - disse ele. - Quer vir?

Minutos depois, os dois aprofundavam ruidosamente os pés na neve a caminho do Santuário. Nevara toda a noite, e tudo estava coberto por um branco manto cintilante.

O Alojamento de Aquecimento era muito aconchegante no inverno. A luz do sol fluía para o interior das janelas altas ao longo das paredes, e o edifício

cheirava a feno fresco e serragem. Nick estava profundamente adormecido, mas Maya, não. Parecia uma gazela de prata, andando em círculos graciosos pelo compartimento enquanto David encomendava uma porção de comida à caixa de alimentação. Quando David abriu a porta, Maya passou por ele

suavemente, dirigindo-se a Max. Descansando a leve cabeça de prata no quadril dele, virou o pescoço e o olhou, no alto, com olhos que eram amêndoas de ouro. Max sentiu seu ânimo melhorar; o cansaço e a tristeza sumiram, e ele se encheu de uma sensação de paz e bem-estar.

- O que a Maya é mesmo, exatamente? - perguntou Max, afagando as orelhas dela em silêncio.

- É uma ulu - respondeu David, conduzindo Max e Maya rumo à porta. - A espécie dela traz tranquilidade e compreensão. Mas talvez seja a última remanescente... Foram quase extintos no século XIX, porque têm a pele e os chifres bonitos e seu sangue, dizem, contém o segredo de qualquer língua. Eram cobiçados por colecionadores e cientistas.

Max ficou pasmo; não era capaz de imaginar alguém querendo caçar, ferir ou matar algo tão gracioso e dadivoso. Maya estremeceu ao pisar, cambaleando, na neve, antes de meter a cabeça dentro da pequena caixa de frutas e capim.

Quando Maya terminou, David e Max a levaram para um longo passeio pelo Santuário, escolhendo atalhos que Max jamais trilhara antes. Eles subiram pela floresta, ouvindo água pingar e chamados estranhos de muitos pássaros. De repente, uma grande avalanche de neve veio descendo uma encosta.

Max olhou para cima e prendeu a respiração.

Em cima, YaYa se debatia num escarpado que dava no atalho deles. A cara da leoa negra estava suja de sangue, e subia vapor de seu corpo; debaixo dela, via-se o casco de um animal muito grande, num leito pisado de neve rósea. YaYa os espreitou, cheirando o ar fino. Max viu o próprio reflexo nos imensos olhos perolados quando ela falou, com sua voz estranha que soava como várias mulheres.

- Cumprimentos de solstício para você, Maya. Cumprimentos, crianças. E baixou o chifre quebrado no alto da cabeça numa saudação.

- Oi, YaYa -disse David. - Eu estava querendo falar com você.

Max olhou para o colega de quarto; David nada lhe tinha mencionado. - Estava, criança? Deixe-me descer.

A imensa ki-rin se ergueu e limpou o focinho na neve antes de descer a

encosta. Max ficou em silêncio; encontrar com YaYa na natureza era uma experiência muito diferente da de passar por ela quando roncava em meio a cobertas no Alojamento de Aquecimento.

- YaYa, Astaroth foi destruído? - perguntou David. YaYa avançou; o queixo bigodudo parou bem acima da cabeça de Max. - Por que você pergunta isso a YaYa? - cantaram as vozes de YaYa. - Porque você é a Grande Matriarca de Rowan. Só você se lembra da Solas

em sua glória; só você se lembra da luz que se levantou contra a escuridão quando Astaroth veio.

As palavras fluíram de David num canto rítmico que fez Max se sentir sonolento. Ele permaneceu quieto, afagando as espáduas de prata de Maya.

YaYa se agachou, acomodando seu grande volume no atalho. - Sabia que você é exatamente como ele? - disse ela, após um longo

silêncio. - As palavras e o espírito do meu Mestre ecoam na sua voz jovem. - Quem era o seu mestre? - perguntou David. - Eu não sabia que a Grande

Matriarca podia ter um senhor.

- Meu senhor era a luz que se ergueu contra Astaroth. Eu estava com ele quando abateu o Inimigo. Elias Bram era o meu senhor. Tentei ajudá-lo, mas o Inimigo era poderoso demais. Meu chifre se quebrou contra a lateral do Demônio e eu fui lançada longe; eles, então, derrubaram os salões altos e deixaram arruinada a terra sob seus pés.

- Mas Astaroth foi destruído? - David tornou a perguntar.

- Está além da minha compreensão como se destrói algo tão velho e

mau -disse YaYa, em voz baixa. - Isso é Magia Antiga, está no coração e nas raízes deste mundo. Ouvi dizer que encontraram o corpo do Demônio, mas eu não sei o que foi feito dele. Quando o seu senhor caiu, YaYa viajou de navio para o oeste com os outros e deixou aqueles dias sombrios para trás...

Um som de sinos e risadas veio subindo o atalho sinuoso atrás. YaYa se virou e se distanciou, desaparecendo depois da curva. David levou Maya para o lado do caminho bem na hora em que um trenó vermelho vivo puxado por dois grandes cavalos castanhos dobravam a esquina. Nolan segurava as rédeas, rindo, com o sr. Morrow, a srta. Boon e dois sextanistas.

- Ei, vocês dois aí! - exclamou Nolan. - Andaram conversando com a YaYa?

- Como você sabe? - perguntou David.

A srta. Boon se inclinou à frente, examinando-os bem de perto, enquanto Nolan gesticulava mostrando a pegada manca e a neve vermelha no barranco em cima.

- Eu cuido da YaYa há quase trinta e cinco anos – disse ele. - Sou capaz de localizar seus feitos a um quilômetro e meio de distância.

O sr. Morrow deu uma longa cachimbada, afundando-se ainda mais nas dobras da manta de lã.

- Estamos meio lotados para mais dois jovens primeiranistas e uma ulu, mas tomem isto, hein? - disse ele.

Max deu um passo adiante e apanhou uma garrafa térmica com o professor de Humanidades. Desatarraxando a tampa, sentiu cheiro de chocolate quente.

- Obrigado, sr. Morrow - disse Max, tomando um gole rápido. - De nada, McDaniels - disse ele, com uma piscadela. - Feliz solstício para

vocês dois, meus meninos. Músicas e agradados no salão do primeiro andar esta noite. Às oito em ponto!

- Estaremos lá - disse Max enquanto o trenó continuou, dobrando na curva. Depois que desapareceu, David meneou a cabeça para Max e tossiu. - Não, não estaremos - disse David. - Esta noite vamos descobrir o que

aconteceu com Astaroth.

Max ouviu música de violino e canto vindo do salão antes mesmo de

abrir as pesadas portas do Presbitério e entrar sorrateiramente. Nick fora alimentado, e David estaria à espera. Max subiu um lance da antiga escada dos criados enquanto a voz dos barítonos -Bob e o sr. Morrow -se elevava acima do coro dos demais estudantes e professores.

O nascer do sol

E os cervos a correr

O toque alegre do órgão

## Doce canto no coral

Na Biblioteca Bacon, Max encontrou David, que deixara as lâmpadas apagadas e trabalhava à luz de vela, esquadrinhando uma pilha de jornais e impressos de computador.

- Pegue esta lista - sussurrou ele antes de Max poder se sentar. Baixando os olhos, Max viu o pedaço de papel de caderno com uma lista

de dúzias de títulos de livros.

- Precisamos de todos esses?

David fez que sim, entregando a Max uma segunda vela e continuando a fazer anotações em sua caligrafia fina, inclinada. Mais de uma hora depois, Max resmungou, empilhando na mesa o último dos livros pesados. David ainda escrevia de forma furiosa, aparentemente desligado até mesmo da presença de Max. Sua vela ardera quase toda.

Max se sentou para respirar e atendeu para algumas das lombadas à frente: Grandes obras do século XIX, A arte do barroco, Técnicas secretas dos antigos mestres, Dadaísmo e surrealismo, O gênio de Rembrandt, Símbolos ocultos de Bernini, Uma Renascença da arte e do homem, Mestres holandeses do século XVII, O dilema pós-moderno...

- David - falou Max, cerrando os dentes, impressionado com a grossura dos livros e os nomes desconhecidos -, o que vamos fazer com isso tudo?

David parecia bem mais velho à luz da vela; parou de escrever um instante para olhar Max.

- Astaroth não está destruído - disse David. – Tenho certeza disso. O Inimigo está procurando por ele, e isso tem alguma coisa a ver com as pinturas

roubadas. Acho que algumas pinturas podem ter pistas secretas que levam a Astaroth. Mas, primeiro, vou precisar de mais dois livros.

Max se levantou, pronto para ir pegá-los, mas David meneou a cabeça e disse:

- Não estão aqui dentro. Estão trancados nos Arquivos de Prometeu, uma sala secreta depois de Maggie e do Velho Tom. Eu posso pegá-los, mas tenho que ir sozinho. Só leve estes para o quarto, e eu me encontro com você lá.

Max ignorou o comentário ocultista de David e o observou abrir a mochila e colocar livros dentro. Exatamente como com a maleta de couro de Nigel, os livros caíam na mochila sem fazer barulho ou se amassarem nos cantos.

- Onde você arrumou isso? - perguntou Max.

- Eu fiz - disse David, sem dar muita importância. - Eu vou na frente... Encontro com você de novo no quarto.

David assoprou o que restava da vela e saiu enquanto um coro de gritos e vivas irrompia da reunião no salão, dois andares abaixo. Max colocou na bolsa os livros remanescentes e estava prestes a sair sorrateiro pela porta da biblioteca quando foi dominado pela curiosidade. Ficou a imaginar por que exatamente David insistira em visitar os Arquivos sozinho.

Max desceu apressado um longo corredor e pressionou o rosto de encontro a uma janela que tinha uma ótima vista do terreno entre o Presbitério e o Velho Tom. A sua esquerda, e bem lá embaixo, viu David atravessar a neve, cambaleando feito um pingüim e fazendo força para se manter dentro das sombras compridas lançadas pelo clarão da lua.

Então algo se moveu na visão periférica de Max, que prendeu a respiração. Ele não era o único a observar David.

Um vulto escuro saiu do bosque que bordejava o portão da frente. Parou, aparentemente a acompanhar David, que, agachado, atravessou do abrigo das sombras do Presbitério às sebes cobertas de neve que orlavam o caminho até o Velho Tom. Max soltou um gemido; David escolhera uma rota terrível, que eliminava a sebe como fonte de proteção.

A figura escura irrompeu num galope solto, transformando-se num borrão quando subitamente acelerou, correndo pela neve recente. Max bateu na janela, em pânico.

- Corra, David - sussurrou. - Corra, corra, corra!

David correu. Tinha virado a cabeça em tempo de ver o veloz vulto

escuro a diversos metros de distância, aproximando-se rapidamente. Max mal suportava observar; David ia dolorosamente devagar!

De repente, pulsou brevemente uma luz difusa, e David desapareceu. A figura escura parou de súbito a uns dez metros de onde David estivera.

Agachada, examinou a terra, girando em todas as direções, até parar. - Cooper - disse Max para si mesmo, vendo os traços pálidos do agente, que o olhava, do gramado.

O agente deu diversos passos na direção do Presbitério, os olhos fixos em Max, que ficou hipnotizado, à janela do terceiro andar.

- McDaniels? - disse uma voz aguda atrás dele. Max deu um grito e soltou a mochila de David. Abaixando-se para apanhá

la, virou-se e viu a srta. Boon a fitá-lo.

- Oh! - exclamou Max com a voz rouca. - Oi, srta. Boon. - Oi - disse ela, mirando a mochila de Max. - O que você está fazendo aqui

em cima, no escuro?

Passando para o outro lado de Max, a srta. Boon espiou pela janela. Max também olhou para fora. Cooper fora embora.

- Acabo de sair da biblioteca.

- Hum... - grunhiu ela, afastando-se da janela para de novo olhar a mochila. - Bem, tenho trabalho a fazer, e é melhor você ir para a cama. Boa noite.

A srta. Boon desapareceu corredor abaixo em direção à Biblioteca Bacon. Max disparou para o seu quarto, onde encontrou David já trabalhando arduamente à mesa deles, respirando com dificuldade e esfregando o peito. Muitas velas estavam acesas em volta do quarto.

- Dei de cara com a srta. Boon - arquejou Max. - Ela estava indo para a biblioteca.

David ergueu os olhos dos dois livros grandes abertos à sua frente; tinha o ar ansioso. Ele nada disse, mas fez sinal para Max colocar a mochila numa cadeira.

- Que livros são esses? - perguntou Max, olhando os enormes volumes. Deviam tranquilamente ter um metro de altura, repletos de páginas de

papel fino, quebradiço. Havia algo de muito estranho com aqueles livros; possuíam uma aura insalubre, e Max não tinha vontade de estar perto deles.

- Grimoires - disse David, baixinho. - São meio perigosos. Um é

sobre Magia Antiga; o outro tem a ver com encantamentos e prisões. Estes não são originais... Foram copiados na Idade Média.

Max se afastou.

- Você consegue ler isso? - perguntou, examinando os sinais estranhos e as letras desconhecidas.

David fez que sim.

- Sumério - disse ele de forma casual, puxando os livros de História da Arte de sua mochila. - Você pode ir para a cama, Max... Eu estou bem.

Max ficou deitado na cama, acordado, muito tempo, ouvindo a caneta arranhar o papel e David falar em voz baixa no plano inferior. Observou a Andrômeda, ao mirar o grupo de estrelas, e tentou calcular quanto tempo demoraria até seu contorno piscar com finos fios de ouro.

Quando acordou, espiando por sobre o balcão, viu David largado sobre a mesa, embaixo, no meio de um mar de pergaminhos e tocos de vela a piscar. Max desceu correndo e sacudiu o colega de quarto, para acordá-lo. David bocejou; baixando os olhos, viu que manchara uma das páginas do grimoire.

- Que vergonha! - murmurou, sonolento.

- David - disse Max, estalando os dedos debaixo do nariz de David. - Você está bem?

David piscou diversas vezes. Subitamente, agarrou o braço de Max; sua mão pequena o apertou com força.

- Max! As pinturas roubadas não são pistas para encontrar Astaroth! São o próprio Astaroth... Ou, pelo menos, uma delas é! – O rosto de David estremeceu de exaltação e medo diante de sua descoberta. - Astaroth está aprisionado dentro de uma pintura!



\*~\* 13 \*~\*

## UM VIOLINO

O ogro andava na frente, carregando uma lanterna e pa-rando periodicamente para esperar Max, David e Connor, que corriam para acompanhar suas longas passadas. A neve caía, e o céu escurecia, tornando-se da cor de ardósia.

A porta do Santuário estava aberta. Vários estudantes e criaturas protegidas se agrupavam perto do alpendre do Alojamento de Aquecimento, onde uma fogueira ardia num círculo grande, limpo de neve. Sentado num engradado virado de cabeça para baixo no alpendre, Nolan segurava um violino junto ao pescoço, cercado de estudantes que bebiam de canecas e garrafas térmicas. À porta do Alojamento, Max notou uma nuvem de vapor ondular e entreviu os

olhos de YaYa brilhando, brancos, das trevas.

- Bob! - disse Nolan. - Há quanto tempo não o vemos aqui fora! A que se deve a visita?

- Boa tarde - saudou Bob, com um cumprimento de cabeça. - Bob

leva os jovens pelas dunas para ver o sr. Morrow. A casa é longe, e os pequenos não conhecem o caminho.

- Ah! - exclamou Nolan. - Bem, o Byron com certeza vai gostar. Espero que ele esteja se recuperando... Faz semanas que está doente! Diga que mandei lembranças, e volte logo para tomar um chocolate quente quando terminar. Vou aceitar pedidos até mais tarde...

- Bob fez que sim e contornou a fogueira, deixando para trás o Alojamento de Aquecimento. Max abriu caminho em meio aos estudantes sentados, acenando para Cynthia e Lúcia, bem próximas uma da outra. No colo de Lúcia, envolto num pano áspero, estava Boca de Chaleira, piscando os olhos bulbosos e sacudindo a pele vermelha num tremor de corpo inteiro.

Para surpresa de Max, Julia Teller se virou para lhe sorrir, a luz da fogueira a dançar nos seus bonitos olhos azuis e sardas ligeiras.

- Oi - disse ela, com um sorriso. - Não tenho visto você muito desde o feriado, e já estamos em fevereiro!

- Ah, estou tentando estudar mais este semestre - disse Max, brincando com um fecho do casaco.

Felizmente para ele, Sarah não se encontrava ali. A menina levava duas semanas para voltar a falar com ele depois do Halloween e, apesar de terem retomado a amizade, ficava contrariada quando via Julia falar com Max.

- Bem, me diga se precisar de alguma ajuda - disse ela. - Qualquer coisa, menos línguas. Sou uma inútil em Línguas.

Max só fez ficar vermelho e concordar, ignorando a cara exasperada de Connor. Uma melodia rápida, alegre, fez com que alguns estudantes comessem a bater palmas, e Julia se virou para observar Nolan, cujos dedos e arco dançavam nas cordas do violino. Connor e Max correram atrás de Bob e David, assim que Malhada começou a corrigir as tentativas - fora do ritmo - de Omar de acompanhar as palmas.

- Ei, esperem! - chamou uma voz atrás.

Max se virou e viu Cynthia pisando com cuidado na neve. Vestia as luvas com os dentes na hora em que os alcançou.

- Também quero ver o sr. Morrow - disse ela. - Estou querendo há tempos, mas sabem como é...

Eles correram para alcançar a lanterna de Bob, que balançava na frente. Quando atingiram a base dos montes de areia, Bob e David esperavam por eles. O casaco do ogro protegia David dos golpes súbitos de granizo. Botando a mão em concha em torno do ouvido, Max se esforçou para escutar Bob em meio aos uivos do vento, ao retomarem a caminhada.

- Fiquem perto de mim, pequenos - aconselhou ele. O que ao longe pareciam ser pequenas ondulações eram, na verdade,

dunas, de cerca de quatro ou cinco metros de altura. Max e os outros arquejavam, subindo com dificuldade por um lado e escorregando pelo outro. Trinta minutos pareceram horas; até Bob tinha que parar para respirar de vez em quando.

- Por que o Morrow mora tão longe assim? - reclamou Connor, protegendo o rosto de outra rajada de vento. - Não é de admirar que não venha à aula com esse tempo!

- Ele não vem por este caminho - disse David. - Acho que toma outro. Um caminho secreto. Este campus está cheio deles. Você conseguirá vê-os, se souber procurar.

Connor assobiou entre os dentes e pressionou David, querendo detalhes que não vieram. Max lançou um olhar ao colega de quarto, pensando na noite em que David desaparecera para buscar os grimoires, por pouco escapando de Cooper. David jamais mencionou o incidente, e Max também não perguntou a respeito, embaraçado por ter estado a espionar.

Quando atingiam o alto de mais uma duna, Bob de repente levantou a mão e fez sinal para ficarem quietos. Podia-se ouvir o som pesado de uma fungada. Para seu horror, Max viu diversos pares de luminosos olhos verdes encarando-os de baixo.

- Bob - murmurou Max, cerrando os dentes e recuando, com Cynthia

agarrada a ele.

- Psiu! - ordenou Bob, balançando a lanterna ali em torno e espreitando. As crianças ficaram um tempo agrupadas, num silêncio aterrorizado,

enquanto Bob, parado feito pedra, esquadrihava a base da duna. Subitamente, ouviu-se um gemido grave, mais alto que o vento.

Fosse o que fosse, tinha ido embora.

- Vamos continuar - disse Bob, num ronco. - Não falta muito.

- Bob - disse Connor, tremendo, pendurado do lado do ogro -, o que era aquilo?

- Bob não sabe - murmurou ele. - Muitos protegidos selvagens vivem fora da clareira.

- O que você quer dizer com "protegidos selvagens"? - perguntou David, a voz quase perdida no vento.

Bob se abaixou bem para dar a resposta.

- Criaturas cujos protetores foram embora. Criaturas que vivem por conta própria. Algumas podem ter esquecido que as pessoas um dia cuidaram delas.

- São perigosas ? - perguntou Cynthia, estremeecendo e olhando em volta. Bob deu de ombros.

- São selvagens - disse ele, empunhando a garrafa térmica pesada como arma e conduzindo-os pela duna seguinte.

Max sentiu o cheiro reconfortante de uma lareira antes mesmo de subir a última duna e ver o chalé. Situado à margem de um bosque escuro, denso, de pinheiros, tinha paredes feitas de pedra e argamassa entremeadas de vigas de madeira, e cerca baixa, de estacas. Uma forte luz amarela saía das janelas acortinadas. Ansiosos por deixar as criaturas selvagens e o frio para trás, Max e os outros desceram correndo o monte na direção do chalé.

- Parem! - A voz de Bob ecoou no vento, fazendo-os estacar aos tropeços. - Esperem por Bob - disse ele, a arquejar, descendo a duna com passos de lado e usando a lanterna para iluminar o caminho mais fácil. - Pequenas crianças ansiosas por paredes e calor. Pequenas crianças viram tolas... Pensam que agora

estão a salvo e ficam cegas para os perigos.

- Por que você diz isso? - perguntou Connor, esfregando os braços e lançando um olhar comprido ao chalé aquecido.

Um franzido ligeiro cortou os traços feiosos de Bob. - Antes de Bob virar cozinheiro, Bob era ogro... O ogro bateu na porta vermelha do chalé; um manto pesado de neve

deslizou do telhado e caiu no jardim. As crianças, amontoadas para se aquecerem, ficaram de costas para Bob, enquanto os olhos esquadrihavam a floresta e as dunas. Bob bateu de novo.

- Instrutor Morrow? - inquiriu Bob, com delicadeza. - É o Bob e alguns estudantes.

Não veio qualquer som do chalé.

- Trouxemos sopa para o senhor - continuou Bob. - Soooooopa! Olhando para as crianças, Bob deu de ombros e se abaixou para deixar as

garrafas térmicas de sopa junto à porta. Cynthia meneou a cabeça e, espremendo-se, passou por Bob, virou a maçaneta e meteu a cara lá dentro.

- Cynthia! - exclamou Bob, arfando. - Ele pode estar no banheiro ou... sem roupa !

- Shh! - respondeu Cynthia, com autoridade. - O sr. Borrow está doente, precisa de gente para cuidar dele. Eu não vim de tão longe no frio para deixar uma garrafa térmica congelada de sopa e ir embora! Vamos.

Max, David, Connor e Bob seguiram Cynthia; passando pela porta, entraram num cômodo quente com teto baixo. As costas de Bob estalaram quando ele se abaixou para evitar bater com a cabeça numa viga baixa. Havia livros por toda parte: grandes pilhas de volumes encadernados em couro enfiadas nas prateleiras, formando torres precárias, ou espalhadas aparentemente ao acaso pelo chão.

Um fogo baixo ardia numa pequena lareira enquanto velas tremulavam aqui e ali em meio a rastros sinuosos de cera. O sr. Morrow estava profundamente adormecido, embolado numa poltrona de couro puido, soterrado por cobertores. Não tinha boa aparência: além dos lábios secos, exibia olheiras profundas. O cabelo grisalho colava à testa brilhante.

Max se virou para esquentar as mãos no fogo quando, de repente, uma voz familiar ressoou na sala.

- Sou gordo demais para esses carregadores de caixão tão minúsculos! Max e as crianças deram um pulo, mas a cara de Bob se alargou num

sorriso aliviado.

- Ah! - exclamou o ogro. - O senhor está acordado, instrutor. Bom, bom, trouxemos um pouco de sopa para o senhor!

O sr. Morrow os fitou, trazendo o cobertor mais para perto. - Muita bondade da parte de vocês. Vai me ajudar a tomar o meu remédio. - Eca! - disse Connor, inclinando-se para examinar uma xícara, com um

líquido verde vibrante, pousada numa mesa de canto. - Isto é algum tipo de poção mágica?

- Sim, meu rapaz - disse o sr. Morrow numa voz sussurrada,

sugerindo reverência e mistério. - Essa poção proporciona a seu corajoso usuário diversos benefícios ao mesmo tempo estranhos e maravilhosos. Trata-se de... xarope para tosse!

Cynthia, Max e David caíram na gargalhada, enquanto Connor botava a xícara de volta com expressão desapontada. O sr. Morrow abafou o riso, também, sendo logo tomado por um ataque de tosse.

- Como está se sentindo, sr. Morrow? - perguntou Cynthia. E levou-lhe uma tigela de sopa que derramou da garrafa térmica, enquanto o instrutor empurrava para o lado uma quantidade de lenços de papel usados até alcançar seu cachimbo. Com um dar de ombros distraído à pergunta de Cynthia, acendeu o cachimbo e tirou uma longa baforada.

- Então, Bob -inquiriu o sr. Morrow, sem virar a cabeça -, como convenceu os quatro jovens bandidos a visitar este velho pássaro doente?

- Bob não convenceu, instrutor. Eles deixaram Bob vir junto. O sr. Morrow soltou um grunhido de surpresa; Max zanzava por ali, a

examinar uma fotografia emoldurada na parede. Era a imagem de um sr. Morrow mais jovem, de chapéu, posando diante da torre Eiffel com uma moça elegante. Max de repente pensou na inscrição que vira numa árvore na cidade: "Byron ama Elaine, 1946".

- Aaah, sr. McDaniels. Está admirando a minha linda dama? - perguntou o sr. Morrow.

- Estou, senhor.

- É a minha mulher, Elaine. O câncer a pegou.

- Sinto muito -disse Max, sem jeito.

O sr. Morrow meneou a cabeça impacientemente e pigarreou. -Não lamente. Era a hora dela. Todo mundo deveria ter a sorte de encontrar

seu par neste mundo. Eu sou grato pelos anos que tivemos. Cynthia se aproximou para ver a fotografia.

- Sr. Morrow! - exclamou. - O senhor era danado de bonito! Olhe só o senhor nesse terno!

- Muito bonito - entou Bob, concordando e inclinando-se mais para examinar a fotografia, atrás dos ombros deles.

- Ah, parem com isso! - disse o sr. Morrow, reprimindo o riso. -

Vocês vão deixar esta coisa gorda e velha vaidosa demais; não vai fazer bem. - E olhou para o fogo. Max viu, porém, que ele estava satisfeito.

- Quem é este? -perguntou David, apanhando uma moldura empoleirada sobre uma pilha de livros. Dentro dela se encontrava uma fotografia amarelada de um moço de farda.

- Ah, esse é o meu filho, Arthur - disse o sr. Morrow em voz baixa. - É ele logo depois de entrar para os Fuzileiros Navais. Também o perdi... Aliás, todo o seu pelotão.

Cynthia fez um gesto furioso a David, para que este colocasse a fotografia de volta em seu lugar.

- Tudo bem, Cynthia - disse o sr. Morrow com um sorriso de compreensão. - Estou honrado por vocês, crianças, demonstrarem interesse pela minha família. - O velho homem fez sinal para que David lhe alcançasse o retrato. -Os políticos optaram pela guerra, e ele também optou por ela - continuou o sr. Morrow, estudando a fotografia. - Eu não entendi. É mesmo estranho. Toda a minha vida tem sido consumida com o estudo da guerra: de reinos que surgem e caem a

fogo e espada. Tudo parece muito glorioso até ela engolir alguém que você ama. A vida é uma coisa muito preciosa para ser jogada fora em função de ordens absurdas e cadeias de comando.

Colocou a fotografia de lado e se virou para a sopa, derramando um pouco no robe. David fazia cara de deprimido. Bob, num gesto repetido com a mão, limpava lenços de papel usados que se encontravam em pequenas pilhas à volta da poltrona. O sr. Morrow tornou a erguer a vista.

- Agora vamos. Se eu tenho que sofrer com as visitas, então que elas pelo menos possam me trazer novidades! Quais são os acontecimentos no campus? Como a Hazel está se saindo com as minhas aulas? Já encontraram aquelas crianças roubadas? Potenciais desaparecidos é problema sério...

- Instrutor - avisou Bob, deixando cair a xícara de porcelana que lavava. - Supõe-se que eles não...

- Supõem-se que eles não saibam? - exclamou o sr. Morrow. - Quer dizer que a Gabrielle ainda não contou a eles dos perigos, apesar de todas as promessas dela? Isso é ultrajante! Isso é... isso é falta de consciência!

- Do que o senhor está falando? - perguntou Cynthia em voz baixa. -

Que "crianças roubadas"?

- Temos que ir - grunhiu Bob, apanhando o casaco e fazendo sinal aos outros. - Logo faremos outra visita.

- Não, Bob -disse Cynthia. - Eu quero escutar isso. - Você tem que escutar isso - resmungou o sr. Morrow, sentando-se melhor

na cadeira, com um olhar firme.

O ogro suspirou e espiou pela janela.

- Vocês têm o direito e a responsabilidade de conhecerem os perigos que enfrentam. Alguém aqui sabe de alguma coisa sobre isso?

Max e David olharam um para o outro. O vento estava furioso do lado de fora do chalé; as correntes penetravam pelas fendas, fazendo com que as velas piscassem. Ignorando a sacudidela de cabeça de David, Max falou.

- Eu sei.

- E o que você sabe, meu rapaz? - grunhiu o sr. Morrow, dando a Max sua atenção total.

- Sei que algumas outras crianças... Potenciais... foram levadas pelo Inimigo. No mundo todo - respondeu Max, cauteloso. - Sei que outro menino, um que se chama Mickey Lees, deveria estar na nossa turma. Acho que foi visto pela última vez com a srta. May, que... que morreu.

A sala ficou muito quieta; o sr. Morrow parecia cansado e triste. - E como você sabe disso, Max? - perguntou o velho homem. - Ouvi a sra. Richter conversando a respeito no Santuário. E porque o

Inimigo também tentou me levar.

Cynthia e Connor estavam boquiabertos; David parecia irritado e olhava para o fogo. Recostando-se na poltrona, o sr. Morrow levantou autoritariamente o dedo para Max.

- Você me conte tudo, McDaniels.

Nos dez minutos seguintes ele relatou seu encontro com a sra. Millen. O sr. Morrow deu baforadas no cachimbo pensativamente, obrigando os outros a se calarem quando tentavam fazer perguntas. Max olhou de soslaio para Bob, mas o ogro parecia perdido em seus pensamentos. Quando Max terminou, o sr. Morrow o encarou com um olhar franco.

- Você tem sorte de estar vivo. A sua "sra. Millen" provavelmente era uma vye.

O estômago de Max se contraiu, virando um bolo gelado. - O que é uma vye? - perguntou ele.

- Algo que muda de forma - explicou o sr. Morrow. - Muito hábil. Difícil de detectar e, de acordo com os nossos agentes, aparecendo em número cada vez maior. A forma real delas é aterrorizadora.

- A vye parece um lobisomem? - perguntou Connor, a voz de flauta vindo de junto do fogo.

Tinha a cara murcha e assustada.

O sr. Morrow o fixou com um olhar peculiar, penetrante. - Sim, sr. Lynch, poderia parecer um lobisomem para o senhor - disse ele, a

voz áspera, baixa. - Porém tenha em mente que uma vye não é um lobisomem. A vye é maior, tem a cara mais retorcida, horrenda; parte lobo, parte chacal, parte ser humano, com olhos enviesados e focinho torto. Mas na forma humana ela pode ser mais convincente. Vocês não devem jamais falar com uma vye, crianças! Elas são espertas nos ardis; as vozes carregam encantamentos que hipnotizam.

- É possível pelo menos saber quando se está conversando com uma? - sussurrou Cynthia, tremendo e correndo para mais perto do fogo.

- Há todo tipo de truque para desmascarar uma vye, mas eu ainda acredito nas tripas. Se uma vye se aproximar, srta. Gilley, a senhorita vai sentir alguma coisa muito, muito esquisita na barriga ou descendo a espinha. E elas vão preferir atacar quando a senhorita estiver de guarda baixa; na maior parte das vezes, a vye procura, antes, ganhar a sua confiança. Isso quer dizer que você pode ter a chance de identificá-la antes... antes de ela pegá-la.

Um grito súbito cortou a sala.

- Agora me lembro! - exclamou David. - Eu já vi vyes! - Todos nós vimos, David - disse Connor, afirmativo -, da janela do

corredor, no último semestre. Aquilo devia ser uma vye... - Não - disse David, meneando a cabeça. - Lá em Colorado, antes de eu vir

para a Rowan. Estava andando para casa pelo bosque quando vi alguém fora do atalho me observando. Alguma coisa nele me assustou, e eu apertei o

passo. Ele começou a me seguir, e eu corri o máximo que pude. Ele começou a rir; ficava zombando de mim por correr devagar.

- David começou a tossir e demorou diversos segundos até poder continuar. - Eu me virei. Ele vinha atrás de mim, de quatro. Mudando de forma, chegando perto e rindo o tempo todo.

Max nunca vira David daquele jeito. A voz estava tão fraca, pequena. O menino parecia traumatizado.

- Eu tropecei - prosseguiu ele. - Vi outro, vindo em minha direção lá do bosque... Acho que gritei e desmaiei. Quando acordei, tinham ido embora. Assim como as árvores à minha volta... Tudo estava queimado. Sei que parece loucura, mas acho que tudo isso aconteceu.

- Eu acredito em você - falou com voz baixa o sr. Morrow, afagando o ombro de David. - O instrutor teve uma convulsão com um ataque súbito de risos arfantes. - Imaginem o choque daquelas pobres vyes quando se deram conta, perdoem a expressão, de que tinham dado uma mordida maior do que eram capazes de engolir! Pensando que iam brincar com um pobre menino indefeso, na verdade encontram ele !

Suas risadas se transformaram numa série de tossidas. - Do que está falando, sr. Morrow? - interpelou Cynthia, bufando de raiva.

- O David podia ter sido morto!

- Não, srta. Gilley - disse o sr. Morrow, passando a mão na barba branca por fazer. Não acho provável que duas vyes possam configurar a queda do nosso sr. Menlo. E, de todo modo, não acredito que o Inimigo esteja aí fora meramente para tirar vidas dos nossos jovens inocentes. Temo que um desígnio mais sombrio esteja em construção.

- Como o quê? O que o Inimigo ia querer com os Potenciais? - perguntou Connor.

Max e David se entreolharam novamente. Embora David houvesse decifrado as razões por trás das pinturas roubadas, os Potenciais roubados permaneciam um mistério.

- Os Potenciais são o nosso sangue vital - disse o sr. Morrow, a voz baixa. -Se o Inimigo mina a nossa juventude, o nosso futuro murcha. Seria devastador matar os nossos Potenciais, mas seria bem pior se fossem corrompidos pela vontade do Inimigo. As nossas fileiras minguariam, enquanto as deles se

fortaleceriam. A questão-chave é: como? Como eles estão conseguindo chegar aos nossos Potenciais antes de nós? Para isso eu não tenho resposta, mas temo o pior...

- E o que seria isso? -perguntou Cynthia com voz débil. - Perfídia! - disse o sr. Morrow com voz retumbante, dando um soco na

mão. -Deslealdade! Traição contra a humanidade por um dos nossos! Algumas pessoas aqui escarnecem dessa idéia, mas essas mesmas pessoas não são capazes de me dizer como os nossos Potenciais estão sendo levados embora. E elas não têm resposta para a violação que sofremos no outono passado.

- Mas por que a sra. Richter ia querer guardar tudo isso em segredo? -

perguntou Max.

O sr. Morrow ficou em silêncio, seus olhos remelentos disparando de rosto a rosto. Subitamente, a expressão ficou sombria, e o queixo tremeu.

- Porque a Gabrielle não passa de uma burocrata ! Uma guerra está se iniciando, crianças! O Inimigo está em ação. Só um tolo não veria nessa erupção de vyes o que ela é: batedores para testar a nossa força e a nossa vontade. Nada menos que isso.

As palavras vieram rapidamente; ele se agarrou à poltrona com os dedos e prosseguiu:

- Está vindo a guerra, e a nossa diretora se prende a processos e procedimentos, como todos os burocratas imbecis sempre fizeram... E é por conta do medo, digo a vocês! A idéia de um erro a deixa paralisada... Ela acha que a competência dela será questionada, que alguém a questionará por isso...

-Já chega!

A voz de Bob sacudiu o chalé; as janelas tremeram. Max jamais vira Bob levantar a voz com ira. Era aterrorizador.

O sr. Morrow, porém, não demonstrou estar com medo. Parecia capaz de uma violência. Lentamente, no entanto, a fúria silenciosa do velho se reduziu a raiva e, em seguida, a um olhar cansado, derrotado. Ele fez um sinal afirmativo de cabeça, concordando com Bob, e tossiu com força num punhado de cobertor que segurava. Acenou, desculpando-se, para as crianças.

- Você tem razão, você tem razão. Vocês me trazem sopa, e eu os assusto! É culpa desta gripe horrível... ela me deixou abalado... hein, Bob?

Bob nada disse. Vestiu o casaco e abriu a porta. Um golpe de vento

revirou alguns papéis que estavam numa prateleira próxima. Ele os observou se acomodarem no chão em lentos espirais.

- Nós temos que ir. Crianças, venham com Bob. - Sim, sim - concordou o sr. Morrow. - Vocês todos são muito gentis de

cuidar de mim. Ah! Mas, antes de irem embora, precisam de uma lição rápida. - O sr. Morrow deixou de lado o cachimbo e se inclinou à frente na poltrona. -Não posso assustá-los todos sobre as vyes sem lhes ensinar alguma defesa, não é? - continuou ele. - As vyes odeiam luz forte. Ela faz com que

percam os sentidos durante alguns instantes. É um truque muito simples, mas sei que elas só se dão conta dele tarde demais. Vocês devem ser capazes de fazer isso com a energia que já está em vocês... Não há necessidade de pegar energia de outras fontes nem de acumular energia alguma.

O sr. Morrow fez com a mão uma bola, depois esticou os dedos, sussurrando: "Solas". A sala se encheu de um clarão de luz forte como o de um enorme flash. Pequenas formas nadaram diante dos olhos de Max. Um instante depois, a sala ficou na penumbra outra vez, iluminada apenas pelo fogo e pelas velas.

- Tentem, todos vocês. É uma coisa simples, de verdade. Connor avançou um passo, a mão bem fechada. - Solas!

A sala faiscou com uma luz dourada viva. O sr. Morrow assentiu; em seguida, virou-se para Cynthia, que olhou a própria mão, em dúvida.

- Solas!

A sala se encheu de luz quente por um momento. Connor e Cynthia pareceram deliciados com sua nova habilidade.

- E o senhor McDaniels? - murmurou o sr. Morrow, botando o dedo em seu nariz.

Assim que a palavra deixou os lábios de Max, a sala irrompeu em forte luz, que sumiu com a mesma rapidez.

- Por último, mas não menos importante, sr. Menlo. David meneou a cabeça e andou em direção a porta.

- Eu consigo fazer - disse David. - Espero que o senhor melhore, sr. Morrow. Logo virei visitá-lo outra vez.

O sr. Morrow concordou e deu um sorrisinho triste. - Espero que sim, sr. Menlo - disse, em voz baixa. - E muito obrigado a

todos vocês por cuidarem de uma pobre coisica doente! Perdoem-me se perdi a cabeça.

As crianças se despediram com acenos. O sr. Morrow os retribuiu, parecendo muito pequeno e velho. Esticou-se para alcançar um álbum de fotografias próximo.

Do lado de fora, Bob subia a largas passadas a primeira duna. Ele acenou

para que viessem logo e, em seguida, desapareceu do outro lado da crista. Max ia trotar à frente, mas freou quando ouviu Connor censurando David.

- Ora, David. Nós todos fizemos aquilo.

- Eu já sei que consigo -murmurou David, fechando o zíper do casaco e enfiando as luvas com os dentes.

- Eu também sei que você consegue - disse Connor, rindo -, mas quero ver pessoalmente, sr. Mágico.

- Eu também! - acrescentou Cynthia.

- É - disse Max, sentindo uma onda de inveja. Afinal, o sr. Morrow dissera que ele tivera sorte de ter sobrevivido à sra. Millen, enquanto David nada tinha temer em relação às vy es que o perseguiram no bosque. - Não é justo você só observar o tempo todo.

Às palavras de Max, David parou de botar a luva. O sorriso da cara de Max derreteu. David o olhou, impassível, por vários segundos. Assentindo com um sinal de cabeça, David flexionou a mão.

- Solas - sussurrou.

Max deu um grito e caiu para trás na neve. O céu inteiro irrompeu em luz, iluminando o campo por quilômetros como se cem relâmpagos se acendessem ao mesmo tempo. Os olhos de Max arderam com a exposição súbita. Connor e Cynthia, arqueados, protegiam os rostos, enquanto Bob procurava cegamente a lanterna que deixara cair. Quando Max recuperou o foco, viu David em pé, no alto, estendendo-lhe a mão.

- Não me peça para fazer isso de novo – sussurrou ele, ajudando Max a se levantar.

Max concordou, as bochechas ardendo de vergonha. Subindo a

duna, David cuidadosamente colocou a lanterna nas mãos tateantes de Bob. Com um gemido, Bob se pôs em pé e botou uma das mãos na testa calombuda.

- Bob vai ser despedido...

A tranquilidade da caminhada de volta só foi quebrada ocasionalmente pelos ténues murmúrios zangados de Bob em russo. O ânimo de Max melhorou com os sons alegres do violino de Nolan, que desviaram seus pensamentos de criaturas

selvagens, vyes à espreita e crianças desaparecidas.

Bob se virou para eles.

- Bob vai na frente. Jantar logo. Nada digam da luz - aconselhou ele, sacudindo-lhes o dedo, que se demorou um bocado na cara corada de Connor. - Se disserem, Bob recebe dentadura. Depois, Bob encontra vocês!

Os traços do ogo se transformaram num sorriso hediondo, encovado. Aproximando a lanterna, ele iluminou bem a própria cara. Connor gemeu e recuou um passo.

Abafando um riso satisfeito, Bob continuou andando, percorrendo dois metros com cada passo, e sorrindo.

- Ele está brincando, não está? - disse Connor com uma risadinha. - É claro que sim - falou Cynthia, espirrando na manga. Quando Max e os outros se aproximaram do Alojamento de Aquecimento,

viram que a fogueira ainda queimava vigorosamente e vários estudantes descansavam em fardos de feno.

Nolan guardava o violino na caixa. Julia, compenetrada, mirava a máquina fotográfica em Lúcia, que adormecera com Boca de Chaleira nos braços. Outros estudantes começaram a se mexer, levantando, batendo os pés, para tornar a sentir as pontas dos dedos.

- Ei, vocês - chamou Nolan, com voz arrastada. - Vocês todos perderam a música, mas chegaram em tempo para o jantar. Belo senso de oportunidade, não importa o ponto de vista!

- Ah, pare com isso, Nolan! -disse Cynthia, enrubescendo. - A música estava maravilhosa !

Max e Connor lançaram olhares um ao outro. Até David sorriu. - Obrigado, Cynthia - disse Nolan. - Vocês viram aquela luz?

Max fechou os olhos; ele e Connor logo disseram "Não", enquanto

Cynthia e David simultaneamente exclamaram "Sim". Nolan ergueu uma sobrancelha.

- Nunca vi coisa igual - continuou ele. - Iluminou todo o Santuário... - Ah, Nolan - interrompeu Cynthia -, será que não dá para ouvirmos só

mais uma canção? Uma rápida. O Velho Tom ainda não tocou o sino do jantar.

Nolan hesitou.

- Por favooooooooor? - implorou Cynthia, cutucando-lhe o braço. Connor revirou os olhos e tossiu alto.

- Certo - disse Nolan, com ar envaidecido. - Uma rápida, então. "Repique da Margarida", como um aperitivo para a primavera que vem aí.

Educadamente, Max ficou parado quando Nolan começou a tocar. Ele estava ansioso para voltar ao Presbitério e jantar. Seu estômago, sua bexiga e o fato de Julia o deixar sem jeito o fizeram desejar com o olhar o túnel da sebe.

De repente, uma voz incredivelmente magnética, rica e grave começou a cantar.

Margarida, Margarida,

Dê-me a tua resposta

Sinto que perco o juízo

Por esse amor que me toma

Não será casamento rico

Não posso comprar carruagem

Mas estarás linda na bicicleta para dois

Durante a nossa viagem.

Max permaneceu pregado no chão enquanto as palavras o banhavam. Boca de Chaleira pulara do colo de Lúcia e agora estava sentado sozinho sobre um fardo de feno. Sua garganta vermelha inflava feito balão; a cabeça bombeava ao ritmo da música.

Boca de Chaleira estava cantando.

Com uma expressão engraçada na cara, Nolan prolongou a

apresentação, tocando a canção novamente. A voz de Boca de Chaleira enchia a clareira. Cynthia se pôs a pular, batendo palmas, aplaudindo

loucamente.

- Ah, Nolan - exclamou ela. - É linda! Você é tão talentoso, Nolan! Estou falando sério. E tem um jeito tão difícil!

Todo o corpo de Max começou a latejar de calor. Ele observou David, com um sorriso malicioso, tirar a câmera de Julia de uma cadeira próxima.

Uma espécie de latido rouco subitamente tomou conta do ar. Frigga e Helga, as selkies escandinavas, vinham da lagoa, movendo-se com dificuldade em ondulações que sacudiam o chão enquanto subia vapor de sua espessa gordura de foca. Quando estacaram, aos escorregões, as selkies se bateram de lado, ambas querendo ficar perto de um bonito menino do quarto ano, naquele momento apaixonadamente abraçado a uma colega de cabelo vermelho.

Feito um tiro, Malhada pulou do fardo, tecendo ziguezagues malucos pela neve atrás de um coelho pintado que andara a mastigar um pouco de feno extraviado. Os óculos bifocais de Malhada caíram no chão, onde Connor imediatamente os esmagou ao passar aos tropeços para se jogar no colo de Lúcia. Agora acordada, ela lhe sorria timidamente, batendo os cílios espessos.

A canção mais uma vez recomeçou; Nolan fazia careta enquanto seus dedos dançavam mecanicamente sobre as cordas. Cynthia batia palmas e começou a cantar junto, com um entusiasmo que em muito excedia seus dotes vocais. Aborrecida de ver os quartanistas enamorados, Frigga soltou um latido furioso.

- O que ela tem que Frigga não tem?

- Não tem casaco de inverno de gordura, é isso! - latiu Helga. - Quieta, você! - rugiu Frigga, dando uma cabeçada zangada na irmã. O coração de Max acelerara; batia asa feito passarinho na gaiola. Julia se

levantara e o olhava com expressão intrigada. Quando a voz de Boca de Chaleira se elevou, atingindo um tom febril, Max deu diversos passos na direção de Julia e lhe segurou a mão. A garota apertou de leve a mão dele, retribuindo. O hálito dela cheirava a hortelã. Max pigarreou:

- Julia...

De repente, ela o beijou, com um abraço que quase o derrubou. Sentindo o nariz frio dela de encontro ao rosto, Max achou que flutuava...

As badaladas do Velho Tom soaram claras e frias no ar do inverno. Max

abriu os olhos, alarmado; Julia retrocedeu vários passos, o rosto escarlate. Boca de Chaleira subitamente interrompeu a cantoria, pulando do fardo de feno. Como se o tivessem queimado, o sr. Nolan jogou na neve seu violino e o arco, pondo-se a sacudir as mãos, com câibra. Um Connor tímido pedia profusas desculpas a Lúcia, que berrava com ele em italiano. O menino do quarto ano, em pé, exibia uma expressão confusa e assustada, enquanto Frigga brevemente lhe informava que "Não ia mesmo dar certo; você é humano, e Frigga é selkie".

- Nem uma palavra, você! - esbravejou Malhada. Omar reprimiu o ataque de riso ao mesmo tempo em que tentava colar os

pedaços dos óculos destrozados. Virando-se, Malhada encarou Nolan, apontando Boca de Chaleira com a pata. -Eu exijo que essa criatura seja retirada deste Santuário! Isto é um ultraje! O poder desse anfíbio é repulsivo e irresponsável! Não é... não é decente !

Nolan, meneando a cabeça, recuperou o violino caído na neve, enxugando-o na manga. Cynthia lhe entregou o arco, olhando para as próprias botas.

- Ora, ora, Malhada - aconselhou Nolan -, juro que não me dei conta de que as canções de Boca de Chaleira eram tão... instigantes ... Mas não é culpa dele. De qualquer maneira, as canções só eliminam inibições; não fazem você fazer nada que já não quisesse.

Max olhou para Julia, que, evitando seu olhar, reuniu as coisas. Malhada saltou para o lado de Nolan, os bigodes mexendo de raiva, incrédula.

- Você é mesmo um insano ou um ignorante? Está sugerindo que eu queria cortejar algum vagabundo sujo e mal-educado? Que isso seja algum desejo secreto que eu guarde?

- Bem - ironizou Nolan, aos poucos extinguindo a fogueira com um aceno casual -, não é mais segredo, é, Malhada? Mas com certeza falarei com a diretora para ver se há alguma precaução que se deva tomar em relação ao Boca de Chaleira.

Alguns estudantes sufocaram o riso enquanto Malhada, sentada nas patas traseiras, o pelo eriçado, ficou incomumente calada. Finalmente, ela saiu saltando atrás de Nolan, que agora andava com diversos alunos rumo ao túnel

do Santuário. Omar correu atrás, por vezes reprimindo o riso. Lúcia levava Boca de Chaleira de volta ao Alojamento, batendo a porta na cara de Connor. Max tremeu, observando tudo se desenvolver, e depois correu atrás de Julia, que,

apresada, subia o atalho com uma amiga.

- Julia, Julia, espere - bufou Max, desacelerando para caminhar ao lado dela. - Você não poderia me ajudar com uma lição que tenho que fazer, de Estratégia?

- Desculpe - murmurou Julia, evitando os olhos dele -, mas eu tenho uma aula prática de Dispositivos. Preciso correr.

Max acompanhou com os olhos as duas meninas desaparecerem no túnel. Quando, soltando um suspiro, punha-se a caminho do túnel, ouviu Cynthia gritar atrás dele.

- Pare, Connor!

Na frente de David, Connor fazia uma mímica engraçada, quase cruel, dos aplausos de Cynthia aos esforços de Nolan no violino. Ele pulava loucamente batendo palmas e depois juntava as mãos num repentino desmaio.

A expressão de Cynthia era de fúria, com lágrimas nos olhos. - Você não devia falar, Connor! Você estava tão bobo quanto todo mundo

ali!

- Por favor - descartou Connor. - Ei, caras, nós vamos deixar a Cynthia escapar assim, tão facilmente?

Sem uma palavra, David tirou a câmera digital de Julia do bolso. Passando diversas fotografias no visor, parou numa e colocou a câmera diante dos olhos de Connor.

O sorriso afetado de Connor sumiu. Ele engoliu em seco e piscou. - Certo, então - disse. - Bem, estamos atrasados para o jantar, e eu estou

morrendo de fome.

Ruidoso, Connor andou pela neve rumo ao túnel. David enfiou a câmera de volta no bolso e saiu saracoteando atrás, assobiando "Repique da Margarida". Com um grito de deleite, Cynthia passou correndo por Max.

- David Menlo, deixe-me ver essa fotografia!

O vestibulo estava molhado, com pequenas poças de neve derretida e botas jogadas de lado. O som de risadas e o cheiro de bolo de carne vinham da

escada para o salão de jantar. Justamente quando as quatro crianças deixavam as botas num canto, a sra. Richter apareceu, vinda do corredor que dava em seu gabinete. Com a cara ligeiramente franzida, ela olhou a bagunça. De repente, as poças de gelo evaporaram dos ladrilhos, enquanto as botas se organizaram aos pares certos de encontro à parede. A atenção da sra. Richter, então, voltou-se para eles.

- Vocês quatro venham comigo, agora.

Não era longa a caminhada até o gabinete dela. Max foi arrastando os pés, de meias, ignorando as tentativas de Connor de receber sua atenção e mantendo os olhos presos no chão adiante. Empurrando a porta, a diretora fez sinal para que entrassem.

Max ergueu a vista. Teve a intenção de gritar, mas viu que, era vez disso, sua boca apenas se abriu e se fechou, como se ele fosse um peixe de aquário fora d'água.

Dentro do gabinete se encontrava Cooper. Amarrada a Cooper, havia uma vye.



\*~\* 14 \*~\*

### CONHECENDO AS VYES

Bem mais alta que Cooper, a vye fitou cada uma das crianças com um olhar sombrio, feroz. Seu focinho estava molhado, e a língua grossa se enrolava na boca conforme ela mudava o peso de uma pata traseira para a outra. Max, Connor e Cynthia se agarraram uns aos outros junto à porta, enquanto David desmaiava. Com um suspiro, a sra. Richter se abaixou para levantar David e acomodá-lo na cadeira da escrivania; afagando seu cabelo, segurou-lhe o queixo.

- Cooper - disse ela -, por favor, leve essa coisa para longe das crianças. Cooper assentiu, puxando com tranquilidade uma corda prateada amarrada

no pescoço da vye, que reagiu exibindo os dentes amarelos em serra. A vye o seguiu lentamente até um sofá amarelo próximo às portas envidraçadas. Max reparou em quatro riscos de sangue seco na cara de Cooper.

- Por que ela não ataca? - perguntou Cynthia, recuperando o fôlego.

- Porque o Cooper a prendeu com um Grilhão Passivo; vocês

aprenderão a fazer isso quando estiverem no sexto ano. Muito eficiente com vyes; o difícil é conseguir chegar nelas. Diminui a agressividade e as torna suscetíveis ao seu comando. É por isso que o Inimigo nunca confiou plenamente nelas, apesar de sua utilidade.

- Onde o Cooper a pegou? - sussurrou Connor, soltando o ombro de Max. - Rondando perto da estrada para a cidade, disfarçada de vendedor -

respondeu a diretora. - Achamos que pode ter sido esta a que se infiltrou no nosso campus meses atrás.

David se remexeu e se sentou; Max notou que a vye deixara de prestar atenção nele, dirigindo-a a David. Afastando-se da mesa, a sra. Richter andou até o meio da sala.

- Embora essa captura do Cooper seja importante, não foi só por isso que os chamei aqui - continuou a diretora. - Chego ao meu conhecimento que vocês quatro passaram por uma situação muito perturbadora; que foram assustados com histórias sobre vyes, Potenciais desaparecidos e uma diretora incompetente que os colocaria em perigo.

Max nada disse; não queria meter o sr. Morrow em encrenca. Além do mais, para ele, a monstruosa vye que, sentada no sofá amarelo, observava-o em silêncio era distração suficiente. Como se sentisse seu desconforto, a diretora ergueu a mão, dirigindo-se à vye em tom de comando.

- Assuma a sua forma falsa e não fale.

Os olhos da criatura brilharam de forma sombria quando Cooper cobriu com um lençol sua figura imóvel. Ela olhou para Max, a cara torta de lobo a sorrir de maneira assustadoramente humana. Max estremeceu quando a forma da criatura começou a sacudir, encolher e se contorcer; seus traços se desmancharam, afinal, revelando um homem de meia-idade quase careca e com olhos lacrimejantes, agora sentado, nu, debaixo do lençol.

- Coisa revoltante - murmurou a diretora. - Agora podemos focar o tema em questão. O sr. Morrow é um homem maravilhoso, mas está muito doente. Disse certas coisas que, tenho certeza, agora lamenta. E deveria mesmo lamentar. Aliás, não só ele. Estou bastante desapontada com o fato de alguns de vocês terem discutido assuntos que foram expressamente instruídos a não discutir.



Max se encolheu diante do olhar da sra. Richter. A expressão dela era grave, mas não zangada.

- Agora que receberam determinadas informações, eu gostaria de esclarecer as coisas. A primeira questão e a mais importante é: "Há crianças desaparecidas?". A resposta, como Max, pelo jeito, ouviu dizer, é sim. No momento, há quarenta e duas crianças que acreditamos terem sido interceptadas e capturadas pelo Inimigo pouco tempo depois de as conhecermos. O Mickey Lees é um caso único: a única criança levada pelo Inimigo depois de passar nos testes. Mas, apesar do que possam ter ouvido -disse a sra. Richter, andando em direção a um grande e antigo mapa-múndi -, nós não ficamos parados.

A diretora colocou a palma da mão num scanner, e o mapa antigo deslizou silenciosamente para a parede contígua. Um mapa-múndi digital se revelou, com códigos numerados em diferentes cores pela superfície. A maioria, Max notou, agrupava-se na Nova Inglaterra, no norte da África e no Leste Europeu. A diretora continuou a falar:

- Cada um desses números representa uma missão diferente envolvendo nossos operadores. Como diretora da Rowan, tenho acesso a todas essas missões. No momento, existem trezentas e doze missões secretas em vários estágios de desenvolvimento. Quarenta e duas dessas iniciativas envolvem os nossos Potenciais desaparecidos... uma missão para cada criança. Agentes mestres aposentados foram chamados, o Conselho dos Videntes foi convocado, e nós iniciamos uma série de Matéria Sombria, ou seja, operações não secretas, com respeito à situação. O sr. Morrow, que é apenas um entre muitos, está ofendido porque não tem acesso a todos os fatos. Dados incompletos levam a conclusões incompletas. Eu estou disposta a sofrer as frustrações deles porque tenho que manter certas informações e iniciativas em segredo. Essa é a implacável necessidade dos tempos atuais.

Ouviu-se uma batida na porta. Mamãe precipitou-se sala adentro carregando um elaborado serviço de café de prata. A bruxa recuou quando viu David, evitando seus olhos e mantendo dele uma ampla distância.

- Outra noite até tarde, hein, diretora? - comentou Mamãe, num tom de voz ansioso.

- Sim, Mamãe - disse a sra. Richter, sorrindo. - Obrigada por me trazer isto.

- O prazer é meu, querida - falou Mamãe. - Peço desculpas por estar

um pouco atrasada, mas o Bob me abandonou na cozinha. Consegui me virar, como sempre faço - ela suspirou -, mas acho que nós talvez tenhamos que o deixar ir..

- Sim, Mamãe - disse a sra. Richter, pacientemente. - Eu com certeza vou falar com o Bob. Agora, por favor, feche a porta quando sair.

Mamãe fez uma reverência. Em seguida, de repente, parou e cheirou o ar com expressão intrigada. Lançou um olhar de pânico ao homem no sofá e olhou, horrorizada, para a sra. Richter. Com as mãos em concha sobre a boca, Mamãe sussurrou de um modo que todos na sala ouviram.

- Diretora - disse ela, cerrando os dentes -, há uma V-Y-E ali no canto! Num espasmo, Mamãe apontou a cabeça na direção do homem, fitando a

diretora com um olhar sabedor.

- Sim, Mamãe, estamos conscientes da vye - disse a sra. Richter, servindo-se de uma xícara de café.

- A senhora gostaria que eu a comesse? Não é problema nenhum! - ofereceu-se Mamãe, com uma nota de esperança na voz.

- É muita gentileza da sua parte, mas não. Não agora, neste momento. Agora, por favor, Mamãe.

Atirando para o ar o cabelo ralo, indignada, Mamãe girou nos calcanhares e marchou para a porta. Antes de sair, virou-se para o homem do sofá e, esticando os lábios, revelou fileiras de lisos dentes de crocodilo. Com uma risada repentina, bateu a porta e se foi.

A vye parecia mal.

- Sra. Richter - perguntou Cynthia -, a senhora realmente daria essa vye para a Mamãe comer ?

- De jeito nenhum - respondeu ela, meneando a cabeça. - A Mamãe está engordando muito, e as vyes são imensas. Agora, voltemos aos negócios.

Sorvendo seu café, a sra. Richter andou até o mapa digital. Com um toque leve na tela, ampliou a imagem via satélite de uma cidade grande.

- Fico feliz de informar que houve progressos. Nove operações separadas convergiram de forma independente para a cidade de Istambul, na Turquia. Faz

tempo que suspeitamos de que exista um labirinto de câmaras no subsolo do Palácio de Topkapi. Túneis que podem ter sido construídos há muito anos

pelo Inimigo. Uma série de agentes nossos acredita que os Potenciais possam estar ali; outra equipe suspeita de uma localidade ao norte da Hungria.

- Então, por que não entram lá e os pegam? - perguntou Connor. - Eu gostaria que fosse simples assim - respondeu a diretora. - Algum de

vocês é capaz de ver por que esse poderia não ser o método mais sábio de ação?

- Bem - disse Cynthia -, se é um palácio, provavelmente deve haver um monte de gente em volta, até turistas. Os Potenciais poderiam ser feridos. No mínimo, muita explicação teria que ser dada se essas pessoas vissem um bando de vyes e agentes correndo por ali.

A diretora sorriu e concordou, olhando de rosto em rosto à espera de mais respostas.

Max tomou a palavra:

- A senhora disse que as câmaras subterrâneas são secretas. Ou, pelo menos, supõe-se isso. Se fosse esse o caso, eu ia querer espioná-las. Mesmo que os Potenciais não estejam lá, o Inimigo poderia estar usando o local para alguma outra coisa importante. Nesse caso, eu não ia querer que eles soubessem que eu os tinha descoberto. Eu ia esperar pelo momento certo.

A sra. Richter ergueu as sobrancelhas e encarou Max. - Eu terei que informar ao sr. Watanabe que você está se revelando em

Estratégia - disse ela. - Mais alguma sugestão?

- Tudo poderia ser uma armadilha - murmurou David, os olhos vagando sobre o mapa e, depois, fixando-se na sra. Richter.

- De fato - respondeu a diretora, perscrutando o rosto de David por um tempo. - Muito bem. Todos vocês.

Max enrubescou de orgulho. A sra. Richter era notoriamente avara em matéria de elogios. Olhando o relógio, ela franziu a testa. - Eu preciso dar uma palavra em particular com o David e o Max. Cynthia, você e o Connor podem ir. Espero que esta conversinha tenha dado a vocês a confiança de que muitas forças estão a trabalho para resolver a situação. E para que não pensem que

vocês, crianças, serão as únicas a ter acesso a esses terríveis segredos, nós vamos compartilhar a informação com toda a escola. Agora, sugiro que corram à cozinha e vejam se sobrou alguma coisa para comer.

Connor lançou a Max e David um olhar curioso quando saiu com Cynthia.

- Cooper, você também pode ir - disse a diretora. - Por favor, trate de cuidar desses arranhões imediatamente. Não precisamos de mais complicações.

Cooper fez que sim e abriu as portas envidraçadas que davam para o pomar. Fechando-as silenciosamente ao passar, levou a vye noite afora. A sra. Richter tornou a voltar sua atenção para Max e David.

- Pedi a vocês dois que ficassem porque gostaria de saber precisamente por que mais de quatro dúzias de livros sobre História da Arte e um par de grimoires proibidos estão sumidos das bibliotecas.

David se virou de olhos arregalados para Max, que só fez baixar a cabeça, certo da expulsão iminente.

- O Cooper ficou bastante impressionado com o seu ato de desaparecimento - falou a diretora, com um sorrisinho. - Durante um tempo, correu aqui na Rowan o boato de que havia uma porta dos fundos para os Arquivos.

- Desculpe, sra. Richter - disse David. - Eu fiquei curioso... Eu vou devolver os livros esta noite.

A sra. Richter meneou a cabeça.

- Prefiro que não os devolva, David - disse a diretora. - Pelo que sei, você é a única pessoa neste campus capaz de ler aqueles grimoires sem perigo. Então, estou mais interessada em saber o que você aprendeu do que em inventar uma punição qualquer. Você se importaria de compartilhar os seus pensamentos?

David se levantou.

- Astaroth nunca foi destruído - disse ele, abruptamente. - Sei por causa das estrelas no nosso quarto.

Max ficou impressionado com a mudança produzida em seu companheiro de quarto. Os olhos baixos de David se inflamaram de energia, assumindo uma intensidade de relâmpago, parecendo reunir e processar informação de forma

continua. A sra. Richter nada disse. Apenas fez um gesto para que David prosseguisse.

- Eu sabia que Astaroth estava vivo - continuou David. - Tudo sugeria que ele estava de alguma maneira aprisionado. A minha primeira hipótese foi de que talvez as pinturas pudessem ser as pistas de onde ele estava aprisionado... mas os grimoires me disseram outra coisa.

A sra. Richter sorveu seu café, ouvindo atentamente. - Já que o Astaroth era tão forte, eu estava curioso para saber que tipo de

prisão seria capaz de segurá-lo - disse David, andando pela sala. - Eu imaginava sempre uma montanha ou algo enorme. Mas a resposta foi o contrário. Foram usados encantamentos entrelaçados de Magia Antiga para prendê-lo dentro de uma coisa pequena e preciosa. Uma pintura.

- Por que uma pintura? - perguntou a diretora.

David movimentou a cabeça, concordando.

- Também me perguntei isso. Mas não é à toa. As pinturas são prisões perfeitas para coisas assim; símbolos e guardiões secretos podem ser fundidos aos materiais, às imagens, à composição, a tudo...

- Você sabe em qual pintura Astaroth está escondido? - perguntou a sra. Richter, indo diretamente ao ponto.

- Não - disse David.

- Verdade? - insistiu a diretora, erguendo uma sobrancelha e se inclinando à frente.

David tentou encará-la, mas desviou o olhar e começou a tossir. - Eu não sei se devo dizer - disse David, baixinho, quando a tosse cessou. -

Quer dizer, a senhora é a diretora... Por que a senhora não sabe? Talvez ninguém deva saber. Talvez eles quisessem Astaroth apenas apagado numa prisão que ninguém nem imaginasse que existisse, ou que nunca pudesse ser encontrada ou arrombada...

- Na verdade - disse a sra. Richter -, há muito tempo corre o rumor, entre os nossos professores, de que Astaroth estaria aprisionado numa pintura, mas não tenho informação de nenhum diretor ter recebido os detalhes específicos. Mas, com base no que você disse, penso que essa época ficou para trás. Nós

precisamos saber onde Astaroth se encontra e se o Inimigo já está de posse dele.

David pigarreou.

- Eu não sei exatamente em qual pintura, mas tenho palpites... - disse ele. Olhando para as portas envidraçadas, a sra. Richter fechou as cortinas com

um aceno. De novo, David se pôs a andar em volta da cadeira. - Em primeiro lugar, a pintura teria sido concluída em algum momento

próximo da época em que Astaroth foi derrotado. Foi aí que ficou fraco e nós

tínhamos os Tuatha de Danaan como aliados. Eles possuíam a Magia Antiga necessária para os encantamentos de prisão. Eu sei que o Inimigo roubou também pinturas modernas, mas isso é apenas para disfarçar quem está roubando arte e por que.

- Você tem certeza? - perguntou a sra. Richter.

- Sim. Astaroth é poderoso demais para ser contido numa coisa temporária ou se mover de uma prisão para outra... Tudo isso é arriscado demais.

A sra. Richter fez que sim, mexendo o café e cuidadosamente observando David, que prosseguiu.

- Eu também acho que seria uma obra de um pintor famoso. As pinturas famosas até podem estar bem à vista, mas não mudam de dono com frequência e são muito bem guardadas.

- Principais candidatos? - perguntou a sra. Richter, concordando. - Rembrandt e Vermeer - respondeu David.

- Por que esses artistas, especificamente? David deu de ombros. - O período de tempo se encaixa melhor, e outras pessoas tiveram acesso às

pinturas deles enquanto estavam sendo feitas - disse David. - Acho que nenhum desses dois pintores teve desse envolvimento com a obra deles. Um dos nossos, talvez um aluno deles, talvez alguém com acesso à obra, teria desempenhado o papel-pivô. Nada nos registros dos Arquivos diz que Rembrandt ou Vermeer foi um de nós. Particularmente, acho que a pintura é um Rembrandt; mas pode ser qual quer uma destas quatro.

David se levantou para pegar uma caneta na escrivaninha da diretora e

rabiscou num fino bloco de papel ali próximo. A sra. Richter apanhou o papel e deu uma olhada.

- A boa notícia é que elas não foram roubadas - disse David. Max tentou ler os nomes no papel quando a diretora o levantou, mas não

conseguiu decifrá-los na luz fraca. A sra. Richter o olhou de repente, como se acabasse de se dar conta de que ele ainda se encontrava ali.

- Obrigada, David - disse ela, colocando a folha de papel virada sobre a escrivaninha.

E fez sinal para David tornar a se sentar. Abrindo a gaveta, tirou uma pasta que Max já conhecia. Seu batimento cardíaco começou a acelerar.

- Agora, para você, sr. McDaniels - disse ela, tirando a fotografia envernizada e virando-a para ele.

Max piscou diante do retrato de Ronin.

- O senhor pode explicar por que ainda não compartilhou o fato de que teve uma conversa com este homem aqui, neste campus ?

Max não tinha notícias de Ronin desde o Halloween; supunha que tempo suficiente havia se passado e que as suspeitas de Cooper não teriam sido relatadas ou teriam sido deixadas de lado.

- Desculpe - disse Max, baixinho. - Eu só pensei... Ela o interrompeu com calma e equilíbrio.

- Você optou por não relatar isso, apesar de eu lhe ter dito que esse homem era perigoso. Você optou por não relatar isso, apesar do fato de vyes terem se infiltrado neste campus semanas antes.

- Ele é uma vye ? - perguntou Max, horrorizado.

A sra. Richter se levantou e andou até a janela para abrir as cortinas e acompanhar os flocos de neve flutuando em torno das luzes lá fora, feito mariposas minúsculas.

- Não, Max. Ele não é uma vye. Mas o seu primeiro instinto em relação a ele foi certo: ele é perigoso. Lamento dizer que se formou na Rowan. Uma pessoa com um dom supremo, mas que está um bocado equivocada. Ele foi

expulso há vários anos. O nome dele é Peter Varga.

- Mas ele tentou me salvar em Chicago e no aeroporto - disse Max, confuso.
- Ele me salvou, de verdade. Por que foi expulso? O que ele fez de tão ruim?

A resposta da diretora estalou no ar, definitiva.

- Fez contato com pessoas erradas.

A silhueta dela permaneceu emoldurada de encontro a um fundo de neve a girar e vidro gelado.

- Seria melhor você ir jantar alguma coisa, Max. Você não pode falar com o sr. Varga de novo nem dizer o que quer que seja a respeito da pesquisa do David a ninguém. Quero enfatizar para você que isto não é simplesmente um pedido que estou fazendo a um estudante; é uma ordem emitida pela diretora da Rowan. Você acha necessário que eu explique a diferença?

- Não, diretora - disse Max, o rosto ficando vermelho.

- Bom - disse a sra. Richter num tom de voz mais suave. - Por favor,

vá jantar alguma coisa e descansar. David, eu gostaria que você ficasse um pouco mais. Boa noite, Max.

Max deixou a sala o mais depressa que pôde e, desviando-se de vários alunos, desceu apressadamente ao salão de jantar, onde Bob deixara um prato reservado para ele.

As semanas seguintes constituíram um turbilhão para os estudantes de Rowan. Todos foram atualizados pelos seus respectivos preceptores. A notícia dos Potenciais desaparecidos causou tanto choque quanto a distribuição de relógios de segurança a cada aluno. Esses relógios eram finos, de prata, dotados de uma tela digital que deveria ser pressionada com força se algum perigo os ameaçasse. Embora essas ocorrências tenham desencadeado um tumulto entre os estudantes, o assombro de verdade se deu na noite em que Cooper levou sua vye corcunda e desengonçada para o salão de jantar.

A silhueta dela permaneceu emoldurada de encontro a um fundo de neve a girar e vidro gelado.

- Cada vez nos aparecem mais destas - confidenciou Cooper à platéia petrificada. - Esta foi pega assuntando perto dos portões. Então, a diretora acha melhor vocês verem uma agora. No cativeiro. Alguns podem pensar que sabem

tudo a respeito das vyes, pelos livros; eu pensava a mesma coisa até deparar com uma em Oslo...

Cooper, então, deu uma explicação muito prática e objetiva de como localizar e tratar vyes. De acordo com o agente, luta justa não é o que elas querem. O objetivo da vye é apanhá-lo de surpresa, até mesmo confiante. A chave está em logo detectá-las; é muito menos provável uma vye atacar se ela achar que foi identificada. Na forma humana, os olhos das vyes freqüentemente lacrimejam e elas têm uma maneira sinuosa, indireta, de falar.

- As vezes gostam de pensar que são espertas - disse Cooper, sorrindo afetadamente. - Se calhar de conversar com uma vye, a verá usar metáforas violentas, brincando com a presa. Vire a mesa: introduza um enigma na conversa. As vyes adoram enigmas. Elas quase sempre acabam se distraíndo tentando resolver a charada. Os jogos sem solução são valiosos: diga que você está se candidatando a um emprego que exige experiência, mas que você não

pode adquirir experiência sem o emprego. Isso as deixa enlouquecidas. Um disco girando nas cabeças delas.

Ele fez uma pequena pausa, antes de prosseguir: - Não confiem apenas no estômago para identificar uma vye - aconselhou

Cooper. -Sei que essa é a dica que corre por aí, mas está errada e é arriscada. Algumas pessoas conseguem sentir uma vye numa batida do coração; alguma coisa dispara uma resposta em sua memória genética, e elas ficam sabendo que um predador está por perto. Outras pessoas não têm tanta sorte. Estejam alertas; lembrem-se de verificar os olhos e os padrões da fala. Também levem conta que as vyes quase sempre trabalham em dupla. Sempre suspeite de que há uma segunda vye quando identificar uma. Sempre! A que você vê pode estar apenas ocupada em distraí-lo. Se os dentes ou garras delas em algum momento lhe furarem a pele, você terá setenta e duas horas para arrumar o antídoto, ou corre risco de contaminação.

Jason Barrett, com ar muito sério, perguntou a Cooper qual a melhor forma de combater uma vye.

- Isso depende de você e da sua força -respondeu, pensativo. - Eu logo penso em usar faca, quando se trata de vyes. Mas isso seria arriscado para estudantes. Elas não se queimam com facilidade, mas é certo que não gostam de luz forte nem de muito frio. São velozes, mas não o suficiente para manterem o ritmo, caso vocês sejam bons amplificadores. Há muitas maneiras de dominar uma vye. Só é preciso descobrir o que funciona melhor para você.

- E como é que vamos fazer isso? - perguntou um terceiranista de aparência medrosa.

- Na Corrida - disse Cooper, cerrando os dentes. - Por minha recomendação, serão inseridas vyes nos cenários de treinamento de vocês.



\*~\* 15 \*~\*

### VISITANTES INESPERADOS

Nos dias que se seguiram à demonstração de Cooper no jantar, registrou-se uma queda brusca no uso da Corrida. Max, relutantemente, continuou com seus cenários, mas ainda lhe faltava deparar com uma vye. Na verdade, deparou foi com uma gozação sem fim da parte dos outros estudantes quando as histórias sobre a canção de Boca de Chaleira correram o campus.

Julia agora o evitava sempre que podia. Quando seus caminhos se cruzavam, ela murmurava "Oi" e saía, apressada, geralmente ladeada por uma falange protetora de amigas. O jantar e a dança do Valentine's Day vieram e se foram sem o comparecimento de Max. O único consolo foi o relato de que

Mamãe caçou Connor a noite toda, alegando que ele ainda lhe devia um encontro desde o Halloween.

Max tirou Julia da cabeça, no entanto, ao correr com Rolf e Sarah pelo atalho lamacento para o Ferreirinho. Estavam no meio de março, e batia um

vento ligeiro, úmido, enquanto a Rowan se sacudia dos vestígios do inverno. Pequenos brotos apareciam nos galhos, folhas de capim despontavam no solo e o céu produzia comboios de nuvens tingidas de cor-de-rosa. O trio apertou o passo quando o Velho Tom badalou cinco horas.

A turma deles vinha experimentando cenários mais complexos em equipes, e os três queriam completar um antes do jantar. Três outros primeiranistas acabavam de marcar a melhor nota - trinta e um -, num cenário de Nível Três que exigia que rastreassem e capturassem um filhote dourado de corça. Para complicar as coisas, o cenário também oferecia adversários: um bando de malignos espíritos do atraso que atacavam em enxames, agarrando-se às pernas da pessoa até a vítima ser derrubada e atada com raízes de árvores.

Sarah digitou o código de segurança, e eles entraram no prédio. Momentos depois, Max sentia seu costumeiro mal-estar de ansiedade enquanto o elevador se abria diante das familiares paredes de granito da sala de troféus da Corrida. As recomendações de Sarah vieram numa torrente:

- Não se esqueçam: a comunicação é a chave - disse ela. - A nossa meta é usar a luz do sol para afugentar a corça até a clareira central, e lá será o nosso ponto de convergência, para pegá-la. Rolf, você acampa na clareira; assim, pelo menos um de nós já fica por lá. Além disso, você é o melhor em hipnose. Max, você é capaz de amplificar quando quiser?

- Não - disse Max. - Mas estou melhorando. A srta. Boon está me dando aulas.

- Você pode tentar, durante o cenário? Talvez seja a nossa melhor chance de pegar a corça.

Max concordou, mas sentiu desconforto. Havia momentos em que temia que seu corpo simplesmente não conseguisse conter a energia que a amplificação gerava. Outros também temiam isso; a srta. Boon freqüentemente se mantinha a distância durante suas aulas, dando instruções a Max do outro lado da sala.

Enquanto esperavam pelo elevador, Max andou até uma pesada luva de

armadura, de malha de ferro, suspensa numa das vitrinas. Era uma luva enorme, forjada para uma mão duas vezes maior que a de Max. Seus anéis e placas estavam retorcidos e amassados. Fora a Luva de Beowulf, e junto a ela se encontravam gravados os nomes daqueles estudantes que haviam

demonstrado coragem excepcional. Os olhos de Max vagaram por sobre a lista, imaginando que feitos aqueles estudantes teriam realizado para merecer o prêmio. Virando a cabeça, olhou duas vezes. Ali no alto, em escrita de fogo, estava o nome Peter Varga.

Max piscou. De acordo com a sra. Richter, aquele era o nome verdadeiro de Ronin.

A voz de Sarah sussurrou:

-Venha, Max! O elevador chegou!

No Nível Três os painéis eram de casco de tartaruga, com efeitos criando a ilusão de profundidade em contraste com as portas prateadas planas. Sarah foi à porta três e digitou códigos no painel.

- Todo mundo preparado? - perguntou, batendo palmas de excitação. Com uma virada da maçaneta, entraram em outro mundo. De imediato, Max notou aromas diferentes: madeira envernizada e metal

havam sido substituídos por musgo, terra e pinheiros. Seus olhos se ajustaram rapidamente à luz enquanto examinava o céu profundo e avaliava a distância de uma campina de capim alto e moitas baixas limitada por uma sebe de floresta. Os últimos raios do sol brilhavam, cor de laranja, pelos intervalos entre as árvores a oeste. Um movimento captou seu olho; veados pastavam na campina, mas não se avistava um dourado - aquele que seria a presa deles.

- Rolf, tome posição perto daquelas moitas do centro - disse Sarah, com urgência na voz - Fique abaixado e escolha um atalho contra o vento em relação àqueles veados. O Max e eu vamos nos separar e ir em direções opostas, dando a voltana floresta. Lembre-se do que o sr. Watanabe disse: devagar e sempre. As nossas chances são melhores na primeira tentativa, então, tentem aproveitá-las bem!

Concordando, Max deslizou floresta adentro, tomando a trilha e evitando rebentos e galhos. Movia-se com rapidez. O sol se punha, e sua luz seria valiosa para localizar o pelo dourado do alvo. Apesar de o ar estar frio, formou-se suor na testa de Max enquanto ele esquadrihava a floresta, procurando os reflexos

dos olhos dos espíritos do atraso. Por vezes, parava para tentar escutar algo, mas só ouvia o batimento do próprio coração e o zumbido dos mosquitos.

Subitamente, uma fonte de centelhas vermelhas entrou em erupção,

feito foguetes, acima das copas do bosque, do outro lado da campina ... Sarah estava tendo problemas! Max saiu correndo da floresta e disparou pela clareira. Os veados se espalharam, e Rolf se levantou de seu esconderijo.

- Fique escondido! - assobiou Max quando o ultrapassou, correndo, o corpo começando a se amplificar.

Segundos mais tarde, ele alcançava o outro lado; saltando sobre uma sebe baixa, entrou no bosque escuro.

Três horrendas criaturas verdes, com cabelo de limo e olhos amarelos de gato, agarravam-se às pernas de Sarah feito pequenas crianças teimosas, enquanto uma quarta lutava com suas mãos. Espíritos do atraso. Para alarme de Max, outra gangue de cinco apanhara uma raiz de árvore e, de forma mágica, tornava-a flexível como uma corda, com a qual a menina seria amarrada.

- Solas! - berrou ele, fazendo o movimento com a mão e enchendo a floresta de uma forte luz. Aos guinchos, os espíritos do atraso protegeram os olhos, permitindo que Sarah pulasse de lado e comesse a arrancar os outros de suas pernas.

Max se afastou num salto quando um espírito uivante veio atacá-lo. Agarrando-o pelo braço pequeno, jogou-o sobre os outros, que carregavam

a raiz. As pequenas criaturas foram arremessadas para o lado, deixando cair a raiz de árvore, que imediatamente recuperou seu estado rígido.

A essa altura, Sarah havia erguido um círculo baixo de chama vermelha em torno de si. Uma meia dúzia de espíritos do atraso reclamava, fuçando em volta, xingando, numa algaravia de vozes em tom alto. Com um grito, um tentou paralisar as chamas, mas só conseguiu tocar fogo na faixa que usava em torno dos quadris. A criatura caiu no chão enquanto diversas outras correram para abafar as labaredas.

Pelo canto do olho, Max avistou um brilho dourado. Observando a cena, inclinando a cabeça delicada, inquieto, lá estava o filhote dourado de corça.

- Sarah... no atalho! - falou ele, cerrando os dentes. - Ele está lá! Sarah

arriscou virar rapidamente a cabeça, exatamente na hora em que

erguia um sopro de chamas para atacar um espírito do atraso que, atrás dela, escapulia.

- Vá pegá-lo, Max! - arquejou ela. - Aqui a situação está sob controle. Corra!

Como se pressentisse a caça próxima, a corça agitou a cauda e disparou atalho abaixo. Com um salto predatório, Max foi atrás, os pés arrancando pedaços do solo e chutando cascas caídas de árvores. Apressando o passo, Max ignorou o ardor dos galhos a lhe chicotear o rosto. A corça dourada, porém, conseguia sempre pular à frente, mantendo-se fora de alcance.

"Jamais a pegarei assim", pensou Max. "Isto deve fazer parte do cenário... só velocidade não é suficiente para pegá-la. Ela está sempre no atalho... Eu tenho que sair dele!"

Virando à esquerda, ele deu um pulo, saindo na campina. Estimou o melhor ângulo para atravessar a clareira e interceptar a corça. Max correu velozmente, tentando fazer uso de qualquer abrigo disponível. Então, desacelerou até quase parar, deitou-se e, rastejando, atravessou um matagal, tornando a penetrar na floresta. Sorriu quando ouviu a batida macia de um trote descendo o atalho. Esquadrinhando em volta à procura de abrigo, Max saltou mais de metro do chão, trepando num galho grosso suspenso sobre a trilha. Um instante depois, estava empoleirado sobre o atalho como um gato grande deitado de tocaia.

Os passos que se aproximavam desaceleraram; alguma coisa agora estava se movimentando. Max conteve a respiração e enxugou o suor dos olhos. De viés, viu um vulto emergir das sombras, andando devagar. Era grande demais para ser a corça. Por um instante, Max ficou aborrecido, pensando que fosse Rolf, o qual teria abandonado seu posto. O aborrecimento, porém, cedeu lugar ao pânico quando a figura se aproximou, embaixo dele.

Foram as orelhas que desencadearam em Max a onda inicial de terror. A vye tinha orelhas de lobo, só que mais longas, que se mexeram, era

alerta, quando ela subitamente mudou o modo de andar e se levantou nas patas traseiras. Dando um passo rápido à direita, agachou-se para investigar as profundezas da moita escura. Então, parou. Cheirou o ar e virou a cabeçorra na direção de Max. O menino continha a respiração, lutando contra a necessidade de dar um grito, quando a vye deixou de lado a moita e se dirigiu rumo à árvore

de Max.

A vye era imensa: mais de dois metros e meio de comprimento de músculos, pelo sujo e força. Ela se aproximou. O alto da cabeça preta e cinza

da vye se encontrava a apenas um metro de distância quando parou na base da árvore. Sua cabeça estava inclinada; a respiração, arquejante, áspera e rápida. De repente, falou com voz de mulher, em tom calmo, com uma sugestão de brincadeira.

- Ele está com você, meu amor?

- Sim, meu amor.

A resposta foi sussurrada atrás de Max. Ele virou a cabeça num átimo e viu a cara e a mandíbula escancarada de uma segunda vye, a centímetros da dele.

Max gritou e soltou as mãos do galho. Começou a bater e a chutar garras que o renderiam e dentes que o romperiam.

Nada aconteceu. Grasnando, abriu os olhos e viu que estava esparramado no chão branco e liso da espaçosa sala de cenários. Rolf e Sarah o olhavam com uma mistura de choque e preocupação.

- O que aconteceu? - perguntou Rolf. - Deu algum defeito? - Não sei - disse Sarah. - Max, você pegou a corça? Max meneou a cabeça; seu peito subia com as batidas rápidas en

quanto o suor brotava pelo corpo. Ele respirou fundo, tremendo. - Havia vyes no cenário - disse.

Antes que Max pudesse terminar a sentença, a porta da sala se abriu. Nigel Bristow apareceu, ofegante e agitado.

- Temos visitas inesperadas, Max - foi logo dizendo. -O seu pai está no portão da frente com um outro homem, um tal de sr. Lukens. Pegue as suas coisas e venha depressa.

Na subida de elevador, Nigel lançou um olhar franco a Max. - Max, você sabia que o seu pai planejava fazer uma visita? - perguntou

Nigel.

- Não - respondeu Max, intrigado e, ao mesmo tempo, aterrorizado com a

notícia da chegada do pai.

Ao ver a expressão de Nigel, Max explodiu:

- Eu juro que não sabia, Nigel! Ele mencionou na última carta que tinha uma surpresa para o meu aniversário, semana que vem, mas eu pensei que fosse só um presente.

- Quem é esse sr. Lukens?

- É o patrão do meu pai - respondeu Max. - Dono da agência onde ele trabalha. Ai, meu Deus, Nigel! O que nós vamos fazer? Eu conheço o meu pai... Ele vai querer ver o meu quarto, conhecer meus amigos... tudo!

Nigel colocou uma mão tranquilizadora sobre seu ombro. - Relaxe, rapaz. Uma surpresa, sem dúvida, mas não é a primeira vez que

recebemos visitantes inesperados. Nós sabemos como manter as aparências - explicou Nigel, guiando Max por um caminho rápido que saía do Ferreirinho.

- No portão, o seu pai e o sr. Lukens receberam crachás de visitantes especiais que filtrarão a experiência deles. Em vez da Rowan que você conhece, eles serão testemunhas de uma escolinha preparatória de luxo. Tenha fé... esses crachás especiais são realmente maravilhosos.

- Se você está dizendo... - falou Max.

Uma onda súbita o inundou: seu pai estava ali! Seu pai, que não via fazia mais de seis meses, estava ali! E Max o veria a qualquer instante!

Um sorriso sugestivo cortou o rosto de Nigel. Parando abruptamente, ele cocou o queixo, como se ponderasse sobre uma questão difícil.

- A propósito, que nota você acha que tiraria naquele cenário? Max rolou os olhos e se pôs a trotar à frente, falando por sobre o ombro. - Não sei... um seis, talvez um sete...

- Hum. E o que acha da nota das vyes? - inquiriu Nigel, abafando uma risada.

- Oitenta? Um noventa, talvez? Sempre procure a segunda vye, Max! Sempre!

- Certo, certo - rousou Max. - Como se agora fosse possível esquecer! Vejo você lá!

Max correu na frente de Nigel rumo ao Presbitério, cujas janelas naquele momento brilhavam, claras e alegres.

Quando o menino abriu a porta, viu a figura montanhosa do pai no vestibulo, vestindo o casaco oliva de exército e fazendo gestos largos para o sr. Lukens, que estava bem-vestido, de sobretudo e chapéu. Uma grande caixa embrulhada como presente estava pousada no chão, e ambos os homens usavam crachás brancos com cordões finos pendurados no pescoço. Quando Max entrou, o sr. McDaniels, parando no meio da frase, virou-se.

- Ai está ele! - exclamou o pai, os olhos azuis tornando-se mais vivos. - Ai está o meu cara! Surpresa!

- Pai! - exclamou Max, sendo abruptamente içado meio metro do chão. - Epa! Você está ficando grande e forte demais para o seu velho levantar!

Bob, sou eu, ou Max cresceu uns dezoito centímetros desde agosto? - Pelo menos trinta centímetros - disse o sr. Lukens, levantando a ponta do

chapéu. - É bom ver você, Max. Feliz aniversário! Espero não ser um intruso. O seu pai foi muito gentil de me deixar vir para cá junto com ele, depois da viagem que fizemos a Boston. Mas a coisa mais engraçada foi tentar achar este lugar. Eu poderia jurar que não estava no mapa até que o seu pai o encontrou! Devo estar ficando velho.

Rindo abafado, ele tirou uma caixa preta fina do casaco. - Oi, sr. Lukens - disse Max, indo apertar a mão dele e receber o presente. -

É muito legal ver o senhor. Obrigado pelo presente. - Ah, não é nada - disse o sr. Lukens, com gesto de pouco caso. - Espero

que goste. É meio pessoal, então, você pode abrir em particular. Max concordou e guardou o embrulho no bolso. - Na verdade, temos que agradecer ao sr. Lukens por me deixar vir junto

com ele - desabafou o sr. McDaniels. - Ele me disse, umas semanas atrás, que eu iria à reunião. Foi idéia dele! Fiz o possível para não estragar a surpresa e dar um pulo aqui no seu aniversário!

Entrando silenciosamente no vestibulo, Nigel acenou de leve. - Pai - disse

Max, puxando o cotovelo do sr. McDaniels. - Este é o sr.

Bristow. Ele é...

- Funcionário do setor de admissões - interrompeu Nigel, apertando amigavelmente a mão do sr. McDaniels. - Tive o prazer de conhecê-lo no aeroporto.

- É claro, é claro - disse o sr. McDaniels, sacudindo a mão de Nigel. - Como eu poderia esquecer? Nigel, este é Bob Lukens... o chefe da minha agência. Aliás, se o senhor é do setor de admissões, é provavelmente o cara com quem o sr. Lukens quer falar. Ele tem uma sobrinha interessada em...

- Scott - interrompeu o sr. Lukens -, não vamos torturar o sr. Bristow ainda. Parece que o jantar foi servido. Talvez o Max possa nos levar para dar uma volta e depois cercamos o sr. Bristow, antes de ir pegar o nosso voo...

- Eu tive uma idéia - disse Nigel. - Permitam-me levá-los para jantar

e comemorar o aniversário do Max. Lá eu respondo de bom grado às perguntas de vocês. Max, por que não mostra o quarto ao seu pai enquanto eu faço uma excursão rápida com o sr. Lukens? Nos encontramos aqui de novo em vinte minutos?

- Perfeito - disse o sr. McDaniels, envolvendo Max com um braço. Levando a caixa embrulhada para presente, Max se pôs a subir a escada. Virando-se, viu Nigel conduzir o sr. Lukens a uma sala de visitas. O sr. Lukens sorria educadamente, acompanhando Max e o pai escada acima com os olhos.

- E então? - disse o sr. McDaniels, a cara brilhando por causa da subida. - Ficou surpreso de me ver? Acha que eu ia perder a sua iniciação na terrível adolescência?

- Estou muito feliz por estar aqui - disse Max, aliviado de encontrar vazio o corredor do terceiro andar. - Senti saudade de você. - Olhando o crachá do pai com expectativa, abriu a porta do quarto. - Bem, aqui está...

O pai deu um passo para entrar e ficou um instante em silêncio. Max congelou. A luz da lâmpada de leitura de David se refletia na cúpula de vidro onde Andrômeda se apagava no céu noturno. David, enrolado na cama, um grimoire aberto no colo, examinava atentamente uma grande pintura de Vermeer. Ele falou sem olhar para a porta.

- Oi. Como foi o cenário?

Max fechou os olhos e engoliu em seco.

- Hã... ótimo - disse Max. - Pai, este é o meu colega de quarto, David Menlo...

Menlo rapidamente virou a cabeça para olhar o sr. McDaniels, que, passando por Max, rindo, estendeu a mão. David se pôs a tossir muito enquanto enfiava o grimoire debaixo do travesseiro, alternando olhares de pânico em direção a Max ao pai deste.

- E um prazer conhecê-lo, sr. McDaniels - disse David, num pio. - Pode me chamar de Scott, David. Sr. McDaniels é o meu pai - disse ele,

amigável, esquadrinhando o quarto. - Bem, com certeza não dão muito espaço a vocês, mas acho que é bastante aconchegante! - resmungando consigo mesmo, o sr. McDaniels desceu os degraus para examinar uma fotografia

emoldurada da família, tirada antes de Bryn McDaniels ter desaparecido. David cutucou o ombro de Max.

- O que está acontecendo? - sussurrou David. - O seu pai está sabendo das coisas daqui?

- Tudo bem - murmurou Max. - Ele está usando um crachá de visitante que esconde tudo o que é esquisito. Por que você não foi jantar?

David encolheu os ombros.

- Fiquei envolvido com o livro... Não estava com fome. - Ouvi você dizer que não comeu? - falou o sr. McDaniels, esticando a

cabeça, debaixo da escada.

Ambos, Max e David, pularam.

- Hã... sim - disse David. - Mas posso comer qualquer coisa mais tarde... Geralmente deixam sobras na cozinha.

- Bobagem! Você vem comemorar o aniversário do Max conosco! - Ah, não se preocupe com isso - murmurou David. - Mas obrigado... - Bobagem, outra vez! - gritou o sr. McDaniels. - Desista, David. Ele arrasta você, se for preciso - disse Max, conclusivo. - É verdade! - afirmou o sr. McDaniels, dando um beijo

no alto da cabeça

de Max. - Ah, como é bom ver o meu menino aniversariante! Vamos desembulhar o seu presente e sair... O meu tanque de combustível está quase vazio.

Arrancou o papel aos punhados enquanto o sr. McDaniels ria antecipadamente, piscando um olho para David.

- Uau! E... hã... maravilhoso! - disse Max, querendo soar entusiasmado ao examinar a caixa. - Obrigado, pai!

- O que é? - perguntou David, inclinando-se à frente. - É um Beefmeister 2000! - grasnou o sr. McDaniels. - Vocês, meninos,

vão poder grelhar suas carnes favoritas e legumes aqui mesmo na escola! O pai de Max parecia inchado de orgulho.

- Oh, parece mesmo limpo - disse David, com boa vontade. Max fechou os olhos e esperou.

- Limpo? - exclamou o sr. McDaniels. - A Grande Muralha da China é limpa? O Grand Canyon? Eles não cometem o engano de subestimar o Beefmeister 2000! David, o que você diria se eu lhe contasse que este produto

pode dar conta de qualquer coisa que um esportista possa desejar? Qualquer coisa : bife, frango de rôtisserie , um delicado filé de salmão! E, com sua superfície patenteada Limpa-EZ, a limpeza não é só fácil; é divertida!

David arregalou os olhos. Lançou um olhar incrédulo a Max, que apenas deu de ombros.

- E não é só isso - disse o sr. McDaniels, dando uma piscada maliciosa. Ele tirou do bolso um envelope e o entregou a Max.

Rasgando-o, Max o abriu e leu o certificado que estava ali dentro. - Diz que duas vezes por mês vou receber uma remessa de carnes sortidas...

Obrigado de novo, pai.

- É um grande presente, sr. McDaniels - disse David, a mão estranhamente posicionada na frente do rosto. - Fantástico !

Para deixar David trocar de roupa, o sr. McDaniels se encaminhou de volta

ao vestibulo, mas o sr. Lukens e Nigel ainda não haviam retornado. Da escada, no fundo do grande saguão, ouvia-se o ruído do jantar.

- Vamos lá embaixo dar uma espiada, Max - disse o sr. McDaniels, dirigindo-se à escada. - Seria divertido conhecer mais alguns dos seus colegas!

- Hã... melhor não... O David vai estar aqui num minuto, e o sr. Lukens, também.

- Ora, vamos - retrucou o sr. McDaniels, já desaparecendo escada abaixo. Desesperado, Max mais uma vez procurou por Nigel, antes de correr atrás

do pai. Ficou imóvel ao pé da escada quando ouviu a voz do sr. McDaniels chamar:

- Srta. Aloha! Como vai?

Max fez a curva correndo, deparando com o pai em pé à mesa dos professores, apertando a mão de uma muito surpresa srta. Awolowo. Seu rosto largo brilhava enquanto supervisionava o grande salão de estudantes, que tinham parado de comer para olhar com espanto a inesperada invasão.

- Oi, todo mundo - trovejou o sr. McDaniels, com um aceno amigável. - Eu sou Scott McDaniels... pai de Max McDaniels!

A sala ficou em silêncio. Alguns estudantes acenaram, constrangidos. Max viu Alex Munoz se dobrar de rir a uma das mesas. Captando o olhar de Max, ele encheu as bochechas de ar, zombando da largura do rosto do sr. McDaniels. Anna e o garoto Sasha ficaram vermelhos e caíram na gargalhada.

Sem se deixar abater pelo silêncio, o sr. McDaniels andou para lá e para cá.

- Fazendo uma visita... vindo de Chicago - explicou, com seu bom humor costumeiro. - Está chegando o aniversário do Max. O grande treze!

Max sentiu centenas de olhos se desviarem do pai para ele. As orelhas queimando, fez que sim e puxou o pai pela manga. Subitamente, Nigel desceu a escada, acompanhado do sr. Lukens e de David.

- Imaginei que vocês pudessem ter escapado aqui para baixo - zangou-se Nigel, olhando o relógio. - Eu disse ao Alameda que íamos tentar chegar lá por volta das sete, então é melhor irmos andando.

Assim que Nigel terminou a sentença, o salão de jantar foi iluminado por um clarão de luz. Sorrindo, o sr. Lukens botou de volta no bolso uma pequena câmera.

- Tomada maravilhosa - explicou, ao ver Nigel franzir a testa. - A minha sobrinha vai adorar ter uma idéia da vida diária...

- Mando-lhe uns folhetos com prazer, sr. Lukens - disse Nigel, tenso. - Por favor, não tire mais nenhuma fotografia dos alunos; é ilegal fazer isso sem a permissão dos pais.

- É claro - respondeu o sr. Lukens. - Por favor, aceite as minhas sinceras desculpas.

- Desculpas aceitas - disse Nigel, pegando o sr. Lukens pelo braço e delicadamente encaminhando-o na direção da escada.

Quatro adultos desconhecidos aguardavam no vestibulo. Quando Max alcançou o topo da escada, a voz da sra. Richter chamou os recém-chegados do corredor que levava ao gabinete dela. Eles cumprimentaram Nigel de cabeça e passaram em fila pelo sr. Lukens, desaparecendo no corredor.

- Ora, pois bem - ironizou o sr. Lukens, como se falasse consigo mesmo. - Deve haver alguém muito importante lá embaixo, naquele corredor...

Enquanto Nigel segurava a porta para Max e David, outro clarão iluminou o vestibulo.

- Sr. Lukens - falou Nigel. - Não tínhamos combinado que não é permitido tirar fotos?

O sr. Lukens botou as mãos para o alto, numa posição defensiva.

- Pensei que a proibição se referisse aos estudantes. O senhor, com certeza, não se opõe a uma fotografia deste magnífico chateau. Nigel nada disse, mas Max viu uma veia se inchar em sua testa. O sr.

Lukens passou serelepe por ele e desceu a escada até a fonte.

O jantar se compôs de duas conversas, com o sr. McDaniels entretendo Max e David numa das extremidades da mesa e Nigel e o sr. Lukens ocupados na outra. O sr. McDaniels descrevia os muitos méritos dos doces crocantes para tomar com sopa da Irmãos Bedford a um David atento quando o sr. Lukens do

outro lado chamou.

- Scott, o sr. Bristow acaba de me perguntar o que é preciso para ser bem-sucedido na publicidade. O que você acha?

-É fácil - respondeu o sr. McDaniels às gargalhadas, limpando a boca antes de continuar. - Você tem que amar o seu cliente e amar os produtos dele! Sem isso, é apenas um emprego, e, se é apenas um emprego, você não terá sucesso. - Viva! - disse Nigel, levantando o copo. - Um brinde aos que fazem aquilo de que gostam... Como é que se diz? Se você ama o que faz, jamais trabalhará

na vida? Alguma coisa a acrescentar, sr. Lukens? O sr. Lukens fez uma pausa, lançando a Nigel um sorriso maldoso. Max

achou que ele parecia um menino pequeno apanhado numa mentira trivial. - Oh, acho que o Scott colocou da maneira certa - disse ele. - Um pouco

idealista, talvez. O meu lema é que a propaganda, para ter sucesso, requer que você choque o seu público... o pegue desprevenido e, hã... vá em cima daquela jugular... - O sr. Lukens sorriu, radiante. - Na maioria das vezes, você só tem uma chance de apanhá-lo; então, é melhor que seja para valer - acrescentou, em seguida olhando o relógio. - Meu Deus, já é essa hora? Scott, odeio ter que dizer isso, mas precisamos pegar o avião...

O sr. McDaniels olhou seu relógio e franziu a cara, ao mesmo tempo envolvendo Max com um braço.

- Acho que sim... - disse, baixinho, comendo uma última garfada de batata.

Nigel fez o sr. Lukens deixá-los ao portão, insistindo em que aquilo pouparia minutos preciosos para a viagem até o aeroporto. Todos saíram do carro e se despediram. Depois que Nigel pegou de volta os crachás de visitante, o sr. McDaniels abraçou Max longamente, com força, e sussurrou que não ia demorar muito para Max ir para casa.

Max acompanhou as luzes traseiras do automóvel encolherem até se transformarem em pequenos pontos vermelhos e, finalmente, desaparecerem. David ficou esperando pacientemente junto ao portão enquanto Nigel colocava uma das mãos sobre o ombro de Max.

- Feliz aniversário, Max - disse Nigel. - Fico muito contente de você ter estado com o seu pai, ainda que por apenas algumas horas. Agora, se não se importa, eu gostaria que me contasse tudo o que sabe a respeito do irreprimível

sr. Lukens.

- Eu não sei - disse Max, lutando contra o peso no coração. - Parece legal, me trouxe um presente.

O sorriso de Nigel tremeu.

- E eu posso saber o que era? - perguntou o recrutador. - Eu ainda não sei - respondeu Max, pegando a caixa fina no bolso. - Ele

me disse para abri-la em particular.

- Max - disse Nigel -, isso é definitivamente um pedido estranho. -Você se importa que eu dê uma olhada?

Max fez que não com a cabeça. Nigel tirou a caixa da mão dele e removeu o laço prateado. Um instante depois, Max viu um brilho de ouro, quando Nigel abriu com um estalo a tampa de veludo preto. Dentro se encontrava uma jóia de punhal, com cabo verde. Nigel o examinou um tempo e, então, seus olhos se arregalaram, aparentemente reconhecendo-o. O sangue lhe sumiu do rosto.

- Meu Deus... - murmurou, remexendo no bolso. - O que foi? - disse Max, quando Nigel sacou um telefone esguio e

freneticamente se pôs a digitar números.

Nigel levantou o dedo pedindo silêncio.

- Gabrielle? Nigel. Aborte a missão. Deus do céu. Aborte, aborte, aborte! Eu vou explicar tudo... tenho que ir!

- Nigel! - berrou Max, sentindo um pânico nauseante. - O que está acontecendo?

Nigel o ignorou e apertou outra tecla do telefone. - Aqui é Nigel Bristow, recrutador veterano. Interceptação de emergência

requerida de dois sujeitos num automóvel preto de aluguel dirigindo-se ao aeroporto de Logan. Os primeiros quatro caracteres da placa são DL42... Prioridade máxima! . Apreendam os dois sujeitos... Sejam cautelosos e não façam mal a eles!

- Nigel! - gritou Max, tentando tirar o telefone da mão do homem. Nigel

abraçou Max.

- Vai ficar tudo bem - disse ele, conduzindo Max para onde David estava, petrificado. - Mas temos que entrar já. Segurando o punhal com firmeza, Nigel os levou na direção do Presbitério, os passos espalhando cascalho molhado enquanto corriam.



\*~\* 16 \*~\*

### NOVO RESIDENTE EM ROWAN

Max andava para lá e para cá junto à fonte, ignorando as súplicas da srta. Awolowo para que se sentasse. Nas últimas duas horas, sentado em silêncio, David corria os dedos pela neblina que subia da fonte, como pequenos espectros. Um assassino de corvos levantou voo do bosque escuro junto ao portão pouco antes de Max ver os faróis surgirem na clareira. Uma limusine vinha devagar pela estrada que costeava o mar. Max manteve os olhos fixos no carro que se aproximava, mesmo quando notou Nigel descer os degraus da frente do Presbitério.

- Max, por favor, me escute - disse o recrutador. - O seu pai está naquele carro, mas...

O menino saiu correndo na direção do automóvel quando este ainda se virava para ir até eles. Bateu com a mão nas janelas pretas, mas o carro não

desacelerou enquanto não chegou, afinal, à fonte. Impotente, Nigel se meteu entre Max e o carro.

- Max, por favor, deixe que façam o trabalho deles - suplicou. As portas traseiras da limusine se abriram, e um homem e uma mulher

desconhecidos saíram, seguidos de Cooper. Max olhou pela porta aberta e viu seu pai deitado, mole, imóvel, no interior. As mãos de Max tremiam incontrolavelmente.

- Você! - gritou a Cooper, querendo passar por Nigel e alcançar o agente. - O que foi que você fez com ele?

Cooper ignorou Max e fez um gesto aos companheiros para que tirassem do carro o sr. McDaniels. Max sentiu as mãos de Nigel lhe segurando os ombros.

- Max - implorou Nigel -, tudo vai ficar bem... Max empurrou Nigel de lado e correu até Cooper.

O outro homem viu Max vindo e se deslocou para interceptá-lo. Max reagiu, encolhendo-se quando os braços do homem se estenderam, dando-lhe, depois, um soco forte nas costelas. Cooper rapidamente deu a volta no carro, colocando-se entre ele e Max; enquanto isso, a mulher foi segurar os punhos de Max. Este, muito rápido, fugiu de seu alcance e pulou para o teto da limusine. Cooper calmamente recuou na direção da fonte, o rosto composto e sem medo. Mas Max estava determinado a alterar aquilo.

Ele saltou.

Cooper permaneceu imóvel enquanto Max se precipitava no ar. De repente, o agente desapareceu atrás de uma parede de água, porque a fonte repentinamente se esvaziara com o fim de formar uma cúpula protetora em torno dele. Max soltou um grito ao pousar sobre ela. Deu patadas furiosas na superfície estranhamente dura, embora fervilhante, para alcançar a figura de sombra ondulante por trás. A água à sua frente começou a silvar e soltar vapor, cedendo. Max abriu um espaço e tentou, à força, introduzir sua cabeça e seu braço.

Cooper botou uma faca embainhada no pescoço de Max. - Opção pobre - sussurrou o agente.

De repente, Cooper cerrou os dentes, e a faca lhe escapou das mãos. Boquiaberto, caiu de joelhos, encolhendo-se no chão como uma lata de

alumínio sendo esmagada por mãos invisíveis. Max foi posto delicadamente em pé por alguma força invisível enquanto a barreira se dissolvia, suas águas correndo-lhe por sobre os sapatos para de novo encher a fonte.

Max viu David em pé na beirada da fonte com uma expressão mortalmente séria, concentrado no corpo imóvel de Cooper. Uma multidão se formara na escada frontal do Presbitério, e a srta. Awolowo fazia o que podia para colocar todo mundo de novo para dentro.

Max correu até o pai.

Nigel e a mulher seguravam o sr. McDaniels; o homem que Max socara estava encostado na limusine, segurando o quadril e respirando mal.

- O seu pai está ótimo, Max - grunhiu Nigel, com esforço, debaixo do peso do sr. McDaniels. - Inconsciente, mas ótimo. Ajude-nos, vamos levá-lo para um quarto de hóspedes.

Ignorando olhares e murmúrios, Max ajudou a carregar o pai para dentro.

---

No dia seguinte, Scott McDaniels dormia, deitado numa cama de dossel, usando uma das enormes camisas de flanela de Bob; ela cobria seu corpo volumoso como se fosse uma camisola. Max colocou um pano molhado fresco sobre a testa do pai.

- Está se sentindo melhor, pai?

O pai sorriu e apertou a mão de Max.

- Um pouquinho - disse ele. - Me dê só ura minuto. Max se sentou a uma pequena escrivaninha e olhou o pomar, embaixo, do

lado de fora da janela com cortinas brancas. Uma série de quartanistas caminhava pelo atalho, rindo.

- Quer que eu feche a janela? - perguntou Max. - Na... - ele disse. - A brisa está gostosa.

Max dava tapinhas no joelho, acompanhando o torso de mamute do pai se

expandir em tomadas de ar lentas, medidas. Virando-se, examinou os tapetes de palha trançada, os móveis de madeira escura e vime com macias almofadas

verdes. Levantando-se, o menino foi explorar o banheiro particular de pedra fria e torneiras prateadas. A voz de seu pai trovejou, afinal, do outro cômodo.

- O quê? - falou Max, enfiando a cabeça pelo canto. O sr. McDaniels estava agora sentado; o pano úmido caíra no chão.

- O museu - murmurou ele. - O Instituto de Arte. No aniversário da mamãe. Você não estava mentindo para mim, não é?

- Não - disse Max, sentando-se na cama junto ao pai e apanhando o pano do chão. - Foi nesse dia que tudo começou, eu acho. Foi nesse dia que encontrei aquela sala e vi aquilo.

- Aquilo o quê?

- A tapeçaria. Foi a minha visão... Foi o que fez o pessoal daqui saber de mim.

- Eu não fazia idéia - resmungou o sr. McDaniels, meneando a cabeça e olhando em volta do quarto. - Não fazia idéia de que algo assim existisse, muito menos que meu filho fizesse parte disso...

Ouviu-se uma leve batida na porta, e Max foi abri-la. Mamãe se precipitou porta adentro, carregando uma bandeja de torrada e chá.

- Eu vim assim que me permitiram - disse ela, arquejando. - Oh, coitadinhos de vocês! Deixe Mamãe cuidar do homem grande legal.

Acomodando a bandeja na cama, Mamãe conteve o riso e dançou uma pequena giga animada para o sr. McDaniels - que ficou sem fala, contra a parede. Max rapidamente se meteu entre seu pai e a bruxa. Mamãe se pôs a acariciar a mão de Max e cantarolar, contente, como se zumbisse, mas seu olho de crocodilo permanecia fixo em Scott McDaniels.

- Mamãe - disse Max, com firmeza. - Eu gostaria de lhe apresentar o meu pai, Scott McDaniels.

- Oh, que prazer imenso! - exclamou a bruxa, usando a apresentação como pretexto para tentar furar um túnel e passar por Max.

- E - disse Max, bloqueando-lhe passagem -, como ele é um hóspede e não

uma comida, eu gostaria que você o cheirasse. Agora.

Max ignorou o grunhido do pai e se concentrou em Mamãe, que

recuou, aparentemente chocada e embaraçada. Ela olhou em pânico para o sr. McDaniels e, depois, para Max; em seguida riu, indulgente.

- O seu filho, Max, é um belo de um provocador - disse, levantando o dedo. - Ele esquece que Mamãe é uma bruxa aposentada. Com certeza não há nenhuma necessidade de um primitivo ritual de cheiro, não acha?

- É necessário, Mamãe, e você vai fazer isso, senão eu vou buscar um instrutor.

Mamãe riu da exigência de Max com uma indiferença educada. - Gostaria de dar um passeio até a cozinha, senhor? - perguntou ela com

doçura. - Há um banquete e tanto reservado para o jantar desta noite. - Mamãe! - falou Max, depressa. - Você o cheire agora mesmo, senão vou

buscar o David.

Mamãe soltou um grito e lançou um olhar a Max. - Você não faria isso!

- Faria - insistiu Max. - Ele não demoraria nem dois minutos. - Ah, essas nossas brincadeiras bobas!

Ela revirou os olhos, as pálpebras semicerradas, para o sr. McDaniels. - Se o seu filho e eu não estivéssemos namorando, eu jamais agüentaria

isso...

- Mamãe!

- Está bem! - rugiu ela, ultrapassando Max para segurar o pulso do sr. McDaniels na mão carnuda.

O pai de Max deu um grito assustado, quase subindo pela parede atrás de si.

- Está se mexendo demais! - rosnou ela por sobre o ombro. - Assim não dá para eu trabalhar!

- Pode deixar, pai - assegurou-lhe Max. - Isso termina num segundo. Fechando os olhos, o sr. McDaniels parou de lutar e deixou a criatura

gorducha, de aparência feroz, apertar e beliscar seu braço para, em seguida, correr as narinas trêmulas por sua extensão.

- Concluído! - exclamou ela, jogando o braço dele de lado. - E é de dar pena também!

A bruxa olhou da cabeça aos pés o sr. McDaniels, meneando a cabeça de maneira triste antes de sair se pavoneando e batendo a porta. - Oh, meu Deus! - murmurou o sr. McDaniels, grossas gotas de suor descendo pela testa.

- Essa é a parte difícil - prometeu Max. - Agora que ela cheirou você, você está seguro.

O sr. McDaniels não respondeu; apenas olhou a enorme camisa de flanela que vestia, as mangas cortadas pela metade para ficarem de um comprimento adequado.

- A quem pertence isto? - perguntou devagar o sr. McDaniels. - Ao Bob. É o nosso outro cozinheiro... Também temos que ir vê-lo. - Eu preciso ficar deitado - murmurou o sr. McDaniels, tornando a puxar as cobertas e se enfiando debaixo delas. - Vejo o Bob mais tarde. Ouvia-se outra batida leve. Aborrecido, Max foi até a porta e a abriu num

arranco.

- Mamãe... - Max foi logo dizendo. Cooper estava em pé do lado de fora.

- A diretora quer falar com você - disse ele, baixinho. Max fitou as cicatrizes do homem e as manchas dispersas de cabelo louro claro, visíveis agora que Cooper tirara o gorro. Olhando de novo para o pai, Max viu que ele continuava deitado com o pano molhado outra vez sobre os olhos.

- Não sei se devo deixá-lo aqui sozinho... - disse Max. Cooper concordou, aparentemente compreendendo. - Eu olho ele - ofereceu-se o agente, pigarreando e voltando os olhos para

Max. - Ou posso ir buscar outra...

- Não - disse Max, olhando firme para Cooper. - Não, eu prefiro que seja você.

A expressão de granito de Cooper se suavizou. Baixando a cabeça em reverência, ele fechou a porta silenciosamente e se postou do lado de fora quando Max deixou a ala dos hóspedes para se dirigir ao gabinete da sra. Richter.

David já estava esperando quando ele chegou lá, junto com Nigel. O punhal que o sr. Lukens dera a Max estava pousado na escrivaninha da diretora.

- Como está o seu pai? - perguntou a sra. Richter, fazendo sinal para

Max tomar um assento.

- Melhorando - disse Max em voz baixa. - Seu rosto começou a ficar vermelho. - Como está aquele homem? O homem em quem bati...

- Três costelas quebradas - disse Nigel. - Felizmente, estava usando nanomalha... Sorte a minha ele estar daquele lado, e não eu.

- Lamento - disse Max, desviando o olhar.

- Você precisa controlar esse seu temperamento, Max - disse a sra. Richter, examinando o punhal. - Mas, tirando as costelas quebradas, nós tivemos muita sorte ontem à noite. Max, você sabe alguma coisa a respeito desse punhal?

O menino fez que não com a cabeça.

- É a réplica de um punhal famoso. O Punhal de Topkapi, dado de presente ao xá da Pérsia. Foi uma sorte para nós Nigel tê-lo reconhecido - explicou a sra. Richter.

Max escutou atentamente, certo de já ter ouvido a palavra "Topkapi". Virou-se no assento e olhou para o mapa digital da diretora, que estava

ativado, brilhando, na parede oposta. O mapa mostrava a cidade de Istambul; os códigos de números indicando missões individuais formavam um amplo perímetro em torno de uma área em particular da cidade.

- O Palácio de Topkapi - murmurou ele. - A senhora disse que era aí que poderiam estar os Potenciais desaparecidos.

- Isso mesmo - disse a sra. Richter, olhando para David. - Foi uma armadilha. O sr. Lukens está a serviço do Inimigo. Pelo jeito, não resistiu a fazer uma brincadeira, que achou que passaria despercebida até ser tarde demais.

- Onde ele está? - perguntou Max.

- Escapou - disse. - Outros vieram ajudá-lo, e nós poderíamos ter colocado seu pai em perigo se insistíssemos no caso.

- O sr. Lukens é uma vye? - perguntou Max.

- Não, Max - disse a sra. Richter. - Ele não é uma vye; é apenas um homem a serviço do Inimigo. Um de muitos, lamento dizer. As promessas do Inimigo são muito tentadoras... - A diretora colocou o punhal de volta no estojo e o fechou com um estalo. - A arrogância do sr. Lukens salvou muitas vidas - continuou ela, em voz baixa. - Mas a nossa pequena vitória tem implicações

perturbadoras. O Inimigo sabia precisamente quando e onde o nosso pessoal ia atacar.

Seus olhos se fixaram nos de Max.

- Eu já informei o David. Nenhum de vocês poderá ficar sozinho com qualquer membro do professorado ou do pessoal veterano, com exceção de mim, do Nigel e da srta. Awolowo. Caso qualquer coisa suspeita aconteça, vocês têm que ativar imediatamente o relógio de segurança. Têm que manter esse relógio com vocês o tempo todo. Está entendido?

Max franziu as sobrancelhas.

- E as minhas aulas de Amplificação com a srta. Boon? - perguntou. A sra. Richter concordou.

- Vão continuar... O Cooper ou eu também participaremos. Agora, sei que vocês têm provas de meio de semestre nesta semana. Sugiro que vocês dois estudem um pouco enquanto o sr. McDaniels está descansando.

David se levantou e se dirigiu à porta, mas Max se demorou para fazer uma pergunta.

- Sra. Richter, o que vai acontecer com o meu pai? - perguntou, em voz baixa.

A diretora olhava pela janela, massageando as mãos. Ela se virou e sorriu para Max.

- Ele é bem-vindo aqui, é claro. A Rowan será a casa dele. Max quase derrubou os retratos da parede ao correr de volta para o quarto

do pai, explodindo com a melhor notícia que tivera em meses. Uma semana

depois, porém, sua alegria estava esquecida: esfregando as

têmporas, Max fitava a última questão do folheto da prova. Ela o fitava de volta em pequenas letras pretas.

50. Priorize os seguintes componentes estratégicos de acordo com sua importância no cenário descrito acima.

- Posição
- Recursos
- Iniciativa
- Flexibilidade
- Informação

Suspirando, Max olhou pela janela; um grupo de estudantes mais velhos

jogava discos que subiam com os pés de vento restantes da tempestade do dia anterior. O sol de início de tarde adulava matizes radiantes do terreno, enquanto o campus de Rowan florescia rapidamente com a primavera. Max olhou a limpa extensão de gramado esmeralda e os atalhos fervilhando de narcisos, tulipas, lírios do Peru e campainhas espanholas, desejando estar lá. O Kestrel balançava num mar de cobalto brilhante.

Além dele, apenas Cynthia permanecia na sala. O sr. Watanabe já começara a corrigir as provas de meio de semestre; sua caneta disparava pelas páginas como o rolo de uma máquina de escrever.

- Um minuto mais - murmurou o sr. Watanabe. O instrutor sorriu para Max e voltou às provas prontas. Cynthia repassou

as folhas de seu teste com uma expressão revoltada. Com uns poucos riscos desalentados de seu lápis, Max atribuiu números ao acaso aos espaços em branco antes de entregar o exame.

Connor e David esperavam na escada do Velho Tom, conversando sob o sol claro.

- Então? - perguntou Connor, com um sorriso de expectativa. - Mal - disse Max, levantando mais a mochila ao ombro. - Como vocês

foram, caras?

- Eu passei no grito - admitiu Connor. - Colei do David. Nojento, mas... Cheio de respostas corretas com pequenas notas laterais questionando as hipóteses de Watanabe.

David deu de ombros, com ar sonolento.

- Seja o que tiver que ser - disse Max, sorrindo. - Vamos esquecer esse teste. Os exames de meio de semestre terminaram e nós vamos sair do campus!

- Oba! - Connor fez algazarra, jogando sua bolsa de lado e saltando para interceptar um disco que deslizava por sobre a grama ali perto. Apanhando-o com destreza numa das mãos, torceu-se para lançá-lo a uma menina do quarto ano, à espera. Sem querer, porém, jogou-o longe demais, além da escarpa, na praia, embaixo.

- Desculpe! - berrou, retraindo-se sob a descarga verbal quando galopou de volta, timidamente, para apanhar sua bolsa.

Os três caminharam na direção da fonte para se reunir aos seus colegas de classe.

Cynthia chegou, afinal, e os primeiranistas saíram rumo à aldeia de Rowan. O sr. Vincenti, a srta. Boon e diversos outros alunos e adultos foram junto. Max se concentrou num em particular - seu pai, que lentamente se adaptava à vida na Rowan e viera se encontrar com eles. Iam juntos, sorrindo dos comentários de Connor sobre as pessoas e os locais por que passavam. Connor se deu ao trabalho de particularmente apontar uma estudante que perturbava a srta. Boon por causa do exame de Mística.

- E aquela, aquela lá... a Lúcia. Italiana. Fogosa. Praticamente me atacou com os lábios quando o Boca de Chaleira, a criatura sob responsabilidade dela, começou a cantar, em fevereiro passado. Ela diz que foi o sapo, mas eu digo que a química...

- O senhor pode julgar por si mesmo, sr. McDaniels - disse David com um sorriso. - Tenho uma fotografia deles no meu computador. Na verdade, a uso como proteção de tela.

- Você disse que ia apagar aquilo! - protestou Connor, escarlate, lançando um olhar ao sr. McDaniels.

Max estava ansioso por mostrar a seu pai a aldeia de Rowan e intrigado com o fato de a sra. Richter ter decidido retomar as visitas acompanhadas - ainda que sob os protestos de muitos professores, inclusive um sr. Morrow recuperado e que não pedira desculpas. Embora a escola oferecesse infinitas possibilidades a serem exploradas, os estudantes tinham ficado confinados em seu território durante meses e estavam meio loucos por movimento.

Max e seus amigos deixaram as bolsas com uma pilha de outras ao pé da árvore em que o sr. Morrow gravara seu nome décadas antes. Depois, arrastaram o sr. McDaniels à pâtisserie de Babel, onde a vitrina mudara com as estações. Agora exibia arvorezinhas de chocolate branco cujos galhos continham ninhos de pássaros feitos de açúcar nos quais haviam sido depositados ovos de chocolate marmorizado. Atrás do balcão, o sr. Babel trabalhava numa magnífica catedral feita de tábuas de bolo de chocolate e telhas de chocolate.

Max olhava a vitrina enquanto o sr. Babel dava a volta para se

apresentar a Scott McDaniels. Assim que ouviu seu pai mudar para a "voz de vendedor", Max entendeu que teria algum tempo para escolher com calma entre as centenas de doces enfileirados na vitrina.

- Ah, não! Não faça isso! - bufou Sarah, tapando com a mão os olhos dele. - Só depois que você quebrar os recordes, semana que vem.

Max a olhou com ferocidade, de brincadeira. Suas notas em Treinamento e Jogos vinham se aproximando de diversos recordes da Rowan, e Sarah assumira o papel de sua treinadora não oficial. Ela piscou diante do olhar malvado de Max, em seguida limpando abruptamente as migalhas da boca.

- Vamos nos sentar lá fora - sugeriu ela, simpática, enquanto Connor e David compravam pacotes de coelhinhos de chocolate quebrados que estavam sendo vendidos com desconto.

- Chego lá fora num minuto - disse o sr. McDaniels, depois baixando a voz. - Você acredita que ele nunca ouviu falar dos tarecos crocantes para tomar com sopa da Irmãos Bedford?

- Pai, eles não são mais seus clientes.

- Eu sei, eu sei - disse o sr. McDaniels, dando de ombros com um sorriso triste. - Isso não quer dizer que não seja um produto de qualidade...

Max soltou um suspiro aliviado quando o pai começou a conversa com o

sr. Babel; foi o primeiro sinal real de que o sr. McDaniels estava se recuperando das muitas surpresas da semana anterior.

Os estudantes saíram; fora, sentada num banco de parque, a srta. Boon escrevia febrilmente seu diário. Ao vê-los passar, fez um sinal de cabeça. Eles se reuniram junto à árvore em que haviam deixado as bolsas. Diversos primeiranistas a escalaram, pondo-se a balançar as pernas sobre os galhos grossos. Rolf, de um galho a uns cinco metros de altura, chamou Max.

- Você consegue pular até aqui em cima?

- Acho que sim - disse Max, olhando de lá a srta. Boon, o rosto mergulhado no livro.

- Nenhum adulto está olhando - disse Rolf, espiando através do verde. - Venha, vai ser um bom treino para o Renard.

Rolf começou a contar; Max tensionou as pernas e se preparou para

saltar. Antes, porém, de Rolf dizer três, tiraram a concentração de Max. Alex Muñoz e meia dúzia de segundanistas chegavam ali.

- Está se mostrando, Max? - inquiriu Alex, inocentemente. - Ninguém chamou você aqui - disse Sarah.

- Ainda está gamada por esse menino? - zombou Alex, incrédulo. - É melhor tirar isso do sistema antes que o entulhe, feito o papai. - Alex sorriu, olhando fixo para Max, que enrubescceu. - A Anna acha que o papai vai ter um ataque cardíaco este ano, mas eu dou dois - continuou Alex. Em seguida, encheu as bochechas de ar e passou a mão na barriga, imitando o sr. McDaniels, enquanto Anna e Sasha abafavam o riso. As mãos de Max começaram a tremer.

- Não! - sussurrou David.

A propósito, cadê o papai? - perguntou Alex, exatamente quando se ouviu a gargalhada de trovão vinda da pâtissene. - Oh, meu Deus! - disse ele, rindo. - Está lá dentro comendo chocolate! Perfeito demais isso... acho que a Anna tem razão...

Anna e Alex escarneceram; Max sentiu a mão pequena de David lhe segurar o suéter do colégio. Connor saltou de um galho e se meteu entre Max e Alex.

- Só por curiosidade, Munoz... o que você tem contra o Max? - inquiriu

Connor. - É porque ele acabou com você no último outono? Ou foi a corrida em círculos em torno de você na frente dos ex-alunos no Halloween? É isso?

- Cale a boca, Lynch! - cuspiu Alex.

- Ou quem sabe - prosseguiu Connor, o dedo no nariz de Alex, enquanto a voz se reduzia a um sussurro - seja porque o Max vai quebrar todos os recordes na semana que vem, enquanto você não é conhecido por coisa alguma aqui que não seja o mau caráter?

Alex ficou em silêncio um momento, um olhar assassino na cara. Seu lábio tremeu; parecia dispensar toda a sua energia no esforço de alcançar e estrangular Connor. Mas, então, uma calma fria tomou a expressão do segundanista, que relampejou um sorriso malévolos por sobre o ombro de Connor, diretamente a Max.

- O Connor, com certeza, é um cara sábio - disse Alex.

- Um cara assim devia ter a língua cortada. Quem sabe? Talvez um

dia... Mas ele está certo num ponto. Talvez eu [i] esteja[/i] com inveja. Você acha que é capaz de alcançar aquele galho mais depressa do que eu?

Max o encarou ferozmente e tornou a olhar para o galho. - Não há a menor dúvida, e você sabe disso - disse ele. - Pois então me prove isso - admoestou Alex. - Ponha-me no meu lugar. - Você não tem que provar nada, Max - alertou David. - Ele está

planejando alguma coisa.

- Ande, Max - incitou Alex. - Você acabou de dizer que não tem dúvida. Prove!

- Beleza - disse Max. - Quando a Sarah contar até três. - Ela consegue contar tanto? - zombou Alex, empurrando Connor para

passar e se posicionando próximo a Max ao pé da árvore. Sarah ignorou o insulto, preferindo afastar todo mundo uns metros da

árvore. A adrenalina de Max subiu quando a menina começou a contar. Quando chegou ao "três", Max se agachou para saltar, mas Alex pisou seu pé inesperadamente, prendendo Max no chão. Agarrando por trás a cabeça de Max, Alex bateu com a cara do rival no tronco da árvore e, trepando-lhe nas costas, deu um salto maluco de seus ombros.

Max cambaleou para trás, com a mão na testa, que queimava feito fogo. Alex, pendurado no galho pelas pontas dos dedos, gargalhava loucamente, ignorando os gritos furiosos das outras crianças.

- Está vendo? - crocitou. - Alcancei o galho primeiro! O Muñoz venceu! Numa convulsão repentina, Max saltou para o galho. Antes de Alex poder

se mexer, Max o apanhara pela camisa e, com um braço, balançava-o acima do chão. Alex lutava e se contorcia impotente, preso.

- Meninos!

A voz parecia distante, sem importância. Max concentrou a atenção no valentão, que ele segurava feito uma boneca de pano. Alex parará de se contorcer e olhava Max com uma mistura de choque e medo.

- Meninos!

Era a srta. Boon aos gritos furiosos, roucos, do outro lado da praça. A instrutora de Mística veio muito depressa em direção a eles, o rosto lívido de

raiva. As outras crianças abriram caminho. Chegando ao pé da árvore, a instrutora cruzou os braços e olhou para cima com ferocidade.

- Max McDaniels! Puxe o sr. Muñoz para cima desse galho. E desçam os dois, já! Neste instante!

Relutante, Max puxou Alex de volta para a árvore, permitindo que o secundanista se agarrasse ao tronco. Respirando com dificuldade, Alex murmurou "viado", cerrando os dentes, e correu para um galho mais baixo e deste para o chão. Max desceu um momento depois.

A srta. Boon avançou com o dedo para os dois meninos. - Brigando? Ostentando as habilidades fora do campus! Que diabo possuiu

vocês para agirem assim, dessa forma idiota? Sabem o que poderia acontecer se fossem vistos? Nem pararam para pensar que poderiam ser vistos?

A srta. Boon olhava um rosto e o outro, a raiva lentamente dando lugar a uma calma fria.

- Ele tentou me matar - acusou Alex. - A senhora viu! - Fique quieto, sr. Munoz. Não preciso de uma bola de cristal para ver que

o seu estado tem algo a ver com o galo sangrando na testa do sr. McDaniels. Algum de vocês tem alguma coisa sensata a dizer em sua própria defesa?

- Eu lamento - disse Max, baixinho. Ele nunca tinha visto a srta. Boon tão brava.

- Lamentar não basta! Isto vai resultar numa punição séria... Nesse exato momento ouviram o grito frenético de um homem pedindo socorro. A srta. Boon manteve os olhos fixos nos meninos um momento mais, antes de virar a cabeça na direção da pâtisserie. O pai de Max e o sr. Babel vieram rolando para fora. Um segundo depois, uma onda de chocolate derretido passou pela porta e se derramou pela calçada.

- Socorro! - tornou a gritar o sr. Babel.

A srta. Boon e as crianças correram para lá exatamente quando a catedral quase acabada deslizou porta afora e foi engolida num borbotão de chocolate.

- O que aconteceu? - exclamou a srta. Boon, examinando a rua à procura de turistas.

Vários estudantes mais velhos e professores acorreram do café e da pizzaria, inclusive o sr. Vincenti.

- Eu não sei - disse o sr. Babel, ofegante, dando pancadas no batente da porta, tentando sem sucesso estancar com o corpo o fluxo de chocolate. Ele grunhia enquanto as arvorezinhas de chocolate branco deslizavam e também começavam a afundar.

- Eu nem consigo imaginar de onde veio todo este chocolate! - A costa está limpa, José? - perguntou a srta. Boon. - Acho que sim, Hazel - respondeu o sr. Vincenti, a arquejar, confiscando

uma xícara de café de um terceiranista que intencionalmente a enchia de chocolate.

Ele entregou a xícara ao sr. McDaniels, que examinou cuidadosamente seu conteúdo.

A srta. Boon olhou demoradamente rua cima antes de levantar a mão e murmurar algumas palavras. O chocolate parou de se derramar pela rua e endureceu instantaneamente. Grandes rachaduras em linhas tortas

zigzaguearam por sobre sua superfície quando a massa virou um bloco sólido. O sr. Vincenti se inclinou à frente para ajudar o sr. Babel a se libertar do chocolate, arrancando um pedaço grande que revelou a catedral submersa. O sr. Babel gemeu ao avistar sua obra-prima arruinada.

- Alguma idéia do que aconteceu? - perguntou o conselheiro. - Nenhuma - arfou o sr. Babel. - Num minuto eu estava limpando as

serpentinas de soda, no seguinte eu estava até a cintura de chocolate. Será que algum estudante está por trás disso? Uma travessura provocada pelo espírito da primavera, quem sabe...

- Os estudantes mais velhos conseguiriam fazer isso - disse o sr. Vincenti, cismado.

- Não vamos deixar os mais novos de lado - interveio a srta. Boon, lançando um olhar faiscante a David. - Afinal, muitos deles estiveram na pâtisserie pouco tempo antes de isso acontecer.

- Eles não poderiam ter feito isso, Hazel - disse o sr. Vincenti, rindo e se servindo de uma pequena raspa de chocolate que arrancara com as chaves do carro.

- Você se engana, José - rosnou a srta. Boon. - Enfim, é hora de o sr. Muñoz e o sr. McDaniels pegarem as coisas deles e me acompanharem até o campus.

As bochechas de Max arderam quando os olhos do seu pai caíram sobre sua testa, que sangrava.

O sr. McDaniels franziu a cara e colocou a xícara de chocolate na calçada. Examinou a testa de Max.

- O que aconteceu, filho? - perguntou.

- Ele está ótimo, sr. McDaniels - disse Alex, sorrindo. - O senhor pode continuar curtindo o seu chocolate!

- Alex! - silvou a srta. Boon.

Ela se virou para o pai de Max.

- Scott, minhas desculpas, mas o Max vai ter que voltar ao campus agora. O comportamento dele hoje foi inaceitável. Eu não vou entrar em detalhes, mas...

- Pode me chamar de sr. McDaniels, senhorita - disse o pai de Max. A srta. Boon fez uma pausa, momentaneamente sem palavras. - Está tudo bem, pai - suplicou Max. - Vejo você na volta, no campus. Por

favor, fique aqui com o Connor e o David.

- É - disse Connor. - O David e eu temos um monte de coisas para lhe mostrar, sr. McDaniels.

- O sr. McDaniels olhou uma vez mais para Max antes de se voltar para Connor, concordando.

- Max e Alex se afastaram da multidão e caminharam até a árvore. Quando Max apanhou sua bolsa, notou um pedaço de papel dobrado saindo de um bolso com fecho. Ficou um passo atrás de Alex, que se arrastava em direção à srta. Boon, e desdobrou o bilhete.

Belo salto.

Volte pala o campus. Vá ao Chocalho.

ASSIM QUE POSSÍVEL.

Sozinho, examine o seu CORLC.

Ronin.

Max girou a cabeça, esperando ver o olho branco de Ronin preso

nele de trás de uma árvore ou do meio da multidão. Amassando o bilhete, Max deu mais uma olhada em volta e, em seguida, apressou-se para encontrar a srta. Boon e Alex, que esperavam.



\*~\* 17 \*~\*

### **O SABUJO DE ULSTER**

Só muito tempo depois do jantar Max conseguiu se desvencilhar dos colegas e ir, sozinho, à Biblioteca do Chocalho. Seu pai expressara desapontamento pelo fato de Max ter sido incapaz de evitar brigas em mais uma escola. Mas, para Max, a experiência teve implicações mais perturbadoras. Ele não decidira pular atrás de Alex e pegá-lo; aquilo simplesmente acontecera - de modo tão veloz e involuntário quanto uma piscada de olho ou um espirro.

Passando por um trio de estudantes mais velhos, Max subiu de dois em dois os degraus do Velho Tom. Nunca havia ido ao Chocalho, mas sabia que a maior parte dos estudantes e professores da Rowan evitava a biblioteca. Ocupando o

sótão do Velho Tom, a biblioteca devia sua impopularidade e seu apelido à localização: bem debaixo dos sinos da Rowan. As vigas, os livros e a mobília se sacudiam de hora em hora.

O sótão comprido, baixo, cheirava a pó e couro de livro; para Max,

parecia mais um cemitério de livros do que uma biblioteca em funcionamento. Junto à entrada, uma fina escada em espiral desaparecia numa sala escura no alto, que abrigava os mecanismos do relógio e os sinos do prédio. Max se deslocou depressa, passando por ela; o Velho Tom sempre lhe parecerá algo vivo, e alguma coisa no espaço escuro acima dele o deixava desassossegado.

Max se acomodou numa cadeira de madeira raquítica, a uma mesa comprida. Acendendo um abajur de mesa, espirrou ao escovar uma camada da poeira da mesa. Na cabeça de Max, havia pouca dúvida de que Ronin causara distração na pâtisserie com o fim de lhe passar a mensagem. O bilhete de Ronin era breve, mas relativamente claro; "CORIC" sem dúvida significava Compêndio de Rowan de Inimigos Conhecidos, que Max possuía. Abrindo a bolsa com desconfortável ansiedade, ele tirou o livro pesado, entre cujas páginas encontrou outra carta dobrada. Max abriu a carta e examinou sua escrita nervosa.

Caro Max,

Escrevo na maior urgência. O Inimigo começou uma grande obra. Os Potenciais desaparecidos são apenas uma parte dela. O Inimigo acredita que a Magia Antiga esteja de novo em meio a nossa Ordem, e isso assinala uma oportunidade de recuperar Astaroth. O Demônio não está morto, mas aprisionado numa pintura. O Inimigo acredita que já esteja de posse da coisa maldita. Muitas obras hoje expostas em museus foram forjadas por peritos – as pinturas roubadas nos jornais são apenas um recurso para distrair a atenção de Rowan de outros roubos não detectados. Há boatos de uma criança impai. Vyes previram a chegada dessa criança e precisam da ajuda dela para libertar o Demônio. Verificar a existência e a identidade dessa criança é de glande interesse pala eles. Max, o seu nome é conhecido e foi mencionado muitas vezes nos conselhos deles. Fique alerta. Existe pelo menos um traidor no meio de vocês. Rowan não está segura, estou por perto e observando. Procure por mim na Vigília de Brigit. (Queime esta carta)

Ronin

Max examinou a carta diversas vezes, decorando seus detalhes. "Vigília de

Brigit" era um mistério, mas boa parte da carta fazia sentido - um sentido sombrio e perturbador. Ele tinha que falar com David imediatamente. David estava trabalhando na hipótese de que as quatro pinturas que identificara ainda se encontravam penduradas, a salvo em seus respectivos museus, agora sob atenta vigilância. E David poderia muito bem ser a criança ímpar que o Inimigo procurava.

Ele amassou a carta na mão e a reduziu a cinzas com uma chama azul. No momento em que os olhos de Max acompanhavam um floco de cinza

que flutuava, a sala de repente balançou com o som ensurdecedor das badaladas do Velho Tom. Max tampou os ouvidos com as mãos e se inclinou à frente na cadeira, de olhos bem fechados. Seus tímpanos chocalharam e vibraram durante o que lhe pareceu ser uma eternidade até que os sinos pararam de bater as oito horas.

Abrindo os olhos, Max soltou um grito.

Não estava sozinho na biblioteca. A três metros de distância, ele viu a srta. Boon, em pé.

- Desculpe surpreendê-lo - disse ela. - Acredito que esta seja a sua primeira visita ao Chocalho... - Respirando fundo, a instrutora olhou em volta. - Eu também costumava vir aqui quando queria ficar sozinha.

Max concordou, enquanto o tilintar continuava em sua cabeça. - Uns estudantes disseram que viram você vindo nesta direção - explicou

ela, fazendo um gesto rumo à escada. - Eu espero não estar atrapalhando. Enrubescido, Max fechou sua mochila, levantando-se da mesa. - Não, mas eu já disse que lamento - disse ele, em voz baixa. Ela enrijeceu

os cantos da boca durante um momento; depois, relaxou, abrindo um sorriso. - Eu não estou aqui para discutir o seu comportamento à tarde. Por favor,

sente-se... Eu gostaria de conversar com você.

Com as mãos, de forma casual, Max limpou a mesa das cinzas da carta, enquanto a srta. Boon ocupava a cadeira do lado oposto a ele. De sua bolsa, ela tirou um livro grosso, encadernado em couro verde gasto. Desenhos celtas entrelaçados em ouro desbotado corriam ao longo das bordas. Folclore e heróis irlandeses era o título gravado na capa.

- O que é isso? - perguntou Max.

- Pergunta interessante - disse a srta. Boon, pensativa. - Eu, por acaso, penso que pode ser você.

Max olhou para a mesa. A srta. Boon se inclinou à frente, os olhos descombinados fixando os dele, enquanto levantava as mãos e murmurava uma palavra de comando. Instantaneamente o livro se abriu, passando suas páginas até parar na ilustração de um guerreiro de aparência firme, em pé numa carruagem. Tinha cabelo preto trançado e trazia presa às mãos uma lança farpada. Max leu em voz alta o título do capítulo: "Cúchulain: o Sabujo de Ulster". O nome lhe deu um arrepio na espinha.

- Não é "foco-chu-lain" - corrigiu a srta. Boon. - Koo- hull-in . Sim, Max, esta é exatamente a pessoa que eu esperava que você fosse pesquisar, no esforço de compreender melhor a sua visão. Você até aqui se recusou a procurá-lo, então ele veio procurar você.

Max não gostou do tom dela e olhou para seu relógio. - Os outros também estão fazendo pesquisa sobre suas visões? - perguntou

Max, querendo encurralá-la. - Porque eu já estou tendo dificuldade que chegue com os estudos. Não me vejo assumindo mais trabalho.

A srta. Boon olhou rapidamente para a escada e deu a Max um sorriso culpado.

- E bastante justo. Olhe, Max, eu na verdade estou lhe pedindo um favor. Quero compreender melhor a sua visão. Sei que ela tem alguma coisa a ver com a Invasão do Gado de Cooley. Mas preciso saber mais... Preciso saber exatamente o que você viu.

O estômago de Max se contraiu. Havia algo na ansiedade dela que o fez se lembrar da sra. Millen.

- Não tenho certeza - disse Max, mentindo. - É meio difícil lembrar. Por que é tão importante?

- Em geral, uma visão é algo bonito e sem muito sentido por trás - disse ela.

Max se inquietou; a sra. Millen queria saber se a tapeçaria dele era bonita. A srta. Boon prosseguiu:

- Mas a sua é ligeiramente diferente. A sua tapeçaria era de uma pessoa

muito definida. Do pouco que Nigel me contou, a sua visão ilustrava uma cena

muito particular. Se isso for verdade, é muito rara. Quase única, para falar a verdade. Eu tenho feito muitas pesquisas independentes a respeito de visões e não encontrei nenhuma assim, em mais de quatro centos anos. Desde antes da fundação da Rowan.

Max respirou, trêmulo; ele já sabia a resposta para a questão seguinte. - Quem teve a última?

- Elias Bram - disse ela.

Max pensou na maçã do último Ascendente, na sala de troféus da Corrida. - A senhora acha que ele teve a mesma visão que eu? - perguntou Max. - Não. A dele foi outra. Mas, diferentemente de todos os outros, e de modo

semelhante à sua, a visão dele tinha a ver com história, com mito. Segundo as cartas de Bram, foi do deus escandinavo Tyr colocando a mão na boca do Lobo Fen-ri. Você conhece a lenda?

A srta. Boon sorriu para ele; ela sempre demonstrava satisfação quando sabia algo que outra pessoa não sabia.

- O Lobo Fenris era uma monstruosidade - explicou. - Era capaz de uma destruição irada, inimaginável, se não fosse controlado. Nenhuma corrente era capaz de prendê-lo. Então, os deuses encomendaram em segredo uma corda tecida de encantamentos; essa corda seria inquebrável. Quando desafiaram o monstro a testar sua força na corda, o lobo riu, mas suspeitou daqueles grilhões que pareciam tão frágeis. Concordou em ser atado desde que um dos deuses colocasse uma das mãos em sua boca, como gesto de boa-fé. Só Tyr deu um passo à frente.

Max se encolheu.

- O que aconteceu? - perguntou.

- O Lobo Fenris não conseguiu romper a atadura mágica - respondeu ela. - Quando se deu conta de que fora apanhado, mordeu fora a mão de Tyr e a engoliu. Tyr fez um sacrifício e tanto, mas o monstro ficaria inofensivo até Ragnarok, o Fim dos Dias, quando explodiria suas amarras.

- Elias Bram não se sacrificou na Solas? - perguntou Max. - Para que os outros pudessem escapar?

- Sacrificou-se - disse a srta. Boon, olhando Max de perto. - Suponho que você agora seja capaz de imaginar por que eu quero ajudá-lo a compreender a sua visão.

Max não estava tão seguro.

- Foi o que eu disse - falou ele. - É difícil lembrar. Talvez devêssemos conversar sobre isso com a diretora.

Arregalando momentaneamente os olhos, ela meneou a cabeça. - Não, não! Isto é só entre nós. - Durante um tempo, pareceu intimidada. - A sra. Richter não sabe que eu estou fazendo essa pesquisa. Ela poderia

achar que tira tempo dos meus deveres de ensino... Você entende, não? Max olhou do rosto dela para o livro diversas vezes até, afinal, assentir. - Bom. Achei que ia entender. - Sorrindo, ela se levantou da mesa. - Vou

deixar isto com você. Espero que o leia. Talvez traga alguma coisa à sua memória. Vejo você amanhã.

Max hesitou antes de vomitar uma última pergunta. - O que é Vigília de Brigit?

A srta. Boon se virou.

- Onde você ouviu isso? - perguntou ela, o nariz torcido de curiosidade. Max entrou em pânico; obviamente cometera um terrível engano. - Ouvi o sr. Morrow comentar - respondeu ele, mentindo. - Só fiquei

curioso. Nunca tinha ouvido falar dela.

A srta. Boon sorriu.

- Combina com o Byron gostar disso. Ele é um romântico - disse ela. - Venha aqui; vou lhe mostrar. Este é um dos poucos lugares no campus de onde se pode ter uma boa visão dela. Acho que o luar desta noite é suficiente.

Ela conduziu Max até diversas janelas pequenas, na extremidade da biblioteca. Estava escuro lá fora, e o mar era uma calma lâmina de vidro negro. A srta. Boon apontou para uma rocha grande, saindo da água a uns cinqüenta metros da praia, e prosseguiu:

- Aquela é a Vigília de Brigit - disse ela, suspirando. - É uma lenda antiga aqui da Rowan, mas que está desaparecendo

rapidamente, temo eu. É da época da fundação da escola. É um pouco triste, ou romântica, dependendo do ponto de vista. Entre os sobreviventes que escaparam para cá a bordo do Kestrel, estava a esposa de Elias Bram. O nome dela era Brigit. A lenda diz que, antes de Elias ir ao encontro de Astaroth durante o grande cerco, ele implorou à esposa que fugisse com os outros. Ela

se recusou a sair do seu lado, e ele então jurou que viria buscá-la, reencontrá-la nesta nova terra. - Ela fez uma pausa, para então continuar: - Como você sabe, Elias Bram nunca mais foi visto depois da queda da Solas. Quando os sobreviventes chegaram a esta praia e a escola foi construída, Brigit passava os dias andando no mar, olhando para o leste, na esperança de que o marido voltasse. Ele nunca veio. Então, segundo a lenda, um dia Brigit desapareceu e em seu lugar aquela rocha emergiu na superfície. Algumas pessoas, como o sr. Morrow, suponho, insistem em que a rocha lembra uma mulher vestida de camisola olhando para o mar.

Max encostou o nariz no vidro da janela e apertou os olhos. Estava escuro demais para ver a rocha em detalhes.

- Por mais que tente, não consigo ver isso, nem mesmo à luz do dia - disse a srta. Boon, soltando um suspiro. - Depois me diga se você conseguiu. Acho que vai ficar bem familiarizado com a Vigília de Brigit enquanto você e o Alex estiverem esfregando o Kestrel. Boa noite, Max.

Max observou-a ir numa série de passos rápidos, resolutos, pela sala e escada abaixo. Ele checkou seu relógio de segurança. Ainda dispunha de quarenta e cinco minutos até as badaladas tornarem a soar.

Enquanto alisavam as páginas do livro, os dedos de Max estalavam de eletricidade. Do livro, o Sabujo de Ulster retribuía seu olhar fixo, a bela cara transbordando juventude e idealismo. Max se recostou à cadeira para ler, programando o relógio para despertar alguns minutos antes das badaladas.

A lenda de Cúchulain acontece na Irlanda numa época em que o país não era unido, mas dividido em quatro grandes reinos. Como muitos heróis, Cúchulain era filho de um deus: a divindade do sol, Lugh, que tomou a forma de um besouro e voou para dentro da taça de vinho de uma mulher nobre no dia de seu casamento. Ao beber o vinho, ela foi abduzida com suas aias para o Sidh - a Terra das Fadas - na forma de um bando de cisnes.

Essa mulher nobre era irmã do rei de Ulster - dos quatro, o reino da Irlanda que ficava mais ao norte -, e, assim, muitos guerreiros procuraram por ela por toda a terra. Um ano mais tarde, o rei em pessoa chegou a uma casa onde se

encontrava sua

irmã com uma criança pequena. O nome do bebê era Setanta. Ficou decidido que ele viria morar com o rei quando atingisse a meninice.

Alguns anos depois, quando as crianças nobres de Ulster brincavam no campo, apareceu um jovem e roubou delas a bola para marcar um gol. Como o menino era desconhecido e não fora convidado, as outras crianças viraram-se contra ele. Em vez de fugir, o jovem correu loucamente entre elas, fazendo com que, uma por uma, todas cedessem diante de sua determinação. O menino anunciou que ele era Setanta, instado pela mãe a procurar o rei.

Na Corte do rei, Setanta foi mais valorizado que todos os outros jovens. Assim, um dia, foi convidado para, na companhia do rei, participar de um banquete na casa do ferreiro, Cullan. Naquele tempo, os ferreiros eram vitais para um reino, e Cullan rivalizava em estatura até mesmo com o rei. O grupo do rei partira para a casa do ferreiro antes de Setanta ter deixado o local das brincadeiras, e o menino ficou, então, sozinho, a viajar pelo campo.

Estava escuro quando Setanta se aproximou da casa do ferreiro, que se encontrava cheia de luz e sons de riso. Setanta ouviu o rosnado do sabujo do ferreiro, que havia sido solto para proteger suas terras ao cair da noite. Quando o grande cão lobo agachou-se para saltar, Setanta arremessou sua bola com toda a força pela garganta da fera, dividindo a criatura em duas partes distintas. Enquanto o animal urrava, o menino arremeteu seu corpo contra uma pedra até despedaçá-lo.

Contendo a respiração, Max leu de novo o parágrafo. Era horrivelmente familiar. Esse era o sonho que o assombrava desde que vira a tapeçaria. Ele pensou no sabujo monstruoso com sua cara mutante. "O que vai fazer?", este sempre lhe perguntava. "Responda depressa ou devoro você." Com a mão na boca, Max olhou o relógio. Sabia que precisava falar com David e que Nick deveria estar ficando com fome, mas ambos teriam que esperar.

Quando Setanta ergueu os olhos do corpo do sabujo, viu que

os homens do rei haviam se reunido em torno dele. Cullan, o ferreiro, estava zangado.

- Eu lhe dou as boas-vindas, rapazinho - disse Cullan -, por causa de sua mãe e de seu pai, mas não por você. Eu lamento este banquete.

- O que tem você contra o rapaz? - perguntou o rei. - E uma desgraça para

mim vocês terem vindo beber minha

cerveja e comer minha comida, pois meu gado está perdido agora, junto com meu cachorro. Aquele cachorro cuidava de meus rebanhos e bandos. Agora, tudo o que tenho está em risco - respondeu o ferreiro.

- Não fique zangado, Cullan, meu mestre - disse o menino. - Eu vou fazer um julgamento justo a respeito desse assunto.

- Que julgamento seria esse, jovem? - perguntou o rei. - Se houver um filhote de cachorro daquele na Irlanda, vou

criá-lo até estar preparado para fazer o serviço de seu senhor. Até esse dia, eu serei o sabujo a proteger seus rebanhos, suas terras... e até mesmo o próprio ferreiro!

Os homens riram do juramento determinado do menino, mas o rei pesou as palavras e as considerou uma oferta justa. Nesse dia, o menino deixou para trás seu nome de infância e se tornou conhecido como Cúchulaín: o Sabujo de Cullan.

Cúchulaín era firme, orgulhoso e ansiava tornar-se guerreiro. Foi assim que um dia ouviu o druída e conselheiro do rei comentar que a criança que tomasse das armas naquele dia tornar-se-ia o maior nome da Irlanda, mas sua vida seria curta. Ao ouvir isso, Cúchulaín correu para o rei, exigindo seu direito de tomar armas naquela mesma hora.

- Quem lhe incutiu tal idéia? - inquiriu o rei. - O druída - respondeu o menino.

Tendo grande respeito pelos conselhos do druída, mas ignorando a última profecia, o rei cedeu, e Cúchulaín correu para

a ferraria. Não se conseguiu encontrar uma arma para a força do menino. Lanças e espadas foram despedaçadas até que, afinal, o rei permitiu ao menino testar as suas próprias. Só essas se provaram firmes. Quando o druída viu aquilo, gritou:

- Quem disse a essa criança para pegar em armas neste dia? Ao que o rei respondeu que fora o próprio druída. Quando o

druída negou isso e contou a profecia ao rei, este ficou furioso e confrontou seu sobrinho.

- Você mentiu para mim!

- Não menti - respondeu o menino. - O senhor só perguntou quem tinha incutido a idéia em minha cabeça, e eu respondi a verdade. Foi o druida!

Embora entristecido, o rei reconheceu que o menino dissera a verdade. E foi assim que Cúchulain tomou as armas do rei e tornou-se o campeão de Ulster.

A lenda de Cúchulain espalhou-se rapidamente. Lutando a pé ou na sua carruagem, ele conquistou os inimigos de Ulster. Dizia-se que na batalha ele se sacudia como uma árvore na inundação e sua testa brilhava tanto que era quase impossível olhar para ela. A mais importante de suas armas era o "gae bolg" - uma grande lança cuja ferida era sempre fatal.

Os maiores feitos de Cúchulain ocorreram durante a Invasão do Gado de Cooley, uma guerra iniciada por uma disputa entre marido e mulher. A rainha de Connacht, outro dos quatro grandes reinos da Irlanda, discutiu com o marido sobre qual herança e quais posses eram maiores. Os dois se equívalem até que se revelou que seu marido era proprietário de um touro mágico de chifres brancos chamado Finnenbach. A rainha não foi capaz de encontrar igual entre seus rebanhos e, consumida pela inveja, mandou emissários a Ulster, onde procurava o rival de Finnenbach, o Touro Marrom de Cooley. Sua oferta rejeitada, a rainha resolveu tomar o touro à força.

A rainha escolheu um momento oportuno para a invasão de Ulster. Os homens daquele reino sofriam com uma antiga

maldição que os enfraquecia durante uma época do ano. Quando os exércitos da rainha atacaram o norte, os homens de Ulster estavam de cama, impotentes para impedi-la. Não tendo nascido em Ulster, Cúchulain foi poupado da maldição. E, sozinho, levantou-se contra os exércitos da rainha. Cúchulain chegou até eles à noite, matando os batedores e deixando apenas as cabeças como o aviso para que não voltassem. Tão devastador foi o massacre que os soldados da rainha tremiam à menção de seu nome, e os exércitos foram estancados.

A rainha procurou desesperadamente negociar, prometendo riquezas e recompensa se ele cedesse. Cúchulain recusou essas tentações até que, finalmente, exausto de tanto esforço, fez um acordo. Em troca do fim de seus ataques noturnos, ele se bateria com um único campeão da rainha por dia. Enquanto os dois estivessem lutando, os exércitos dela poderiam continuar sua marcha. Se e quando os campeões da rainha fossem vencidos, seus exércitos seriam obrigados a parar e montar acampamento.

Todo dia, Cúchulain enfrentava um campeão diferente junto ao rio e lutava enquanto os exércitos da rainha penetravam apressadamente em Ulster. Tão impressionantes foram suas façanhas que Morrígan, a deusa da morte, o acompanhava do alto, na forma de três corvos. Finalmente, a rainha mandou um parente de Cúchulain que, na época, servia a Connacht. Tirando proveito da lealdade de Cúchulain, o parente incitou o jovem para que cedesse - como um favor para alguém que o havia criado. Relutantemente, Cúchulain se pôs de lado e abandonou o campo. A galope avançaram os cavaleiros da rainha, tomando o touro e correndo de volta a Connacht com sua conquista.

Uma vez reunidos, os touros mágicos enlouqueceram, tentando destruir um ao outro. Na raiva, os touros devastaram o campo em volta e jamais tornaram a ser vistos.

Max baixou o livro. Tentou visualizar a tapeçaria que vira no instituto. Sua mente vagou pelos fios verdes e dourados, pelo brilho forte que a cena

irradiava. Entendia aquela representação agora. Os soldados adormecidos eram os homens enfraquecidos de Ulster, incapazes de proteger o Touro Marrom de Cooley. Os guerreiros que se aproximavam eram, sem dúvida, os soldados da rainha de Connacht. Cúchulain estava em pé, alto, ao longe.

Embora as imagens fossem nítidas para Max, a interpretação da história não o era. Afinal, Cúchulain falhara - a rainha conseguiu pegar o touro, apesar de seus atos de heroísmo. Max estaria de alguma maneira predestinado a lutar pela boa causa, mas falhar? A vida dele seria curta? Max virou a página e apalpou cautelosamente o galo na testa. Seus olhos caíram sobre uma ilustração desbotada de um guerreiro ferido amarrado a uma coluna de pedra. A legenda dizia: "A morte de Cúchulain".

Max fechou o livro em silêncio.

Sua cabeça doía; a mente disparava com questões incontáveis. Num suspiro, enfiou o livro na bolsa e tornou a andar até as janelas. O campus estava silencioso; apenas algumas lanternas balançavam ao longo dos atalhos. Quando Max se virou para ir embora, um pequeno raio de luz verde dançou na janela. E desapareceu de repente. Semicerrando os olhos, Max tapou o brilho da janela e espiou a noite profunda. Outro ponto de luz verde se acendeu da massa negra da Vigília de Brigit. Balançando, pairou diante dos olhos de Max, desaparecendo um momento depois. Ele ficou à janela mais uns dez minutos, mas a luz não voltou.



\*~\* 18 \*~\*

## CONTRABANDISTAS DO ATLÂNTICO NORTE

O céu da manhã do outro lado da cúpula do observatório era azul pálido. Max, testa franzida, concentrado, folheava um livreto grosso, cheio de mapas brilhantes. David desceu e se sentou à mesa, junto dele. - O que a sra. Richter disse? - perguntou Max, virando de lado o livreto para ver um mapa particularmente detalhado.

- Más notícias - disse David. - Duas das quatro pinturas são, na verdade, falsificações... Já foram roubadas pelo Inimigo.

Max levantou os olhos.

- Quais?

David tirou dois cartazes de sua escrivaninha: um Vermeer, uma menina lendo uma carta; o outro, Rembrandt, representando Abraão a sacrificar o filho Isaac. Max as fitou, abandonando o livreto na mesa.

- Não entendo - disse Max, erguendo a vista. - Se eles queriam esconder que algumas pinturas tinham sido roubadas, por que simplesmente não

substituíram todas com falsificações? Assim nem saberíamos que estavam atrás dessas pinturas.

David fez que sim.

- Faz sentido. Mas as falsificações precisavam ser reais. Quer dizer, feitas a mão. Traços feitos por encantamento teriam levantado suspeita. Não é muita gente que pode forjar um Rembrandt ou um Vermeer; portanto, só poderia haver umas poucas falsificações - disse David.

E se inclinou para ver o título do livreto que Max estivera lendo. - O que a sua Análise da Corrida diz? - perguntou. Max meneou a cabeça devagar.

- Nunca tenho certeza dessas coisas. Gostaria que escrevessem numa língua inteligível..

Max empurrou o livreto branco, cheio de ondulados gráficos azuis e comentários dos analistas, na direção de seu colega de quarto.

- Dizem umas coisas boas - comentou David, passando os olhos por ele. Escolheu um trecho da seção "Resumo".

- "McDaniels continua a demonstrar capacidades bem além do espectro normal do aprendiz. Como ilustrado nos cenários MMCD048, MMCD071 e MMCD093, suas habilidades em Amplificação estão em níveis de agente e continuarão a ser monitoradas muito de perto. Em relação a seus pares, McDaniels está entre os quatro mais avançados em cenários que envolvem adversários vivos, incluindo quatro cenários com geração aleatória de vyes. As notas em Execução da Estratégia continuam a ser altas, e a agressividade de McDaniels poderia se provar um bem, caso fosse aplicada mais seletivamente. Devido a habilidades físicas excepcionais, McDaniels atualmente detém a maior nota em Corrida entre os aprendizes do primeiro e do segundo ano."

- Isso realmente soa muito bem! - disse Max, empertigando-se de forma

considerável.

David se pôs a rir.

- O que foi? - perguntou Max, o sorriso congelado ao ouvir a risada repentina de David.

- Bem, você pode ler o resto... - disse o companheiro de quarto, sem conseguir esconder o sorriso ao devolver o livreto a Max. - Seção "Resumo", segundo parágrafo.

Max esquadrinhou a página, murmurando qualquer coisa, enquanto

David cheirava uma meia, largada por ali, jogando-a, em seguida, num cesto. "A queda de McDaniels do topo é tão iminente quanto inevitável. A

combinação deplorável de suas notas em Seleção de Estratégia sugere um desastre prestes a acontecer; o equivalente operacional a correr muito depressa na direção errada. Correr muito depressa na direção errada parece coisa natural em McDaniels, sendo tema recorrente em seus cenários mais divertidos. Podemos indicar MMCD006, MMCD052 e MMCD076 como favoritos, embora outros colegas afirmem que o MMCD037 é o candidato a destaque deste ano. Infelizmente, tais tendências constituem um defeito fatal, e recomendamos que as opções de cenários de McDaniels restrinjam-se àquelas que enfatizem Identificação da Questão e Seleção de Estratégia. Em seu interesse a longo prazo, McDaniels deveria ser proibido de acessar cenários que permitem apenas execução física para vencer defeitos estratégicos notórios. Só se pode desejar que um regime regular de cenários de Estratégia o ajude a ultrapassar tendências de preguiça mental e construir uma base sólida para o sucesso no futuro."

Max piscou duas vezes e atirou o livreto na mesa. Virou-se rapidamente para David.

- Eles podem escrever isso?

- Não leve tudo para o lado pessoal - disse David, calçando os tênis de corrida. - O que aconteceu no seu intermediário de Estratégia?

- Eu não passei - respondeu Max, lançando ao livreto um conclusivo olhar zangado. - Mas, pelo menos, a Boon me passou no intermediário de Mística... Mas eu acho que é só para que eu contar para ela alguma coisa da minha visão. Ela pergunta a você sobre a sua?

De frente para o guarda-roupa, David mudava a camisa. - Na verdade, não. Eu disse a ela que esqueci a minha - respondeu o

menino.

- Eu falei a mesma coisa, mas acho que ela não acredita em mim... Max disfarçou quando avistou o peito de David na porta espelhada do

guarda-roupa. Uma longa e feia cicatriz lhe descia pelo meio, do peito ao umbigo. O menino pequeno, pálido, vestiu a camisa de ginástica.

Bateram na porta.

David subiu os degraus arrastando os pés. Um instante depois, Max ouviu um guincho de coagular o sangue.

- Leve isso para longe de mim! Leve isso para longe de mim! - a voz de Mamãe guinchou.

- Max, acho que é para você - chamou David, tranqüilamente. Subindo a escada aos saltos, Max viu Mamãe acuada no corredor, de

encontro à parede, as mãos sobre os olhos.

Um pequeno cesto virado no chão espalhara por ali várias barras de cereais.

Mamãe levantou o dedo acusador para Bob, que ria mansamente. - Você sabia que o Max morava com aquela coisa! - soluçou. - Foi por isso

que insisti que Mamãe batesse na porta! Você podia ter provocado um ataque cardíaco com essa brincadeira de me botar cara a cara com aquela coisa horrenda, desgraçada! Um ataque cardíaco! Ai, foi tão horrível!

David revirou os olhos.

- Desculpe, Mamãe - interveio Max. - Hã... mas o que vocês estão fazendo, vindo até aqui em cima?

Bob começou a falar, mas Mamãe o interrompeu com um gesto furioso. - Fique calado! Espere só para ver o que eu sou capaz de esconder num

sanduíche de queijo quente! Ui! Na sopa... melhor ainda! Mamãe deu uma risada abafada, aparentemente esquecendo o propósito

original de sua visita. Bob pigarreou, fazendo-a piscar várias vezes. De repente, a bruxa deslançou uma reverência dramática.

- Max McDaniels, nós viemos para nutrir o seu corpo e prover uma guarda de honra neste dia abençoado da maior promessa.

- Desculpe, não entendi - disse Max, erguendo as sobranceiras. - Bob e Mamãe estão aqui para ir com você fazer os testes - traduziu Bob. Mamãe olhou feroz para Bob, por causa da intromissão. Aquela era a

manhã em que os primeiranistas passariam pela avaliação mensal da forma física - uma série de eventos similar a um decatlon, modificado. Os testes periódicos normalmente não constituíam questão de grande interesse, exceto pelo fato de que Max estava naquele momento prestes a quebrar diversos recordes. Olhando corredor abaixo, ele viu diversas cabeças de segundanistas

sonolentos, às portas, aparentemente despertos pela voz estridente de Mamãe. Entre elas, a cara cismada de Alex Munoz.

- Obrigado pela... escolta! - disse Max, empurrando David pela porta e fechando-a. - É melhor irmos.

Mamãe se grudou a seu braço, possessiva, e os quatro desceram o corredor. Insistiu em que David fosse bem à frente, para poder ficar de olho nele. Quando passaram, diversos segundanistas desejaram boa sorte a Max; Alex só fez fechar a porta. Na última semana, os dois haviam suportado seu castigo diário em paz relativa - rasparam e esfregaram o casco do Kestrel num silêncio tenso.

Quando alcançaram a escada, Mamãe pescou uma barra de cereais do cesto.

- Coma isto - sussurrou.

Havia uma sugestão maliciosa de conspiração em sua voz. - São especiais, e as fiz só para você. Não foi nada fácil, tenho que dizer!

São muito modernas!

Max estava com fome; olhou a barra de granola no papel prateado. Desembrulhou, deu uma mordida, fazendo Mamãe desfalecer de prazer e relampejar seu sorriso feroz de crocodilo.

- Não conte a ninguém que lhe dei isso - disse ela. - Não sei se é legal. - Não vou contar - prometeu Max, ignorando o riso abafado de David e

confortando-a com um menear de cabeça.

Apesar da promessa inicial de um dia claro, do oceano sopraram fiapos de uma neblina fria, úmida. David correu de volta ao quarto para buscar blusões, retornando exatamente quando o Velho Tom bateu as oito horas. Os quatro tiveram de se apressar ao se dirigirem à área de atletismo. Desmoronado o desejo de Mamãe de uma procissão solene, ela percorreu todo o caminho xingando.

Ver YaYa alertou Max de que algo não estava normal. Via-se a cabeçorra da ki-rin junto às arquibancadas. Max chamou David, na frente.

- Aquela é a YaYa? O que ela está fazendo aqui? David se virou e deu apenas um pequeno sorriso. Contornando a Casa dos Vestiários, viram as arquibancadas cheias -

centenas de estudantes e professores explodiram num aplauso à chegada de

Max. Nick correu em sua direção, deu voltinhas e sacudiu o rabo, com um zumbido metálico. Abaixando-se, Max o pegou nos braços. Assim que enfiou as garras no blusão de Max, o lymrill relaxou, transformando-se num considerável peso morto.

Virando-se, Max examinou a multidão, a tagarelar. Jason Barrett estava lá, gritando, batendo palmas, com a maioria dos alunos do sexto ano. Num assento mais embaixo encontrava-se Julia, segurando sua máquina fotográfica e rindo de alguma coisa dita por alguém ali perto. Ela rapidamente tirou uma fotografia de Max. O sr. McDaniels também estava lá, acenando vigorosamente, sentado ao lado do sr. Morrow, que tirava baforadas regulares do cachimbo.

Ouvindo um apito, ele se virou e viu monsieur Renard impaciente, espantando Hannah, que não parecia nada satisfeita com aquilo. Ela bamboleou na direção de Max, com os filhotes a reboque.

- Oi, querido - saudou a gansa com sua voz de mel. - Boa sorte hoje. Nós estamos todos torcendo por você. E eu dei uma palavrinha com aquele homem, para que ele seja justo.

- Obrigado, Hannah - disse Max, tornando a olhar a multidão, nada certo de que desejava uma platéia.

O apito tornou a soar, e Max trotou até onde Renard reunira a turma.

Resfriado, o instrutor assoou o nariz num lenço, fazendo um barulhão.

- Muito bem, meus salsichinhas. Hoje, vocês me deixem orgulhosos, hein?

As crianças fizeram que sim.

- Faremos os testes em ordem alfabética, como sempre, com exceção das corridas, que serão comparadas com os tempos mais recentes de vocês. Ignorem toda essa gente. Concentrem-se em cada tarefa e façam o melhor. Alguém tem alguma coisa a dizer?

Connor levantou a mão.

- Sim, senhor.

Inclinando-se do círculo de colegas, apontou o dedo para o peito de Max. - Tivemos muita dificuldade para juntar toda esta multidão, a batidas de

tambor. Então, não estrague tudo, entendido?

Todo mundo caiu na gargalhada; até monsieur Renard abriu um

sorriso quando levou o apito aos lábios para assinalar a primeira tarefa.

Concentrado, Max sacudiu as mãos soltas, demorando o olhar no trecho de pista à frente.

Uma hora depois, aplausos, urros, grasnados e berros consumiam Max. Nos ombros de Jason e de outro aluno do sexto ano, recuperava o fôlego, olhando longe, pelo campo, onde tremulava a bandeira do seu dardo de arremesso, vitoriosa. Ya Ya, totalmente de pé, fazia uma reverência; David segurava bem Nick, para impedir que o lymrill se ferisse. O sr. McDaniels quase atropelou uma fileira de estudantes em sua pressa de alcançar o campo, enquanto o sr. Morrow simplesmente tirava o boné e acenava das arquibancadas, a expressão estranhamente triste. O instrutor de Humanidades ergueu uma garrafa de champanhe para Max e tomou um gole antes de passá-la ao sr. Watanabe e, em seguida, à srta. Boon. Max retribuiu o aceno, tentando ignorar os guinchos próximos de Mamãe, a qual dizia que ele devia seu triunfo a seus "mimos milagrosos".

- Isso é espetacular, Max! - exclamou Jason, levantando Max ainda mais. - Só treze anos e o melhor da história da Rowan.

Jason recebeu os estudantes numa festa de celebração em seu quarto - um sauguão viking de madeira. Uns quarenta estudantes se refestelavam ali, jogando

cartas e dardos. Ou só deitados, em pequenos grupos, a ouvir música. Ou, na ponta dos pés, a andar em meio a um campo minado de caixas de pizza para recolher sobras.

Max se divertia como nunca na vida. Após semanas de dieta rigorosa, empanturrava-se de pizza e doces. Melhor que isso, sentado, conversava com Julia, que parecia ter esquecido completamente o desajeitado beijo durante a canção de Boca de Chaleira.

No meio da tarde, a festa foi interrompida por uma seqüência de fortes batidas na porta. Max se desanimou quando Jason a abriu e a srta. Boon o encarou, com expressão fechada.

- Max - chamou ela -, por favor, pegue as suas coisas e venha comigo.

Max limpou as mãos numa toalha de papel e se pôs em pé. - Eu tenho que ir hoje? - suplicou. - Pensei que talvez... - Você pensou o quê? - interrompeu ela. - Que depois da manhã de hoje

teria alcançado uma espécie de status de "celebridade", sem responsabilidades? Não, não, não. Preciso lembrar a você que tanto a sua festa quanto o seu castigo foram bem merecidos? O Alex Mufioz está lá embaixo no cais, esfregando o navio, há uma hora. Agora, pegue as suas coisas.

A cara de Max ficou carmesim; ele mordeu a língua. Murmurou "Tchau" e "Obrigado" a todos, evitando os olhos de Ju-lia. Arrastando o blusão, seguiu a srta. Boon corredor abaixo.

Max balançava a lanterna, em círculos amplos, por vezes sentindo grandes ímpetos de raiva e embaraço. A neblina se tornara tão espessa que se viu tropeçando nas sebes. O Velho Tom era um bloco volumoso de cinza chapado; as lâmpadas de gás, pontilhando o terreno, acenderam-se e ganharam vida, sua luz aparecendo como fogos-fátuos nas sombras.

Ao passar, feito um raio, por Maggie, Max ouviu a batida poderosa das ondas pesadas e o grito agudo das gaivotas. Quando descia a escada para a praia, começou a distinguir o Kestrel, que pairava no ar, acima do cais, preso por uma dúzia de cordas finas. A srta. Kraken providenciara as cordas encantadas que haviam levantado o pesado navio como se fosse um balão de hélio.

Alex estava em pé sob o barco, esfregando-o, sem muita disposição, com uma escova dura. Pendurados à área do casco que normalmente ficava debaixo da linha d'água se encontravam milhares de mariscos, cujas conchas duras

transformavam a tarefa num trabalho de dar câibra no braço. Alex e o tempo desgraçado prometiam torná-la particularmente insuportável.

- Estou surpreso por você se incomodar de vir! - bufou Alex, esfregando vigorosamente agora que Max chegara. - Deve ser legal a gente poder se livrar do que quiser...

Acomodando a lanterna, Max nada disse; foi simplesmente escolher uma das escovas de cabo longo junto ao balde usado para lavar chão. Alex fez cara de desprezo e concentrou a atenção no casco.

Max lançou um longo olhar à Vigília de Brigit antes de se pôr a trabalhar. Mal se via sua forma na neblina, e Max ficou a imaginar se Ronin de fato se

encontrava ali, como suspeitava - aninhado no fundo dos rochedos, entre caranguejos e água salgada em remoinho. Apesar das visitas agora diárias de Max ao Chocalho, Ronin não enviara nenhuma palavra ou sinal desde o dia em que Max recebera sua carta. E Max não se aventurara a sair até a Vigília de Brigit, cauteloso com a água desde o acampamento no Kestrel. Escolhendo um local distante de Alex, ele se pôs a esfregar, num súbito impulso de energia.

Trabalhavam em silêncio havia quase uma hora - Alex, a estocadas desdenhosas; Max, em laboriosos arcos - quando as badaladas do Velho Tom soaram do outro lado. Alex se virou e jogou a escova, que, passando por Max, bateu no balde de metal.

O segundanista silvou:

- Continue esfregando, Maxina. Continue esfregando, ou vou dizer à srta. Boon que o pequeno herói da Rowan está negligenciando seus deveres!

- Que seja, Mufioz - falou Max. - Provavelmente fiz duas vezes mais nesta hora do que você a semana toda.

Alex só fez sorrir e meneou a cabeça, incrédulo. - Você realmente é um idiota. Sabia disso? Um idiota - disse outra vez,

esticando cada sílaba. - O nosso castigo não tem a ver com limpar o Kestrel esfregando! Inferno! A srta. Boon seria capaz de fazer isso em cinco minutos com um pouco de Mística. Tem a ver com ficar aqui de fora, de castigo. Esfregue até quebrar a coluna, Maxina. Ninguém se importa, seu babaca. Ah, cara, e espere só até a gordura do papai alcançar o cérebro dele... Eles, provavelmente, nem vão admitir que você esteve aqui um dia!

Max parou de esfregar. Suas palavras foram mansas. - Não fale do meu pai.

- Não preciso. - Alex deu de ombros com uma gargalhada. - Você devia escutar o que todos dizem dele! Acha que é por coincidência que ele "ajuda" na cozinha? Eu, não. Pessoalmente, acho que o papai só está tentando abocanhar umas refeições extras... Não é de admirar que a mamaezinha tenha pegado uma carona e ido embora, pelo que ouvi... Hein?

As palavras foram como um tapa na cara de Max. Alex, de repente, tornou-se vividamente nítido, apesar dos farrapos de nevoeiro que esvoaçavam pelo

cais. Max deixou de lado sua escova. O sorriso de Alex descambou um momento... um lampejo de dúvida... depois voltou.

- O que foi? - perguntou ele. - Você quer brigar comigo? Não está com medo, sem o Bob ou a srta. Boon por perto? Eles não estão aqui para salvá-lo, desta vez..

Max sacudiu a cabeça e deu um passo à frente, apertando o dedo do pé no cais para testar seu passo. Um tremor rouco lhe surgiu na voz.

- Eu me preocuparia comigo, se fosse você.

Alex franziu a cara, recuando um curto passo. De repente, sua expressão se contorceu de vergonha e desgosto.

- Beleza! - murmurou, como se para si mesmo. - Beleza. Vamos nessa! Uma condição, porém.

- Pode dizer dez - sussurrou Max. - Não vão ajudar. Os olhos de Alex brilharam enquanto ele sorria.

- Sem relógios - disse. - Não quero você depois chorando, pedindo socorro no meio!

Max baixou os olhos. Seu relógio de segurança tinha a pequena tela escondida pela névoa. Fora explicitamente avisado para nunca o remover. Mas Alex tirou o próprio relógio, fazendo pouco da hesitação de Max.

Desafivelando o relógio, Max o colocou sobre a doca. Como esperava, Alex deu um chute assim que Max se levantou. Com um

passo de lado, Max o pegou pelo pé e, passando rapidamente por baixo da outra perna do menino, derrubou-o com força.

Com uma carranca, Alex rapidamente se pôs em pé. Max permaneceu completamente imóvel, tentando com toda a força controlar a raiva que inundava cada centímetro de seu ser. Alex avançou para ele, com a respiração ofegante, em círculos, querendo posicionar Max contra um pesado poste de madeira. Fingindo uma arremetida, ele de repente parou e levantou as mãos.

A doca molhada estava escorregadia, e havia gelo sob os pés de Max. Max tentou saltar, mas a falta de atrito fez seus pés deslizarem. Caiu,

batendo a cabeça no poste. Num instante, em cima dele, Alex espetava o cotovelo em seu pescoço, dando-lhe estocadas selvagens.

A raiva irrompeu dentro de Max. Ele segurou os punhos de Alex,

fazendo o menino mais velho abrir a boca de dor. Com um safanão violento, Max jogou Alex longe.

Num átimo, Max pulou. Alex se estatelou na doca; antes mesmo de poder se mover, Max lhe caiu em cima.

- Vamos lá, Munoz - disse Max, arquejando. - Vamos ouvir tudo o que você quer dizer. Vamos ouvir tudo a respeito da minha família!

Com um forte estalo, o punho de Max rasgou a prancha de madeira imediatamente à direita da cabeça de Alex. Subiu fu maça da doca. O segundanista gritou, contorcendo-se, aterrorizado, mas nada pôde fazer para se livrar do aperto de Max.

Emoções tomaram o coração de Max; ele tremia, e lágrimas lhe corriam pelo rosto.

- Não estou ouvindo nada. Isso é possível até com você? Crad

- Acabou? Você não tem mais nada a dizer do meu pai? Então, por que não me diz o quanto sou idiota?

Crad

- Não? Então, me diga alguma coisa a respeito da minha mãe! Por que não me diz para onde ela foi? Parece que você talvez saiba! Ande, me diga!

Crad Crad Crad

Mais três buracos se abriram, a soco, na doca em volta, que agora soltava

muita fumaça, quente ao tato. Max levantou outra vez a mão ensangüentada. Então, congelou. Alex deixara de lutar. Estava muito quieto, e um chuvisco frio caía sobre seu rosto sem expressão.

Por um instante, Max achou que o tivesse matado, estrangulado o menino até a morte, com sua raiva. De repente, porém, Alex focou os olhos e lançou a Max um olhar de horror mudo. Max piscou. Sua raiva se dissipou na neblina. Soltando Alex, lentamente se pôs em pé.

- Você não é digno disso - disse ele, suspirando. Alex ficou ali deitado um bocado de tempo, respirando com dificuldade.

Apalpou o rosto, aparentemente à procura de qualquer dano que pudesse ter sido causado. Cegamente, bateu os buracos na doca, acompanhando as lascas quebradas com os dedos. Vagarosamente se levantou, tossiu, passou aos

tropeços por Max, que o observava num silêncio confuso. Passando mal, Alex vomitou ao lado da doca. Limpou a boca, tossiu de novo e, estendendo a mão trêmula, atirou longe, nas ondas cor de cinza, o relógio de Max. O segundanista o observou afundar e fitou a água um longo tempo. Quando afinal se virou, Alex segurava uma faca comprida, fina - a mesma arma feia que Cooper freqüentemente carregava. Estava chorando.

- Alex - disse Max, com uma calma medida. - Você não devia estar com coisas como esta fora da Sala de Treinamento.

Alex nada disse; seu rosto se contorceu num grito silencioso de raiva, medo e humilhação. Os ombros tremiam quando transferiu a faca para a mão esquerda.

- Alex! - gritou Max. - O que você pensa que está fazendo? A resposta foi um movimento assassino da faca, a ponta passando perto do

peito de Max, enquanto o menino mais novo pulava para trás, boquiaberto, sem acreditar. Soluçando, Alex mudou a faca para a mão direita e deu uma facada para o alto. Max recuou num salto, saindo de seu alcance, quase escorregando do píer e caindo na água.

- Alex, pare! - disse Max. - A briga acabou!

Então, por sobre o ombro de Alex e através do nevoeiro, Max avistou um vulto que rapidamente se aproximava, da praia.

- Socorro! - gritou Max. - Srta. Boon? Aqui do outro lado... Socorro! Alex parou e se virou, apertando os olhos na névoa. Abaixando-se, deixou

escorregar a faca por uma das fendas dentadas que Max fizera na doca. Levantou-se e, aos tropeços, dirigiu-se à figura.

- Srta. Boon? - gritou Alex. - Graças a Deus, está aqui! O McDaniels tentou me matar!

Max estava prestes a levantar a voz, protestando, quando congelou; a figura que se aproximava não se movia como a srta. Boon. Era alta demais. A bile subiu à boca de Max quando ele reconheceu o que era.

- Alex! - gritou Max. - Afaste-se dela! Essa não é a srta. Boon! Uma vye subia a doca a galope.

Alex só fez deixar cair as mãos dos lados e, num relâmpago, a vye agarrou o menino e o apertou contra o quadril.

- Solte-o! - gritou Max, correndo pela doca na direção da criatura.

A vye rosou: o grunhido fundo, gutural, terminou num miado em

tom alto. Ela agarrou Alex mais no alto e parou para pegar Max. Max foi, porém, rápido, lançando-se sobre a vye como um míssil. O alto de sua cabeça bateu no focinho dela. A vye deu um grito assustado e soltou Alex, dando a Max tempo para lhe desferir um chute que a desequilibrou, fazendo a perna ossuda dobrar.

Alex estava inconsciente. A vye se encontrava entre eles e a praia. Embora o relógio do menino mais velho estivesse pousado a apenas uns seis metros de distância, Max não o podia apanhar sem momentaneamente abandoná-lo. Segurando Alex pela mão mole, Max o arrastou, afastando-o da vye, que, então, aos trambolhões, veio atrás deles nas quatro patas.

O choque e o horror de seu feito repentino quase fizeram Max rir: a voz de Nigel praticamente gritou dentro de sua cabeça:

- Sempre procure a segunda vye, Max! Sempre! O golpe na parte de trás de seu crânio foi tão forte que Max ficou

inconsciente e nem sentiu as mãos com garras o pegarem.

Max gemeu e se obrigou a abrir os olhos. Estava escuro. Seu pescoço estava

melado, as articulações doíam, e uma febre lhe tomava o corpo. Uma espécie de pele o cobria, fedorenta - um vapor nauseante de gordura animal e pelo. Abrindo a boca, querendo vomitar, acabou descobrindo que seus membros estavam bem amarrados a uma superfície dura. Virando a cabeça de um lado para o outro, tentou, com o nariz, tirar da cara a pele repulsiva, derrubando diversos objetos de vidro. Seu corpo subiu e desceu num balanço suave, que lhe enjoou o estômago. Madeiras estalavam e rangiam por perto.

Percebeu que estava num navio.

Ouviu passos no alto; uma porta se abriu com ruído, e, num ângulo, um feixe de luar fluíu para dentro do cômodo.

- Eu acho que um deles está acordado - disse uma voz de homem. Hesitante. Mais velha.

- Qual? - veio a voz familiar de uma mulher.

Max se torceu, sentindo o suor lhe pingar em suaves gotinhas.



- O zangado - disse o homem. - É hora da injeção dele. Alguma coisa

bloqueou a luz da lua; uma silhueta aterrorizadora se projetou na parede. Max ouviu degraus rangerem sob passos vagarosos. Lutou com toda a sua

força contra as amarras, mas estavam apertadas. Uma cara espiou o interior da cabine. Max sentiu uma onda de horror primai quando deparou com seus olhos: olhos frios, de animal - olhos avaliadores -, com um brilho distinto de inteligência humana. A cabine iluminada pela lua só sugeria seus traços: o reflexo agudo de um dente, a umidade do focinho, um olho brilhante, orelhas de lobo. Max prendeu a respiração enquanto se olhavam, por um certo tempo. A vye levava uma lanterna apagada, que começou a irradiar luz à medida que os contornos e traços do monstro dançavam e se deslocavam. Quando a luz amarela difusa encheu a cabine, Max viu um homem mais velho, magro, com pequenos olhos negros, usando um sobretudo largo, sujo. O homem enganchou a lanterna numa pequena corrente que pendia do teto da cabine.

- Boa noite - disse ele, inclinando a cabeça num cumprimento e encaminhando-se a uma geladeira posicionada no meio de um grande rolo de corda.

Max observou em silêncio. Depois de remexer o conteúdo da geladeira, o homem deu meia-volta, exibindo uma enorme seringa, com uma agulha bem maior do que qualquer uma que Max já vira. Equilibrando-se quando o navio balançou, dirigiu-se em seguida a Max, a arrastar os pés.

- Hora da sua injeção - explicou o homem, espirrando um pouco de líquido transparente da seringa.

- Fique longe de mim! - suplicou Max, lutando contra as amarras. Sua cabeça queimava.

- Psiu, psiu - avisou o homem, desenrolando a imunda coberta de pele. - Você precisa deste remédio... A não ser que queira isto. - O homem abriu bem a boca para revelar caninos espetados nas gengivas. - Entende? A Peg arranhou você. Não tinha a intenção, mas não foi possível evitar, com você se debatendo e tudo.

- Era você na doca - murmurou, perscrutando a cara do homem. - Eu chutei você.

O homem sorriu e fez um gesto para deixar para lá.

- Você estava assustado - disse ele. - Era uma coisa natural de se fazer.

- Eu estou com fome. Eu não sei que dia é.

Você estava muito mal de febre - disse o homem, com simpatia. - Já faz três dias que está dormindo. Posso buscar alguma coisa para você comer num minuto só, depois do re médio. Olha, não queremos mais uma vye má, velha e feia. Não, senhor. Já temos uma quantidade suficiente dos nossos correndo por aí. Nós o queremos exatamente do modo como você é. Agora, fique quieto. Pode doer um pouco.

O homem puxou a camiseta de Max para expor seu estômago. Max fechou os olhos com força, tentando desesperadamente ignorar todos os instintos que nele gritavam para espernear, bater e proteger o ponto vulnerável. A agulha picou como chama quando entrou; lágrimas correram pela face de Max enquanto as mãos se bateram e agarraram a tábua de madeira. Então, de repente, a dor sumiu.

- Pronto, pronto - disse o homem num tom suave, tirando de vista a agulha. - Já foi. Você pode me chamar de Cyrus.

A cabine de repente pareceu muito pequena; Max deitou a suar. - Eu preciso de ar, Cyrus - disse ele, num lamento. O homem franziu a testa diante do pedido. Andou até a geladeira e

guardou a seringa, em seguida subindo a escada. - Vou checar cora a Peg - murmurou, ao desaparecer alçapão afora. Max ouviu uma série de sussurros no convés, em cima. Um instante

depois, agachando-se, Cyrus tornou a entrar. Sobre Max, destramente soltou as cordas e nós complicados que o prendiam. A tremer, em espasmos, Max se pôs em pé.

- Está frio lá em cima - disse Cyrus. - Fique com isto aqui sobre os ombros. Vai mantê-lo aquecido.

Max lutou contra o impulso de vômito quando o homem lhe envolveu os ombros na estranha pele; pedaços de pele seca e gordura ainda pendiam dela, como se algum grande animal tivesse sido descarnado às pressas.

- Onde o Alex está? - resmungou, à medida que os acontecimentos na doca

começaram a lhe voltar à memória.

Cyrus grunhiu e apontou o beliche em cima, onde Alex estava

deitado, amarrado do mesmo modo e profundamente adormecido. Sua cara exibía uma palidez insalubre.

- Ele está ótimo - sussurrou Cyrus, apressando Max na direção da escada. - Só está dormindo. Aqui... Coma isto. - E meteu um biscoito na mão de Max; era grosseiro, estava úmido e cheirava a mofo.

Apesar da fome, Max hesitou.

- Não há nada melhor até aportarmos, a não ser que você queira compartilhar as nossas rações - disse Cyrus. - Nós temos muita carne. Carne fresca. É só dizer que lhe dou um pouco... Só não conte à Peg!

Max não quis adivinhar que tipo de carne uma vye comeria. Forçou-se a mastigar o biscoito farinhento, que tinha a consistência de um tapete.

Estava frio no convés, mas não de forma insuportável. Estrelas aparentemente impossíveis, de tão vividas e brilhantes, salpicavam o céu sem nuvens. A lua banhava o mar em volta de ondas cintilantes de luz, destacando blocos de gelo a balançar na água. Icebergs fantasmagóricos apareciam ao longe conforme o navio avançava, suave e rápido, pelo mar tranqüilo.

Cyrus levou Max em direção a uma luz vermelha, guiando-o pelo convés, onde se espalhavam caixotes de madeira e cordas. A luz vermelha se revelou uma chaleira de ferro suspensa sobre carvão em brasa. Junto à chaleira, estava sentada uma mulher, a tricotar.

Era a sra. Millen.

Ela levantou os olhos para Max: dois furos de alfinete artificiais, de luz fria, brilhando na escuridão. Seu riso abafado, gutural, voltou numa torrente, como um pesadelo.

- Ru, ru, ru! Como está você, Max McDaniels? Eu não sabia se o veria outra vez! Venha se sentar aqui com a Peg... Não vou morder!

Max quis resistir quando Cyrus o conduziu mais para perto, mas não teve força. Estava próximo o bastante agora para ver nitidamente o rosto dela. Não usava maquiagem e parecia muito mais velha. Boca afundada, lábios apertados, a sra. Mil-len se balançava, tricotando em voltas velozes uma mortalha de lã

preta.

- Você cresceu - murmurou ela.

Max caiu pesadamente sobre um caixote perto dela, com a ajuda de

Cyrus, que também se sentou, do lado oposto. A cabeça de Max fervia de febre, e durante vários minutos ele apenas observou seu hálito se afastar flutuando em pequenas ondas de névoa. A noite estava silenciosa, exceto pelo estalo ocasional das agulhas de tricô e pelo suave ruído do carvão a se consumir.

- Para onde estamos indo? - perguntou Max, com a voz baixa e fraca. - Um lugar secreto - respondeu ela, rindo de forma contida e apertando os

lábios.

- Onde? - insistiu Max.

As agulhas pararam, e Cyrus começou a se inquietar. De repente, a mão de Peg voou. Pegou o punho de Max e sacudiu seu braço por cima da mortalha.

Uma faca brilhou.

Max deu um grito agudo de dor quando a lâmina lhe cortou a palma. Gotas de seu sangue caíram suavemente no tecido, que brilhou com uma

luz verde embotada enquanto as absorvia. Com desdém, ela jogou a mão dele de volta. A faca desapareceu em suas roupas, e o brilho verde na mortalha se apagou.

- A Peg faz as perguntas - disse ela, agressiva, cuspendo. - Não os menininhos maus que a obrigam a caçar por muitos meses e muitos quilômetros.

Numa guinada súbita, a cara dela a centímetros, cusparadas lhe espirraram da boca e longos dentes se esticaram da mandíbula inferior - sua raiva crescia. Max quase caiu de costas do caixote.

- Se dependesse de mim, você estaria na minha despensa de carnes, seu pequeno gusano! Sorte sua você valer alguma coisa e a Peg ter ordens a cumprir!

A vye ficou ofegante um tempo, examinando cada detalhe da cara aterrorizada de Max enquanto a raiva cedia a uma falsa compostura. Milímetro por milímetro, seus dentes deslizaram de volta para dentro das gengivas, e sua

boca tornou a se afundar numa massa mole.

- Sim, sim, grandes planos para este aqui - murmurou ela, mais uma vez pegando as agulhas. - O Marley e o Traidor dizem isso... desde que ele seja o que nós queremos. Senão... Ru, ru, ru! Ele pertence à Peg!

Max foi levado de volta à cabine fétida, onde Cyrus tratou da nova ferida.

- Você não deve aborrecer a Peg - aconselhou o velho, apertando o labirinto de cordas e nós em torno de Max, cujas pálpebras batiam de dor e exaustão. - Não haverá nada que eu possa fazer para ajudar.

Cyrus forçou outro biscoito e um pouco d'água na boca de Max; em seguida, pegou a lanterna e desapareceu escada acima. A cabine ficou negra. Max ouviu Alex respirar. Sabia que logo seu pai estaria acordando e ajudando Mamãe e Bob a preparar o café da manhã na cozinha. As criaturas a cargo deles estariam profundamente adormecidas no Alojamento de Aquecimento. David teria o observatório todo para si. Max achava que David não ia gostar disso, e esperava que Connor pudesse se mudar para lá.

O navio estremeceu ao abrir caminho por águas mais agitadas. O que a sra. Richter diria a seu pai?

Como as vyes tinham entrado no campus da Rowan? Cooper estaria procurando por eles?

YaYa cuidaria de Nick? Ou seria Nolan?

Os pensamentos passavam como anúncios na rua - alguns, profundos; outros, vãos, tolos -, enquanto Max tentava contemplar um mundo sem ele. Com um suspiro, desejou que Nicke os gansinhos estivessem ali junto. Então, caiu num sono sem sonhos.



\*~\* 19 \*~\*

### A CRIPTA DE MARLEY AUGUR

Quando Max abriu os olhos, tudo o que viu foi escuridão. Fechou-os de novo e tentou conservar sua energia. Estava sendo carregado; alguma coisa havia sido colocada sobre sua cabeça.

Foi impossível juntar as peças do restante de sua viagem; não estava certo se velejara dias ou semanas. Havia vislumbres passageiros de luz do dia e batida suave da chuva. Periodicamente, permitiam que se aliviassem num balde. A última lembrança de Max era acordar com Peg sobre ele, com uma mortalha negra, murmurando em voz baixa uma língua estranha.

Agora lá ia, sacolejando, a tiracolo nos ombros da vye, muitos degraus

abaixo. Cada passo fazia saltar seu corpo. Uma porta se abriu, e Max sentiu ura ar frio, bolorento, filtrar-se através do invólucro sobre a cabeça.

- Você está atrasada, Peg - disse uma voz, da sua direita. Era grave e autoritária.

- Não foi possível evitar - resmungou Peg, a boca assustadoramente próxima da orelha de Max.

Max foi jogado numa cadeira, e a coberta, removida de sua cabeça. Fingindo estar inconsciente, deixou a cabeça cair para o lado. Então, como uma mancha a se espalhar pelo cômodo, uma presença se aproximou. Fazia muito frio. O ar parecia vibrar e tilintar.

- Foi deste que o Traidor falou?

- Sim - respondeu Peg.

E bateu no alto de sua cabeça com um dedo de unha dura. - Ele está fingindo dormir.

Max a ignorou. Manteve os olhos bem fechados e se concentrou, em meio à febre. Um vapor acre queimava suas narinas, apesar do ar pesado, molhado. Pingava água de algum lugar; pelos sons, o espaço devia ser muito grande. Max ouviu uma coisa qualquer se mover em algum ponto à sua esquerda.

- Tudo bem, menino - disse a voz, oca, mas não má. - Abra os olhos. Max levantou a cabeça enquanto os olhos se ajustavam lentamente às

sombras. Procurou, em primeiro lugar, a origem da voz desconhecida, mas só pôde ver duas pequenas luzes no escuro. Alex também as via; estava sentado numa cadeira próxima, agarrado a ela, em terror, olhando à frente, silencioso.

Encontravam-se numa sala cavernosa de pedra fria; as paredes e colunas altas estavam úmidas, com mofo e organismos felpudos. A única luz provinha de lamparinas a óleo e um pequeno fogo à esquerda de Max. Suspenso sobre o fogo, um caldeirão soltava fumos de odor fétido em espirros impetuosos. Atrás do caldeirão se encontravam mesas compridas de madeira cobertas com copos de boca larga e frascos com crostas de resíduo negro. Sobre as mesas havia muitos livros espalhados, antigos e com gravuras, como os grimoires de Da-vid. O que realmente captou a atenção de Max, porém, foram as pinturas. Atrás das mesas, dúzias de pinturas penduradas nas paredes escuras e molhadas, zombeteira e

fantasmagoricamente, imitavam a galeria de um museu.

Max procurou a saída, mas viu Cyrus, em forma de lobo, sentado na base dos degraus de pedra que subiam ao negrume de tinta.

Uma voz ao ouvido de Max o fez pular.

- Fez boa viagem, querido?

A cara de Peg lhe arreganhava os dentes à luz difusa, o cabelo desgrenhado, as bochechas encovadas.

- Peg, deixe-o quieto.

A voz falava em tom calmo, de comando.

- Este é um grande dia para o nosso hóspede; não o estrague sem necessidade.

Fazendo uma careta, Peg recuou para uma cadeira de balanço de espaldar alto junto ao caldeirão. Pegou duas agulhas e continuou a trabalhar em outra mortalha.

- Onde estamos? - disse Max, a voz soando pequena, jovem, na câmara cavernosa.

- Você está em Eire, meu filho. Irlanda. Está entre amigos numa terra de poetas e reis.

- Esse aí é você? - sussurrou Max, fitando os pequenos olhos brilhantes no escuro.

Os pontos gelados de luz balançaram contra a escuridão, enquanto algo se aproximava. Uma figura assustadora surgiu.

Tinha mais de dois metros de altura - Max achou - e estalou os ossos ao ficar totalmente em pé. O cabelo cinza como aço estava trançado a partir das têmporas. Um pequeno círculo sem lustro lhe coroava a cabeça, enquanto um colar de prata escurecida lhe envolvia o pescoço. Túnicas de linho puido com bainha de desenhos entrelaçados em verde descorado caíam em torno de uma estrutura grande, magra. A carne que restava estava murcha, em decadência. Seus traços se contraíram num pequeno sorriso enquanto dois alfinetes de luz verde pálido faiscaram de dentro dos fundos buracos dos olhos.

Max se torceu e desviou o olhar quando a figura ficou em pé à sua frente. - Sei que não é agradável me olhar - disse a criatura, tristemente. - Isso

vai mudar.

A criatura acariciou o braço de Max, e o menino quase desmaiou. O toque era gelado; a carne dava a mesma sensação de umidade da terra em torno.

- Esse é forte - silvou Peg, do canto. - Devíamos amarrá-lo. - E ainda um menino. - A criatura deu uma risada abafada. - Ele é nosso

hóspede, não nosso prisioneiro. Ele verá a sabedoria das nossas palavras. - Então, virou-se para Alex.

- E qual é o seu nome, meu filho?

A atenção da criatura fez Alex se mexer.

- Alex Muñoz.

- Você é muito bem-vindo aqui, Alex - disse a criatura. - Eu mandei a Peg buscar aquele ali. Como tivemos a boa sorte de

conseguir também a sua companhia?

- Os dois estavam na doca - falou Peg, rindo. - Estavam brigando. Nós poupamos este de se tornar um assassino. Não é isso, Alex?

A criatura lançou um olhar severo.

- É verdade? Por que você levantaria a mão contra um irmão? - Eu o odeio - disse Alex de forma abrupta, olhando para Max. - Odeio

tudo o que diz respeito a ele!

Depois de pesar as palavras durante algum tempo, a criatura fez um movimento para Peg. Ela cobriu os ombros de Alex com uma mortalha negra, como se ele tivesse acabado de entrar do frio. Max se inclinou à frente.

- O que vai fazer conosco? - inquiriu Max. - Onde estão os outros? Cyrus mostrou os dentes, de onde estava, na escada. Ignorando Max, o

homem caminhou devagar até uma das mesas, num andar rígido, difícil. - Fez muito bem, Peg. - Sua voz soou distraída: ele mexia uma coisa

qualquer num frasco com uma massa compacta. - Este aqui certamente será útil. - E voltou-se para Alex, parecendo uma torre, de tão alto. - E qual foi a sua visão, minha criança? Seja breve, seja franco. - Estamos perdendo tempo! - disse Peg, a voz baixa e furiosa. - Esse menino tem pouco valor... exatamente como os outros! Eu concordo com o Traidor... é o McDaniels que nós queremos!

A criatura vagorosamente voltou sua atenção para Peg, e pela primeira vez Max viu a vye assassina desviar os olhos. Tirando da mesa um livro grosso e uma caneta, Peg logo voltou à cadeira. O olhar da criatura se demorou sobre ela.

- Eu terei certeza disso - disse, afinal. - Talvez você tenha que explicar ao nosso Amo que o sofrimento dele se prolongou por causa da sua estupidez. Se desperdiçarmos o conteúdo do caldeirão na criança errada, é a sua cabeça que rola.

Peg apertou os lábios, enquanto a criatura voltava a Alex.

- Agora, minha criança, compartilhe comigo a sua visão - continuou

a criatura. - Como foi que a grandeza despertou dentro de você? - Alex, não fale nada para eles - disse Max, cerrando os dentes. - Cale a boca, McDaniels - disse Alex. E se virou para a criatura. - Se eu

contar a minha visão, você me deixa ir?

- Não - respondeu a criatura. - Pelo menos, não por enquanto. Mas posso prometer outras coisas.

- O quê, por exemplo? - perguntou Alex, agitado. - Poder.

A palavra saturou o ar e ecoou, rica e pesada, pela câmara. Alex se endireitou no assento.

- Comando - proseguiu a criatura. - Reconhecimento. Recompensa. Tudo que você deseja no fundo do seu coração. A Rowan está no inverno; suas flores são poucas e murcham. Por que labutar enquanto servo da humanidade quando você pode ser seu amo?

Alex nada disse. A criatura podre lhe sorriu.

- A Peg o assusta? - perguntou, apontando para a vye que, sentada, observava-os, os olhos apertados.

Alex fez que sim.

- Por que temer a Peg quando ela poderia ser sua escrava. - perguntou a criatura.

- Alex! - sussurrou Max. - Não escute. E mentira! Alex lançou a Max um olhar sombrio.

- Não - entou a criatura, levantando-se totalmente. - Não é mentira, e ele sabe disso. Não sabe, Alex? Você sabe que falo a

verdade.

Alex fez um sinal ligeiro de assentimento.

- Vou lhe contar - sussurrou. - Vou lhe contar.

A criatura soltou um grunhido de aprovação e começou a derramar um líquido gorgolejante de um frasco cheio de crosta numa caneca de madeira.

Alex contou a história do dia em que viu uma ostra gigante na piscina do pai, a qual, de repente, abrindo-se, revelou uma pérola negra do tamanho de uma bola de bilhar. Durante todo o relato, Max ouviu Peg anotar o caso no livro grosso sobre o colo.

- Uma visão gloriosa - disse o homem, abaixando-se para oferecer a

Alex um gole da caneca. - Você não é quem procuramos, mas eu saúdo a grandeza dentro de você.

Alex demonstrou dúvida. Cheirou o líquido e torceu o nariz. - Tenho que beber isto? - perguntou.

- Se de fato desejar tudo o que prometi... - disse a criatura, fechando os dedos de Alex em torno da caneca. O nosso Amo logo estará livre para reinar, e tudo será como eu disse. Ele não recompensa, porém, a covardia...

- Eu não sou um covarde! - insistiu Alex, engolindo a poção. Engasgou, sufocou, mas conseguiu forçá-la a descer. Dos cantos da boca

pingou o líquido negro. Ele deixou cair no chão a caneca, desafiadoramente arranhando os dentes para Max. De repente, as pálpebras do menino mais velho se fecharam, e sua cabeça caiu para a frente, enquanto a mortalha se acendeu, cintilando. Max teve a impressão de que Alex simplesmente secara uma caneca de alcatrão e morrera no ato.

- O que você fez com ele? - berrou Max, suas palavras ecoando no grande espaço de pedra.

Peg começou a rir e retomou seu tricô.

- Ele iniciou a jornada dele - disse a criatura, com ar meditativo, dando tapinhas na cabeça de Alex e abaixando-se para apanhar a caneca. - E agora podemos nos voltar para você. Estive muito ansioso para conhecê-lo, Max McDaniels.

A coisa tornou a se virar e baixou o olhar até Max. - Diga-me, criança. Qual foi a sua visão? O que viu naquele dia, quando

tornou-se conhecido para nós?

Seu tom de voz era bondoso, convidativo.

- Eu não me lembro - respondeu Max, tranquilamente, desviando o olhar. - Não seja difícil - avisou a criatura. - Você se lembrar. Eu ainda me

lembro da minha, e ela ocorreu há muitos séculos. - Você é um dos nossos? - perguntou Max, incrédulo. - Não sou. - A resposta foi rápida. - Renunciei a essa Ordem faz muito

tempo.

- Quem é você? Por que está fazendo isso conosco?

A criatura se virou e colocou a caneca de Alex de volta sobre a mesa, a voz arrastada e triste.

- Diga-me, menino. Você conhece o nome Marley Augur? - Não - respondeu Max.

- Você conhece o nome Elias Bram?

- Conheço.

O ar na câmara se tornou mais frio; a volumosa figura ficou muito quieta. - E o que sabe de Elias Bram?

- Ele foi o último Ascendente. Sacrificou-se na Solas para que alguns pudessem escapar...

As mechas finas de cabelo grisalho da criatura chicotearam quando esta se virou; sua cara era uma máscara trêmula de pele esticada e marcada.

- Mentira!

A palavra sacudiu a câmara como ura terremoto. Um copo de vidro caiu despedaçado no chão. Max se encolheu e fechou os olhos.

- Isso é mentira! - repetiu a criatura, acalmando a voz até transformá-la num ronco baixo. - Desculpe a minha raiva... A injustiça das suas palavras salga antigas feridas. Bram não se sacrificou naquele dia. Ele me sacrificou. O meu corpo. A minha honra. O meu legado.

- Você estava com ele? - perguntou Max. - Você estava na Solas? - Estava - disse a criatura, fazendo que sim. - Fui eu, Marley Augur, o

ferreiro, que tocou o alarme quando se avistou o Inimigo. Fui eu que, cumprindo o meu dever, corri para a seteira enquanto Bram correu para a esposa dele. Fui eu que estanquei a maré enquanto Bram se deixou ficar... - a voz de Augur era estridente. As pequenas luzes verdes em seus olhos dançavam, bruxuleavam. - Eu derrubei muitos antes de ser vencido.

E suspirou, baixando a cabeça.

- Mas então você é um herói! - disse Max, com alento. A coisa imensa sacudiu a cabeça violentamente e olhou com ferocidade

para Max.

- Um herói? Não, menino, eu com toda a certeza não sou um herói. Os heróis são lembrados! Os heróis têm reservado um lugar nas memórias de seu povo. Não são esquecidos no campo, largados, a apodrecer, sem enterro e sem choro!

Max se retraiu quando a voz da criatura tornou a se elevar em tom e intensidade. Peg ria baixinho no canto.

- Mas eu fui poupado desse dia. Poupado por um Inimigo abençoado, com uma sabedoria e uma bondade que haviam sido ocultadas de mim. Antes de eu cair, o Senhor Astaroth viu a minha qualidade. Ordenou a seus servos que levassem o meu corpo. Recebi assento de honra e vi os erros da minha antiga lealdade. Tenho um novo Amo, e é por ele que Marley iniciou esta grande obra.

Max de repente enrubescou de raiva.

- Que grande obra? Você é apenas um traidor que procura vingança! - Você é jovem, menino - disse Augur calmamente, arrumando sobre a

mesa os copos de boca larga. - Não seja tão precipitado. A vingança é uma força poderosa, uma força que deu origem a muitas coisas grandiosas. A vingança dá propósito; foi a vingança que me manteve vivo estes muitos anos para criar as minhas obras-primas.

Max se encolheu de encontro à cadeira quando Augur se aproximou, abaixando-se. Lenta, delicadamente, o homem girou a cadeira de Max.

Max gritou quando as viu de encontro à parede, do outro lado: dúzias de crianças em pé, pálidas, fantasmagóricas, nas sombras de uma grande alcova. Uma mortalha negra envolvia cada uma delas, balançando sobre pés vacilantes. Algumas pareciam meros zumbis, olhando à frente com olhos que nada viam; outras traíam uma sugestão de consciência ao olhar para Max.

- As crianças servirão à nossa causa. E serão recompensadas. Quando Astaroth for vitorioso, elas dominarão, reinarão com o nobres senhores sobre esta terra!

Uma menina de cabelo castanho emaranhado o olhou nos olhos. Para horror de Max, ela sussurrou:

- Fuja.

- Ai, meu Deus - murmurou Max. - Olhe para elas! Olhe o que você está fazendo com elas!

- Eu as estou poupando da traição! Eu as estou poupando da minha dor! - rugiu Augur, girando a cadeira de Max para longe das crianças e voltando-a de novo à escada.

Num espasmo de raiva, ele segurou o rosto de Max. Max abriu a

boca, espantado. Tão frios estavam seus dedos que ele temeu que seu coração fosse parar. Augur relaxou o apertão; seu outro braço alçou e tirou dali a mão.

- Ouvi dizer que a maçã de Bram foi preservada - disse Augur, os dentes cerrados, andando rapidamente até um baú empurrado contra a parede. Abriu a tampa e mexeu lá dentro.

- Ouvi dizer que é cultuada como troféu! Que fica suspensa num lugar de honra...

Algo pesado caiu no colo de Max. Era uma maçã grande, a casca enrugada, bolorenta, dura como mármore, com muitas riscas douradas sem brilho.

- Esta deveria estar no lugar daquela - entou Augur. - Ela será pendurada no lugar da de Bram, e você me ajudará a colocá-la

lá.

As vyes, então, caíram sobre Max. Peg botou a faca no pescoço de Max, enquanto Cyrus o amarrou bem apertado à cadeira com uma corda pesada.

- Esperem - disse Max, esforçando-se para levantar o queixo fora do alcance da faca.

Augur o descartou com um gesto.

- A hora de falar passou - disse. - Astaroth vai decidir o que fazer com você.

- É melhor rezar para que você seja esse que estão procurando - sussurrou Peg no ouvido de Max justamente quando Cyrus o amordaçava com um trapo imundo. - Senão, o elixir não terá utilidade, e o Marley não terá disposição para poupá-lo.

Dando-lhe com a unha pontuda na cabeça, a vye o deixou. O suor inundava Max. Ele lutou contra as cordas, mas os nós de Cyrus eram hábeis e só fizeram apertar mais. O tempo todo ficou de olho em Peg, que se pusera a avaliar as pinturas como um crítico de arte, ocasionalmente tirando uma da parede. Max deu um pequeno grunhido quando viu Peg escolher o Rembrandt e o Vermeer que David identificara como prováveis prisões.

Todo esse tempo Marley Augur cantava palavras lentas, estranhas, com sua voz grave.

A câmara ficou muito quieta - como se cada criatura viva e até mesmo a terra e a pedra em volta testemunhassem a cerimônia.

Max sentiu um lampejo súbito de dor quando a faca de Peg reabriu a

ferida em sua mão. Não a vira se aproximar. Abrindo seus dedos, separou a pele e apertou a carne até ele sentir a mão fria e fraca.

Peg levou uma tigela rasa com o sangue de Max para Augur. O canto solene do ferreiro aumentou de volume; seus dedos faziam sinais para o sangue como se quisessem extrair dele alguma coisa. Max desviou o olhar quando Augur derramou o sangue no caldeirão e mexeu. Olhando a maçã em seu colo, Max lutou para controlar a respiração enquanto observava a luz do fogo dançar no ouro que dava aparência de mármore à sua superfície.

O canto se desvaneceu no silêncio.

- O elixir está pronto - disse Augur, com voz grave. Peg arreganhou os dentes, reprimindo o riso, enquanto escolhia uma tela

grande e a inclinava à frente dele. Era uma pintura aterrorizadora - a imagem de um gigante de olhos selvagens devorando o corpo de um homem.

Marley Augur mergulhou um pincel de cerdas pesadas no caldeirão. Um brilho espesso, vacilante, foi aplicado à cara do gigante.

- O senhor está livre, Astaroth, para de novo caminhar sobre esta Terra. A Magia Antiga de seus inimigos o chama para a vida e o liberta das amarras!

Augur baixou a cabeça, enquanto Peg e Cyrus se puseram de lado. Nada aconteceu.

- Ponha mais! - disse Peg entre os dentes, mas Augur, girando, olhou-a com ferocidade.

- Não gasto mais nada em seus palpites tolos! - disse Augur, rápido. - Traga o próximo!

Augur repetiu o ritual com diversas outras pinturas, ficando cada vez mais agitado.

- Então me ajude, Peg - murmurou Augur, uma raiva subindo na voz, enquanto raspava e mexia o conteúdo que restava no caldeirão.

Max prendeu a respiração quando o Vermeer foi trazido, o da menina lendo uma carta à janela. Um miado trêmulo soou da garganta de Cyrus; a vye pulou de volta à escada, quase desaparecendo em suas sombras.

Depois do elixir desperdiçado em diversas outras pinturas, a raiva de Augur foi terrível; ele partiu suas grossas molduras como se fossem palitos de fósforo.

De pé, a cabeça baixa, Augur ofegava enquanto Peg balançava o

Rembrandt, a cara branca de medo. Os olhos de Max varreram a familiar superfície escura e tempestuosa. Na hora exata um anjo chegava para impedir Abraão de sacrificar o filho. Abraão demonstrava surpresa; a faca lhe caíra de uma mão enquanto com a outra ele cobria os olhos do filho.

Com um olhar de desdém a Peg, Augur raspou o pincel em torno da borda do caldeirão e o bateu no rosto de Abraão.

- Peg, você é... - começou a dizer.

- Espere! - Peg soltou um guincho, afastando-se de Augur. - Está acontecendo alguma coisa!

Max olhou de viés para a pintura, tentando distinguir o rosto de Abraão sob o elixir brilhante.

Sua respiração parou; o único som que ouvia era a batida do próprio coração.

Abraão estava olhando para ele.

Havia uma sabedoria antiga, grande, em seus olhos... algo profundamente perturbador na maneira de passearem por sobre o rosto e as amarras de Max. Poderiam ter um milhão de anos de idade.

Marley Augur e Peg fizeram uma reverência profunda diante da pintura. - Astaroth, o senhor é chamado de volta à vida por seus servos leais - disse

o ferreiro, com voz solene. - Caminhe outra vez por esta terra, meu Amo, e traga ordem com o seu reinado.

O medo de Max ferveu a ponto de transbordar: os olhos ignoravam Augur e continuavam olhando para ele. Suas mãos tremiam, os pelos no pescoço estavam eriçados.

Num ímpeto furioso, Max destroçou a cadeira e as cordas que o prendiam. Cuspindo a mordaça, agarrou a maçã de Augur e disparou rumo à escada. Cyrus se levantou do assento e fechou a passagem de Max.

- Pare-o! - rugiu Augur.

Em pânico, Max viu que a porta estava barrada com uma trave pesada. Empurrou-a exatamente quando Cyrus subia desajeitadamente os degraus, nas quatro patas. Com um guincho, Max abriu a porta à força. Aos tropeções, saiu

numa neblina fria e densa.

Saiu do que parecia ser um cemitério, disparado, em zigue-zague

por entre as pedras dos túmulos que se erguiam na névoa úmida. Ruidosamente, a vye veio atrás.

Max gemeu de dor ao bater com o joelho numa haste grossa de metal que saía de uma cerca. Ignorando a dor, continuou correndo, na busca desesperada da saída do cemitério. De novo tentou amplificar, mas nada aconteceu.

De repente, Max viu um portão alto, aberto, ali perto. Mancando, saiu por ele. Quando parou para fechá-lo, viu através do nevoeiro a imensa silhueta da vye se aproximando. O portão era pesado demais, e Max o abandonou. A vye, a arquejar atrás, desencadeou um medo tão terrível no menino que ele deu um grito, deslocando ainda mais depressa as pernas. Uma árvore alta se encontrava na crista de um barranco íngreme. Max rumou para lá, correndo morro acima; firmou o pé para um grande salto.

A vye lhe deu uma pancada no tornozelo, por baixo, derrubando-o na relva e, desajeitada, caindo sobre Max. Tentou prender seus ombros com as grandes patas, movendo loucamente as traseiras para trabalhar melhor. Max rolou de lado e jogou para cima o braço, com o fim de proteger o pescoço das mandíbulas que batiam, a rosnar. Os dentes da vye lhe rasgaram a manga até o antebraço. Com um grunhido, Max jogou o braço à frente, empurrando a mandíbula, enquanto Cyrus tentava alcançar seu rosto fazendo um túnel por debaixo do braço de Max.

Sem conseguir amplificar, Max começou a ceder, e as mandíbulas bateram mais perto. Em desespero, enfiou o outro punho goela abaixo da criatura, forçando a maçã de Marley Augur no fundo de seu esôfago. A vye soltou um terrível grito de dor e surpresa, dando coices e chutes em desespero, para se safar. Max continuou com toda a sua força a empurrar a maçã cada vez mais fundo. Eles rolaram no chão, embolados, até que a vye teve uma violenta convulsão e deu um suspiro trêmulo. Um instante depois, ficou imóvel.

Max se levantou, tremendo; usou a camiseta para estancar o sangramento e limpar a saliva. Havia diversas feridas do tamanho de uma moeda de dez centavos em seu antebraço; o punho e a mão sangravam a rodo. Max examinou o nevoeiro para ver se Peg ou Marley estavam vindo. Não havia nenhum movimento... apenas um vento rápido lhe resfriava o suor no pescoço.

Diversas aves negras crocitaram nos galhos acima, olhando para baixo com pequenos olhos frios.

- Eu tenho que ir - murmurou Max para si mesmo. - Tenho que conseguir ajuda.

E olhou para o céu, apertando os olhos: não havia sol, não havia estrelas, nada que medisse a direção para onde olhava ou a hora do dia. Fazendo careta, tirou a camiseta que vestia e a cortou em tiras, apertando-as com força em torno do braço para impedir o sangramento.

Esparramada sobre o capim alto, a vye mostrava a língua inchada, azul-arroxeadada. Constatar a realidade do que acabara de fazer provocou-lhe um arrepio espinha abaixo.

Olhou mais uma vez na direção do cemitério, e as palavras assombrosas que lera no Chocalho ecoaram em sua mente:

A criança que tomasse das armas naquele dia tomar-se-ia o maior nome da Irlanda, mas sua vida seria curta...

Massageando o joelho, ele saiu na direção oposta à do cemitério. "Tem que haver uma estrada aqui por perto", raciocinou. E continuou trotando no escuro, argumentando consigo mesmo.

"Você está fazendo a coisa certa, Max. O mal está feito. Astaroth já foi despertado. Você só vai conseguir ser morto. Pense em seu pai recebendo essa notícia. Isto aqui não é a Corrida. Isto é a vida real. Você pode pedir ajuda. O Cooper ou a sra. Richter podem salvar aquelas crianças!".

Max desacelerou e parou, dobrando-se quando a dor no braço apertou. Encolhendo-se, botou mais pressão sobre os ferimentos. Quando as feridas começaram a coagular, Max subitamente admitiu para si mesmo que logo não haveria mais ninguém a resgatar. As outras crianças, com certeza, teriam desaparecido até a hora em que Max conseguisse ajuda. Pelo olho da mente, ele viu as caras e os olhos das crianças desesperançadas. Recordou com terrível nitidez a menina emaciada que lhe implorou que fugisse.

Virou-se e correu de volta na direção do cemitério. Os corvos gritaram um cumprimento estridente quando Max passou pela árvore na qual a vye estava deitada. Ele retomou seu percurso até chegar à cerca em que tropeçara anteriormente. Encontrou um pedaço preto de ferro torto, enferrujado, que se

destacava do resto, terminando numa ponta fina. Balançando-o para a frente e para trás, Max torceu, bateu em sua base, até soltá-lo nas mãos.

Furtivamente, Max andou de túmulo em túmulo, com a lança improvisada que lhe dava uma sensação incmoda. O nevoeiro estava agora mais fraco: ele via a entrada escura para a cripta. Engatinhando, dirigiu-se  porta aberta, ouvindo ruído de movimentos apressados - uma porta pesada sendo aberta, metal e vidro a tilintar. Deslizou silenciosamente escada de pedra abaixo. A poucos passos do fim, parou e se abraçou à parede.

Lá estava Peg, a cerca de cinquenta metros de distância, resmungando, enquanto juntava braçadas de correntes de uma pilha no chão. Ela bamboleou de volta para onde estavam guardadas as crianças. Max olhou em torno da escada; Augur empacotava os copos, jarras e instrumentos numa porção de baús. Uma grande porta de alçapão, no chão, perto de onde Alex estava, desfalecido, encontrava-se aberta.

De repente, Peg largou as correntes. Aspirou o ar. - Ru, ru, ru! Talvez não precisemos ir!

Max tornou a se meter pela escada, mas era tarde demais. Com uma gargalhada triunfante, Peg saltou na direção dos degraus, nas quatro patas, o corpo transformando-se no de uma vye monstruosa. Max ficou paralisado na escada quando ela deu um último salto e se lançou sobre sua presa.

Max levantou a lança.

O impacto quase lhe arrebatou a arma da mão, mas Max a segurou firme. Os olhos deles se encontraram durante um instante horrível. A expressão de Peg era de choque absoluto. A velha vye gritou, arrancando para trs, a fim de escapar à ponta da lança, os membros se debatendo como as patas de uma aranha. Arrastando seu peso, gorgolejou e entrou em colapso a uns quarenta metros de distância - uma vye inchada, com pelo marrom-avermelhado, agarrada  barriga.

Segurando a lança na mão trêmula, Max entrou na câmara. Marley Augur, em p junto ao alçapão, fitava Peg. Sacudiu a cabeça

tristemente e se virou para Max, que se ps de lado, na direção das crianças, mantendo ampla distância da vye moribunda.

- Solte isso - ordenou Augur, com voz rspida, olhando a lança ensangentada de Max.

- Não solto - disse Max, arquejante, recostando-se a uma coluna

grossa.

Marley Augur se endireitou, alcançando sua altura total, e caminhou em direção a ele. Como um pai que desaprova, a criatura se esticou para apanhar a lança rústica. Max sacudiu a arma com toda a sua força, obrigando a criatura a tirar a mão de lado.

Uma tênue névoa verde se formou em torno da coisa não morta. - Solte isso, ou eu vou ficar zangado - disse Augur, levantando a voz - Não solto - falou Max, cerrando os dentes. - Deixe-as ir! A temperatura caiu, e Marley Augur pareceu crescer ainda mais. Esticou a

mão mais uma vez, mas não para Max. Um martelo maciço de ferreiro voou de sua mão à parede oposta, a cabeça uma cunha assassina de pesado metal negro. Levantando o martelo, Augur baixou os olhos para Max. A névoa verde lhe girava entre as pernas.

- Você vai servir ao nosso Amo. Ou inteiro ou quebrado... Assim que Augur deu um passo adiante, uma lâmina de chama brilhante rugiu à frente. Max se apertou de encontro à coluna

enquanto Augur recuou um passo, confuso, olhando para a pintura da qual, oculto, Astaroth observava. Uma voz inesperada chamou.

- Deixe essa criança em paz.

Ronin estava em pé sobre o degrau mais baixo. Todo vestido de cinza, arqueava. Apontavam das mangas de seu casaco duas facas compridas. Num a voz monocórdia, calma, ele falou com Max.

- Pegue as crianças e leve-as para fora. Eu vou cuidar deste traidor. - Ronin! - gritou Max. - Astaroth está naquela pintura! Ronin olhou para o Rembrandt. Levantou a mão, e lâminas de chama

rugiram da terra para engolfá-la. Mas a pintura escura nada sofreu. Uma gargalhada baixa, surda, veio do fundo da barriga de Augur. A sala

ficou ainda mais fria; as chamas entre Max e o ferreiro escoaram pelo chão. - Este é o exército de Rowan? - trovejou a criatura. Dentro dos olhos de Augur pulsava luz, cada vez mais rapidamente

ganhando vida, quando ele ergueu o martelo maciço.

- Eu sou muito mais grandioso do que você, pequeno cachorro.

Como esta criança, é você para mim. Magia Antiga e propósito mais profundo correm por dentro de Marley Augur...

Max amplificou exatamente na hora em que o martelo veio. O martelo pulverizou as pedras no chão do lugar em que Max estivera, enquanto o menino saltava para a alcova em que as crianças se encontravam, encasuladas nas mortalhas negras. O martelo de Augur balançou no alto, soltando um chuvaireiro de fagulhas, e colidiu com a coluna, que estalou e rangeu no impacto.

Num relâmpago, não um, mas três Ronin cercaram Augur com um redemoinho de facas. O ferreiro girou seu martelo numa perseguição louca, despedaçando madeira e pedra e vidro num frenesi aterrorizador. As paredes da cripta se sacudiam com grandes lampejos, como se no meio de uma tormenta.

Max arrancou as mortalhas negras das crianças que estavam conscientes e empurrou-as na direção da escada, gritando-lhes que caíssem em si e se apressassem. Saíam cambaleando em grupos confusos de duas e três, abraçadas às paredes e arrastando os pés para a fria luz do dia.

Mesmo com todas as mortalhas jogadas de lado, ainda havia várias crianças na alcova, as cabeças caídas, desacordadas. Max começou a tremer enquanto seu corpo absorvia mais energia da luta em sua volta. Erguendo uma criança em cada ombro, disparou pelo chão, por sobre Peg, subiu a escada e se deitou na relva molhada. Tornando a mergulhar na cripta, Max congelou de horror ao ver o martelo de Augur cair na cabeça de Ronin. Mas o martelo só fez bater no chão, enquanto o disfarce de Ronin se dissipava e rapidamente tornava a se formar, como se feito de fumaça magnetizada.

O Ronin real manobrava atrás de Augur. Tirara uma espingarda de dois canos das dobras do sobretudo. O tiro ecoou na câmara com grande estrondo metálico.

Augur se dobrou e tropeçou, caindo à frente; nada mais. Ronin foi forçado a recuar num salto quando o martelo girou, amassando o cano da espingarda.

Quando Max acomodava as últimas duas crianças no capim, a câmara entrou em colapso. Um relâmpago de luz irrompeu da porta, e ele ouviu Ronin

xingar. Max berrou às crianças conscientes que afastassem as outras e tornou a disparar cripta adentro.

Ronin estava inclinado junto à coluna. As falsas imagens haviam

desaparecido, e ele se encontrava sem arma.

- Ronin! - gritou Max, descendo até ele a correr. - Falta um, Max. Pegue-o e vá! - falou Ronin, a boca aberta, agarrado à

coluna.

Cambaleou em torno dela quando Augur avançou em sua direção, pisando em cima de uma mesa destróçada.

Max olhou para Alex caído na cadeira, ali do outro lado. Os olhos de Astaroth acompanhavam Max atentamente.

- E a pintura? - gritou Max.

- Pegue o menino e vá! - berrou Ronin. - Mantenha-os longe da escada! Augur não pode subir acima do solo!

Ronin se abaixou quando o martelo foi jogado, arrancando um pedaço dentado da coluna. De seu casaco, Ronin lançou o que parecia ser um disco de hóquei de metal baço no centro da câmara, esquivando-se em seguida de outra jogada assassina do martelo.

Max correu até Alex, colocou-o sobre o ombro e olhou para a pintura. Astaroth lhe sorriu.

Enquanto Max dava a volta e corria à escada, algo o fez tropeçar. Soltando Alex, caiu no chão. Peg estava a seus pés. Abrindo a boca para respirar, aproximou a cara de Max. Sua expressão se alternava entre o monstro babento e a mulher de olhos arregalados que o perseguira em Chicago.

- Você vem comigo - gorgolejou. - Desce, desce com a Pega escuridão! Esticando o pescoço, Max fugiu das garras que o buscavam, concentrando

a força na mão direita, que não estava machucada; sentiu uma chama azul cauterizadora se acender em torno dela. Dando um tapa na cara dela, Max fechou os olhos a uma arfada repentina, com cheiro horrível. Lentamente, o corpo da vye enrijeceu e rolou longe, a cara desfigurada de pelo e carne queimados.

Max se pôs em pé, agarrou a mão de Alex e o arrastou em direção à escada. Ronin os seguiu, mancando; Augur, porém, soltando um uivo

aterrorizador, rodou seu martelo. Com um ruído pavoroso, este pegou Ronin

bem nas costas.

Ronin caiu na câmara e aterrisou feito um fardo junto aos degraus. Não se moveu.

- Fique onde está! - berrou Augur, apontando o dedo ossudo para Max. -  
Estão todos lá fora! - gritou Max, os olhos presos em Augur, enquanto

apalpava a mão de Ronin. -Você não pode pegá-los! - Isso não importa -  
disse Augur, baixando o martelo, andando lentamente

pela sala. - Astaroth despertou, e nós ainda temos você. O seu valor é muito maior do que o daquelas alminhas.

Max tentou amplificar, mas estava esgotado. Cerrando os dentes, lutou furiosamente para arrastar Ronin e Alex escada acima. Seu braço sangrava muito e latejava; Ronin era tão pesado! De repente, três apitos nítidos soaram na câmara. Ronin apertou com muita força a mão de Max. . -Vá sussurrou

Ronin.

Segurando a mão de Ronin com mais força, Max recuou, subindo exatamente quando o disco de metal explodiu.

Max teve a sensação de estar flutuando. Um tilintar agudo lhe soava nos ouvidos, mas a neblina o fazia sentir muito frio, aliviando seu rosto. Ficou deitado, quieto, respirando profundamente. Para sua surpresa, deu-se conta de que havia uma mão presa a cada uma das suas. Olhou para baixo, de onde estava deitado, de encontro ao degrau do alto. Meio submersos numa sopa de giz de pedra e pó encontravam-se Ronin e Alex. Alex estava inconsciente; Ronin batia as pálpebras, olhando, às cegas, para cima.

- Estou quebrado - murmurou ele. - Minhas pernas... - Psiu - sussurrou Max, soltando Alex e agarrando o punho de Ronin com

ambas as mãos.

Ignorando as súbitas arfadas agudas de Ronin, Max o puxou do entulho e o fez se deitar na relva perolada.

Max cambaleou de volta para Alex, pegando-lhe o pulso. De repente, Max ouviu uma coisa fundo, dentro da terra, que o fez abrir a boca e ceder.

Um grito abafado de raiva e desespero sacudiu a terra. Numa fenda

crescente de pedras e reboco, Alex começou a afundar. Em

pânico, Max agarrou sua mão, fazendo o máximo de força que pôde. Não

houve jeito. Algo bem mais poderoso que Max McDaniels se apoderara de Alex e o puxava devagar, inexoravelmente, de volta à tumba. Apesar da força que Max fazia e de suas súplicas, Alex foi arrancado de suas mãos e engolido pela terra.

As crianças, trêmulas, haviam se agrupado em volta de Ro-nin. Piscando, ele olhava o céu no alto, muito calmo e pálido. Abrindo caminho em meio às outras crianças, Max se ajoelhou e apertou sua mão.

- Você está sempre me salvando - sussurrou.

- Vale a pena salvar você, Max - disse Ronin, sorrindo. Seus olhos mostravam cansaço, mas brilharam muito quando piscaram para Max. O olho do vidente escureceu, os brancos leitosos apagando-se num cinza morto.

- Temos que levar você para um hospital.

Ronin sacudiu a cabeça e sorriu, apertando a mão de Max. - Bolso... - ele abriu a boca, fechando os olhos.

No fundo de seu casaco, Max encontrou o que Ronin queria dizer. Era um relógio de segurança. Max lhe apertou a frente com toda a força que lhe restava e tantas vezes conseguiu, até que uma mensagem afinal brilhou na pequena tela.

CHEGANDO. 27 MIN.

Vencendo a exaustão, Max aninhou a cabeça de Ronin no peito, balançando para lá e para cá como sua mãe fazia com ele muito tempo atrás. As outras crianças, sentadas em torno deles em silêncio - pequenos fantasmas magros -, contemplavam, mudas, o nevoeiro. Quando os agentes chegaram, ele pensou que eram anjos.



\*~\* 20 \*~\*

## PAI E FILHO

Max acordou com o cheiro de alguma coisa sendo assada, alguma coisa deliciosa. Uma brisa de lilás lhe roçava o rosto, de uma janela próxima. Ele se mexeu na cama de lençóis macios. Seu antebraço doía. Tocou-o e descobriu que estava envolvido em finas camadas de um material esponjoso. Max se endireitou, deslizando as costas contra a cabeceira. Anoitecia, e o quarto se encontrava na penumbra: púrpuras e azuis profundos, com exceção de um feixe de luz amarela debaixo da porta.

Devagar, Max saiu; a porta dava num corredor, onde ouviu um coro de

gargalhadas. Apoiando-se à parede com a mão enfaixada, ignorou o zumbido na cabeça e avançou, aos tropeços.

Um grupo de adultos jantava em torno de uma mesa grande. Uma mulher de cabelo escuro foi a primeira a avistá-lo no corredor, quando bebia um gole de vinho.

- Oi, você aí! - chamou com voz de mimo, como se para um cachorrinho perdido.

Os outros adultos pararam de conversar e olharam atentamente para Max. - Ele deve estar faminto - disse um homem bochechudo com forte sotaque

irlandês. - Venha fazer uma boquinha, Max!

A cabeça de Max dava a sensação de leveza. Concordando, deixou que o homem o conduzisse a um assento à mesa, próximo a uma moça mais nova, de cabelo vermelho. Ela sorriu e lhe fez um prato com frango assado e arroz selvagem. Max agarrou um pedaço do frango e o colocou na boca.

- Sir Alistair deve ter tido muito trabalho com este aqui - comentou, rindo, um homem de óculos.

- Psui! - fez a mulher de cabelo escuro.

Sorrindo para Max, ela empurrou a travessa com o frango trinchado mais para perto dele.

- Bem-vindo ao abrigo de Dublin, Max.

Subitamente se dando conta de que comia numa casa estranha com gente estranha, Max botou de lado o pedaço de frango. Seus olhos foram de rosto em rosto.

- Eu sou Max - sussurrou ele.

- Nós sabemos... Nós sabemos tudo a seu respeito, Max McDaniels - disse, sorrindo, o homem bochechudo. - Você é muito bem-vindo aqui.

Como água liberada de um dique rompido, as memórias inundaram sua mente.

- Os Potenciais! - disse ele, boquiaberto. - O Ronin! O que aconteceu com

eles? Eu tentei salvar o Alex, mas não consegui. Ele foi puxado de mim. Astaroth despertou!

Ele quase caiu para trás.

A mulher de cabelo vermelho segurou-lhe a cadeira e o ajudou a se inclinar à frente. Alisando seu cabelo para trás, delicadamente o acalmou. Max ficou imóvel um bom tempo, estudando as pequenas chamas das velas.

Passos soaram no corredor; entraram três homens vestindo roupas

escuras que pareciam se deslocar e se misturar à sala. Para surpresa de Max, a sra. Richter vinha atrás deles. Ela fez um cumprimento rápido ao grupo; em seguida, seu olhar pousou sobre Max, sentado à mesa, pequeno e encurvado. Os olhos dela brilharam quando examinou-lhe o rosto.

- Bem, colegas, o nosso hóspede está em pé e por aí. - A voz dela era delicada e séria. - Oi, Max. Como você está se sentindo?

Max olhou o braço, franzindo o rosto. O pano esponjoso cobria as incisões profundas e os furos dos dentes de Cyrus. A memória da luta no alto do morro lhe veio muito vivida.

- O Alex Munoz - murmurou Max. - Ele se foi... - Sim, eu sei - disse a sra. Richter, em tom grave. - Foi o relógio dele que

pediu auxílio. Aquela cripta está sendo escavada e examinada agora. Na verdade, é de lá que acabo de chegar com estes cavalheiros.

Max se virou para os homens de roupas estranhas que naquele momento se serviam de comida. Ele não conseguia tirar os olhos do tecido em que pareciam nadar cinzas, pretos, verdes e marrons. Um dos homens, louro e belo, com uma cara curtida, sorriu e se aproximou de Max. Ajoelhando-se, puxou um pedaço do pano, no ombro, para que Max pudesse apalpá-lo. Rolando-o de encontro ao polegar e ao indicador, Max ficou fascinado. Era liso ao toque, incredivelmente macio, mas totalmente impermeável, não permitindo nem que a luz de vela se refletisse em sua superfície.

- Nanomalha - disse o homem, num grunhido. - Nova versão. Em beta. Eu me chamo Carl. Fui eu quem recebeu o seu chamado.

Alguma coisa nos modos do homem fez Max se lembrar de Cooper. Ambos possuíam a mesma maneira direta: uma forma calma e contida de falar que

sugeria uma natureza intensa, disciplinada.

- Obrigada, agente Drake - disse a sra. Richter. -É só isso. Se os demais, por favor, nos derem licença, eu gostaria de dar uma palavra com o Max.

Ergueram-se os copos a Max quando este acompanhou a sra. Richter para fora da sala de jantar.

Saindo, sentaram-se num alpendre de pedra gasta e madeira trançada. A lua alta brilhava sobre as árvores, e o ar estava muito parado. Max olhou firme para a diretora, aparentemente perdida em pensamentos, enquanto

contemplava o campo. Havia mil histórias e segredos em seu rosto, pensou Max, esboçados nas profundas rugas em sua testa e nos pequenos pés-de-galinha comprimidos nos olhos. Suas pupilas pareciam gotas de mercúrio à luz da lua.

- Há quanto tempo estou fora? -perguntou Max. - Trinta e sete dias - respondeu a diretora.

Max caiu num silêncio, espantado.

- Trinta e sete dias perdidos, mas quarenta e duas crianças ganhas - disse ela, voltando-se para lhe sorrir. - Não é mau negócio. Quarenta e duas crianças voltarão para casa, para a família delas, graças a você, Max. Você é um herói.

- Mas o Alex desapareceu - disse Max, com angústia crescente. - Eles têm Astaroth, e ele está desperto!

A sra. Richter acariciou sua mão.

- Pziu... Você fez o que pôde, e isso é tudo o que uma pessoa pode pedir a si mesma. Você ultrapassou em muito o chamado do dever para alguém com treze anos de idade, Max.

- O Ronin sobreviveu? - perguntou Max, baixinho. A sra. Richter torceu o nariz, curiosa.

- Quem é Ronin?

- Peter - respondeu Max. - Peter Varga. Ele me salvou. Está bem? - Ah. Eu acho que vai ficar bem, Max. Acho que sim - disse a sra. Richter

com um sorrisinho. -É um nome curioso o que Peter escolheu para si mesmo. Você sabe o que é "ronin"?

Max fez que não com a cabeça.

- Ronin é um samurai. Um samurai vagante sem amo. Essa idéia deve ter apelo para o Peter, eu imagino. O Peter vai viver, mas foi ferido gravemente. Ainda vamos ver se poderá voltar a andar. Ele está aqui... Os momenlevantes estão fazendo tudo o que podem.

Max nada disse; nem sabia com certeza o que eram os "momenlevantes". Mas tinha certeza de que, não fosse Ronin, teria continuado preso debaixo da terra com Marley Augur. Sentiu um aperto na garganta.

- Tente esquecer o Peter por um momento - disse a sra. Richter. - Ninguém melhor do que você sabe que uma coisa muito séria aconteceu e que tempos

sombrios poderão estar a caminho. Eu preciso saber tudo o que houve, a começar pelo dia era que você foi levado...

Max contou à sra. Richter o ataque na doca, a jornada no oceano e os sofrimentos na cripta de Marley Augur. Nada lhe parecia real; sentia-se como se estivesse contando a história de uma outra pessoa.

- O que era Marley Augur? -perguntou Max. - Ele disse que foi um de nós. - O que ele era com certeza é diferente do que ele é - respondeu ela. - Ele

foi, para todos os efeitos, um membro muito nobre e valoroso da nossa Ordem. Mas, pelo que se ouve, parece que a infelicidade dele o transformou num espírito que retorna. Um espírito desassossegado, consumido por pensamentos de vingança. Por ser ferreiro, aparentemente colocou o seu talento de artífice e encantador num infeliz fazer e desfazer coisas. É um tipo de mágica lenta, metódica, bem conveniente à tarefa de libertar Astaroth.

Max franziu as sobrancelhas, tentando apagar da memória o sorriso de Astaroth no meio da fumaça e do barulho na cripta de Augur. Olhou o campo escuro que se estendia.

Da diretora, Max ficou sabendo que as cordas que atavam o Kestrel haviam sido cortadas, resultando na simulação de um acidente horrível. O navio bateu na doca embaixo, destruindo-a pela metade e provocando os gemidos do guardião e a agitação violenta das águas. Temia-se que Alex e Max tivessem sido esmagados, e seus corpos, carregados mar afora. Esses temores foram aparentemente confirmados quando suas maçãs se transformaram em ouro, no pomar. Três dias depois, descobriu-se que as maçãs haviam apenas sido cobertas de dourado. O acidente do Kestrel fora apenas uma tática para esconder o fato

de que Max e Alex tinham sido seqüestrados. Formaram-se grupos de busca, mas as pistas já haviam desaparecido.

Quando ela terminou sua história, Max fez uma pergunta que o estava preocupando.

- O que vai acontecer com o Ronin?

- Faremos o possível para curá-lo; depois, vamos ver. Creio que vá depender bastante das condições dele.

- As vyes não tinham como chegar ao pomar - disse Max, em tom sombrio.  
- Elas receberam ajuda. Existe um traidor na Rowan. Eu ouvi as vyes e o Marley Augur dizerem isso!

- Conheço muito bem o traidor da Rowan - disse a diretora, triste. -

Ontem o traidor foi posto sob custódia. Sem resistir, graças a Deus. - É a srta. Boon, não é? - perguntou Max, quase sussurrando. Subiu-lhe um arrepio pelos braços quando pensou no perigo que fora, na

certa, ficar sozinho com ela no Chocalho.

- A srta. Boon? - exclamou a sra. Richter, subitamente, incrédula. - Por que cargas d'água você desconfiaria da Hazel?

O rosto de Max ficou vermelho, no escuro; sentiu-se muito estúpido. - Ela... ela estava tão curiosa em relação à minha visão... Vivia me

perguntando sobre ela e me pedindo para não dizer a ninguém. Ela me deu o castigo por ter brigado com o Alex.

Ela me fez descer até a água onde as vyes esperavam. - Ah, entendo -disse a sra. Richter, concordando, simpática. - Imagino que a Hazel quisesse manter as conversas de vocês secretas

porque sabia que eu não aprovaria isso; ela estava investigando um ramo de análise que eu havia desencorajado. E toda a escola sabia do seu castigo.

A diretora, aparentemente, lutava para controlar as emoções. - Era o sr. Morrow - disse, afinal. - Era ele o traidor entre nós. Max ficou sentado, em silêncio, espantado. Em sua mente fervilhavam

lembranças do sermão com voz rouca, os rios de fumaça de cachimbo e o

pequeno chalé em meio às dunas.

- Não pode ser o sr. Morrow! Ele achava que a senhora não fazia o que era preciso para pegar o traidor! Como podia ser ele?

- Ele disse essas coisas porque sabia muito bem que o Bob me faria um relato das conversas de vocês - respondeu ela.

- E, de certa forma, acho que estava dizendo a verdade. No fundo, acredito que ele queria que o traidor fosse identificado e aprisionado.

- Mas por que ele faria isso? - perguntou Max, em tom de súplica. - A senhora tem certeza absoluta de que era ele?

- Temos certeza - disse a sra. Richter, pegando e acariciando a mão dele. - Estava muito doente e solitário. E nunca mais foi o mesmo depois que a esposa morreu. Parece que o Inimigo afirmou estar de posse do filho dele. Um filho que o sr. Morrow considerava perdido havia mais de trinta anos. Além disso, o Inimigo lhe prometeu longa vida, livre da dor e dos comprimidos que

vieram a dominar sua existência. Eu penso que a perspectiva de muitos anos saudáveis junto do filho lhe martelou a mente até ele sucumbir.

- Eu não acredito nisso - disse Max. - Eu não acredito que o sr. Morrow fosse sacrificar tantas crianças para rever o filho dele. Ele não é tão egoísta assim!

- Na minha opinião, ele não acreditava que as estaria sacrificando, Max. O Inimigo insistiu que os Potenciais eram uma ficha para uma barganha brutal, mas necessária, que forçaria a teimosa diretora a considerar as propostas deles de paz. Não é segredo que o sr. Morrow sempre foi contra a minha nomeação para diretora. Acho que ele queria muito acreditar que era eu quem colocava vidas em perigo e que ele agia em nome do bem maior.

- Mas como ele chegou a fazer isso? Como ajudou o Inimigo a encontrar os Potenciais? - perguntou Max.

- Essa questão ainda está sob investigação. Mas creio que ele tenha conseguido uma maneira de explorar Isabelle May.

Quando a maçã dela virou ouro, cessou a interceptação de Potenciais, levando muitos a deduzir que ela era a traidora. E acho que a morte dela marcou o sr. Morrow, tanto que a sua saúde se deteriorou logo em seguida.

Max tremeu, e a sra. Richter o cobriu com o casaco. - Mas o Inimigo

também sabia do ataque ao Palácio Topkapi! - exclamou

ele, subitamente. - Por que o sr. Morrow teria contado isso? Por que colocaria em perigo todos aqueles agentes?

- Porque, uma vez seduzido pelo Inimigo, uma vez comprometido com esse caminho de traição, foi simples manipulá-lo, torcê-lo ainda mais. O Inimigo tomou precauções no sentido de proteger os Potenciais com encantamentos poderosos, que os prejudicariam se fossem tomados à força. E, assim, ironicamente, para mantê-los "a salvo", o sr. Morrow foi obrigado a avisar os inimigos dos nossos movimentos. Foi, afinal, um pequeno plano bem elaborado, que poderia ter resultado em perdas consideráveis. Felizmente, a brincadeira particular do sr. Lukens nos alertou de que uma armadilha estava sendo planejada e de que um traidor ainda se encontrava em nosso meio. Isso explicaria por que o sr. Lukens desapareceu. Aquele homem, provavelmente, tem mais o que temer do Inimigo do que nós.

- Como está o meu pai? - perguntou Max, baixinho.

- No início, estava inconsolável - disse a sra. Richter. - E zangado.

Ele está felicíssimo com a virada nos acontecimentos e muito ansioso para ver você. Mas isso terá que esperar uns dias, até que o seu braço melhore um pouco mais.

Max se consumia numa ansiedade súbita de deixar o alpendre e se enterrar em algum lugar no fundo da floresta.

- Eu gostaria que nada disso tivesse acontecido - disse. - Gostaria de nunca ter visto aquela tapeçaria.

A sra. Richter sorriu com simpatia. Seus olhos brilhavam como discos de prata polida.

- Sabia que há onze fadas do orvalho aí fora, no gramado, neste momento? - perguntou ela.

Max se levantou e apertou os olhos no escuro, apoiando-se na balaustrada do alpendre.

- Não consigo ver ninguém - disse ele.

- Ah... Uma está bem abaixo de nós.

A sra. Richter apontou o dedo diretamente para o terreno embaixo. Murmurou uma palavra, e do nada cresceu um pequeno bulbo de luz dourada. Dentro da luz envolvente se encontrava uma menina minúscula, batendo asas como uma libélula, vestindo uma camisola de seda. Ela segurava um cesto pequeno e voava para lá e para cá nas lâminas de relva, como um colibri.

- Colhem o orvalho do anoitecer para alimentar as famílias - continuou a diretora. - São lindas, não?

- Sim.

Max entrou em transe com a pequena forma delicada descendo rapidamente no ar.

- Por que eu não a via antes?

- Você ainda é muito jovem - disse a sra. Richter. - Você não espera vê-las e, conseqüentemente, não consegue vê-las. Quando chegar a hora de deixar a Rowan, verá todo um mundo de magia que não sabia que existia. Mas não são apenas os ecos da Magia Antiga que tornam este mundo um lugar tão maravilhoso. Existem montanhas e rios, planícies e campinas, oceanos e correntes. Arquitetura e orquestras, descoberta e conquista - esforço humano

para dominar uma coisa ou outra há milhares de anos. Existem as grandes coisas.

Ela fez uma pequena pausa, antes de prosseguir. - E existem as pequenas coisas, também. Para mim, existem os meus

passeios matutinos nos jardins. A minha chaleira me dizendo que a água está quente. O amor firme na oscilação da Mamãe e do Bob... Aí está um par para você! Dois seres que deram a partida por caminhos muito sombrios, mas foram ganhos por tudo o que é tão bom. Essas são as coisas pelas quais eu luto, Max. Essas são as coisas pelas quais estou disposta a encarar e suportar as realidades menos agradáveis deste mundo.

Sentando-se, Max meditou sobre as palavras da diretora. A luz da fada do orvalho foi perdendo o brilho quando se afastou, deslizando sobre a relva, em direção a uma árvore solitária no campo escuro.

Foi difícil ver Cooper na luz do dia que se apagava, quando Max desceu do avião. O agente, vestido de escuro, estava em pé, sem se mover, na pista particular, as mãos cruzadas à frente. Abriu a porta da limusine e apressou Max a

entrar.

- É bom ver você, Max - disse o agente, em voz baixa. - Fico feliz por você estar bem.

Max agradeceu, mas não disse outra coisa durante a viagem; em vez disso, olhou pela janela e esperou pacientemente para ver o pai.

O céu estava quase escuro quando chegaram a Rowan. As lojas da cidade se fechavam; o muro de árvores que orlava o campus surgiu, alto e preto. No portão, Cooper desceu o vidro quando o automóvel foi cercado por estranhos com aparência soturna. Eles olharam Max e Cooper lá dentro, iluminando seus rostos cora uma luz vermelha. Depois, permitiram que passassem. Max se virou e observou o portão atrás se fechar enquanto o carro continuava na estrada sinuosa que os levaria ao Presbitério.

- Quem são aqueles? - perguntou Max.

- Segurança extra - murmurou Cooper. - A Rowan tem estado muito movimentada. Várias medidas de segurança estão sendo introduzidas. Enquanto não ficam prontas, arrumamos mais contingente humano.

Max ergueu a vista e viu a fonte iluminada com ondas de luz aquosa. Atrás, encontrava-se o Presbitério, suas janelas acesas e as paredes cobertas de trepadeiras e flores. Ao sair, escutou o mar ao longe, os olhos acompanhando os passeios entre os gramados e canteiros de flor que davam no Velho Tom e em Maggie. Para lá, ficava a doca de onde ele e Alex haviam sido raptados.

A porta do Presbitério se abriu de repente. A srta. Awolowo desceu voando a escada e envolveu Max num abraço apertado. Ele foi quase esmagado num redemoinho de túnica índigo, colares tilintantes e pulseiras brilhantes de ouro pesado. A mulher se sacudiu numa risada quente, alegre, segurando Max pelos ombros e o examinando todo.

- Meu menino, meu menino! - gritou, tirando o cabelo do rosto de Max, apertando sua mão. - Bem-vindo à sua casa.

Os olhos de Max se encheram de lágrimas, e ele os fechou com força. Era como se a srta. Awolowo tivesse espremido uma esponja: todas as emoções que Max mantivera dentro de si vieram fluindo para fora. Max se viu a soluçar no ombro dela: o sofrimento, o medo, o triunfo - tudo saindo às pressas, junto com as lágrimas.

- Está tudo bem - disse ela, suspirando. - Você está de novo em casa e a salvo.

- Eu sei - respondeu Max, enxugando o nariz no braço. - Só que foi... muito.

- Mais do que um menino deveria agüentar - concordou ela, erguendo-se com seu porte de rainha e segurando-lhe a mão. - Apesar disso, você volta como herói. Um campeão da Rowan! Vamos levá-lo ao seu pai.

Cooper fez sinal de despedida e saiu na direção do portão enquanto a srta. Awolowo conduzia Max pelo vestíbulo e escada acima. Max ouviu os gritos dos estudantes buliçosos, terminando de jantar no refeitório.

Quando a porta se abriu, Max e o pai se olharam longamente. O sr. McDaniels examinou Max da cabeça aos pés, detendo-se no braço e na mão, ainda envolvidos pela atadura esponjosa.

- Você está ferido - disse ele, era voz baixa.

-Eu estou bem, pai -disse Max, entrando e enterrando o rosto na camisa do pai.

Max não deixou a suíte do pai durante vários dias. Os colegas de turma batiam; Connor enviava bilhetinhos engraçados por debaixo da porta. Mas o sr. McDaniels não permitiu visitantes enquanto Max, encasulado, fazia tudo para deixar para trás o horror de sua experiência e os pensamentos negros. Enquanto os estudantes faziam seus exames finais, os McDaniels jogavam baralho e ouviam jogos de futebol no rádio, vivendo de sanduíches que Mamãe ou Bob traziam para cima.

Uma noite, porém, Max decidiu deixar o quarto de seu pai e visitar o próprio. O boato de seu aparecimento se espalhou antes dele, de modo que foi obrigado a ignorar muitas caras curiosas pelo caminho.

David estava no quarto, no nível inferior, calçando os sapatos. - Oi, Max - disse David, baixinho, terminando de fazer o laço. - Oi - disse Max, olhando em volta do quarto e para as estrelas brilhantes

no alto.

- Eu ia justamente alimentar o Nick- falou David. - Deixe que eu faço isso - disse Max. - Quero vê-lo. Pendurado na parede de David estava um cartaz da pintura de Rembrandt

da qual Astaroth lhe sorria.

- Era essa a pintura, você sabe - comentou Max, em voz baixa. - Você estava certo.

David fez que sim e foi jogar fora o cartaz.

- Eu gostaria de ter estado com você, Max - disse David, solenemente. - Eu gostaria que eles tivessem me levado também.

- Eu sei - falou Max, olhando para o cesto de lixo. - Astaroth agora está desperto. Ele vai se fortalecer..

David olhou para ele com firmeza.

- Nós também.

Nick já andava para cá e para lá em seu compartimento quando Max

chegou ao Alojamento de Aquecimento. Ao ouvir a voz de Max, o lymrill ficou imóvel e virou a cabeça na direção da porta. Max sorriu e apertou o avelal grosso de couro em torno da cintura. Em vez de correr para Max, porém, o lymrill apenas avançou uns centímetros e cheirou seu tornozelo. Lançando um olhar reprovador a Max, Nick tornou a subir na arvorezinha que lhe servia de poleiro. Bocejando, mexeu a cauda lentamente de um lado para o outro.

- Venha, Nick - implorou Max, acariciando o macio pelo vermelho no alto de sua cabeça. - Não fique zangado. Eu não tive a intenção de ficar tanto tempo longe.

Nick se remexeu na árvore para expor as costas robustas cheias de penas de aparência letal. O galho ranguu com o movimento; Max notou que, entre músculo e penas metálicas, Nick devia pesar uns quarenta e cinco quilos ou mais. Ele segurou o ramo sobrecarregado com uma das mãos.

- Venha - disse Max, mimando-o. - Vamos sair. Está bonito lá fora. Acho até que vi uma doninha. Uma bela e suculenta doninha! Hum!

O lymrill não se moveu. Max deslizou em torno do galho da árvore para espiar sua cara. Os olhos deles se encontraram por uma fração de segundo antes de Nick fechar os dele e fingir dormir.

- Ah, isto é ridículo - desabafou Max, enfiando as mãos por baixo da barriga

quente de Nick e erguendo o pesado animal ao ombro. O lymrill relaxou o corpo, fazendo peso morto.

Max cambaleou até a caixa da comida.

- Comida para um lymrill da Floresta Negra de mau humor - resmungou ele, recuando quando a caixa se sacudiu.

Apareceram caixas e caixas de barras de metal e roedores peludos a se contorcer. Nick não estava nada disposto a facilitar a tarefa seguinte: permaneceu pendurado no ombro de Max, que, grunhindo, encheu o carrinho de mão com as caixas. Resmungando, ofegante, Max levou a pilha lá para fora.

Em vez de dar com as patas nas caixas como fazia normalmente, Nick concentrou a atenção em Max. Retesando os músculos, desceu à terra como se

estivesse se preparando para atacar. Entendendo a sugestão, Max saltou longe na clareira escura, rindo quando o lymrill, com violenta pancada em seus pés, venceu a distância. Nick soltou um gemido irritado quando Max, de repente, amplificou e disparou longe, feito um foguete. Max gritou e recuou correndo para o lago, saltando um trecho de capim pantanoso. Finalmente, Max ouviu uma sucessão de pequenos bufos bem atrás. Um nanossegundo depois de frear, o golpe inevitável o pegou.

Nick bateu em seu peito, tirando-lhe o ar. Mesmo para o avental de couro, as garras estavam perigosamente afiadas. Nick olhou por baixo do focinho, supervisionando Max com os olhos brilhantes. Com um miado angustiada, de repente beliscou com força o nariz de Max com seus dentes pequenos e finos. Max gritou, desvencilhando-se de Nick. O lymrill trotou de volta em direção ao carrinho de mão, com ânimo visivelmente melhorado.

Enquanto Nick terminava de lavar as patas e o focinho no lago, Max levou as caixas vazias de volta ao Alojamento de Aquecimento. Quando voltou, encontrou Nick esperando pacientemente do lado de fora, o pelo molhado liso e brilhante. Apesar das súplicas e ameaças de Max, o lymrill se recusou a entrar. O Velho Tom tocou onze horas.

- Bem, eu tenho que voltar - disse Max, por fim, saindo rumo ao túnel da sebe. - Você pode ficar aqui ou vir junto.

O lymrill bamboleou a seu lado, as penas a vibrar, ocasionalmente, em ímpetos repentinos de satisfação.

Na noite da festa de despedida, Max segurava Nick no colo e olhava pela janela do pai, acompanhando os alunos que se dirigiam ao Santuário em grupos, conversando. O sr. McDaniels remexia o armário embutido enquanto Nick tentava se desenroscar do colo de Max para pegar os pirilampos que pairavam bem perto, do lado de fora. Um grupo de estudantes parou e voltou para olhar a janela. Max reconheceu Sarah, Lúcia e Cynthia nos uniformes de gala. Elas acenaram; Lúcia mandou um beijo. Max retribuiu o aceno e levantou Nick para ver Sarah, que ajudara a cuidar dele enquanto Max esteve

longe. Em sua excitação, o lymrill fez um buraco na camisa de Max e derrubou um vaso da escrivania.

- Como estou? - perguntou o sr. McDaniels.

Max se virou e viu o pai vestindo um paletó azul-marinho e gravata amarela. O paletó era vários tamanhos menor e resistia a conter a ampla cintura do sr. McDaniels.

- Ha... está bonito - disse Max.

- Não, não estou - disse o sr. McDaniels, rindo. - O paletó do Nolan fica ridículo em mim.

- Então, por que o está usando? - perguntou Max. - Porque não posso ir com o pijama do Bob à festa de despedida -

respondeu o pai, rindo.

- Você pode ir sem mim - disse Max, tornando a se virar para observar os pirilampos.

O pai se sentou a seu lado.

- Não podemos ficar neste quarto para sempre - disse o sr. McDaniels. - Acho que é hora, Max.

Max ouviu a brisa murmurar no pomar e deixou Nick ir, bamboleando, esticar-se sobre uma pilha de roupa da lavanderia.

- Todo mundo vai querer saber o que aconteceu - disse Max. - Provavelmente, vão me culpar pelo que aconteceu com o Alex.

- Pode ser - disse seu pai, simplesmente. - E então pode ser que você se sinta mal e que eu me sinta ridículo... Mas, mesmo assim, nós vamos viver as nossas

vidas...

Max olhou ferozmente para Nick, que mordida seu último par de meias escuras.

---

Max nunca vira o Santuário tão cheio de gente. Na hora em que os McDaniels chegaram, terminava a cerimônia de abertura. Centenas de estudantes, professores e ex-alunos estavam sentados em torno de mesas compridas, à luz de velas, sorvendo champanhe e mordiscando aperitivos enquanto a sra. Richter entregava o último diploma a um sextanista sorridente.

Luzes cor de chá tremulavam no lago, em lento redemoinho, com as ondas provocadas por Frigga e Helga, que davam voltas preguiçosas na água. Dúzias de conchas do mar fosforescentes gigantes decoravam a clareira, cada uma iluminando a relva em torno com um raio de suave luz amarela.

- Quer um pouco de champanhe, pai? - perguntou Max quando um fauno passou por ali com uma bandeja de bebidas.

- Se quero, meu Deus! - murmurou o sr. McDaniels. Enquanto estendia o braço para apanhar um copo, o fauno olhava,

impaciente, para os seus sapatos.

Os McDaniels se sentaram mais para trás, a uma mesa desocupada. Baixando a cabeça, Max se concentrou no som da água que batia às margens da lagoa. Conforme as pessoas o iam vendo, começavam a cochichar. Erguendo a vista, ele viu Anna Lundgren e o garoto Sasha Ivanovich lançado-lhe olhares fulminantes, várias mesas do outro lado. Max os ignorou e se virou para a sra. Richter, que agora estava em pé, para falar.

- Estamos muito orgulhosos de todos os nossos formandos - disse a sra. Richter. - E, enquanto damos aos nossos amados analistas da Corrida mais alguns minutos para os toques finais no filme dos destaques, eu gostaria de dedicar este momento aos prêmios anuais da Rowan. Isto é, a não ser que vocês simplesmente preferam aguardar o filme.

O corpo de estudantes começou a berrar e escarnecer, em protesto. Sir Alistair escondeu o rosto num guardanapo.

Ela riu.

- Bem, pelo visto, podemos usar este tempinho. Com o todos sabem, esses prêmios são muito especiais na Rowan; cada um deles simboliza qualidades que formam um componente necessário do que fazemos e do que representamos.

Enquanto a sra. Richter terminava seu discurso, seis caixas de vidro cintilantes em altos pilares de madeira envernizada se materializaram junto à mesa principal. No interior, iluminados de dentro, flutuavam os artefatos da sala de troféus da Corrida.

- Olhe só aquilo! - arquejou o sr. McDaniels, beliscando o cotovelo de Max.

Naquele momento, era grande o silêncio no Santuário.

A sra. Richter então deu o prêmio Pena de Macon a uma enrubescida

menina do quinto ano, por suas conquistas acadêmicas, enquanto o Cinturão de Determinação foi para uma estudante conhecida por sua diligência no Santuário. Max bateu fortes palmas junto com os sextanistas quando o nome de Jason Barrett foi chamado para receber o Capacete de Tokugawa. Quando veio das mesas dos formandos, Jason arrancou uma gargalhada da platéia ao fingir escrever cuidadosamente, com uma caneta, o seu nome na placa.

A sra. Richter pigarreou e continuou a falar.

- É extremamente raro um aprendiz ganhar um desses prêmios. Max sentiu o estômago se contrair quando a platéia tornou a se voltar para

ele. A sra. Richter prosseguiu:

- E, no entanto, não sou capaz de me lembrar de nenhum estudante durante o meu tempo de diretora que tenha merecido mais. Para entregar este prêmio, permitam-me apresentá-los a um ex-aluno e antigo ganhador, o sr. Peter Varga.

Max olhou para cima, imediatamente.

Uma mulherzinha gorda, vermelha, de uniforme de enfermeira, emergiu de uma fileira de professores sentados empurrando Ronin numa cadeira de rodas. Diversos ex-alunos trocaram olhares e sussurros; os estudantes bateram umas palmas hesitantes.

Ronin parecia esgotado, mas feliz. Trocou algumas palavras com a diretora, que ampliou sua voz com um aceno de mão.

- Eu não estaria entre esta fina companhia se não fosse por esse jovem - ele

falou com a voz rouca, fechando os olhos por conta do esforço.

A platéia fez silêncio total.

- Pela coragem notável diante do Inimigo, entrego a Luva de Beowulf a Max McDaniels.

Aplausos clamorosos envolveram Max, que, ofuscado, encaminhou-se à mesa principal. A cabeça de Ronin pendia, pesada, mas ele sorria quando lhe deu um trêmulo aperto de mão.

- Quando chegou aqui? - sussurrou Max, pegando-lhe a mão e abaixando, para que, mais próximo, Ronin pudesse ouvi-lo, apesar das palmas.

- Há poucas horas. - Ele sorriu, mais uma vez fechando os olhos. - Fiz questão.

- Não devia ter vindo - disse Max. - Você ainda não está bem! - Ainda não... mas vai ficar - interrompeu a sra. Richter, pondo a mão no

ombro de Max. - O sr. Varga não está presente apenas por causa do seu prêmio, Max; ele vai terminar a reabilitação aqui. Parabéns, meu menino! Agora, vá se sentar no seu lugar.

Max apertou a mão dela, olhando para os insondáveis olhos de prata no alto. Dirigiu-se para onde se encontrava seu prêmio. As placas dentadas e os rebites da luva brilhavam dentro da caixa iluminada. Mais aplausos irromperam, e ele baixou os olhos para ver seu nome escrito em chamas.

Para Max, foi quase impossível se concentrar no restante da cerimônia de premiação. Sentia-se muito pequeno e exposto, fazendo o máximo para bater palmas como devia para o restante dos ganhadores. Quando a sra. Richter concluiu a cerimônia, Max procurou por Ronin, mas este já se fora.

---

Dois dias depois, a maioria dos estudantes foi embora, e o Santuário ficou calmo. Sob o sol quente da tarde, Max agarrou o arremesso do pai e tentou espantar os gansinhos para longe do embrulho de sanduíche que deixara pousado na grama.

- Aí estão vocês! - chamou uma voz familiar. - Venham aqui, meus queridos. A mamãe está toda fofa e maravilhosa outra vez!

Max olhou e viu Hannah bamboleando, do túnel da sebe, na direção deles. Atrás dela, caminhava Julia Teller.

Os gansinhos abandonaram o sanduíche de Max e saíram buzinando rumo à mãe. Julia andou hesitante em torno deles, muito bonita, de vestido de verão azul.

Ao olhar para seu pai, Max ficou aliviado de vê-lo mordendo o sanduíche e batendo um papo amigável com Frigga e Helga, enquanto as irmãs se aqueciam nas margens do lago.

- Oi! - disse Julia, parando.

- Oi.

Ele sorriu, dentes à mostra, protegendo os olhos do sol. - Está indo embora hoje?

- Estou. Queria dizer até a volta das férias de verão. - Ela olhou para os sapatos. - Tenho uma coisa para você.

Max ficou procurando palavras enquanto ela lhe entregava um pequeno envelope não lacrado num bonito papel de carta.

- Obrigado - disse ele, afinal, virando o envelope nas mãos. - Eu o li durante o curso de Humanidades. No livro favorito do Morrow

logo quem! Fez-me pensar em você.

Max abriu o envelope.

- Meu Deus! - exclamou ela, rindo e cobrindo a boca. - Não leia agora!

- Desculpe! - disse ele, logo soltando a carta.

- Bem, tenha um bom verão, Max. Pode me escrever, se quiser. O meu endereço está no verso, e seria tão legal receber notícias suas...

Tremendamente vermelha, Julia se inclinou e o beijou no rosto. Um segundo depois, se fora, caminhando depressa, sobre o capim, na direção do túnel do Santuário. Max a acompanhou; sua figura diminuiu de tamanho a cada passo até ela desaparecer na folhagem.

Ele largou a bola e a luva no chão. Tirou de dentro do envelope uma folha

dobrada de papel de carta. As palavras estavam escritas numa caligrafia cuidada, graciosa:

Não vos entregueis, pois, ao fogo, para que este não vos dobre, não vos amorteça, como durante um tempo fez comigo. Existe uma sabedoria que é dor; mas existe uma dor que é loucura. E, existe uma águia de Catskill em certa almas, que tanto pode mergulhar nas mais negras gargantas como voltar a se elevar fora delas, tornando-se invisível nos espaços ensolarados. E, mesmo se ela para sempre voar dentro da garganta, aquela garganta está nas montanhas; de modo que, mesmo em seu mais baixo vôo, a águia da montanha está mais no alto que as outras aves da planície, apesar de elevarem-se.

Herman Melville, *Moby Dick*

Max leu atentamente o bilhete várias vezes e, depois, tornou a dobrar o papel, tendo o cuidado de manter sua dobradura original. Colocou-o no bolso traseiro e respirou fundo, acompanhando o voo de uns cisnes negros pelo céu cor de boninas. Frigga e Helga silenciosamente tornaram a deslizar para dentro d'água, deixando pai e filho a sós no Santuário. O sr. McDaniels agora sorria. Bateu na luva, em desafio, colocando-se junto a uma barreira elevada de fardos de feno. Max pegou a luva. Seu primeiro arremesso foi alto.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a minha família, amigos e alunos que inspiram minha criatividade e se empenharam em me encorajar nos momentos difíceis. Gostaria de destacar aqueles que viram e comentaram o manuscrito e as ilustrações: John Neff, Victoria Neff, Matt Markovich, Chris Casgar, Jackie Duncan, Josh Richards e Gerald Zimmerman. Minha gratidão aos meus editores, Nick Eliopoulos e Jim Tomas, e meus agentes, Tracey e Josh Adams para todos eles por sua sabedoria e perspicácia. Gostaria de agradecer a Joanne Yates Russell pelo seu bom gosto nas ilustrações e a Corey Godney pela sua inspirada ilustração para a capa.

Embora existam diversos contos maravilhosos de Cúchulain e de seus feitos heróicos, eu gostaria de agradecer especialmente o trabalho de Thomas Kinsella, o qual a tradução de Táin Bó Cuailnge vem de encontro à minha imaginação e serviram como pano de fundo para minha sinopse da história de Cúchulain e de Cattle Katd.

Finalmente, gostaria de agradecer a minha mãe, Terry Neff Zimmerman. Sem seu suporte incansável e brilhante feedback, Max talvez nunca pudesse se levantar nas páginas.